

RODRIGO CÉSAR COSTA

**ASPECTOS MORAIS NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DE LÍDERES
RELIGIOSOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**ASSIS
2019**

RODRIGO CÉSAR COSTA

**ASPECTOS MORAIS NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DE LÍDERES
RELIGIOSOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em Psicologia. (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)
Orientadora: Dra. Rita Melissa Lepre.
Bolsista: coordenação de aperfeiçoamento de pessoal em nível superior – Brasil (Capes) – código de financiamento 001.

**ASSIS
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vânia Aparecida Marques Favato - CRB 8/3301

C837a Costa, Rodrigo César
Aspectos morais na concepção e pratica de líderes religiosos: um estudo exploratório / Rodrigo César Costa. Assis, 2019.
172 f.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Profa. Dra. Rita Melissa Lepre

1. Religiosidade. 2. Psicologia e religião. 3. Cristianismo.
4. Budismo. 5. Líderes religiosos. I. Título.

CDD 200.19



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO



TÍTULO DA TESE: **ASPECTOS MORAIS NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DE LÍDERES RELIGIOSOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

AUTOR: RODRIGO CESAR COSTA

ORIENTADORA: RITA MELISSA LEPRE

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. RITA MELISSA LEPRE
Departamento de Educação / UNESP / Bauru

Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis

Prof. Dr. ANTONIO FRANCISCO MARQUES
Depto. de Educação / UNESP/Bauru

Profa. Dra. SYLVIA MARA PIRES DE FREITAS
UEM / MARINGÁ

Prof. Dr. FÁBIO JOSÉ ORSINI LOPES
UEM / MARINGÁ

Assis, 02 de agosto de 2019

AGRADECIMENTOS

O Presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, pela oportunidade em cursar o mestrado e o doutorado, por contribuir significativamente para a minha formação acadêmica e pessoal.

À Rita Melissa Lepre pela orientação no mestrado e no doutorado, pela sua paciência, bondade e competência profissional, me auxiliando na minha construção enquanto ser humano e pesquisador.

Aos indivíduos que participaram desta pesquisa científica.

Aos membros da banca do Exame Geral de Qualificação Leonardo Lemos de Souza e Antônio pelos apontamentos construtivos para a Tese.

A todos os funcionários da UNESP/Assis, em especial os da seção de pós-graduação pela atenção e pelo carinho.

A todos os amigos e colegas de Pós-graduação, com destaque especial para os da turma de 2015 do Doutorado Aline, André, Cizina, Cledione, Gustavo e Molize.

À minha família, em especial meus pais, meu irmão e a minha mulher, que sempre foram uma luz na minha vida, me apoiando em todos os momentos, sejam felizes ou tristes.

Aos meus amigos da cidade de Maringá, por todo o apoio e carinho.

COSTA, R. C. Aspectos morais na concepção de líderes religiosos: um estudo exploratório. 2019. 170f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

A crise nos principais cenários políticos e econômicos, a crescente violência e o mal-estar gerado por esses acontecimentos vêm se destacando na atualidade. Essas indagações contemporâneas levam muitos pesquisadores a se perguntarem quais são as raízes de tais problemas, e parte desses estudiosos se questionam sobre as mudanças nos valores morais. Dentre tantas possibilidades para se pensar sobre a complexidade dessa crise, focamos na moralidade nos dias atuais. Dentre os paradigmas morais na contemporaneidade, podemos salientar a religião e o quanto sua influência na dinâmica social tem se destacado. As instituições religiosas têm ganhado cada vez mais força na participação nos setores sociais, políticos, midiáticos e econômicos, principalmente na transmissão de valores feitas pelos líderes religiosos, procurando resgatar bons costumes, se adaptar aos novos paradigmas culturais e intervir diretamente nesses campos. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi conhecer e analisar a concepção de moralidade e valores morais de líderes religiosos e como eles transmitem esses valores. Para tanto, procuramos compreender a moralidade e os valores morais de algumas religiões e como os principais conceitos das mesmas foram construídos e disseminados. Dentre as religiões que foram o foco de nosso estudo estão: o cristianismo e o budismo. Também avaliamos a compreensão de religião e religiosidade na concepção de líderes religiosos cristãos e budistas; e refletimos sobre as relações entre moral e religiosidade. A abordagem metodológica desta pesquisa, com base no aporte teórico da Psicologia da Moralidade, é de caráter qualitativo e contempla uma parte de estudo bibliográfico e um estudo de caso referente aos líderes religiosos. No estudo de caso com os líderes religiosos, utilizamos o estudo qualitativo, assim como mencionado anteriormente. A pesquisa qualitativa refere-se à ciência da interpretação qualitativa do que é dito. Diferentemente das propostas quantitativas, nesse tipo de pesquisa o que mais interessa ao investigador é a análise aprofundada do fenômeno pesquisado. Com a transcrição das observações e das entrevistas com os líderes religiosos participantes, concluímos que os líderes demonstraram uma ligação forte com os preceitos religiosos, e por mais que alguns demonstraram flexibilidade, ou até mesmo uma crítica subjetiva, a predominância do discurso religioso estava presente.

Palavras-chave: Religiosidade. Psicologia e religião. Budismo. Cristianismo. Líderes Religiosos.

COSTA, Rodrigo Cesar. Moral aspects in the conception and practice of religious leaders: an exploratory study. 2019. 170f. Thesis (Doctorate in Psychology). – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

The crisis in the main political and economic scenarios, the growing violence and the malaise generated by these events are becoming prominent today. These contemporary inquiries lead many researchers to wonder what the roots of such problems are, and some of these scholars question the changes in moral values. Among so many possibilities to think about the complexity of this crisis, we focus on morality in the present day. By all of the moral paradigms in the contemporaneity, we can emphasize the religion and how much its influence in the social dynamics has stood out. Religious institutions have been gaining strength participation in the social, political, media and economic sectors, especially in the transmission of values made by religious leaders, seeking to recover good customs, to adapt to new cultural paradigms and to intervene directly in these fields. In this way, the purpose of this research was to know and analyze the conception of morality and moral values of religious leaders and how they convey these values. To do so, we seek to understand the morality and moral values of some religions and how the main concepts of the religions were constructed and disseminated. Amid the religions that were the focus of our study are: Christianity and Buddhism. We also evaluated the understanding of religion and religiosity in the conception of Christian and Buddhist religious leaders; and we reflect on the relationship between morality and religiosity. The methodological approach of this research, based on the theoretical contribution of Morality Psychology, is qualitative and includes a part of a bibliographic study and a case study concerning religious leaders. In the case study with religious leaders, we used the qualitative study, as mentioned previously. Qualitative research refers to the science of qualitative interpretation of what is said. Differently from the quantitative proposals, in this type of research what is most interesting to the researcher is the in-depth analysis of the phenomenon researched. With the transcription of observations and interviews with participating religious leaders, we conclude that leaders demonstrated a strong connection with religious precepts, and although some demonstrated flexibility, or even subjective criticism, the predominance of religious discourse was present.

Keywords: Religiosity. Psychology and religion. Buddhism. Christianity. Religious leaders.

"Desistindo de procurar por Deus, a criação e coisas como esta, busques por Ele dentro de ti e aprendas quem é que agrega em si absolutamente todas as coisas dentro de ti, e diz: "Meu deus, minha mente, minha compreensão, minha alma, meu corpo". E aprendas de onde vem a tristeza, a alegria, o amor, o ódio, a vivacidade involuntária, a sonolência involuntária, a raiva involuntária e afeição involuntária; e se tu investigares corretamente estes (pontos), O descobrirás, unidade e pluralidade, em ti mesmo, de acordo com aquela partícula, e saberás que Ele encontra a conexão como sendo tu mesmo "
-Monoimo- segundo Hipólito de Roma

Sumário

RESUMO.....	6
1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	10
2 O BUDISMO, O CRISTIANISMO E A SUA RELAÇÃO COM A MORALIDADE: UMA BREVE ABORDAGEM MORAL DAS RELIGIÕES	18
2.1 O budismo e os seus valores morais	20
2.2 O cristianismo e a moralidade	24
2.3 A psicologia e a religiosidade: algumas pesquisas e considerações sobre a relação entre psicologia e religião.....	29
2.4 A relação entre a moral e a religião	36
3 A PSICOLOGIA DA MORALIDADE HUMANA E A RELIGIOSIDADE	40
3.1 Contribuições teóricas de Piaget e de Kohlberg.....	40
3.2 Modificações teóricas de Kohlberg e a inclusão do cuidado, da compaixão e da religiosidade no desenvolvimento moral.....	44
3.3 A proposta de uma teoria sobre a personalidade moral.....	53
4 METODOLOGIA.....	60
4.1 Sujeitos	64
4.2 Instrumentos para a coleta de dados	64
4.3 Observações dos líderes religiosos	66
5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXO A – entrevistas com os líderes religiosos	140
ANEXO B - Apreciação do comitê de ética.....	172

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A crise¹ nos principais cenários políticos e econômicos, a crescente violência e o mal-estar gerado por esses acontecimentos vêm se destacando na atualidade. Essas crises contemporâneas levam muitos pesquisadores a se perguntarem quais são as raízes de tais problemas, e parte desses estudiosos se questiona sobre as mudanças nos valores morais (GOERGEN, 2007; LA TAILLE, 2006. 2009; TOGNETTA & VINHA, 2009). Dentre tantas possibilidades para se pensar sobre a complexidade dessa crise, iremos focar na moralidade nos dias atuais.

A moralidade sempre foi preocupação de estudiosos da área da filosofia, que compreendia esse termo como sendo regras e normas estabelecidas por uma cultura e que seus sujeitos devem segui-las e respeitá-las. Conceitos como o certo e o errado, o bem e o mal, são características da moralidade e são impostas pelos ideais de instituições, como a religiosa, por exemplo. A capacidade dos sujeitos em distinguir o certo e o errado se dá pela sua capacidade cognitiva. Em outras palavras, é a razão que possibilita o ser humano a distinguir os valores e regras morais (TOGNETTA & VINHA, 2009).

Em contrapartida com esse pensamento de que a razão e as normas estabelecidas pela cultura ou a religião são responsáveis por tornar os indivíduos morais, ou seja, vinda de fora de sujeito, Taylor (APUD TOGNETTA & VINHA, 2009) acredita que a moral é algo intrínseco ao indivíduo; ela parte de dentro dele, como se o próprio homem tivesse uma inclinação de cunho natural para procurar o amor e o bem de si mesmo e do próximo. Assim, a moralidade, para a visão desses autores interacionistas, pode ter duas fontes: ela advém do sentimento e da razão dos seres humanos.

Retomando o raciocínio sobre a crise dos valores morais, uma obra que traz uma discussão bem atual sobre este assunto é de autoria de Bauman e Donskis (2014). Este livro, chamado *Cegueira Moral*, discute sobre a perda da sensibilidade dos seres humanos uns pelos outros, como também destaca alguns comportamentos desumanos e violentos voltados para uma relação de interesse e frieza, culminando numa crescente mudança nos valores morais e

¹ Por crise na parte econômica, podemos salientar as desregulamentações financeiras nos últimos trinta anos, no qual disputas e concorrência entre bancos se tornaram mais assíduas e a exploração do mercado prejudicou maciçamente as classes mais baixas. Entrando na parte social, os setores populares e a classe trabalhadora são os mais atingidos por essas crises econômicas vigentes, no qual as taxas de desemprego e precarização da saúde, da educação e da segurança pública vem causando preocupações alarmantes. Quanto a crise política podemos ressaltar, principalmente, a corrupção e o crescimento de grupos extremistas. (DE PAULA, 2011).

éticos. Esses mesmos autores nos apontam dois novos males que fazem parte da nossa vida moderna. Em primeiro lugar está a falta de sensibilidade, empatia e compaixão com o sofrimento do outro e, em segundo, visualizamos uma crescente invasão na privacidade, principalmente nas redes sociais.

Ressaltando essa mesma perspectiva, os autores nos dizem que os fatores negativos que estamos vivenciando na atualidade não se restringem somente as guerras ou a rigidez de uma ideologia limitada, mas também a falta de um olhar dirigido para o outro, a falta de respeito e ética, o descaso pelo sofrimento do outro e a ausência de compreensão pelas outras vidas. Outro ponto a ser ressaltado é a crescente intolerância à diferença de valores, credos, etnias e até de opiniões, comum nas redes sociais, nas quais o discurso do ódio ganha mais audiência do que a solidariedade. Não poderia ser diferente em um mundo em que a estatística, o estado, a política e a economia são muito mais valorizados que os seres humanos.

Dando continuidade a esse raciocínio, de acordo com Bauman e Donskis (2014), com o aumento da ausência de moralidade dos indivíduos, no qual os interesses privados são maiores do que as relações cooperativas, também cresce o sofrimento e a procura de fármacos e outros meios para aliviar essa dor. A falta de sensibilidade torna os vínculos frágeis, e a ditadura do consumismo aliena e camufla a dor dos sujeitos, subordinando todos a esse imperativo universal. É praticamente uma obrigação civil buscar qualquer meio para consumir e acreditar que isso vai preencher o sentido da existência.

Não é somente o olhar sociológico que tem se preocupado com essas questões morais atuais: no campo da psicologia que discute sobre tais mudanças nos valores morais contemporâneos, podemos citar La Taille (2006). Esse pesquisador pensou nas seguintes questões: Será que os indivíduos não experimentam mais o dever de obrigatoriedade? Será que vivemos em uma sociedade individualista e que o sentido de dever esteja sendo substituído só pela busca do prazer? O autor acredita que, atualmente, esses sentimentos de deveres devem estar enfraquecidos, que outros sentimentos possam estar tomando conta do sujeito contemporâneo, e, ainda, que muitas vezes esse sentimento de dever não é sentido pelos sujeitos como algo inspirador. O autor também comenta sobre a influência da força da moral nos indivíduos, e ressalta que é muito comum as pessoas transgredirem certas condutas consideradas morais para satisfazer interesses pessoais, pois as forças dos seus interesses foram mais fortes do que a sua moral.

Ainda com relação à moral na atualidade, do ponto de vista da psicologia moral, Goergen (2007) revela que discorrer sobre moral, na contemporaneidade, é pensar também nas relações entre os indivíduos no sistema atual: uma sociedade que enaltece a competitividade, as relações baseadas na rivalidade, na qual predomina o “mais forte”, que elimina a concorrência, e a individualidade, deixando de lado valores atribuídos à cooperação entre os sujeitos. Sendo assim, princípios pautados no coletivo estão cada vez mais perdendo seu espaço para interesses egocêntricos e privados, como ressaltaram Bauman e Donskis (2014).

Um outro livro que traz uma discussão sobre essa temática é *Crise de valores ou valores em crise?*. La Taille (2009) nos demonstra, logo na introdução desta obra, que estamos vivendo novas experiências morais e éticas, ou seja, uma mudança nos valores que antigamente tinham mais importância, mas que é muito difícil dizer se estamos enfrentando uma crise de valores ou os valores estão em crise, pois existem muitas complicações nessa avaliação.

Detalhando melhor o que La Taille (2009) e outros pesquisadores discutem nessa mesma obra, esse mesmo autor faz uma distinção precisa sobre a diferença entre crise de valores e valores em crise. A primeira remete aos indivíduos que querem conservar bons costumes antigos e valores considerados “certos” e “bons”, criticando a falta de valores morais, principalmente dos adolescentes, e o grande mal-estar gerado pelas mudanças no seio da sociedade. Muitas pessoas que defendem esse ponto de vista acreditam que a violência, a corrupção e a degradação do ser humano acontecem devido à perda dos valores tradicionais. Já a segunda é caracterizada pela mudança nos valores morais e isso não necessariamente é algo ruim, pelo contrário, por mais que alguns valores estejam sendo esquecidos ou substituídos, outras preocupações éticas e morais estão aparecendo nas relações humanas. Como exemplo, podemos citar a preocupação ética das instituições empresariais com seus empregados, as novas formas de relacionamento afetivo e familiar, os grupos que sempre sofreram discriminação lutando por direitos de igualdade e justiça e ganhando reconhecimento e espaço nessa busca, como as mulheres, os negros, os homoafetivos, dentre outros.

Entretanto, assim como o referido autor nos apontou na obra citada, existem alguns fatores que complicam o esclarecimento desses fenômenos. Em outras palavras, é muito difícil dizer com precisão se vivemos numa sociedade que está em crise de valores, se os valores estão em crise ou, ainda, se nenhum desses fenômenos estão presentes devido à dificuldade em saber se o juízo moral das pessoas corresponde às suas ações, a complexidade em compreender o mundo em que estamos inseridos. Afinal de contas, é muito comum tornarmos nossos valores, anseios e opiniões como verdades absolutas e negarmos outras realidades. Por último, temos

que levar em consideração os avanços muito acelerados das tecnologias, a era da globalização e o quanto isso tem influenciado as nossas relações com os outros seres humanos e com a natureza.

Ainda assim, dentre as oito pesquisas realizadas nessa mesma obra supramencionada, os pesquisadores alertam que vivenciamos mais uma crise de valores, ou seja, aqueles valores tradicionais considerados como bons estão sofrendo modificações ou sendo substituídos por outros valores, e muitos deles não são de cunho moral. Como exemplo, a pesquisa realizada por La Taille (2009) demonstra que os adolescentes valorizam muito a vaidade e, assim como mencionamos anteriormente, muitos valores são válidos apenas para pessoas próximas, ou seja, as virtudes se tornaram algo privado e conceitos como justiça, compaixão e afins são válidos apenas para amigos e parentes desses adolescentes.

Como podemos observar, essa crise nos valores morais tem chamado a atenção de pesquisadores da sociologia e da psicologia moral. Existem pesquisas em outros campos científicos que também tratam desse tema, mas o que nos chamou mais a atenção é o quanto a religião tem se destacado nessas últimas décadas, ganhado cada vez mais força na participação nos setores sociais, políticos, midiáticos e econômicos, procurando resgatar bons costumes, se adaptar aos novos paradigmas culturais e intervir diretamente nesses campos (GUIMARÃES & FALCÃO, 2011).

A influência da religião na vida das pessoas na sociedade brasileira, atualmente, é muito significativa. Segundo os dados do instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE,2017), 64,6% da população brasileira é católica, outras 22,2% são evangélicas, e os 13,2% restantes se dividem entre outras religiões e as pessoas sem religiões. Desta forma, autores como Guimarães e Falcão (2011) observaram como as igrejas têm muitos adeptos e como elas são fundamentais no *ethos* da cultura brasileira, já que as igrejas, no fim da década de 70, começaram a se envolver e ganhar força em vários setores sociais.

De acordo com Montero (2009), é visível o quanto a religião vem buscando novas ferramentas para atrair novos fieis ou se adequar a modernidade atual. Hoje é comum encontrarmos exposições das mais diversas religiões voltadas para a juventude, desde a bola de neve, que é uma seita voltada ao público jovem sem tantas regras e dogmas como os cristãos e protestantes, até igrejas voltas para o público gótico, dentre outros. Desse modo, observamos que a religião está interagindo em vários setores da sociedade, interferindo na questão mercadológica, política e midiática, principalmente no ocidente.

Continuando essa discussão, podemos observar o quanto as religiões cristãs se manifestam na política, nos direitos e nos deveres dos cidadãos. Dilemas como deveres cívicos, luta por igualdade e direitos, são comumente defendidos na esfera pública por líderes religiosos, e os mesmos são formadores de opiniões que geram mobilizações de grandes grupos na sociedade. Como exemplo, no catolicismo temos o discurso teológico da libertação, que tem como foco a conscientização da importância da participação da comunidade nas mudanças sociais (MONTERO, 2009).

Isso não é diferente em algumas vertentes de outras religiões: no budismo da Sokka Gakai, que tem como princípio o discurso do budismo do grande veículo e não se restringe ao pensamento do budismo tradicional (iremos aprofundar sobre essa vertente budista posteriormente), a principal pauta está na revolução humana, ou seja, essa religião se preocupa mais com a transformação dos valores humanos e ambientais do que numa salvação pós vida terrena (DOS SANTOS, 2014).

Essas questões não necessariamente precisam ser vistas como pejorativas; pelo contrário: as reflexões tomadas por algumas instituições religiosas na atualidade podem ser vistas como positivas para o estabelecimento da paz, da solidariedade, da harmonia no convívio social, dos direitos humanos e o bem-estar individual (OLIVEIRA, 2005).

Por outro lado, a religião, segundo Santana (2005), claramente destinada a reunir, religar e a estabelecer a paz entre os indivíduos, tem-se destacado no seu abuso e imposição da “verdade absoluta”, no qual muitas ideologias religiosas têm pregado mais guerras do que paz, mais preconceitos do que comunhão, mais ambição do que partilha, mais intolerância do que o amor, e isto não é diferente aqui no Brasil. A glorificação de uma espécie de herói mágico representado pela figura do líder religioso pode sustentar ainda mais a proliferação de ódio dos seus fiéis.

É só observamos, por exemplo, o conservadorismo religioso em prol da família nuclear, do preconceito contra relações homo afetivas, da unilateralidade política, no qual defendem interesses privados, e ainda a exploração econômica dos fiéis em troca de bênçãos, transformando as igrejas em “impérios lucrativos” (RICARDO, 1999).

Outro ponto que tem uma grande relevância nas religiões, de acordo com Mariz (2016), é a influência dos líderes religiosos nos costumes, crenças e comportamentos dos seus fiéis, independente da religião. De acordo com essa mesma autora, os líderes religiosos possuem uma importância fundamental para a inserção dos ideais religiosos na sociedade, assim como na

transmissão de valores, de crenças, de discursos políticos, tanto no sentido de buscar legitimidade na sociedade da religião, atrair fieis e participar ativamente em mudanças sociais, como propagar intolerância e promessas “mágicas” de salvação, cura de doenças e enriquecimento material.

Sendo assim, será mesmo que a religião, nos dias atuais, ainda tem espaço para a orientação da conduta moral dos indivíduos?

Como observamos até aqui com esses breves apontamentos sobre os valores morais na contemporaneidade, a religião tem uma preocupação com a boa vida e o bem-estar das pessoas, buscando resgatar bons costumes e virtudes nesse momento de crise de valores. Por outro lado, a religião também pode suscitar intolerância, ser responsável pela proliferação da violência e promover um discurso pautado nos seus próprios interesses. Desta forma, até que ponto a religião, na atualidade brasileira, tem ligação com a moral? E se tem, de qual moral que se trata? Como ela é transmitida pela instituição religiosa?

Valendo-nos dos apontamentos feitos até então, surgiu a intenção de pesquisa sobre a moralidade na atualidade e sua relação com a religiosidade. Para tanto, propusemos a seguinte indagação: “O que pensam os líderes religiosos sobre os valores morais na atualidade? E como eles transmitem esses valores?”. Dessa forma, justifica-se a necessidade de conhecer e analisar a concepção de líderes sobre o tema.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é conhecer e analisar a concepção de moralidade e valores morais de líderes religiosos e como eles transmitem esses valores. Para tanto, procuraremos compreender as concepções morais de duas religiões e como os principais conceitos das mesmas foram construídos e disseminados. Dentre as religiões que serão foco de nosso estudo estão o cristianismo e o budismo. Também pretendemos conhecer e avaliar a compreensão de religião e religiosidade na concepção de líderes religiosos cristãos e budistas, além de refletir sobre as relações entre moral e religiosidade.

A escolha dessas duas religiões se dá pelas suas diferenças práticas e ritualísticas em como elas abordam a transcendência e a espiritualidade do sujeito. Autores como Eliade (1978/2011) e Jung (1938) nos fazem colocações precisas sobre a distinção das religiões orientais das ocidentais, dentre elas o cristianismo do budismo. A primeira busca a proximidade com um Deus externo ao sujeito, ou seja, as bênçãos, a proteção contra os males, o perdão e o amor são provindos de um ser externo ao homem. Enquanto Deus é perfeito, supremo, total, o homem é imperfeito, frágil e, para alcançar a transcendência e a felicidade, deve ser guiado por esse ser que se encontra fora dele. Já o budismo visa uma busca da divindade que está

internalizada em todos os indivíduos. Em outras palavras, todos os sujeitos têm a qualidade divina dentro deles (o estado de Buda), e que se exercermos determinadas práticas, podemos enaltecer essa divindade que está dentro de nós. A partir desta distinção entre uma visão mais objetiva da manifestação religiosa de uma mais subjetiva e intrínseca ao sujeito, pensamos em escolher essas duas religiões para a nossa pesquisa. Posteriormente, na metodologia deste trabalho, iremos aprofundar sobre as diferenças dessas duas religiões.

Apesar da religião budista não ter tantos adeptos no Brasil, comparado com a religião católica, optamos pelo budismo no intuito de visualizar se, mesmo religiões que possuem uma doutrina diferente, tendem a ser parecidas ou distintas na transmissão de valores morais dos líderes religiosos.

Julgamos que, ao desenvolver esta pesquisa, possamos contribuir para o entendimento dos valores morais e sua relação com a religiosidade, e também compreender como esses valores são transmitidos pelos líderes religiosos.

Optamos por escolher duas religiões diferentes com o intuito de observar e analisar as diferenças e convergências dos líderes religiosos dessas instituições sobre os aspectos morais na contemporaneidade, dentre eles: o que eles pensam sobre os valores morais, quais são as suas concepções sobre ética, moral, seus princípios e regras, deveres, dentre outros pontos.

Em razão da existência de muitas explicações e formas de se compreender a moralidade e suas características, delimitaremos o campo de estudo pela compreensão da moral segundo a psicologia da moralidade humana para, posteriormente, investigar as concepções de religião, religiosidade e moralidade e as possíveis relações entre esses campos na visão de líderes religiosos budistas e cristãos.

A psicologia da moralidade é uma área que pretende investigar a constituição da moralidade humana numa perspectiva estrutural cognitivista. Os estudos sobre a psicologia do desenvolvimento moral na contemporaneidade têm seu foco sobre teorias minuciosas que enfatizam uma explicação que validam as formas de como o indivíduo atribui certos valores, normas e regras nas diversidades em que o homem se encontra no campo social.

Para desenvolvermos o trabalho proposto, na sua parte bibliográfica, foi necessário empreender um levantamento das obras referentes ao tema da religião, moral, psicologia, psicologia moral e sobre a relação entre a moral e a religião, desde alguns apontamentos breves das correntes de pensamento filosófica, sociológica, antropológica até a perspectiva da psicologia sobre esses conceitos, articulando estes temas com a psicologia moral. O intuito de esclarecer esses conceitos sobre os aportes teóricos da filosofia, sociologia, antropologia e da

psicologia é buscar alicerces nestes campos de conhecimento e ver se eles estabelecem um diálogo complementar com a perspectiva da psicologia moral.

Para tanto, utilizaremos obras referentes ao tema que foi proposto, no qual foram realizados levantamentos de artigos da base psycINFO, Scielo e Lilacs. Neste trabalho foram levantados 50 artigos dessas bases científicas e utilizados 25 artigos completos que abordam o tema “religião”, “religiosidade”, “personalidade moral” e “religiosidade e moral” dentro de alguns campos da psicologia. Também serão usados, principalmente, o livro sobre a *psicologia e religião* de Paiva (2001), no qual resgataremos algumas perspectivas da psicologia e o seu estudo sobre as religiões. Estarão presentes também os livros *psicologia e religião* e *psicologia e religião oriental* de Jung, com o intuito de esclarecer as visões orientais (budismo) e as ocidentais (cristianismo) se tratando de religião e moral.

Utilizaremos, ainda, os livros *histórias das crenças e das ideias religiosas* de Mircea Eliade para aprofundarmos na historiografia das religiões budistas e católicas e *a construção da personalidade moral* de Puig (1998), explicando o conceito apresentado pelo autor sobre a relação entre personalidade e moral.

Também discutiremos sobre as mudanças na teoria de Kohlberg na década de 80 e a complementação de sua teoria inserindo conceitos como a religiosidade no processo de desenvolvimento moral, baseados na obra *Experticia, sabiduría y desarrollo Moral* de Jaime Yáñez-canal (2012).

Sendo assim, no segundo capítulo realizaremos uma discussão acerca da religião cristã e budista, compreendendo seus dogmas fundamentais, nos pautando numa explicação destas religiões e os seus fundamentos e princípios morais. No capítulo três, apresentaremos a psicologia moral e seus principais autores, como Piaget (1932/1994), resgatando sua principal obra *O Juízo moral na criança* sobre esse tema, Kohlberg (1992), que foi outro autor fundamental no desenvolvimento da psicologia moral e Puig (1998), em especial a sua obra *Desenvolvimento da personalidade moral*. Também utilizaremos autores que discutem a moral na contemporaneidade e a ética, como La Taille (2006; 2009), dentre outros, buscando entrelaçar a psicologia moral com a religiosidade. No quarto capítulo, descreveremos a metodologia adotada e, no quinto capítulo, apresentaremos os resultados e a análise da pesquisa. Por fim, no sexto capítulo, teceremos nossas considerações finais.

2 O BUDISMO, O CRISTIANISMO E A SUA RELAÇÃO COM A MORALIDADE: UMA BREVE ABORDAGEM MORAL DAS RELIGIÕES

A religiosidade é um dos fenômenos mais antigos e naturais da existência humana. A preocupação de se entender tais manifestações presentes na humanidade, como a morte e as catástrofes naturais, por exemplo, impulsionou o homem a buscar uma explicação que lhe desse conforto e entendimento da realidade. Sendo assim, a religiosidade/espiritualidade pode ser benéfica para quem a pratica. Mesmo que algumas vertentes científicas não concordem com isso, tem-se muitas pesquisas na área da saúde mental, da medicina, da psicologia, da antropologia e da sociologia que defendem a necessidade da religiosidade para o bem-estar do indivíduo. Claro que existem muitos abusos de cunho religioso suscitados por instituições religiosas – basta nos lembrarmos, por exemplo, da inquisição – mas, mesmo assim, a religiosidade pode trazer benefícios para aqueles que acreditam (PAIVA, 2001).

Cabe aqui fazermos uma distinção: religiosidade/espiritualidade e religião não são sinônimos. James (1902/1995) foi um autor que procurou distinguir a experiência do religioso da instituição religiosa. É comum, nos dias atuais, entender que religiosidade/espiritualidade está interligada com a experiência pessoal do sujeito; seria a forma subjetiva de como o sujeito vivencia e experimenta o fenômeno. Já a religião, usualmente é expressa como uma prática ligada à alguma instituição que a conduz.

De acordo com os cientistas que se prontificaram a estudar a religiosidade e os fenômenos religiosos, os mitos, as crenças e os rituais são significativos para compreendermos a experiência e a busca de entendimento sobre a verdade e o sentido da existência para o humano. Desta forma, a vivência do sagrado é de estimado valor para os sujeitos que a praticam, por ser um elemento da história humana. Até se retornarmos a tenra infância da humanidade, nos primórdios das civilizações, podemos observar que muitas vivências e experiências humanas estão atreladas aos ritos e manifestações religiosas. Dentre as várias atividades que o homem primitivo exercia, como o sexo, o trabalho e a alimentação, existia uma ligação explícita destas com a religiosidade (ELIADE, 1976/2011).

Continuando com este mesmo autor, o funcionamento da consciência humana está intimamente ligado a religiosidade, isto porque o sujeito tem consigo a capacidade de criar símbolos e significados sobre suas experiências e instintos, visando uma compreensão da realidade na qual está inserido. Em outras palavras, seria difícil pensar que o indivíduo pudesse atribuir sentido a sua existência e ter a capacidade de ser consciente e racional sobre os fenômenos que lhe são apresentados se não existisse algo que ele capitasse como real e buscasse a compreensão desta realidade. Desta forma, a conscientização da realidade que é apresentada ao sujeito tem uma relação forte com o descobrimento do sagrado. Isto porque esta experiência propiciou ao indivíduo a capacidade de perceber o que é benéfico para a sua existência individual e coletiva, e o que é o oposto do que é benévolo. Como exemplo temos o caos, a desordem e o perigo que os instintos e impulsos podem gerar.

Outro pesquisador que tem uma perspectiva teórica parecida com Eliade (1976/2011) sobre a religiosidade é Tarot (apud MATTOS, 2010). De acordo com este autor, sabemos que ao longo da história da humanidade, os indivíduos buscavam compreender os fenômenos da natureza e o sentido da sua existência, e para encontrar as respostas para as suas constantes perguntas, procuravam crer em algo maior, em um ser superior que transcendia a capacidade do homem. Desta forma, eram as divindades os seres responsáveis na orientação da condução correta da vida humana, seja no âmbito individual ou coletivo. Estas mesmas deidades eram capazes de tirar a angústia do coração dos homens e lhes propiciarem uma vida mais harmoniosa e significativa. A incapacidade do ser humano de resolver conflitos que superam a sua racionalidade fizeram com que os mesmos desenvolvessem outras ferramentas que permitissem um diálogo que transcende a lógica, como a linguagem e os símbolos das crenças, dos rituais sagrados e da manifestação religiosa.

Sendo assim, dentre a ampla perspectiva de se compreender a relação existente entre o homem e a religiosidade, optamos por delimitar nosso estudo se pautando em duas religiões: o budismo e o cristianismo.

Desta forma, neste capítulo apresentaremos os valores morais, as regras e princípios do budismo e do cristianismo. Nosso propósito é expor alguns conceitos fundamentais dessas religiões e a sua relação com a moralidade, observando como elas fundamentaram seus preceitos morais. Também apresentaremos alguns estudos apontando a relação entre psicologia e religiosidade, ressaltando algumas pesquisas de ilustres autores da psicologia e o que os mesmos abordaram sobre a religiosidade. Para finalizar este capítulo, iremos discorrer sobre a discussão acerca da relação entre religião e moral na contemporaneidade.

2.1 O budismo e os seus valores morais

Iniciando com o budismo, religião mais antiga que a outra (cristianismo) que iremos pesquisar, podemos dizer, segundo Eliade (1978/2011), que essa religião tem uma característica distinta de outras religiões: de todas as crenças, o budismo é uma das poucas em que seu grande líder, Buda, não se auto denominou enviado de Deus e nem profeta. Isto se deve porque o Budismo não se pauta em um Deus supremo, mas sim em um caminho que leva o indivíduo ao “despertar”, e Buda foi considerado um grande líder espiritual por ter conseguido a iluminação. Pela pregação do Budismo ser pautada na iluminação do indivíduo, ela acabou se tornando uma religião e Buda foi simbolizado como um ser transcendental.

De acordo com o mesmo autor anteriormente mencionado, grande parte dos pesquisadores que estudaram a historiografia do budismo dizem que Buda nasceu por volta de 558 a.c. Ele era filho do rei de Kapilavastu e de sua primeira esposa. *Siddhartha Gautama* (o nome do Buda) casou-se aos 16 anos, saiu do palácio de seu pai aos 29 anos, alcançou a iluminação por volta dos seus 35 anos, em 523 a.c., e morreu em 478 a.c., aos 80 anos. Siddhartha Gautama pregou por aproximadamente 50 anos e converteu muitas pessoas ao budismo, dentre eles amigos, a madrasta, parentes e outros.

Pensando no aspecto moral e nas virtudes morais e éticas, o principal legado de Buda foi estabelecer regras cujo objetivo era orientar seus discípulos a pregarem as 4 nobres verdades e o caminho óctuplo para se livrarem do sofrimento humano e se iluminarem. Esses ensinamentos são apontados por Buda como os *dharmas*, que significa proteção. Vale ressaltar que, dentro da perspectiva de Buda, todo sofrimento produzido pelos seres humanos são frutos de sua própria mente, nas sensações desagradáveis que a própria mente produz (GYATSU, 2012).

As 4 nobres verdades são:

1) A realidade do sofrimento. Essa é praticamente a condição da existência, pois todas as passagens humanas, desde o nascimento até a velhice, são condições que trazem dor. As enfermidades, angústias, ira, desespero, lamentações e descontentamento também são causas de sofrimento. Outro ponto interessante são os prazeres humanos serem causa de sofrimento, ou seja, tudo que é prazeroso também é passageiro, e isso leva os indivíduos a angústia. Ambição, busca incessante para obter aquilo que quer e a frustração de fracassar diante dessa busca também são fontes inesgotáveis de sofrimento. De acordo com Gyatsu (2012), todos os nossos problemas são originados nos nossos apegos as coisas e a nossa ignorância sobre os fenômenos que percebemos, já que muitas vezes só enxergamos aquilo que queremos, dando visibilidade somente para o nosso ego. Dessa forma, para satisfazer nosso ego e os nossos

desejos, gastamos uma enorme energia, seja pensando, seja no trabalho ou tendo experiências desgastantes ao longo da nossa vida. Muitas vezes nossos anseios são defrontados com dificuldade, nos levando ao estado de sofrimento. Outro ponto que nos leva ao sofrimento é o apego as nossas opiniões, pois quando nos sentimos confrontados, comumente temos um sentimento desagradável e causamos ainda mais problemas e dificuldades existenciais. Uma das maiores consequências desse sofrimento é nos levar a um estado de raiva intenso, no qual temos comportamentos inconsequentes para nós mesmos e para os nossos semelhantes.

2) A realidade da origem do sofrimento. Essa constante busca dos prazeres sensoriais levam o homem ao apego as coisas e objetos, e esse fator faz com que os indivíduos permaneçam presos no ciclo de reencarnações. De acordo com a autora anteriormente mencionada, a preocupação de Buda foi pregar as nobres verdades para que possamos superar o estado de reencarnações humanas e nos livrarmos do sofrimento. O maior propósito, de acordo com os primeiros ensinamentos de Buda, é que alcancemos a paz espiritual para superarmos esse ciclo eterno de existências. Buda acreditava que a nossa vida é meramente passageira, fugidia, e que se nos apegarmos aos desejos mundanos nessa existência, não seremos capazes de nos livrarmos das reencarnações futuras. Se libertar do sofrimento, para Buda, é se libertar dos desejos futuros.

3) A realidade da cessação do sofrimento. Esta é a nobre verdade que Buda alcançou e se iluminou, pois observou que a renúncia por esses prazeres mundanos fez com que ele se tornasse independente e livre dos desejos que constantemente causam sofrimento e uma falsa sensação de felicidade. Para Gyatsu (2012), todos nós somos capazes de cessar o sofrimento de forma temporária, ou seja, se temos um problema que nos causa inquietação, conseguimos criar maneiras de resolvê-lo. Entretanto, quando falamos do estado de Buda e de iluminação, estamos falando de uma cessação permanente. Em outras palavras, é alcançar o estado no qual nenhum problema posto na vida de um indivíduo lhe causa transtorno, desgosto, raiva, ou tantos outros sentimentos ruins. Essa superação que fez com que Buda se autodenominasse o iluminado.

4) A realidade do caminho para a cessação do sofrimento. A partir do caminho óctuplo o homem cessa o sofrimento e o apego as coisas mundanas. Os caminhos são: entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, modo de vida correto, ação correta, esforço correto, atenção correta e concentração correta. Dentre exemplos, podemos citar o que a autora que mencionamos anteriormente diz sobre a boa-venturança de Buda: se nos dedicarmos a praticar a paciência, seja com os outros ou com nossos anseios, podemos superar e até cessar o sofrimento causado pelo nosso sentimento de ódio e raiva. Se somos capazes de praticar a alegria e a compaixão, podemos alcançar a suspensão do sofrimento causado pela inveja. Se

formos capazes de meditar e perceber a impermanência da natureza, ou seja, observar que nada permanece, que tudo muda, podemos cessar o sofrimento causado pelo apego e, praticando esse desapego, respeitando a lei da impermanência, podemos nos purificar e alcançar a iluminação.

Dessa forma, de acordo com Gyatsu (2012), todos nós podemos alcançar o estado de Buda. Para isso, precisamos reconhecer a causa do nosso sofrimento e libertar-se desse apego ao sofrimento, buscando a felicidade permanente, o estado perfeito; conhecido como a iluminação ou nirvana. Vale ressaltar que, de acordo com essa mesma autora, a libertação das nossas falhas e a lapidação de nossas virtuosidades nos leva ao caminho da iluminação, ou seja, as virtudes morais e éticas andam entrelaçadas com a busca da iluminação proposta por Buda.

Também vale lembrar que a ioga, prática da qual Buda alcançou a iluminação, já era um exercício muito antigo, derivada do bramanismo e do hinduísmo, cujo objetivo era a busca da superação dos ciclos de morte e vida, ou ciclo de existências (chamado no oriente de samsara), e o caminho para isso era uma vida ascética e com práticas severas de meditação. Buda modificou alguns pontos e trouxe novas contribuições para essa prática meditativa, não aceitando a condição extrema que alguns ascetas acreditavam que era o caminho correto. Dessa forma, Buda enfatizou a busca do aprofundamento e compreensão de si mesmo ao invés do meio externo. Em outras palavras, o budismo prega a busca interior, o voltar-se para dentro de si, enfrentando a ignorância, medo, angústia, inquietações e desejos próprios, e não dos outros e do meio (ELIADE, 1972/2011).

Nos últimos 8 anos de vida, Buda reuniu os seus discípulos e disse que todos esses ensinamentos que eles tinham trilhados eram “partes da verdade suprema”, pois o entendimento do caminho da iluminação é muito complexo, e exigia que seus discípulos compreendessem primeiro os caminhos da nobre verdade para, posteriormente, compreender o caminho verdadeiro para a iluminação.

Segundo Dos Santos (2014), o budismo, após a morte de Gautama, foi propagado pela Índia e, logo após, dividido em duas grandes vertentes: o budismo do Sul, que abrange grande parte dos países do sul da Ásia, e o budismo do Norte, que vai da China, da Ásia Central até o Japão. Os países do Sul, em grande parte, mantiveram os ensinamentos tradicionais do budismo ensinados pelo Gautama. Em contrapartida, os ensinamentos do budismo do Norte foram diretamente influenciados pelos aspectos culturais e, em consequência disto, a doutrina sofreu várias modificações, pois o pensamento budista se distanciava da perspectiva tradicional. Sendo assim, ficou conhecida como budismo Mahayana (grande veículo), pois acreditavam que seus ensinamentos eram mais completos que as escolas tradicionais, conhecidas como budismo Hinayana (pequeno veículo).

Sendo assim, o budismo tradicional, conhecido como Hinayana, ainda mantem, nos dias atuais, os princípios tradicionais como fundamento para se alcançar a iluminação, baseado nos ensinamentos da nobre verdade e no caminho óctuplo. Já o budismo Mahayna acredita que todos temos a essência de Buda, e que a meditação, as práticas monásticas, ascéticas e afins não são os únicos meios para se alcançar a iluminação, pois todos podem se iluminar, mesmo tendo uma vida comum. Basta, para isso, reverenciar seu estado de Buda constantemente. Nessa prática, estados de benevolência e compaixão são alcançados e, segundo essa tradição budista, estados de felicidade e compaixão são mais frequentes para aquele que aprende a reverenciar o seu próprio estado de Buda.

Se tratando mais especificamente sobre a relação entre a moral e os ensinamentos budistas, conceitos como o não matar, não roubar, não mentir, não praticar atos sexuais impróprios e não consumir intoxicantes são algumas regras colocadas nas práticas budistas, conhecido como as cinco virtudes. Apesar de não acreditar no pecado, Buda ensinou esse caminho a seus discípulos para evitarem o sofrimento e caminhos penosos.

Atitudes e comportamentos que nos levam a mentir, roubar, ter discurso de ódio ou divisor, matar, cobiçar, dentre outras ações malevolentes, são caminhos considerados por Buda como não virtuosos, e essas ações só nos levam ao reino inferior, ou seja, ao sofrimento, a animalidade (raiva, impulsos e ódio) e ao reino dos seres famintos (movidos aos desejos mundanos). Por isso Buda prega as ações e condutas virtuosas.

Com a prática de ações virtuosas o indivíduo colhe bons frutos. Com o treinamento dessas virtudes, nossa mente alcança a paz e a tranquilidade. Alcançando essa paz e tranquilidade, podemos iniciar nossa busca pela sabedoria e iluminação. Essas premissas budistas são denominadas *Silas*, que pode ser traduzido por moral, ética, virtude ou honestidade. De acordo com a tradição budista, Buda denominou de treino superior a prática da disciplina moral, concentração e sabedoria. Essa prática nos leva ao caminho da libertação do sofrimento. Ela é considerada superior porque é baseada em renúncias do sofrimento e a busca sincera e pura para alcançar a libertação do estado de sofrimento.

Sobre a disciplina moral, Buda nos diz que essa prática nos leva a fazer boas escolhas, a evitar ações inadequadas e geradoras de sofrimento, e, conseqüentemente, não ter problemas e preocupações com os fenômenos futuros. Nos ensinamentos budistas, se mantermos os comportamentos puros e com intenções virtuosas para nós e para o meio que nos circunda, somos capazes de nos purificarmos dos males da nossa ignorância, caminhando para uma vida afortunada.

Os seguidores dos preceitos budistas se esforçam para alcançar a virtude e não prejudicarem outras pessoas. Buda retrata em seus ensinamentos que sempre devemos alimentar o nosso estado de benevolência, tratando sempre com gratidão, compaixão e tolerância todos os seres, pois todos lutam pela vida e pela dignidade. Ele ainda reprova atos de violência, principalmente aquelas atitudes e comportamentos violentos em prol do bem-estar de quem pratica. Para Buda, a vida é uma dádiva divina, seja ela uma simples vida, desde a mais humilde até a mais complexa, por isso ela deve ser defendida por todos aqueles que praticam a piedade e a benevolência, porque a benevolência torna o homem justo e terno com os mais fracos e nobre com os mais fortes (GYATSO, 2012).

Para alcançarmos determinadas virtudes, segundo Buda, devemos: usar a palavra correta, ou seja, não devemos mentir, caluniar, ser agressivo com os outros, não conversar de forma vazia, se esforçar para sermos claros na nossa fala, sermos verdadeiros e aprendermos a sermos silenciosos. Outro ponto importante é que Buda não defende a ideia de crença. Em outras palavras, ele era contra dogmas que forçam a pessoa a crer em algo, pois a crença tem que ocorrer de modo natural na vida de cada indivíduo. Temos que ter também a ação correta, que pode ser entendida como não causar males a outrem e a si mesmo, não agir de forma inconsequente consigo mesmo e com os outros e, por último, termos o modo de vida correto, que seria procurar profissões e condutas que semeiam a paz e o bem-estar para a humanidade (GYATSO, 2012).

De acordo com Oliveira (2016), a ética e os valores morais budistas, se for levado em consideração os tempos atuais, vai na contramão do materialismo e da lógica mercantil do período pré-industrial até os modelos socioeconômicos que temos hoje. Isso porque uma vida presa a bens materiais e na busca incessante de satisfazer os desejos no consumismo só serão causas de sofrimento e apego, levando os indivíduos ao imoralismo e a qualquer prática egocêntrica e antiética para satisfazer seus desejos mundanos. A busca desenfreada pelo poder, a destruição dos meios ambientais, os transtornos de personalidade e a apatia pelos outros indivíduos são alguns dos possíveis sintomas dessa natureza humana materialista contemporânea.

Agora iremos retratar alguns pontos fundamentais do cristianismo e a sua relação com a moralidade.

2.2 O cristianismo e a moralidade

Se tratando do cristianismo, para Blainey (2012), de todos os sujeitos mais conhecidos ao longo da história, contando desde o surgimento do homem até a contemporaneidade, Jesus

é o indivíduo mais influente e sua figura simboliza uma das religiões mais prestigiosas que existe. Só para termos uma dimensão da influência de Cristo na humanidade, basta vermos o calendário romano. A cronologia que nos guia no tempo é baseada no nascimento de Cristo. Entretanto, não se sabe ao certo exatamente o ano em que Jesus nasceu e sua história também é questionada, pois existem muitos equívocos e contradições a respeito, principalmente no que se refere a ressurreição de Jesus.

Independente disto, é inquestionável a influência que Jesus teve na história humana. Esse Messias era judeu, tanto nas suas práticas religiosas quanto culturais. Importante ressaltar que o termo "judeu" vem de "judá". Este último era o território que ocupava metade das terras próximo as margens do mar mediterrâneo, que tradicionalmente conhecemos como Palestina.

Se tratando dos valores morais propagados por Cristo, de acordo com Blayne (2012), podemos observar as influências morais de Jesus Cristo nas crenças tanto dos hebreus quanto dos judeus: para essas religiões, Deus era a justiça plena, pois quando abençoava os povos, Deus era bondoso devido as práticas e obediência de seus súditos. Porém, se Deus castigava os homens com pestes e outros meios destrutivos, os judeus e os hebreus aceitavam essa condição, acreditando que não tivessem feito coisas dignas para merecerem o amor de Deus. Jesus se proclamou como enviado de Deus para ressaltar valores que, até então, já eram propagados pelos judeus e hebreus. Atitudes como não matar, não roubar, avareza, cobiça, adultério, dentre outros, já eram valores que eram obedecidos e sancionados pelos indivíduos. Entretanto, os ensinamentos de Jesus enfatizaram o amor, o perdão, a compaixão e a solidariedade, discriminando atitudes julgadoras (como apedrejar Maria Madalena) e comercializar no templo de Deus.

Assim, alguns valores morais que eram pregados pelos hebreus e judeus foram modificados e revistos por Jesus Cristo, mas é evidente que as morais defendidas por aqueles fizeram parte do caminho de Jesus.

Se torna imprescindível ressaltar que, pouco tempo depois da morte de Cristo, o cristianismo possuía três formas de crença: a primeira estava relacionada com Jesus ser o enviado de Deus para salvar aqueles que o buscam; a segunda estava pautada na ideia de que Jesus e Deus são a mesma pessoa, e que Deus escolheu descer ao mundo em forma de humano para redimir os pecados e, por último, em menor número de adeptos, se encontravam os crentes na premissa de que Deus e Jesus estão no interior de todos os indivíduos e, se o sujeito for um bom cristão, ele pode sentir a presença de Jesus na sua mente e no seu coração. Essa segunda forma é a que mais ganhou adeptos e se dispersou, sendo vista como a crença fundamental no catolicismo e de outras religiões cristãs até nos dias atuais.

Apontando mais especificamente a relação existente entre moral e cristianismo, de acordo com Chalita (2002), os valores, a ética e a moral cristã se propagaram de forma muito rápida na Roma antiga, se estendendo a cidadania para todos os cidadãos, incluindo os escravos. Esses valores do dogma cristão mudaram completamente a concepção de bondade no mundo ocidental, desde o seu surgimento até os dias atuais. Valores como a compaixão, a solidariedade, a bondade, a justiça, o perdão, a clemência, a união e o amor são quesitos morais fundamentais da religião cristã. Desta forma, a concepção de separação entre as classes econômicas e sociais foram amenizadas pelo cristianismo, pois qualquer homem é filho de Deus e digno do seu amor e princípios.

Enfatizando esta relação entre moral e cristianismo, para Chauí (2002), o pensamento cristão trouxe outras perspectivas de condutas comparadas as outras religiões clássicas: ao invés de enfatizar a política e o politeísmo, o cristianismo mostrou a serventia a um único Deus, focava no homem simples e humilde e enaltecia as classes mais abastadas da sociedade. Isso demonstrava que o cristianismo não pregava a diferença de nacionalidade e política entre os indivíduos, comumente defendida por religiões clássicas; o cristianismo trouxe o sentimento de unicidade dos sujeitos pela sua fé em Deus.

Ainda de acordo com essa autora mencionada anteriormente, o cristianismo proporcionou aos indivíduos a ideia de que as pessoas podem ter uma relação direta com Deus. Isso fez com que a ética dos sujeitos cristãos não se baseasse nas suas relações sociais e políticas, mas sim na sua relação exclusiva e íntima com Deus.

Dentre o percurso histórico e a influência do cristianismo nos valores morais da sociedade, Chalita (2002) nos diz que as primeiras comunidades religiosas cristãs tinham um tratamento bem peculiar uns com os outros. Os sujeitos desse grupo se chamavam de irmãos e tinham uma relação de ajuda e reciprocidade muito intensos. Seus vínculos eram fortes e centrados na fé em Deus. Conforme o cristianismo foi se propagando para diferentes regiões, esses ideais também eram proliferados e passados para os indivíduos. Desta forma, as comunidades foram crescendo, se organizando e se hierarquizando, surgindo assim figuras como o padre, os bispos e o grande líder, conhecido como o papa.

Ainda de acordo com essa autora, os padres eram homens eruditos, filósofos que se aproximaram e se identificaram com os ensinamentos de Cristo. Essas figuras foram tão importantes na consolidação do cristianismo que muitos foram chamados de santos, reconhecidos pela Igreja Católica. Padres como Tomas de Aquino tiveram uma enorme influência na pregação dos princípios morais cristãos, apontando os ensinamentos de Aristóteles sobre a relação entre o corpo e a alma. Este mesmo padre elaborou a chamada suma

teológica, em que explica os cinco caminhos para o homem comum encontrar a Deus. Esses caminhos podem ser entendidos como: o caminho do movimento, o caminho das causas, o caminho da contingência, o caminho da perfeição e o caminho da ordem do mundo.

Para Chalita (2002), o caminho da ordem do mundo é o ponto em que Tomas de Aquino admite que existe uma evolução do homem para se compreender o caminho de Deus, já que o mesmo é eterno e imutável. Em outras palavras, não seria a explicação bíblica a única fonte correta em falar sobre Deus e a origem do mundo, e sim a busca incessante e constante do homem para assimilar sua fé com o conhecimento. Seria a primeira tentativa de conciliar a fé com a ciência. Esse caminho da ordem do mundo é denominado por Tomas de Aquino como providência, dizendo que a máxima de Deus é a busca do bem maior. Sendo assim, a premissa ética e moral cristã apontada por Tomas de Aquino está baseada nessa busca maior pelo bem, na qual estaria incutida a vontade de justiça, paz e benevolência. Por mais que os indivíduos tenham o livre-arbítrio para escolherem o seu destino, a causa última seria a busca desse bem maior representado pela figura de Deus.

Essa postura moral e ética do cristianismo era exclusivamente sustentada pela Igreja Católica apostólica Romana. Entretanto, em meados do século XVI, uma crise forte se instaurou na regularidade das práticas da Igreja, principalmente por questões relacionadas ao monopólio econômico religioso e pela comercialização de relíquias, fazendo com que muitos adeptos e críticos comessem a desconfiar da autenticidade e da honestidade da Igreja Católica (CHALITA, 2002).

Do nascimento dessa crise cristã surgiram várias mudanças no seio desta crença. Dentre elas podemos destacar a reforma protestante, iniciado por Lutero na Alemanha e ganhando prestígio na suíça por Calvino. Ambos foram responsáveis pela proliferação da tradução da Bíblia, pelas denúncias de corrupção e abusos das autoridades do auto clero e pelo novo olhar ético e moral da religião sobre o trabalho, a prosperidade e o homem. De acordo com Chalita (2002), o Calvinismo incitava os indivíduos a trabalharem, a valorizar o trabalho e a prosperidade provinda desse meio. Assim, podemos observar que essa nova doutrina foi fundamental para a conciliação entre o protestantismo e o nascimento do capitalismo vigente, sendo que a geração de riquezas e o lucro provindo do sistema mercantil eram vistos como providencias divinas. A riqueza só é vista como imoral se ela for utilizada para fins pecaminosos e prazeres da carne. Em contrapartida, ela é moralmente aceita e estimulada se for vista como empreendimento e enriquecimento do sujeito.

Dando um salto histórico e entrando na modernidade e no catolicismo na contemporaneidade, segundo Camurça (2013), a Igreja Católica sofreu constantes crises morais

no século XX pelos escândalos que foram expostos na sociedade em relação a atividades sexuais (principalmente abuso de menores), desvios de verba, corrupção, lavagem de dinheiro e outros alvoroços econômicos. Diante desta situação, a Igreja se viu em uma encruzilhada: ou teria que questionar e mudar sua estrutura de valores, se apropriando e se conciliando com as mudanças de paradigmas propostas pela modernidade, ou iria perder fiéis e sucumbir ao obscurantismo que a manchou em épocas anteriores na história.

Devido a este cenário, a renovação da Igreja se deu em vários pontos a partir da década de 60 do século XX. Dentre eles podemos destacar: o reconhecimento do estado laico, da articulação e do diálogo com outras instituições e credos religiosos, possibilitado uma busca de harmonia e tolerância religiosa; o respeito e a busca de conciliação com o meio científico, e, por último, a reconciliação com os excluídos da sociedade, ou seja, a volta para os pobres e para os reclusos, dando destaque da relação de Deus com os marginalizados (CAMURÇA, 2013).

Para finalizar, assuntos como casamento entre pessoas do mesmo sexo, utilização de recursos científicos para curar doenças e deficiências, como as células tronco, discussões sobre aborto, ensinamentos religiosos nas escolas, entre outros, estão sendo adotados no discurso católico, sendo tolerados e respeitados por essa instituição esses novos paradigmas sociais. Diante da perda de fiéis nos últimos tempos, vale ressaltar a busca de um novo representante papal pelo catolicismo para mudar a face da igreja. O último papa é argentino, vindo da periferia, e retrata muito bem a abertura para novos diálogos com a sociedade, a mudança de valores morais dentro da igreja, principalmente na abertura para a conversa com outros campos de crenças e conhecimentos que até então eram vistos como tabus pela Igreja Católica, a volta do olhar para a população mais carente, e também a reconstrução e renovação de pontos conservadores do próprio catolicismo. O novo papa está sendo responsável por dissolver os princípios centrais do Vaticano, ou seja, o conservadorismo até então propagado pelo catolicismo, e disseminar novas possibilidades de diálogos entre a Igreja, a cultura e a sociedade do século XXI. Apesar de isso envolver uma discussão acirrada entre os reais interesses da Igreja, dentre eles o interesse político e estatal, essa nova frente católica tem construído discursos morais mais tolerantes, críticos aos movimentos totalitários e apresentando mais acolhimento e ativismo com os direitos humanos (CAMURÇA, 2013).

No próximo item iremos apresentar as relações e estudos de algumas correntes da psicologia sobre a religiosidade.

2.3 A psicologia e a religiosidade: algumas pesquisas e considerações sobre a relação entre psicologia e religião

Neste subitem apresentaremos algumas perspectivas teóricas de autores da psicologia que, em algum momento ou em grande parte da sua produção teórica, fizeram alusões acerca da religião/religiosidade e também alguns estudos científicos da psicologia que abordaram o tema da religiosidade. Acreditamos ser pertinente ressaltar a relação existente entre a psicologia com estudos referentes a temática da religião devido ao que propomos no nosso trabalho, pois pesquisaremos a relação entre a psicologia moral e a religiosidade, e também para termos uma contextualização acerca da relação entre a psicologia e a religião desde o surgimento daquela enquanto ciência até a atualidade.

De acordo com Paiva (2005), as primeiras pesquisas da psicologia que tinham como foco a espiritualidade ocorreram na Holanda, mas ganhou grande aceitação nos Estados Unidos na década de 60. Anteriormente, no início dos anos 20 até no final dos anos 50, era comum a psicologia menosprezar o campo da religiosidade, principalmente por aquela estar voltada para estudos de cunho mais naturalistas e quantitativos, e elemento “metafísicos” eram descartados das pesquisas. Mesmo assim, autores como Freud e Jung comumente mencionavam o papel da religiosidade na psique humana.

Essa popularização do estudo científico da espiritualidade na década de 60 se deu pelo surgimento da psicologia humanista, isto porque esta última estava pautada na compreensão não da religião e sua institucionalização, mas sim no espírito humano, na afetividade e na ascensão das potencialidades humanas. Outro ponto importante de ressaltar é que estudos voltados para a violência também estavam em alta, e conseqüentemente, alguns pesquisadores da psicologia viam nisso uma possibilidade de resgatar valores religiosos para combater a violência.

Amatuzzi (2001) define o sistema religioso como sendo uma organização de valores, rituais, credos, que é externa ao homem. Esta distinção entre a experiência da religiosidade e as práticas religiosas institucionais se torna importante para diferenciarmos o que é a experiência mais pessoal da vivência conjunta entre o fenômeno religioso.

Paiva (2005) também nos demonstra a diferença entre a psicologia da religião e a psicologia da espiritualidade. Enquanto aquela é relacionada com a busca e apelo a um ser transcendente (Deus), a última é ligada com a ideia de transcendência individual. Para este mesmo autor, a psicologia da religião não objetiva desvincular o sujeito dos ideais e símbolos utilizados pela religião.

Segundo Vergote (2001), existem muitos autores da psicologia que observaram a religiosidade e a sua função no psiquismo do indivíduo, desde seu envolvimento no processo de desenvolvimento até os benefícios e malefícios para a saúde mental e a vida em sociedade. Dentre eles se destacam: Freud, Jung, Skinner, Erich Fromm, Willian James e Maslow. Ainda de acordo com Vergote (2001), existiram duas correntes de pensamento distintas se tratando dessa visão da religiosidade: a primeira é caracterizada pelos pesquisadores que enfatizaram o quanto a religião pode ser nociva a saúde mental do indivíduo, principalmente em questões relacionadas às obsessões e delírios coletivos suscitados pela experiência religiosa, e também sobre a exacerbada culpa que as religiões dão as práticas sexuais. Nessa linha de pensamento encontramos autores como Freud e Skinner. Já a segunda se caracteriza pelos estudiosos que viam o fenômeno religioso como algo benéfico para o bem-estar social e mental do ser humano, pois alguns ritos e experiências religiosas podem trazer muitos benefícios para a psique humana. Nessa linha de pensamento encontramos Jung, Maslow, Willian James e Erich Fromm. Iremos abordar em seguida um pouco do pensamento destes ilustres autores sobre a experiência religiosa.

Começando pelos pesquisadores que viam algo nocivo nas práticas religiosas, Skinner (1971) nos explica que as relações que estabelecemos com os outros seres humanos e com o mundo se dão por meio dos comportamentos que foram aprendidos anteriormente, ou seja, agimos de uma determinada forma conforme fomos estimulados ou penitenciados a ter ou não um determinado comportamento. Em outras palavras, o ser humano é condicionado a ter uma resposta comportamental dependendo do seu estímulo: se uma ação é estimulada, tendemos a repetí-la. Essa ideia de estímulo e resposta dos comportamentos pode ser explicada também nas religiões. Estas, para o autor behaviorista, nada mais são do que formas de comportamentos suscitados pela sociedade para se ter um controle social. Baseando-se na ideia de medo da punição, os membros da sociedade se comportam para agradar um ser abstrato (Deus) que pode dar boas recompensas caso o indivíduo tenha boas índoles ou castigá-lo se o mesmo agir de forma considerada errada.

Para este mesmo autor, o comportamento religioso é uma ilusão criada pela sociedade para controlar o comportamento dos indivíduos, mas a partir do momento que as pessoas perdem o medo do castigo divino e encontram recompensas significativas na vida material, as mesmas tendem a questionar e até a abandonar a religião.

Partindo do ponto de vista psicanalítico, as argumentações que Freud usou para explicar o surgimento da religião por todo percurso de sua obra, refere-se a uma criação do homem pela “necessidade de defesa contra a força esmagadoramente superior da natureza” (FREUD, 1927/1972, p. 30). A primeira publicação explicitamente religiosa de Freud apareceu em 1907. Trata-se de um artigo sobre “*Os atos obsessivos e as práticas religiosas*” (FREUD, 1907/1972) julgando haver analogias entre os cerimoniais praticados pelas pessoas religiosas e os atos praticados pelas pessoas obsessivas.

Na dinâmica psíquica do neurótico obsessivo, segundo Freud (1907/1972), uma defesa psíquica malsucedida dos elementos inconscientes proibidos ocasiona um elevado sentimento de angústia. Para livrar-se desta angústia, o doente usa defesas secundárias, entre as quais estão os rituais obsessivos. De maneira análoga, o indivíduo religioso também está sujeito aos conflitos advindos da luta que existe entre o desejo e a proibição do desejo. Ele também se defende desse conflito mediante o mecanismo de defesa, ou no vocabulário psicanalítico, do recalque. Não sendo o recalque suficientemente eficaz para neutralizar a angústia, de modo semelhante, o homem religioso lança mão de cerimoniais e práticas religiosas a fim de neutralizar a força dos seus desejos. Eis aí, segundo Freud, o grande conflito que o religioso enfrenta: obedecer às pulsões e desobedecer à lei ou obedecer à lei e abrir mão das pulsões. Sendo assim, os rituais assumem uma função protetora diante do conflito. Desta forma, os atos e cerimoniais obsessivos aparecem como uma proteção contra a inevitável angústia.

Outra explicação a respeito do surgimento do sentimento religioso seria um derivado da culpa pelo assassinato mítico do pai primordial. Freud (1913/1972) defendia a ideia de que, na horda primitiva, o chefe do bando monopolizava sexualmente as mulheres e punia com a morte os que ousavam contestar seu poder. Um dia, indignados pelos maus tratos sofridos e pelas restrições sexuais impostas pelo pai, os irmãos se reuniram e assassinaram-no. Posteriormente, arrependidos do crime, criaram os totens, o tabu do incesto e as leis.

Sendo assim, Freud considera a religião uma construção projetiva do indivíduo. A projeção que o homem cria a respeito da figura de Deus nada mais é que um substituto do pai, um ser que lhe garanta proteção e amparo, como Freud menciona na passagem de “*Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*”:

A psicanálise nos ensinou a reconhecer a interconexão existente entre complexo paterno e fé em Deus, indicou-nos que o Deus pessoal outra coisa não é, psicologicamente, que um pai mais poderoso. (FREUD, 1910/1972, p. 36)

Em uma obra posterior dedicada à religião, *O futuro de uma ilusão*, Freud (1927/1972) nos explica o surgimento das religiões do seguinte modo: o humano, frente à constante ameaça da natureza, cria a civilização, para o qual o conjunto de indivíduos lhe proporciona segurança e defesa contra as forças incomensuráveis da natureza. Mas a partir dessa união, para que ela seja harmoniosa, esse homem teve que renunciar seus instintos e suas vontades, gerando, assim, certa hostilidade para com a civilização, pois esta não é capaz de dar a total felicidade para a humanidade. Outra frustração que advém da civilização é que, apesar de seus avanços na capacidade de proporcionar uma melhor segurança, ela nunca será capaz de controlar e de submeter totalmente a natureza as vontades do homem.

Essas privações tornaram a vida dos homens difícil de suportar, trazendo-lhes um constante sofrimento. Para consolar a árdua vida humana, a civilização encontra uma forma de atribuir à natureza características humanas (de um pai). Isso garante que, mesmo diante destas forças impessoais e estranhas, o homem, ao atribuir características antropomórficas a natureza, pôde ao menos reagir frente às manifestações naturais. Assim, o indivíduo lida com deuses que lhe são conhecidos e não o amedrontam tanto quanto a natureza fria e cruel (FREUD, 1927/1972).

Se tratando dos psicólogos que visam a religiosidade de forma benéfica para o ser humano, começaremos expondo a perspectiva de Jung (1938/1990). Para este autor, a religiosidade pode ser entendida de duas formas: na primeira seria a forma instituída das práticas religiosas, na qual alguns sujeitos se encontram em um ambiente propício e realizam celebrações, rituais, dentre outras formas de práticas. Já a segunda forma que o autor observa o fenômeno religioso é a partir do conceito de *religare*, sendo que este último implica uma noção mais individual e importante da vivência da experiência do numinoso. Por experiência do numinoso entende-se, segundo este mesmo autor, como sendo uma experiência abundante em que o indivíduo não tem controle consciente e racional, ou seja, é um fenômeno ativo que escapa do arbítrio, e este efeito domina e se apodera do homem. Essa manifestação do numinoso tende a aparecer de duas formas: como algo aterrorizante, causando medo e aflição, ou causando certa fascinação e atração.

Desta forma, Jung (1938/1990) distingue a religião como forma institucionalizada da religiosidade como experiência fundamental e particular. Na forma institucional, a experiência do fenômeno religioso não ocorre de uma forma direta: nas práticas religiosas coletivas precisa-se de um processo de simbolização dos significados determinados pela religião. São ritos e crenças imutáveis, e só através destes que se dá a vivência do numinoso. Já na religiosidade ou

religare, o sujeito tem a experiência com o sagrado de forma direta, sem dependência de uma crença; uma vivência transcendental do próprio eu, da busca da totalidade do espírito humano.

Já para Willian James (1902/1995), conceitos que transmitem ideias ou ideais absolutos são passíveis de críticas. Como ele foi um dos pioneiros do pragmatismo², era inaceitável para ele verdades colocadas como absolutas, assim como algumas correntes científicas, filosóficas e religiosas fazem. Desta forma, a experiência religiosa não deveria ser restrita a coisas absolutas, como buscar a Deus ou a verdade, e sim se pautar na vivência de cada pessoa e na sua busca de aperfeiçoamento. Assim, James (1902/1995) defende a ideia de que todas as pessoas têm a capacidade de mudar determinados padrões de comportamento e se tornarem melhores, seja no aspecto individual ou social, e isto é possível devido ao fato de toda a raça humana possuir um depósito de experiências que impulsionam o sujeito ao seu crescimento. Dentre esse núcleo das vivências humanas compartilhadas, está a experiência religiosa. Essa última faz parte das profundezas da alma humana, transcendendo a capacidade intelectual, pois ela é mais prática, mais poderosa, maior que o intelecto e mais vital para a humanidade.

Entrando agora na perspectiva teórica de Erick Fromm sobre a religião, segundo Tolomelli (2005), esse estudioso se dedicou muito a textos e obras que faziam uma reflexão sobre a religiosidade. Esta afeição a esse campo de estudo fez com que Fromm se voltasse não exclusivamente a compreensão da religião ocidental, como o fez em 1930 quando publicou o livro *O dogma de Cristo*, mas também a religião oriental, tanto que o autor se aproximou do budismo zen em meados de 1950. Na obra de 1930, Fromm fez uma dura crítica ao modelo institucional da religião católica, principalmente nas questões pautadas na supressão das potencialidades humanas e a total obediência aos credos. Fromm se aproximou muito de alguns conceitos elaborados por Freud sobre a religião, principalmente nas questões sobre o infantilismo dos fiéis esperando a boa vontade de Deus pai saciar seus desejos. Em uma obra posterior sobre a psicanálise e sua relação com a religião, Fromm questionou profundamente os modelos institucionais da religião e disse que essa última só tem validade quando se pauta no amor e nas relações humanitárias.

Quando esse mesmo autor teve a experiência com o budismo, ele observou o quanto a psicanálise e os fundamentos do zen budismo tinham um denominador comum: ambas analisam intensamente as profundidades do ser, propiciando uma acurada mudança de

² O pragmatismo pode ser entendido como uma corrente filosófica que prioriza a utilidade ou eficácia de uma determinada verdade. Em outras palavras, um conhecimento não pode ser denominado verdadeiro apenas por explicar, de forma minuciosa, um fenômeno, mas sim quando esta verdade se torna útil e aplicável para as modificações individuais e coletivas de uma sociedade.

perspectiva da realidade, principalmente quando o ser humano supera as limitações do ego e se depara com a ilimitada força do inconsciente, sem limites de espaço, sem paradoxos e atemporal. A partir de uma acurada análise dessa religião, Fromm pesquisou outras tradições místicas, como a cabala, o sufismo e outras tradições budistas, observando o quanto todas essas religiões buscam a experiência mais profunda do ser humano. Assim, ao analisar essas religiões, o pesquisador concluiu que, se o indivíduo se aprofundar ao entendimento do inconsciente, com um ego fortalecido e forte o suficiente para não cair nas mãos de uma psicose, o sujeito pode ter essa vivência religiosa plena, assim como o budismo prega em seus ensinamentos.

Finalizando essa parte, abordaremos um pouco sobre Maslow e a importância que o mesmo dá a religião/religiosidade. De acordo com Elkins (2005), Maslow foi um dos precursores da psicologia humanista, e este sempre teve uma forte preocupação com a questão da espiritualidade, tanto que Maslow colocou a espiritualidade e a religiosidade como aspectos fundamentais na realização de vida de um indivíduo. Esse mesmo autor da psicologia humanista criticava a ênfase em questões psicopatológicas dadas pela psicologia, principalmente a teoria psicanalítica. Tanto que a importância produzida pela corrente de pensamento do humanismo está focada nas referências de valores que um indivíduo tem, na sua saúde mental e na busca da auto realização da personalidade, sendo que essas referências de valores podem estar na vivência religiosa do indivíduo.

Ainda de acordo com Elkins (2005), Maslow não visualizava a religião como uma manifestação patológica dos sujeitos. Pelo contrário, o autor acreditava que o indivíduo estaria mais próximo de um adoecimento psíquico se o mesmo não se ligasse a questões religiosas; se não se indagasse, vivenciasse e não se preocupasse com questões ligadas a espiritualidade, religiosidade e transcendência. Por isso, para a psicologia humanista, a espiritualidade é uma fonte de estudos abundante para conhecermos a dinâmica comportamental humana, e a psicologia não deve deixar esse objeto de estudos de lado.

Saindo destas perspectivas desses grandes psicólogos, Paiva (1989) fez uma pesquisa que verificou os principais estudos envolvendo psicologia e religião no período entre a década de 50 até o final dos anos 80, observando quais áreas da psicologia estavam mais voltadas para os estudos do fenômeno religioso. O autor observou que a área da psicologia do desenvolvimento tinha pesquisas bem relevantes na área da religião.

Uma pesquisa que ganhou grande repercussão sobre o tema “religiosidade” foi o de Hutsebaut e Verhoeven (apud PAIVA, 1989). Esses autores realizaram uma análise com adolescentes observando qual a relação destes com a crença religiosa. Os autores concluíram que, conforme os jovens vão ficando mais velhos, existe uma tendência de eles abandonarem

as práticas religiosas (maior parte dos entrevistados já não frequentavam nenhuma instituição religiosa). Os pesquisadores concluíram que, a partir do momento que a autoridade familiar diminuía e as influências do grupo no qual o jovem estava inserido se tornavam importantes para a sua identidade, os adolescentes começavam a ter mais dúvidas a respeito da figura de Deus e se tornavam mais propícios a abandonarem as práticas religiosas e tornarem essa dimensão da divindade algo mais pessoal.

Estes mesmos estudiosos se pautaram teoricamente na proposta do desenvolvimento religioso descrito por Deconchy (apud PAIVA, 1989). Este dividia em 3 fases o desenvolvimento: em um primeiro momento, entre os 9-10 anos de idade, a criança tende a potencializar a figura de Deus e a lhe dar todos os atributos de bondade e lei. Num segundo momento, entre os 11-13 anos, o pré-adolescente tende a personalizar Deus, criando uma espécie de figura externa de um pai bom e sempre presente. Por último, temos a fase de interiorização, entre os 15-16 anos. Nesta fase, o adolescente tende a dar menor importância para uma figura de Deus externa e concreta, tendendo a interiorizar e a abstrair mais a ideia de Deus.

Entrando na década de 90, Amatuzzi (1998) pesquisou o desenvolvimento religioso nos indivíduos e criou, com o método fenomenológico, uma maneira de caracterizar as fases de desenvolvimento religioso, inspirado em autores como Piaget e Erickson. Fowler (1992) propôs os estágios de desenvolvimento da fé, desde a tenra infância até a velhice, explicando quais são as experiências e vivências necessárias para que o indivíduo desenvolva uma fé apropriada e madura para encarar as vicissitudes; Valle (1998), em seu livro "*psicologia e experiência religiosa*", nos explica a experiência religiosa e como esse fenômeno é importante para os indivíduos no seu crescimento pessoal e amadurecimento e até nas boas relações estabelecidas em sociedade.

Nos anos 2000, Milliman, Czaplewski e Ferguson, (2003); Robert, Young, e Kelly (2006) e Marques (2006) realizaram pesquisas pautadas na demonstração da importância da espiritualidade no ambiente de trabalho e o quanto a mesma é fundamental para a qualidade produtiva e nas boas relações profissionais. Já Moreira-Almeida (2007) estudou o valor da espiritualidade na saúde mental, devido a crescente busca das pesquisas psicológicas em compreender o bem-estar para os indivíduos a partir desse novo milênio. Autores como Panzini e Bandeira (2005) realizaram uma busca em vários artigos de saúde mental e pública, constatando que pessoas que vivenciam a religiosidade tendem a ser menos violentas, agressivas, a terem comportamentos inconsequentes, como colocar outros em perigo e a negar o uso de entorpecentes ilícitos. Mosquera e Stobaus (2006) demonstraram que o sujeito que tem

um nível espiritual elevado tende a ter maior resiliência para enfrentar adversidades, como doenças graves e suas consequências.

De acordo com Dorst (2016), houve um aumento da demanda, no século XXI, de pessoas que procuram a compreensão do sentido existencial devido as constantes crises culturais e socioeconômicas, e um tema que vem sendo abordado constantemente é o da espiritualidade. Devido a esse fator, não é de se estranhar que temáticas que envolvem a religiosidade e afins vem chamando a atenção da psicologia, principalmente de abordagens inspiradas no humanismo e na teoria de Jung, como exemplo, a psicologia transpessoal. Essa teoria tem como foco a exploração das potencialidades máximas do ser humano e sua constante vivência/experiência com a numinosidade.

Essa relação entre psicologia, espiritualidade, filosofia e religião ganharam forças devido aos grandes paradigmas científicos no século XX, mais especificamente a teoria da física quântica, da autopoiese, teoria dos sistemas, dentre outras. Essa grande gama de novas teorias que viam surgindo questionava modelos pautados exclusivamente no reducionismo e no mecanicismo, presas ao conhecimento científico tradicional. Com isto, temas como a religião, a espiritualidade e afins não são tão menosprezados pela atual psicologia. Pelo contrário, vem chamando a atenção de vários pesquisadores de variadas abordagens psicológicas (DORST, 2016).

Até aqui expomos brevemente a religião e a religiosidade dentro da perspectiva de algumas correntes de pensamento da psicologia. Agora iremos expor concisos apontamentos sobre a relação entre moral e a religião.

2.4 A relação entre a moral e a religião

Não é incomum encontrarmos pesquisas como a do professor da Universidade Federal de São Paulo Marcos Almeida (2004), que diz respeito à necessidade ou não do ser humano ter uma moral vinculada com alguma religião. Este mesmo autor, em seu artigo *Moralidade, ética e religião*, nos responde que não precisamos de religiosidade para nos tornarmos seres morais. Mesmo que a religião esteja inter-relacionada com a moral, uma não depende da outra.

Por outro lado, segundo uma pesquisa que faz uma leitura sobre a moral e a sua relação com a religião, de autoria de Valentim Neto (2008), muitas religiões, como o budismo, o cristianismo, o islamismo e o hinduísmo, partilham da mesma ideia quando falamos sobre a moral e sua relação direta com a religião. Isto porque seus líderes, das mais diversas crenças, têm ideais muito sólidos sobre os comportamentos que devem ser adequados para uma vida

digna e boa e sobre as condutas reprováveis, em outras palavras, sobre o certo e o errado. Mesmo se apontarmos as inúmeras diferenças entre as religiões, é visível a convergência moral entre as crenças quando falamos sobre o repúdio contra a violência, mais precisamente sobre os assassinatos, os furtos e a corrupção, e também sobre a aprovação de valores virtuosos, como o respeito, a compaixão, o amor e a solidariedade.

Entretanto, a autora nos diz que o papel da religião pode ser o oposto dessa busca do bem-estar social e individual dos sujeitos, induzindo os fiéis a intolerância e os tornando violentos com aqueles indivíduos considerados diferentes. Mesmo assim, na base da maioria das religiões, o amor, a compaixão e o respeito ao próximo são colocados como peças fundamentais nas relações humanas, e isso está coerente com os princípios morais.

Continuando com Valentim Neto (2008), a pesquisadora observou como a religião participa ativamente sobre questões como: comportamento sexual, criminalidade, delinquência, violência doméstica, na política e na reprovação de entorpecentes ilícitos. A mesma constatou que a religiosidade tem um papel importante na conscientização sobre as drogas e, em grande escala, maioria dos adeptos de alguma religião não usa ou consegue deixar de utilizar entorpecentes. Sobre a sexualidade, a religião foi e continua sendo, em grande parte, inibidora de condutas sexuais antes do casamento e condena relações homoafetivas. Mesmo tendo alguma tolerância condizente com as mudanças atuais em relação a sexualidade, grande parte das religiões ainda condenam certas condutas.

No que diz respeito a criminalidade e delinquência, são muito complexos e imprecisos os estudos que pesquisaram a relação entre a prática religiosa com a redução da criminalidade. Esta mesma autora analisou algumas pesquisas entre a década de sessenta até os anos noventa e constatou que é muito difícil afirmar que a religião tem um papel fundamental na redução da criminalidade, apesar das instituições participarem ativamente em campanhas e esclarecimento da população contra as condutas criminosas. Mais grave ainda é a relação entre violência doméstica e religiosidade, já que muitos religiosos ainda mantem uma visão patriarcal e machista, na qual acabam sendo violentos com seus cônjuges. Entretanto, autores como Panzini e Bandeira (2005) realizaram uma busca em vários artigos de saúde mental e pública, constatando que pessoas que vivenciam a religiosidade tendem a ser menos violentas, agressivas, a terem comportamentos inconsequentes, como colocar outros em perigo, e também são contra o uso de entorpecentes ilícitos.

Finalizando o ponto de vista de Valentim Neto (2008), a religião também tem uma ligação direta com as guerras e com a promoção da paz. Sobre aquela, é notável o quanto a religião pode incitar a violência no seu extremo, principalmente na pregação do fanatismo e da intolerância, como foi mencionado anteriormente neste trabalho. É comum algumas religiões se colorarem como melhores ou únicas e condenarem as outras que não partilham da mesma ideia e, desta forma, querer combater o “mal”. É também notável o quanto alguns se dizem escolhidos de Deus e se unem em grupos que pregam o preconceito e o extremismo, se tornando inflexíveis diante de qualquer ideal que seja o contrário do que pregam. Em relação a paz, a religião tem uma importância fundamental na pregação do amor, da humildade, da benevolência, empatia, simpatia, da reflexão sobre comportamentos que prejudiquem a si mesmo e aos outros, respeito as regras, promovendo a integridade e pacificação na sociedade, conscientizando seus seguidores para buscar a harmonia entre os indivíduos.

Ainda se tratando desta relação entre religião e guerra, Silberman (2005) ressalta o contexto histórico do surgimento das civilizações e o envolvimento desta com a religião, principalmente quando se trata de guerras. E isto não é exclusivo de apenas uma religião: são várias as crenças que se ocupam de ações de natureza destrutiva. Como exemplos, podemos ressaltar as perseguições que os cristãos sofriam dos romanos, as cruzadas e a inquisição, em tempos passados. Atualmente, basta observarmos a guerra entre hindus e muçulmanos em Caxemira, a guerra entre Israel e os palestinos pela terra santa, os fundamentalistas islâmicos que atacam todos aqueles que julgam religiões inferiores à sua, o conflito na Irlanda do Norte entre católicos e protestantes, dentre outros.

Desta forma, assim como mencionamos anteriormente, a religião também pode estar diretamente envolvida com atos grotescos e violentos, e isto se dá pela ênfase que as religiões dão ao pertencimento de um fiel ao seu grupo, aos seus valores e credos, e isto pode entrar em choque com outros grupos e crenças, promovendo assim a intolerância.

Continuando com o mesmo autor supracitado, ele também nos fala sobre a religião e a promoção da paz. Não se pode negar que a religião é um importante instrumento para apaziguar os indivíduos e ajudar-lhes nos conflitos existenciais. Sendo assim, a importância da religião na transmissão de valores se torna fundamental para a cultura e para a ética da sociedade, e dentre esses valores se destacam: a compaixão, o respeito, a solidariedade, a fraternidade, a empatia, a tolerância, e uma visão messiânica de melhora da vida e da justiça para todos.

Como exemplo de indivíduos que buscaram a paz, podemos citar Gandhi e Martin Luther King, que propagaram ideais de paz baseados em valores e virtudes religiosas. É

inegável a contribuição desses e de outros indivíduos que lutaram por uma sociedade mais justa e igualitária, projeto similar aquilo que algumas doutrinas religiosas implantam como busca de um mundo perfeito e paradisíaco para todos (SILBERMAN, 2005).

Atualmente, percebemos grandes projetos dentro do catolicismo que buscam promover uma distribuição mais igualitária dos recursos planetários, e também defendem a propagação dos direitos jurídicos de todos os cidadãos (SILBERMAN, 2005).

No budismo, de acordo com Dos Santos (2014), o doutor Ikeda, o representante maior da doutrina budista Mahayana, propaga entre os seus fiéis a busca de melhorar as potencialidades humanas e sua relação com o ambiente, e as temáticas voltadas para a compaixão, dignidade, solidariedade e fraternidade estão cada vez mais em alta nessa doutrina religiosa.

Como podemos observar até aqui, assim como mencionamos na introdução do nosso trabalho, mas agora de forma mais detalhada, a religião tem um papel fundamental na propagação de ideais cujo foco seja a melhoria das condições existenciais da humanidade e do meio ambiente, enaltecendo valores e virtudes morais, assim como também podem ser intolerantes com outras doutrinas e promoverem a guerra. Desta forma, a relação estabelecida entre as religiões e a moral, em grande parte no seu juízo e nas suas ações, é mais heteronômica ou mais autônoma, segundo a perspectiva da psicologia moral?

No intuito de realizarmos um questionamento mais preciso sobre a questão levantada, iremos abordar no próximo capítulo a psicologia moral e a sua relação com a religiosidade para, posteriormente, analisarmos o discurso dos líderes religiosos utilizando como alicerce a psicologia da moralidade humana.

3 A PSICOLOGIA DA MORALIDADE HUMANA E A RELIGIOSIDADE

Uma explicação sobre a Psicologia que busca compreender o desenvolvimento da moralidade, se pautando na psicologia moral de Piaget, Kohlberg, Puig e de outros autores que deram novos horizontes para esta teoria, pode ser elucidada por La Taille (2006). Segundo este mesmo pesquisador, a psicologia moral é uma corrente teórica da psicologia que objetiva a compreensão das regras e normas e de como estas são internalizadas pelos indivíduos nas suas relações sociais desde a infância até a fase adulta. Esta teoria também compreende as fases que os sujeitos vão adquirindo ao ir se desenvolvendo moralmente. Este desenvolvimento se divide em etapas que vão desde uma moral baseada em interesses privados até uma moralidade cooperativa e autônoma.

Desta forma, no próximo item iremos caracterizar as diferenças entre esses autores mencionados para compreendermos melhor as diferenças, semelhanças e o ponto de vista dos autores que originaram a teoria da psicologia moral e a relação com a religiosidade.

3.1 Contribuições teóricas de Piaget e de Kohlberg

Iniciando este subcapítulo, Segundo La Taille (2006), autores como Piaget e Kohlberg se centralizaram mais em compreender a moralidade e o desenvolvimento moral focando na capacidade da razão humana, e não se limitaram em caracterizar a moralidade e a sua origem de forma reducionista, restrita na obediência social que é muito superior ao indivíduo, como pensava Durkheim, ou como Freud compreende a internalização da moral, em que o indivíduo é pré-moral (anterior ao complexo de Édipo) e depois moral (ao passar pelo complexo de Édipo e constituir o superego).

Piaget (1932/1994), em sua obra *O juízo moral na criança*, explica que a moralidade vai se constituindo por etapas de desenvolvimento da vida, e se as interações do indivíduo com o meio que o circunda forem adequadas, ele vai passar de uma fase de anomia, que seria pré-moral, até chegar a uma fase de autonomia. Este mesmo autor vai observando, pelas suas pesquisas, que as pessoas têm tendências para desenvolver a moralidade e não ficar preso a uma obediência plena à sociedade, como acreditava Durkheim, ou se manter acorrentados às vontades do superego, como exposto por Freud. A autonomia seria o equivalente à superação dessa etapa de obediência, na qual o sujeito autônomo se pautaria mais nas relações de reciprocidade e cooperação com os outros indivíduos, em que existiria um respeito entre todos. Dessa forma, se pensaria e se questionaria as normas e regras morais buscando uma melhor

convivência social com os outros, e isso se daria graças à capacidade racional e à inteligência do ser humano.

Ainda para Piaget, o desenvolvimento dessa moral e a superação dessas etapas (autonomia, heteronomia) se dariam por meio das relações sociais: se o sujeito vive em um meio que respeita unilateralmente regras e normas impostas, esse mesmo indivíduo seria um forte candidato a permanecer preso na heteronomia. Mas, se o meio permite que as pessoas possam trocar experiências e cooperarem entre si, a autonomia pode ser alcançada.

Compete a nós apontarmos que a teoria de Piaget foi fundamental para o desenvolvimento desta perspectiva teórica, e que ela ganhou alguns adeptos e inspirou pesquisas posteriores nessa área. Um dos autores mais notórios é Kohlberg, que criou a teoria dos estágios morais.

Para Kohlberg (1992), a moralidade se efetiva por estágios. Divididos em etapas hierárquicas, o cerne da moralidade é o princípio da justiça. Este mesmo autor aprofundou os estudos sobre a moralidade piagetiana e elaborou uma teoria bem detalhada e rica sobre o desenvolvimento moral.

Segundo Puig (1996), Kohlberg se inspirou nas pesquisas de Piaget a respeito das diversidades do desenvolvimento da moralidade humana, que são processos considerados universais. Apesar de Kohlberg se inspirar profundamente na teoria piagetiana sobre a moralidade, ele se diferencia de Piaget em alguns aspectos, sobretudo na relação entre juízo e ação moral. Conforme Piaget, a ação é anterior ao juízo moral. Já Kohlberg pensa o contrário – é o juízo que vem primeiro e dá significado às ações posteriores.

Ainda de acordo com Puig (1996), as pesquisas de Kohlberg são pautadas na capacidade do indivíduo em pensar sobre temáticas morais. Para isso, este mesmo sujeito precisa obter certas aptidões de cunho psíquico para o desenvolvimento do juízo moral, a fim de conseguir passar de um estágio para o posterior. Entende-se por juízo moral, segundo a teoria de Kohlberg, como uma habilidade da cognição humana que busca distinguir o que é bom ou ruim, certo ou errado, pautado na concepção de justiça. Esse desenvolvimento moral ocorre por meio das relações sociais entre os indivíduos e também da capacidade cognitiva de cada um, e a falha ou precocidade de alguma dessas condições retarda ou não permite que o indivíduo passe de uma etapa para outra.

Antes de explicarmos os níveis e estágios morais segundo a teoria de Kohlberg (1992), iremos apontar alguns detalhes sobre o que são os níveis e os estágios. Em primeiro lugar, vale destacar que todo nível da teoria de Kohlberg possui dois estágios; os níveis podem ser

caracterizados como os meios utilizados pelo indivíduo para resolver problemas morais, e os estágios podem ser entendidos como a maneira pelo qual o sujeito emprega o juízo moral.

De acordo com o mesmo autor supracitado, a primeira etapa é o nível pré-convencional, composto pelos primeiros e segundo estágios. Este nível pode ser entendido como a fase em que as necessidades individuais se tornam a prioridade do indivíduo. Em outras palavras: é a etapa em que os comportamentos hedonistas e egoístas são fundamentais para o sujeito. Já o segundo nível é o período denominado por Kohlberg como convencional, em que o indivíduo começa a se comportar preocupado na forma em como agir diante da sociedade, buscando atender as demandas culturais. Este nível é composto pelo estágio três e quatro, e nessas fases a conscientização da moralidade, assim como foi mencionado, estabelece uma ligação com os deveres impostos pela sociedade, marcado também pela preocupação do sujeito no acolhimento e aceitação social.

E, por último, segundo a teoria dos estágios morais de Kohlberg, temos o nível chamado pós-convencional. Este nível, considerado o mais elevado moralmente, tem como base a moralidade pautada em princípios morais universais, no qual o bem-estar dos indivíduos são a maior prioridade.

Desta forma, entendemos que cada nível é composto por dois estágios e, no total, temos três níveis e seis estágios (KOHLBERG, 1992). Explicando agora de forma mais detalhada, iremos começar pelo primeiro estágio do nível pré-convencional. A característica básica deste estágio que estamos explicando é a moralidade rigidamente egoísta, aparecendo nos primeiros anos na vida da criança. Posteriormente ela vai adquirindo traços heterônomos, principalmente por causa da submissão do jovem diante das vontades e dos deveres impostos pelos adultos, e pelo temor do castigo, a criança prefere obedecer.

O segundo estágio do período pré-convencional já tem traços mais pautados numa relação com o outro, entretanto, a prioridade do indivíduo é sempre satisfazer suas vontades. Sendo assim, relações de reciprocidade, compaixão e solidariedade não estão presentes no comportamento do sujeito nesse estágio. Isto ocorre porque a forma como ele se relaciona é buscando atender seus interesses, e as outras pessoas só são ajudadas ou beneficiadas a partir do momento que elas aceitem se submeter às vontades egoístas dos indivíduos desse segundo estágio. É comum encontrarmos essas atitudes em jovens de oito até mais ou menos os quatorze anos.

Entrando agora no período convencional, iremos explicar o terceiro estágio. Este pode ser entendido como os comportamentos pautados nos valores normativos culturais. Este estágio aparece na adolescência e pode perdurar por toda a vida. Esta fase pode ser caracterizada como

o estágio do agrado aos outros. Em outras palavras, são atitudes e comportamentos de um sujeito que age sempre procurando aprovação das pessoas que o cercam, como os amigos, os familiares, e das demais pessoas e grupos que ela admira e faz parte. Portanto, a pessoa que se encontra nesse estágio procura agir e se comportar de acordo com as expectativas que os outros tem dela. Desta forma, este sujeito procura viver de maneira coerente com aquilo que a sociedade, o grupo e as pessoas próximas consideram como uma boa índole social. É interessante ressaltar que nessa fase já começa a preocupação do sujeito em ser recíproco com as demais pessoas, deixando de lado o egoísmo e o puro interesse (KOHLBERG, 1992).

Já o último estágio do período convencional pode ser entendido como a fase em que o indivíduo se pauta nos valores sociais, como a educação, o respeito, a dignidade, a benevolência, a solidariedade, ou seja, virtudes humanas que são valorizadas dentro da sociedade. Predomina também o respeito pela ordem social, e o anseio do sujeito é cumprir com os deveres e leis que considera correto. Essa fase geralmente se inicia na metade da adolescência e pode se estender, como no terceiro estágio, por toda a vida. Vale ressaltarmos que, segundo Kohlberg (1992), a maioria das pessoas se encontra nesse estágio.

Entrando agora no nível pós-convencional, o quinto estágio é conhecido como a moral do contrato, em que a prioridade deve ser os direitos de cada ser humano. Essa fase aparece geralmente no fim da adolescência, e em relação à noção de justiça, ela se pauta nos direitos humanos de cada pessoa, uma vez que existe sempre a luta pelo bem-estar dos seres humanos, mesmo que para isso as normas e regras tenham que ser burladas ou modificadas. As formas sociais autoritárias ou muito rígidas na imposição de suas regras e normas são criticadas e substituídas por análises que se baseiam no respeito, no cooperativismo e na solidariedade.

Por último, Kohlberg (1992) define o sexto estágio como a fase moral em que princípios morais e éticos se tornam universais. Os sujeitos que conseguem alcançar esse estágio já são adultos e jamais conseguiriam chegar a essa fase antes de completar seus 20 anos de idade. Neste último grau moral, o que predomina é o respeito pelo outro, pela dignidade e pela autonomia de cada um. Agir corretamente, para a pessoa desse estágio, é basear-se em princípios éticos, de caráter universal, que decidiu escolher e avaliar, por meio de sua consciência, qual a melhor forma de agir em determinados momentos e contextos. O indivíduo cria um pacto com essa escolha pessoal e dedica-se plenamente a esses valores que eleger obter.

Este mesmo autor alerta que poucas pessoas atingem o quinto estágio de desenvolvimento moral, e apenas algumas figuras ilustres, como Gandhi, Madre Tereza e Luther King foram capazes de atingir o sexto estágio.

Até aqui expomos alguns pressupostos fundamentais para compreendermos a ênfase que Piaget e Kohlberg davam a razão e a importância desta para o desenvolvimento de uma moralidade autônoma, visando a justiça entre os indivíduos. Neste item exibimos a visão de Piaget e Kohlberg sobre o desenvolvimento moral, e no próximo item iremos destacar algumas modificações na teoria de Kohlberg e demonstrar um ponto que nos interessa: a inclusão do sentimento religioso no desenvolvimento de uma moralidade pós-convencional.

3.2 Modificações teóricas de Kohlberg e a inclusão do cuidado, da compaixão e da religiosidade no desenvolvimento moral

A importância em destacar todos os estágios de Kohlberg, como citamos no item anterior, se dá pelas alterações que o autor fez em sua teoria na década de 80. Segundo Yáñez-Canal (2012), Kohlberg foi influenciado por pesquisadores como Fowler, Habermas, Erickson e Gilligan, e com isso fez algumas alterações teóricas. Ele incorporou nos seus estágios a importância do cuidado, da simpatia, da empatia, e o que mais nos interessa: do pensamento religioso como um aspecto fundamental no desenvolvimento do juízo moral do sujeito. Seus postulados anteriores, que eram só pautados na racionalidade e no sentido de justiça, foram complementados com essas novas ideias, e esse mesmo autor também acrescentou que as pessoas continuam desenvolvendo sua moral em todas as idades, até na velhice. Kohlberg não abandonou sua teoria sobre os estágios morais, mas passou a considerar novas propostas que anteriormente ele refutava.

Para detalharmos melhor essas mudanças ocorridas na teoria de Kohlberg, iremos explicar, nos pautando em Yáñez-Canal (2012), a resistência de Kohlberg em mudar sua teoria e, no final da década de oitenta, como ele complementou o entendimento sobre o desenvolvimento moral e incorporou outros valores.

Segundo este mesmo autor que foi mencionado, Habermas foi um crítico fundamental da teoria Kohlberiana, principalmente na sugestão feita por aquele pesquisador de que Kohlberg deveria focar mais na dialógica no desenvolvimento moral, ou seja, na construção de princípios morais universais pautados numa construção comunitária e não tão monolga e individual. Kohlberg resistiu a essa crítica e assinalou que já tinha incorporado em sua teoria a dialógica. Isso abriu as portas para outras críticas. Como exemplo, Selman, Mead e Baldwin também enfatizaram a falta de diálogos mais comunitários na teoria Kohlberiana, criticaram a elaboração de uma teoria moral exclusivamente liberal e que seguia os padrões da ideologia

ocidental, e a ausência de conceitos fundamentais para uma relação moral mais plena e não tão pautada somente na racionalidade.

Kohlberg não aceitava essas críticas e sempre se baseava no seu método empírico, racional, objetivo e universal para defender sua tese sobre o desenvolvimento moral e colocar outras teorias morais abaixo da sua. Entretanto, autores como Gilligan, Fowler, Erikson e Broughton (apud YAÑES-CANAL, 2012) eram pesquisadores mais relativistas e enfatizaram muito a benevolência e o cuidado como fundamentais para o desenvolvimento moral.

Dentre esses pesquisadores, exporemos brevemente o posicionamento teórico de Gilligan (1993). Esta autora se destacou pelo fato de revisar os dilemas morais propostos por Piaget e Kohlberg, principalmente nas mulheres. Ela utilizou o método clínico Piagetiano e entrevistou tanto mulheres como os homens, em idades diversificadas, ou seja, crianças, adolescentes, adultos e idosos. Apesar de se apropriar do mesmo método de Piaget, a pesquisadora propôs narrativas muito mais abertas para a discussão sobre os dilemas e conflitos morais, possibilitando que os sujeitos que eram pesquisados pudessem se expressar de forma mais livre, principalmente as mulheres.

Sendo assim, as contribuições de Gilligan são referentes ao papel do cuidado na relação entre juízo e ação moral e das necessidades pessoais e culturais do sujeito para o seu funcionamento psicológico moral. Ela afirma que tanto a teoria de Piaget quanto a de Kohlberg se centraram exclusivamente na moralidade masculina, pois destaca somente a justiça e a racionalidade, não levando em consideração outros aspectos fundamentais no desenvolvimento moral do indivíduo, principalmente a moralidade feminina, que é mais pautada na ética do cuidado e leva mais em consideração a afetividade para o desenvolvimento moral da mulher. É importante ressaltar que esta mesma autora não desconsidera as propostas de Piaget e Kohlberg sobre a racionalidade e a justiça, mas ela acredita que tanto o cuidado quanto a justiça, a racionalidade e a afetividade são peças fundamentais e complementares para o desenvolvimento da moralidade humana.

Outro ponto interessante de se avaliar na teoria de Gilligan é que a moral de um sujeito é diretamente influenciada pela cultura em que o mesmo está inserido. Basta observarmos as relações de gêneros e o quanto a mesma interfere nos padrões de comportamentos que são estabelecidos para os homens e para as mulheres, até mesmo quando tratamos de moral e ética. Em outras palavras, Gilligan sustenta a ideia de que o desenvolvimento psicológico dos homens e das mulheres, desde a tenra infância, são diferentes, e isso também interfere no desenvolvimento moral: na vida adulta as mulheres, em geral, desenvolvem uma moralidade diferente da dos homens. Assim, a autora denuncia o quanto as mulheres não são escutadas e

demonstra como os homens têm mais voz na sociedade para ditar padrões e normas universais (GILLIGAN, 1993).

Este posicionamento de Gilligan e de outros autores da psicologia moral que romperam com paradigmas vigentes fizeram com que Kohlberg, no final dos anos oitenta, ao invés de se defender novamente contra as críticas de sua psicologia moral, incorporasse outros conceitos para complementar sua teoria. Sentimentos como a empatia, simpatia vital, sabedoria, religiosidade, irmandade e amor não foram vistas como virtudes secundárias e desimportantes: elas foram acrescentadas e se tornaram fundamentais para um desenvolvimento pleno da moralidade humana.

Kohlberg unificou os conceitos “justiça” e “cuidado” buscando compreender o princípio do respeito ao próximo, se pautando em um compromisso estabelecido entre as pessoas para buscar o bem-estar de todos. Isso fez com que o autor incorporasse na sua teoria as noções de simpatia, empatia, compaixão e solidariedade. Esses novos complementos teóricos fizeram com que o pesquisador ampliasse os discursos referentes ao conceito de justiça, tanto que ele acrescenta em sua teoria que, para classificar um juízo moral do seu sexto estágio pautado na justiça, ele deve ser acompanhado de uma simpatia vital e pelo sentimento de um cuidado para todos os seres humanos.

Essa inter-relação entre a justiça e a simpatia vital apontada por Kohlberg demanda uma luta ativa contra todas as formas de injustiça presentes, mas também condena toda prática e discurso violento e vingativo.

Complementando essa ideia sobre a relação entre justiça e a simpatia, esses dois conceitos devem ser contra comportamentos e ideais que pregam a intolerância, o anseio pelo poder e a violência. A Justiça proposta por Kohlberg deve buscar maneiras de se pregar e estabelecer a paz, o respeito e a dignidade humana, não o contrário disso. Como exemplo, o autor observa que algumas figuras ilustres na sociedade, como Gandhi, lutaram pela justiça de forma pacífica e comprometidos com o bem-estar social, então eles se enquadrariam no último estágio do período pós-convencional. Já teóricos e revolucionários como Robespierre e Lenin também lutaram pela justiça social, entretanto, esses mesmos intelectuais pregavam a violência, legitimando essa atitude como um meio no qual poderiam alcançar a justiça. Sendo assim, estes últimos autores jamais estariam no período pós-convencional proposto por Kohlberg, pelo fato de lhes faltarem o sentimento de simpatia pelo próximo, por falta de compaixão aos outros e de moderação na forma de avaliar seus ideais.

Continuando com Kohlberg, a incorporação de conceitos que anteriormente ele colocava em segundo plano fez com que este autor ampliasse a forma de compreender a justiça:

essa última está interligada pela constante busca pelo bem-estar social, com o compromisso com a dignidade e com o respeito por todos. Mais do que isso, a justiça deve se comprometer com toda a ação e responsabilidade que garanta condições sociais mais justas. Este mesmo autor incluiu no seu último estágio moral o comprometimento que um indivíduo deve ter em defesa das causas sociais, e isso alterou de forma significativa sua teoria moral.

É importante ressaltar que o autor recorre também ao sentimento de irmandade universal, este último tendo uma relação direta com o sentimento religioso. Para o autor, todos nós estamos de alguma forma conectados e possuímos algo em comum, e por isso temos em nós mesmos o sentimento de irmandade, compaixão, solidariedade, benevolência, dentre outros. A justiça, de forma universal, deve alcançar todos aqueles que de alguma forma foram prejudicados e que precisam que a sua dignidade seja reestabelecida, e que todos nós somos irmãos e irmãs que devemos compartilhar a solidariedade, a liberdade, a empatia e o amor. Só estes elementos nos colocam em uma relação verdadeira com o outro ser humano. Sendo assim, não devemos contemplar só a responsabilidade e ter empatia por aqueles que estão próximos, mas sim devemos ter uma responsabilidade e empatia por todos (YAÑES-CANAL, 2012).

Complementando o que foi anteriormente mencionado, essa preocupação e responsabilidade generalizada por todos os seres que habitam o mundo só se torna possível graças ao que Kohlberg chama de sentimento religioso. Este autor se inspirou em autores como Fowler e Erikson para retratar o sentimento religioso e a sua importância no desenvolvimento moral. Iremos explicar brevemente a teoria desses últimos autores mencionados.

Fowler ficou mundialmente conhecido por sua obra *estágios da fé: psicologia do desenvolvimento humano e busca de sentido*, originalmente publicada em 1981. Segundo o próprio autor, os seus primeiros ensaios sobre uma teoria que tinha como base a fé se iniciaram em 1972, e em 1975 ele foi convidado para discutir com alguns pastores sobre os estágios da fé. É importante destacar que Fowler teve contato com a teoria de Kohlberg em 1972 e esta foi essencial para auxiliar no desenvolvimento dos seus estágios da fé.

Apesar de ser influenciado pelas pesquisas de Piaget e Kohlberg para fundamentar a estrutura dos seus postulados teóricos, Fowler criticou a postura exclusivamente racional e cognitiva para compreender o desenvolvimento moral desses autores. Para ele, os estágios da fé não poderiam ser compreendidos somente por uma leitura estrutural-cognitiva do indivíduo. Mais do que isso, o desenvolvimento da fé abrange diferentes fatores, como a passionalidade, o comprometimento, o conhecimento, a afetividade, dentre outros. Fowler também alegou que a teoria piagetiana separava analiticamente a razão dos sentimentos, visto pelo autor como algo a ser analisado conjuntamente para a compreensão do desenvolvimento da fé (FOWLER, 1992).

Os estágios da fé de Fowler são divididos em seis pontos: na fase latente da infância temos a fé intuitivo-projetivo; na infância, aproximadamente entre os 7 anos de idade até os 12 anos, comumente encontramos a fé mítico-literal; na adolescência temos a fé sintético-convencional; no começo da maturidade geralmente as pessoas se encontram no estágio de fé individuativo-reflexiva; a partir dos 40 anos temos a fé conjuntiva e, por último, sem uma classificação determinada da idade, temos a fé universal. Iremos explicar cada uma delas.

Antes mesmo desses seis estágios, Fowler nos diz que existe um período, no primeiro ano de vida, que o lactante vai se desenvolvendo e se constituindo enquanto sujeito na sua relação com a mãe e com outras pessoas que ele vai adquirindo apego. Devido a isso, o bebê vai criando vínculos afetivos de confiança e ternura. Isto, para o autor, seria o começo da fé. Posterior a essa fase, temos a fé intuitivo-projetiva, que pode ser entendida como a fase na qual a criança começa a ter acesso à linguagem e assim começa a criar símbolos e imagens das coisas, e também da figura de Deus, ligadas a sentimentos de amor, culpa e medo. Em seguida, temos a fé mítico literal, caracterizada pelo estágio no qual a criança começa a ter uma leitura da fé mais concreta e literal, baseada nas explicações de uma figura adulta.

O próximo estágio é a fé sintético-convencional. Nessa etapa, o adolescente já pensa de forma mais abstrata e consegue se ver a partir da perspectiva de outra pessoa. Nessa fase o jovem começa a desenvolver sua própria identidade, pautada nas relações estabelecidas com os amigos e familiares. Deus passa a ser uma figura divina que o orienta e estabelece uma relação mais íntima. Já a fé individuativo-reflexiva pode ser entendida como a fase na qual o adulto tem uma autonomia para pensar e refletir sobre as crenças religiosas. O indivíduo começa a se questionar e criticar valores anteriormente estabelecidos e, dessa forma, começa a criar outra concepção da fé.

Os últimos dois estágios são a fé conjuntiva e a fé universalizante. Na primeira, o sujeito começa a se confrontar com alguns aspectos da vida e do caminho que está traçando, começando a relativizar suas escolhas e ampliar suas perspectivas diante as vicissitudes. Visualiza a figura de Deus como algo transcendente. O último estágio é caracterizado pela capacidade de o indivíduo superar as dicotomias e paradoxos da existência; deixa de lado seu Eu e começa a se ver não mais como o centro das coisas, mas como parte de algo maior e mais complexo (STRECK & SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996).

Discutindo agora sucintamente a teoria de Erikson, este autor desenvolveu uma pesquisa de cunho psicossocial se pautando nas relações do indivíduo com o meio e o quanto este é fundamental para o desenvolvimento da personalidade. Ele também criou uma teoria do desenvolvimento da personalidade que se pauta em estágios, na qual os sujeitos vão superando

uma etapa e passando para a outra. São 8 estágios no total, e podemos explicá-los da seguinte forma, segundo os mesmos autores citados anteriormente:

No primeiro estágio, classificado como a fase de confiança versus a desconfiança, o bebê começa a estabelecer relações com os seus cuidadores e com isso surge o sentimento de confiança. Em outras palavras, a primeira relação social significativa que a criança adquire provém dos cuidados parentais. Em contrapartida, se essa mesma não tem cuidados adequados provenientes das figuras cuidadoras, ela pode desenvolver comportamentos de insegurança, no qual sua personalidade pode ser marcada por traços de ansiedade e desconfiança das pessoas. O segundo estágio é marcado pela autonomia versus a vergonha. Nessa fase, a criança já está começando a mergulhar no mundo dos símbolos e da linguagem, e também já tem certas habilidades motoras mais desenvolvidas, fazendo com que a mesma consiga manusear objetos, permitindo, assim, que o indivíduo tenha um começo de autonomia perante algumas circunstâncias da vida. Por outro lado, se a criança começa a receber muitas críticas dos pais ou adultos, ela pode se tornar uma pessoa muito vergonhosa.

O terceiro estágio, intitulado “iniciativa versus culpa”, se dá numa etapa da vida na qual o indivíduo está se defrontando com o desenvolvimento de alguns aspectos da sexualidade (Erikson se inspirou na fase psicosexual freudiana) e também se depara com a capacidade de tomar iniciativas. Nesta etapa, pela evolução física e psíquica da criança, ela já tem uma capacidade cognitiva e intelectual que a torna capaz de organizar e planejar suas atividades, sendo mais determinada a fazer as coisas. Pelo fato dela já adquirir mais habilidades com a escrita e a fala, a criança consegue ter mais sociabilidade e, com isso, se enriquece intelectualmente a ponto de conseguir planejar e tomar iniciativa. O quarto estágio é denominado diligência versus inferioridade. Nesta fase, a criança começa a organizar seus pensamentos e direcionar eles para a educação que recebe na escola ou a educação formal que recebe dos pais. É interessante ressaltar que é neste momento que a criança começa a perceber o quanto ela ganha ao ser uma pessoa aplicada e persistente. Por outro lado, se ela começar a se exigir demais e falhar na sua busca de perfeccionismo, ela pode se sentir inferior aos outros e ter traços marcantes na personalidade de sentimentos de inferioridade.

A quinta fase, classificada como identidade versus confusão de identidade, é o estágio em que o adolescente começa a buscar sua identidade baseada nas suas relações e influências que teve na infância. É marcada por ser uma fase de muitas perguntas e questionamentos do adolescente perante a vida. As perguntas mais frequentes estão relacionadas ao que o adolescente quer ser na vida, quem ele é, o que ele quer e se ele é diferente das suas figuras paternas. É tentando responder a essas incógnitas que o adolescente vai criando sua

personalidade e os seus comportamentos perante a sociedade. Toda essa preocupação que o adolescente vai vivenciando nessa busca de identidade também cria nele um desconforto, a ponto dele se confundir nas suas escolhas e na sua busca de identidade. As constantes influências do meio e a opinião dos outros geram muita angústia no indivíduo, sendo comum este ter mudanças constantes na forma de se comportar e ter crises na sua identidade. No próximo estágio, intitulado intimidade versus isolamento, o sujeito, após ter definido a sua identidade, começa a buscar se unir a uma outra identidade e a buscar a intimidade. Para isso, o indivíduo precisa estar se sentindo confiante e bem com a sua própria identidade. Caso isso não ocorra e o sujeito se sentir muito inseguro consigo mesmo, ele vai preferir se isolar e fugir de coisas que lhe tragam desconforto.

O penúltimo estágio, classificado por Erikson pela generatividade versus estagnação, é entendido como o momento em que o indivíduo avalia sua vida e começa a perceber e se preocupar com aquilo que ele fez e com o que ele espera fazer. Também se preocupa muito com seus valores que foram adquiridos, com o que deseja preservar e transmitir para os outros. Se isso ocorrer de forma positiva, o sujeito se sente bem em ter passado um pouco de si para os outros, caso ocorra de forma negativa, o indivíduo sente que tudo o que construiu foi em vão, e se sente estagnado em suas buscas.

O último estágio é intitulado integridade versus desespero. Nessa etapa, o homem busca refletir sobre a sua própria história, sobre o que fez na vida e o que semeou. Essa volta para si mesmo de forma reflexiva pode gerar um desespero imenso no sujeito, pois ele começa a se deparar com o fim da vida e observa que alguns sonhos e desejos não foram concretizados e não tem mais tempo hábil para isso. O mesmo pode sentir a sensação de integridade e de sabedoria, entendendo que conseguiu realizar muitas coisas que lhe fizeram sentido e aprender muito com as vicissitudes e dificuldades existenciais.

São essas teorias, mais precisamente os últimos dois estágios da fé de Fowler e o oitavo estágio de Erikson, que fez com que Kohlberg incorporasse em sua teoria a importância dos últimos momentos da vida, nos quais o ser humano se confronta com a morte, com seus limites, e busca compreender o sentido da existência e da transcendência. Essa reflexão gera no indivíduo a procura de integração e união com o universo, buscando a totalidade e comunhão do seu eu com o infinito, e esse seria o sentido mais puro e claro do que seria o ideal religioso.

Sendo assim, o religioso, segundo Kohlberg, além de ter ligação com a transcendência, tem também relação forte com um sentimento de integridade, pertencimento a humanidade e responsabilidade com a vida e o seu semelhante. Nos últimos escritos desse autor, o mesmo faz

uma relação entre o misticismo e a religiosidade, na qual o indivíduo começa a enxergar além do seu próprio eu e consegue olhar com maior clareza, serenidade e comprometimento consigo mesmo e com os outros, assumindo uma postura muito mais responsável com o mundo.

Vale acrescentar que a justiça, a partir dos últimos escritos de Kohlberg, está relacionada com o misticismo, principalmente nesse ideal de romper com a individualidade, buscando uma relação forte com os outros, almejando o bem-estar universal.

Esse misticismo é entendido pelo autor como a busca de reconciliação, perdão e paz consigo mesmo e com a vida, depois de muitas experiências vivenciadas e sofridas. Essa sensação mística também provoca incertezas e dúvidas aliadas a sentimentos de pertencimento e compromisso com o outro, auxiliando o indivíduo a lidar com conflitos e buscar o amor, a fraternidade, a simpatia e a paz com si mesmo e com o outro.

Nas palavras de Rondon (2009), a sustentabilidade que Kohlberg dá na relação entre moralidade e religião é baseada na concepção de que, pelas evidências psicológicas, seria claro observar que o desenvolvimento dos estágios morais, centrados na justiça, tem uma forte ligação com o desenvolvimento do pensamento religioso no homem. Desta concepção central do pensamento de Kohlberg, uma proposta de um 7º estágio do desenvolvimento moral foi previamente estruturada, mais como um protótipo teórico do que uma abordagem metodológica pronta. Independente disto, este novo estágio apontado por Kohlberg seria muito próximo do sexto estágio, no qual seria complementado por um maior raciocínio religioso. Este último estágio proposto por Kohlberg se centraria nas experiências individuais ou coletivas dos sujeitos na busca de unificação com o que lhes transcende, independente da crença religiosa destes indivíduos.

A importância desta experiência de transcendência da consciência é a possibilidade de superar a materialidade dos fatos constatados pela percepção e ir além da interpretação individual e da vivência do ego. Seria uma busca do indivíduo na unidade entre ele e a totalidade da natureza; da plenitude entre o ser e as coisas, a união do cosmos. Essa perspectiva de Kohlberg se aproxima muito daquilo que Jung (1980) chamou de a vivência do numinoso, dessa experiência que transcende o racional, a lógica e tudo aquilo que acomete o consciente, trazendo a sensação de preenchimento e espanto ao mesmo tempo.

Apesar disto, Kohlberg enfatiza a capacidade da cognição humana em perceber essa experiência e disto ter um “insight”, um “despertar” sobre o que essa vivência trouxe e o que se pode fazer com ela. Este mesmo autor sustenta que esse “despertar” comumente ocorre diante de um sentimento de aflição muito forte, principalmente em condições em que o indivíduo se encontra impotente e limitado perante algum acontecimento. Desta forma, essa integração com

a natureza e o cosmos vem como uma força compensadora para o indivíduo suportar momentos de crises existenciais que lhe geram sofrimento, injustiça e medo da morte.

Ainda de acordo com Rondon (2009), o pensamento de Kohlberg sobre a relação entre a moral e a religião não se deu nem por via da perspectiva da teoria fundamentalista da religião, que acredita que a moral se revela para os homens, e nem pela perspectiva ateísta de Freud, que acredita que a religião é uma mera ilusão construída pelo homem para dar explicações frente aos inevitáveis acontecimentos da vida que propiciam sofrimento e agonia. Diante disto, Kohlberg propôs a teoria da lei natural da moral e da religião.

Esta teoria foi inspirada nos ideais de Tomás de Aquino e no teólogo Paul Tillich, e se fundamenta no princípio de que a justiça se apresenta de várias maneiras, em contextos históricos e culturais diferentes, e há nessa natureza de justiça algo universal e captável pela razão, independente da fé ou da religião que as sociedades praticam. Esse princípio universal da justiça é comumente encontrado na base do pensamento religioso, e que deveria ser o guia maior de qualquer sociedade, principalmente nas relações humanas.

Dentre exemplos dessa lei natural da moral e da religião, Kohlberg nos conta sobre o sacrifício de Sócrates e de Martin Luther King. Ambos tinham preceitos de justiça muito enraizados e se sacrificaram para sustentar esses ideais e disseminá-los. O que os dois têm de semelhante é que eles tinham uma questão religiosa muito forte que os sustentaram na luta por justiça social, tanto que essas figuras históricas permaneceram firmes e tranquilos diante da morte e da entrega das suas vidas para que seus ideais permanecessem se propagando pela história da humanidade. Desta forma, Kohlberg conclui que o sentimento de justiça plena no seu juízo e na sua ação moral, principalmente em casos em que o indivíduo se encontra em risco de sofrer consequências últimas em prol dessa busca, se encontram respaldadas por um forte sentimento religioso (RONDON, 2009).

Sendo assim, Kohlberg enfatiza que essa lei natural da moral e da religião, como o próprio conceito já nos diz, não é uma condição aprendida pelo homem de forma livre e muito menos um conceito construído socialmente e relativizado pelas culturas: é algo intrínseco a natureza humana, foi desenvolvida e aprimorada sobre a essência da natureza humana, portanto é algo natural e universal na história da humanidade (KOHLBERG, 1984).

A base desse pensamento deste autor se aproxima muito com a teoria de Espinoza, de Kant e dos estoicos. Além disso, esse conceito de lei natural, baseado no conceito de essencial

da natureza humana e sua ligação com o sentimento religioso, pode ser encontrado em Jung, mais especificamente na abordagem deste último autor sobre os arquétipos³.

De acordo com Kohlberg (1984), não podemos ser reducionistas ao pensar que os fundamentos da moralidade humana são imutáveis, simplesmente pautados na obediência ou em princípios religiosos institucionalizados. A lei natural nos remete ao conceito de autonomia da moralidade, e essa autonomia é independente de julgamentos baseados em valores criados institucionalmente, como no valor da instituição religiosa. Ainda de acordo com este autor, o mesmo afirmou que o desenvolvimento moral independe de uma crença religiosa, até nos estágios mais avançados da moralidade existem muitas divergências do padrão de se ver a religiosidade, principalmente a religião institucional.

Complementando este último discurso, Kohlberg (1984) defende a hipótese de que a autonomia moral é o ponto fundamental para uma análise crítica do discurso, pautado na razão, sobre qualquer outro discurso moral que tem apelo religioso, político ou científico.

Resumindo a análise que fizemos, Kohlberg incorporou os sentimentos de amor, irmandade, identificação com os outros sujeitos e o compromisso com o bem-estar humano, todos esses derivados da religião ou de experiências religiosas, cuja finalidade é a busca da justiça para todos. Ele uniu a ideia de justiça e cuidado, procurando estabelecer a preocupação pela igualdade e dignidade de todos os seres humanos, buscando combater as injustiças sem o uso da violência (YAÑES-CANAL, 2012).

Por agora, apresentaremos uma teoria contemporânea e que foi fundamental para os avanços das pesquisas em psicologia moral: a formação de uma personalidade moral segundo Puig.

3.3 A proposta de uma teoria sobre a personalidade moral

Logo no prefácio da obra “A construção da personalidade moral”, de Puig (1998), La Taille faz um comentário muito consistente e importante sobre os paradigmas da moralidade e da ética na contemporaneidade. O autor faz uma análise das mudanças nos valores morais na atualidade e os problemas que isso acarreta desde o âmbito social, político, até o individual. Dessa forma, estudar a moralidade dentro de perspectivas sociológicas, filosóficas, antropológicas e psicológicas se tornam fundamentais para compreendermos a complexidade

³ De acordo com Jung, os arquétipos são formados e herdados pelas experiências ancestrais dos nossos antepassados, e destas vivências originaram certas imagens primitivas, como se fossem padrões de comportamentos arcaicos que todos nós herdamos. Essas imagens se encontram armazenados no inconsciente que é partilhado pela humanidade, uma raiz de toda essência que nós, enquanto humanos, temos em comum, denominado por Jung como inconsciente coletivo.

da moral na contemporaneidade e propormos teorias e práticas cuja finalidade seja a melhoria das relações humanas, promovendo mais dignidade, justiça, ética e paz entre os sujeitos. Sendo assim, a importância de se estudar temas novos sobre o campo da moralidade se torna cada vez mais importante, e incluir novas temáticas nas pesquisas de psicologia moral se tornam fundamentais.

Sendo assim, La Taille nos diz o quão importante é essa obra de Puig (1998) para a psicologia moral. Este último autor propôs a ideia de pesquisar a construção da personalidade moral, reformulando alguns pontos colocados por Piaget e Kohlberg, principalmente no que diz respeito a autonomia.

Cabe a nós adiantarmos uma colocação bem importante sobre a construção da personalidade moral: a moral não é algo dado ao ser humano, ou somente algo intrínseco; como se fosse da própria natureza humana. Segundo os aportes da psicologia moral, ela é construída pelo convívio cultural, mas também reconstruída individualmente, ou seja, criamos valores morais que desejamos para a cultura no qual estamos inseridos, mas para dizermos que construímos uma personalidade moral, como a própria conotação “personalidade” já quer dizer, passamos por uma avaliação pessoal sobre quais valores foram construídos socialmente e refletir e avaliar, de forma autônoma, sobre esses valores morais que escolhemos para nós e quais valores não são importantes para a vida individual e coletiva.

Dessa forma, como se constrói essa personalidade moral que visa a autonomia do indivíduo? O autor se pauta numa educação moral cujo foco não seja a limitação do sujeito a normas estabelecidas, como as regras institucionais; muito mais do que isso, a absorção dos valores e a reflexão sobre a própria vida se tornam fundamentais para a personalidade e a moralidade andarem juntas.

O autor não se baseia em um moral heteronômica e diz que a personalidade moral não deve ser construída baseando-se na heteronomia. A moral deve ser pensada, avaliada, ela exige uma elaboração e reelaboração constante, tanto individualmente quanto coletivamente. Isso não quer dizer que não temos influências morais do meio no qual estamos inseridos, mas nem por isso devemos nos submeter ao que está estabelecido. Com isso, personalidade moral pode ser entendida como uma construção que visa a autonomia. Em outras palavras, é a avaliação pessoal que cada sujeito faz, conforme sua história de vida, na elaboração de valores que fazem sentido para si mesmo e para uma vida mais harmoniosa individualmente e socialmente.

Puig (1998) nos diz que a educação moral, enquanto proposta para a construção da personalidade moral, não deve se pautar apenas em ideais e teorias que, aparentemente, se tornam utópicas. O indivíduo tem que lidar com vivências e dilemas sociais presentes na sua

realidade constantemente, refletindo sobre esses problemas morais e buscando solucionar os conflitos, mas não de forma acabada. Isso ajuda o sujeito a repensar e amadurecer a conscientização sobre os dilemas morais humanos, buscando atenuar os conflitos existentes e construir e reconstruir, para si e para os outros, os valores e o sentido dos valores que são comuns nos comportamentos sociais.

Essa construção da personalidade, segundo este mesmo autor, ocorre em três momentos: no primeiro, o sujeito se apropria de normas básicas fundamentais para o convívio em sociedade, adaptando-se e ganhando, assim, o reconhecimento dos seus semelhantes. Esse momento é classificado por Puig como a clarificação de valores. Já no segundo, o indivíduo se pauta na aquisição de valores culturais, de cunho normativo, que seja necessário e desejável para a sua relação harmoniosa com os demais. Dentre esses elementos valorativos se destacam: a justiça, a solidariedade, a liberdade e a igualdade. Nesta fase também é fundamental que o indivíduo tenha capacidade pessoal para julgar, compreender e avaliar individualmente suas condutas, para assim conseguir enfrentar, de forma autônoma, os conflitos de valores na sociedade.

Por último, o sujeito volta a si mesmo e faz uma avaliação de sua própria moral, como se retomasse sua própria história de condutas e valores, assimilando-os, buscando, dessa forma, reconhecer quais habilidades morais são necessárias para viver uma vida digna e feliz, individual e coletiva, sem prejudicar a vida do outro.

Observamos, assim, que a teoria da personalidade moral de Puig visa a análise individual que o sujeito faz de sua própria moralidade, não se pautando apenas em valores que foram transmitidos para ele e que basta reproduzi-los. Mais do que isso: a personalidade moral visa que o indivíduo não repita cegamente o que foi imposto, não fazer como os outros fazem, mas propõe que o sujeito faça com o outro, construa algo, critique as injustiças camufladas de falsas índoles morais e procure modificar e avaliar constantemente sua própria atitude e seus valores. A personalidade moral proposta por Puig é pautada nessa construção e avaliação profunda e individual dos valores que vão sendo construídos pelo sujeito.

Outro ponto importante colocado por Puig é a influência do ambiente na construção da personalidade moral. Estamos sendo bombardeados constantemente por informações advindas de vários meios e veículos de comunicação, seja a televisão, redes sociais, jornal, escola, igreja, dentre outros. Todos esses meios interferem diretamente na nossa forma de ser e no que fazemos, como nos comportamos, nas nossas escolhas, e também na forma como adquirimos e selecionamos determinados valores e regras.

Agora que explicamos a relação entre autonomia moral e personalidade moral, ou seja, para a pessoa ter uma construção plena de uma personalidade moral ela deve ter autonomia moral, iremos explicar os fundamentos apontados por Puig sobre a autonomia moral e as críticas de algumas vertentes científicas sobre a autonomia da consciência humana.

Segundo Puig (1998), existem muitas instituições, como a política, a religiosa, e algumas teorias baseadas nas ciências naturalistas, que acreditam que a moral é algo determinado, no qual as pessoas não devem interrogar os modelos que são impostos, agindo de forma passiva, sem questionamentos e acomodado diante dos princípios estabelecidos pela sociedade. A ideia de autonomia não se aplica, e pensar em autonomia moral é algo absurdo. É comum também encontrarmos discursos na neurociência e em algumas correntes filosóficas que limitam o homem ao simples funcionamento biológico, principalmente aqueles que dizem que os sujeitos se tornaram morais pela necessidade da preservação da espécie ao longo da evolução, ou por determinismos sociais, que nada mais é que uma explicação que a moral é um construto social coletivo e cabe ao sujeito incorporar a moralidade imposta, que nos impedem de alcançarmos uma autonomia. Segundo o autor que criou essa teoria da personalidade moral, esses pensamentos nada mais são do que meros discursos que nos prendem a uma heteronomia para se pensar sobre a moral, no qual a moralidade ficaria restrita ou nos fatores biológicos ou sociais, mas nunca na vontade consciente do indivíduo.

Sendo assim, como poderíamos pensar sobre uma autonomia moral, sendo que existem muitos fatores que interferem nessa autonomia da consciência?

Para este mesmo autor, não devemos excluir do nosso discurso todos esses fatores que interferem na autonomia, seja ela de cunho biológico e/ou social. Pelo contrário: devemos levar esses fenômenos em consideração, e devido a conscientização desses elementos é que nós podemos pensar e tomar uma decisão. Independente das influências enormes que temos das nossas limitações orgânicas e das imposições sociais, nós ainda tomamos decisões e somos responsáveis pelas nossas escolhas. Devido a isso, há um lugar de autonomia na consciência que pode pensar e repensar sobre as nossas tomadas de decisões; ainda existe o espaço que permite a reflexão sobre os comportamentos que exercemos. Vale ressaltar que a autonomia moral é uma tarefa que vai se construindo ao longo da vida, e que todos os fatores internos e externos do indivíduo interferem direta e indiretamente nessa construção.

Resumindo essa exposição de Puig, este não defende uma autonomia na qual poderíamos pensar que o sujeito tomaria total consciência de seu ser, muito menos deixa de observar as influências de outros fatores, como os biológicos e sociais, que interferem diretamente nas escolhas e comportamentos de cunho moral dos sujeitos. A proposta desse autor

é de se pensar numa autonomia moral que permita a construção de uma personalidade que seja capaz de se auto analisar e analisar o meio, no sentido dialógico, ou seja, que o sujeito tenha a capacidade de refletir sobre suas condutas individualmente e socialmente, pensar sobre determinados valores sociais e observar contradições e toda a complexidade que envolve a condição humana: é obter a capacidade de conseguir construir espaços de diálogos, tanto consigo mesmo quanto socialmente, que não se esgotam, mas que continuamente sejam revistos e repensados como a melhor forma de propagar uma moral individual e coletiva justa.

Em outras palavras, a teoria da construção da personalidade moral, segundo Puig (1998), não enfatiza somente que os indivíduos, pela educação moral, se acomodem e se adaptem às exigências das normas e ideologias implementadas pela sociedade em que vivem, e muito menos compreende que a identidade se restrinja apenas aos hábitos considerados bons e ao desenvolvimento do juízo moral. Muito mais do que isso, a personalidade moral é algo mais complexa, e a sua estruturação, desde a tenra infância, se dá pela relação com os outros indivíduos, que auxiliam na construção de um senso crítico capaz de observar as contradições sociais e se inserir nesse sistema normativo, sendo capaz de buscar sua modificação em prol do bem-estar individual e coletivo.

Os elementos que auxiliam a construção da personalidade moral, segundo este mesmo autor supracitado, são os meios no qual a pessoa adquire experiência de cunho moral, os conflitos morais subjacentes da relação do indivíduo com o meio e os recursos morais individuais que o sujeito vai adquirindo na sua experiência de vida. Os meios de experiência moral compõem-se dos comportamentos morais do sujeito e a sua finalidade, das suas formas de relação com o meio e dos valores adquiridos do ambiente. Já os recursos morais individuais são caracterizados pela consciência moral do sujeito. Importante ressaltar que é fundamental a problematização das normas sociais para a formação moral do sujeito. A construção da personalidade moral se dá por uma educação moral cuja finalidade seria a autonomia do sujeito, no qual este adquira valores culturais, mas não se restrinja e se limite apenas a seguir normas e aceitá-las, não observando suas contradições.

Posterior as pesquisas de Puig, temos alguns autores que trabalharam com o conceito de personalidade moral, dentre eles temos Blasi, Colby e Damom. Segundo Blasi (apud LA TAILLE, 2010), a moral e seus valores, em uma sociedade, só ganham prestígio e força para o indivíduo se isso estiver interligado à sua identidade. Já Colby e Damon (apud LA TAILLE, 2010) realizaram uma pesquisa com indivíduos de condutas morais e éticas formidáveis, e constataram que, quando o Eu e a moral caminham juntos, as ações e escolhas são feitas com maior responsabilidade e segurança, tanto individual quanto social, e estas pessoas que têm

como centro a moral na sua identidade tendem a ser mais motivadas pelos seus valores e objetivos, tanto pessoais quanto coletivos.

Recapitulando as questões levantadas por Kohlberg sobre a lei natural e a proposta de Puig sobre o desenvolvimento da personalidade moral, observamos que ambos os autores deixam muito claro a importância da autonomia para buscarmos o progresso da moralidade, na construção e reconstrução dos nossos valores morais e a busca de uma ação moral condizente com princípios que vamos formulando e reformulando ao longo das nossas vidas. A autonomia para pensarmos a moralidade é capaz de nos fazer refletir e modificar determinados padrões estabelecidos socialmente sobre valores e regras que devemos seguir e obedecer. Desta forma, é pela autonomia que podemos transcender os postulados e dilemas morais que são marcados pelo pensamento pré-estabelecido culturalmente, observando com mais clareza as discrepâncias, as contradições e as ideologias que se sobrepõem as outras e alimentam ainda mais as injustiças sociais do que a busca por um mundo mais justo.

Em relação a religiosidade e ao desenvolvimento da personalidade moral, também podemos observar que a instituição religiosa, na visão de Puig (1998), reforça ainda mais a obediência dos seus fiéis e a manutenção da heteronomia, ou seja, a religiosidade institucionalizada tem por objetivo e fundamento certos pressupostos ideológicos que sustentam a ideia de obediência imutável às leis divinas. Isso seria o contrário da proposta levantada por Puig sobre a personalidade moral, pois é fundamental que o indivíduo seja autônomo e reflita constantemente sobre seus valores e ações no mundo.

Por outro lado, observamos que Kohlberg (1984) incorpora na sua teoria a religiosidade, o sentimento religioso e a espiritualidade no desenvolvimento moral, citando que os últimos estágios da sua teoria, como o sexto estágio e possivelmente um sétimo estágio do desenvolvimento moral, eram marcados por indivíduos que pensavam no bem comum, numa enorme compaixão e sentimento de pertencimento a humanidade e a natureza, bem próximo daquilo que é defendido pela religiosidade. Kohlberg nos deu exemplos de indivíduos que se encontravam em estágios morais avançados e eram ligados a uma religiosidade bem cristalizada.

Sendo assim, pretendemos analisar o conteúdo que será trabalhado nessa pesquisa sobre religiosidade e a moralidade utilizando as abordagens da psicologia da moralidade humana que apontamos neste capítulo, principalmente sobre a personalidade moral e a perspectiva teórica última de Kohlberg.

Recapitulando alguns pontos, neste capítulo apresentamos a psicologia moral, algumas considerações sobre a incorporação de outros fenômenos no desenvolvimento moral, como a

religiosidade, nos últimos esboços de um dos autores mais importantes dentre essa perspectiva teórica, no caso Kohlberg, e falamos sobre a construção da personalidade moral. Agora apresentaremos a metodologia que será utilizada neste trabalho e, em seguida, iremos fazer a análise dos resultados das entrevistas com os líderes religiosos.

4 METODOLOGIA

A abordagem metodológica desta pesquisa, com base no aporte teórico da Psicologia da Moralidade, é de caráter qualitativo e contempla um estudo de caso referente aos líderes religiosos.

Vale lembrar que investigação tem como objetivo conhecer e analisar a concepção de moralidade e valores morais de líderes religiosos e como eles transmitem esses valores.

A pesquisa qualitativa refere-se à ciência da interpretação qualitativa do que é dito. Diferentemente das propostas quantitativas, nesse tipo de pesquisa o que mais interessa ao investigador é a análise aprofundada do fenômeno pesquisado. Quanto a natureza, a nossa pesquisa é aplicada, pois tem como objetivo “produzir conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (GERHARDT, 2009, p. 35).

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso é um dos procedimentos mais complicados que são feitos na pesquisa científica. Pode ser definido como uma investigação profunda, de cunho empírico, sobre um fenômeno atual e complexo presente na sociedade. Existem variações dos tipos e características de estudo de caso, que pode ser descritivo, explanatório e exploratório, quanto ao seu tipo, e especificidade, pluralidade, contemporaneidade e análise intensiva, quanto as suas características.

Continuando com este mesmo autor, é comum que o pesquisador encontre, no seu trabalho, variações quanto a técnica que pode ser aplicada devido à riqueza do fenômeno pesquisado e a complexidade de aprofundar e interpretar a realidade. Em relação ao objetivo, nossa pesquisa é exploratória, pois procuramos compreender e nos familiarizarmos com o fenômeno a ser investigado, com o intuito de construir hipóteses plausíveis para o esclarecimento do problema.

Segundo Gerhardt (2009), maior parte das pesquisas exploratórias são divididas em três partes. Na primeira parte são os levantamentos, revisão e utilização dos materiais bibliográficos; no segundo as entrevistas com os sujeitos que estão envolvidos com o tema pesquisado e, por último, a análise do material coletado e a interpretação desses dados, visando uma melhor compreensão do fenômeno que está sendo pesquisado.

Sendo assim, além da exposição de todo o conteúdo bibliográfico, realizamos entrevistas com os líderes religiosos, gravando as entrevistas, transcrevemos todo o material coletado e também fizemos observações sobre os cerimoniais religiosos desses líderes. Posteriormente, analisamos e interpretamos todos os dados que serão coletados com o intuito de aprofundarmos a compreensão do fenômeno que nos propomos a pesquisar.

A nossa opção por uma pesquisa qualitativa pode ser justificada pela definição do objeto de investigação e pela intenção de analisarmos profundamente e interpretarmos o fenômeno pesquisado.

Segundo Ludke e André (1986), as características básicas de uma pesquisa qualitativa podem ser compreendidas da seguinte maneira: é necessário dispor de um ambiente natural como fonte direta para a coleta de dados e ter o pesquisador como seu principal instrumento, os dados coletados serem, na sua grande parte, descritivos; ter uma preocupação menor do produto e um foco maior com o processo; o significado que os sujeitos dão aos fenômenos que estão sendo pesquisados devem ser focalizados cuidadosamente pelo pesquisador; e, por último, a análise dos dados coletados tende a ser analítica.

As nossas entrevistas foram realizadas no ambiente em que o líder fez suas cerimônias religiosas, na qual nosso foco ficou mais pautado no discurso do indivíduo e em como ele pode estender sua fala para além daquilo que foi perguntado, já que nós fizemos uma entrevista semiestruturada (iremos explicar essa escolha em outro item dessa seção de metodologia).

De acordo com Moreira (2002), não existe apenas um método qualitativo, e sim vários métodos distintos que variam de pesquisador para pesquisador. Apesar de existir diferenças em relação ao método de cada autor, há semelhanças nas formas como são feitas as coletas de dados e também na exposição dos resultados. Entre as semelhanças podemos ressaltar: as entrevistas, que podem ser verbalizadas pelos sujeitos que participam da pesquisa; a descrição da experiência vivida pela amostra de pessoas pesquisadas; relatos autobiográficos, que podem ser verbalizados ou descritos; e, por último, a observação participante, em que o pesquisador observa o comportamento do sujeito, desde o ambiente no qual esse participante está inserido, das anotações que o pesquisador fez ao observar o sujeito, até o uso de recursos tecnológicos, como vídeos, áudios, entre outros.

Como já apontamos, fizemos entrevistas semiestruturadas com os líderes religiosos, na qual gravamos toda a entrevista e transcrevemos todo o conteúdo coletado. Também fizemos uma observação do comportamento dos líderes nas cerimônias religiosas antes mesmo de entrevistarmos cada um pessoalmente, pois elaboramos um diário de campo com o intuito de observar como eles transmitem os valores morais, já que isso também faz parte do nosso objetivo de pesquisa.

A escolha dos líderes de religiões distintas (budismo e cristianismo, mais especificamente a religião católica) se dá pelo seguinte ponto:

As diferenças nas crenças e nos dogmas dessas religiões; isto porque decidimos optar por religiões distintas com o intuito de observar se existem ou não diferenças significativas na transmissão dos valores morais dos líderes religiosos para os seus fiéis e se a forma como os líderes religiosos budistas pensam sobre os valores morais se distinguem ou se parecem com os valores morais dos líderes católicos.

Enfatizando essa questão, segundo Jung (1980), em seu livro *psicologia e religião oriental*, existem diferenças significativas entre a religião ocidental e a oriental. A primeira se refere a uma visão de Deus muito exteriorizada, ou seja, Deus está atribuído a algo externo ao homem, no qual os indivíduos têm que buscar se orientar por essa força mais externa, através dos ritos religiosos, para buscar a sabedoria necessária para encarar as vicissitudes existenciais. Já as religiões orientais têm sua crença atribuída a capacidade de o indivíduo buscar sua “verdade espiritual” de forma intrínseca. Em outras palavras, é o próprio indivíduo que deve buscar dentro dele mesmo a iluminação e a orientação necessária para viver uma vida plena e harmoniosa. O homem não possui grande importância enquanto Deus é tudo, para o ocidental. Já o oriental enxerga o homem como seu próprio Deus e capaz de alcançar a iluminação por ele mesmo.

Não somente se distinguem nessa concepção exteriorizada de Deus (cristianismo) da interiorização do divino e da busca da iluminação (budismo), mas também na forma em como os ocidentais se diferenciam dos orientais se tratando na associação do conhecimento científico com a religiosidade: enquanto os orientais conseguem lidar com a cientificidade e a religiosidade de forma mais harmoniosa, os ocidentais não misturam tais concepções.

Este mesmo autor faz uma crítica severa em relação ao movimento científico ocidental e suas práticas religiosas cristã. Enquanto aquela é presa a concepções materialistas, dando ênfase exacerbada sobre a matéria como único meio cognoscível de se conhecer a realidade, os religiosos não refletem sobre os ensinamentos do seu messias e permanecem, em sua grande maioria, agindo e acreditando ingenuamente nos dogmas, como se fossem crianças, jamais abandonando e nem criticando suas fantasias que a religião alimenta. Disso deriva o grande distanciamento entre a cientificidade, que nomeou a materialidade como a única realidade plausível de ser entendida e que outras formas de conhecimentos são inválidas, da religião, que ainda mantém seus mesmos dogmas, dando aos seus fiéis a ilusão de segurança e conforto, assim como os pais fazem com seus filhos. A ciência, segundo Jung, nada mais fez do que criar um novo simbolismo sobre a verdade absoluta: chamam de energia, totalidade, realidade, tudo aquilo que a religião cristã denomina de Deus.

Quanto a psicologia no ocidente, segundo Jung, é evidente que conceitos como espírito e alma sejam vistos como a psique humana; nada mais são do que a própria mentalidade do indivíduo, sua própria mente que cria imagens e fatos dos fenômenos que observa. Para os orientais, a espiritualidade não é só o campo do conhecimento, da mente, da capacidade do homem em representar o mundo; o espírito é um princípio universal que transcende o ser. A religião e a ciência, assim como mencionamos anteriormente, também não possuem conflitos no oriente. Isto se dá porque a ciência não se baseia somente pelos fatos concretos e a religião não é só movida pelas paixões humanas.

Outro ponto a ressaltar, de acordo com o pensamento de Jung, é as formas como o ocidente e o oriente enxergam a psique: o ocidental comumente observa os fenômenos redigidos pelo pensamento como ilusões. Na verdade, o pensamento é a criação individual de uma ideia ilusória, e que os fatos concretos têm uma importância muito acima dos pensamentos. Estes últimos ganham sentido a partir do momento em que são concretizados. No oriente, o pensamento e o mundo concreto são vistos como ilusões, e mesmo sendo ilusões, não deixam de ser realidades que causam impacto nas nossas vidas.

Continuando com esse mesmo raciocínio, o budismo, por exemplo, prega que devemos nos libertar dessas ilusões materiais e mentais para alcançarmos a harmonia, enquanto o ocidente vê essa “introspecção” como algo próximo do psicopatológico. O oriental vê a realidade psíquica como fundamental para a sua relação com a existência, com a religiosidade e com a busca da transcendência, enquanto o ocidental lida comumente com aquilo que é observável e palpável, com a realidade externa ao indivíduo. Desta forma, atribuir um grau de divindade próprio ao indivíduo, no ocidente, é quase sinônimo de heresia ou de doença mental.

Essa diferenciação entre as religiões ocidentais das orientais no ponto de vista Junguiano nos fizeram pensar na seguinte premissa: se o cristianismo tem uma dinâmica mais voltada para um Deus externo enquanto o budismo tem uma percepção mais voltada para a divindade própria do sujeito, será que a moralidade dos líderes religiosos dessas crenças também é diferente uma da outra? A transmissão desses valores também é distinta? Será que a ênfase do pensamento dos líderes cristãos é mais voltada para uma moral de obediência a algo externo, enquanto o budismo vê a moralidade como algo mais mutável e pessoal?

São essas questões que fizemos com que escolhêssemos líderes de religiões distintas para verificar se existem diferenças ou não na transmissão de valores morais dos sujeitos que escolhemos para ser entrevistados.

Apresentaremos, em seguida, os sujeitos da pesquisa, o instrumento para a coleta de dados, o roteiro das entrevistas e o diário de campo.

4.1 Sujeitos

Na nossa pesquisa, temos uma amostra de oito sujeitos que residem no norte do Paraná. Entrevistamos os líderes religiosos utilizando a entrevista semiestruturada. Além de entrevistarmos os líderes budistas e cristãos, também fizemos observações (duas observações) das cerimônias religiosas de cada sujeito participante, utilizando um diário de campo. Escolhemos a cidade de Maringá pelo porte da cidade (cerca de 450.000 habitantes) e pela diversidade das igrejas cristãs e templos budistas, possibilitando um melhor acesso a esses indivíduos que entrevistamos.

4.2 Instrumentos para a coleta de dados

Como instrumento para a coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2018, na igreja/templo do líder religioso participante, em horário previamente agendado e em uma sala disponibilizada para este fim. Não houve interferência externa e os ambientes eram propícios para o desenvolvimento das entrevistas. A duração média de cada entrevista foi entre 10 e 15 minutos.

Manzini (2004) salienta que a elaboração das entrevistas pode ocorrer de duas formas: por roteiros ou por questionários. Ambas são compostas por perguntas ou tópicos. As entrevistas ainda podem ser caracterizadas na sua estruturação de três formas: não estruturadas, estruturadas e semiestruturadas.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a estruturação das entrevistas se diferencia uma da outra pelo tipo e quantidade de perguntas elaboradas e a ligação entre elas. A qualidade destas perguntas consiste outra forma de distinguir a estrutura: desde especificidades na elaboração das questões até a sua complexidade. Estes tipos de entrevistas têm como fundamento o aprofundamento detalhado do próprio método proposto: o método da pesquisa de cunho qualitativo.

Segundo Dale (1996), a característica principal de uma entrevista é a pergunta inicial do questionário, pois ela será o foco e o guia da pesquisa a ser feita. Em outras palavras, ela será o rumo de todo o processo para a coleta dos conteúdos a serem estudados. Outro método a ser utilizado é a escolha de uma situação no momento que estará sendo realizada a pesquisa, ou

seja, o pesquisador pede para que o sujeito entrevistado cite alguma experiência de sua vida que seja compatível com o objetivo e temática da entrevista.

Para o referido autor, não temos apenas essas perguntas que são elaboradas de forma prévia, mas questões que vão surgindo durante a pesquisa com o entrevistado. O objetivo deste tipo de pergunta é ir compreendendo o fenômeno estudado e se o mesmo se corrobora em razão da pergunta que foi gerada. O pesquisador precisa sempre ficar atento, e procurar controlar e guiar o sujeito, pelas perguntas feitas, para que mergulhe a fundo no seu relato, na sua narrativa.

Amatuzzi (2006) atenta para a possibilidade de se gravar e transcrever as entrevistas, e a principal característica desse método é a possibilidade de ler os relatos de forma mais precisa pelo entrevistador e analisar todo esse conteúdo de forma minuciosa e compreensiva a respeito do objeto que está sendo estudado. Outra possibilidade que confere mais qualidade à pesquisa é que todo esse conteúdo gravado e relatado pode ser anexado aos variados tipos de pesquisas científicas, como dissertações, teses, artigos, entre outros.

A pesquisa que realizamos, se referindo a coleta de dados, foi dividida em duas partes. Na primeira, fizemos a observação desses líderes religiosos participando das suas cerimônias, na qual fizemos a observação de duas cerimônias de cada líder religioso antes da entrevista. Fizemos um diário de campo para observamos as seguintes questões que se apresentavam durante os cerimoniais: 1) apareceram questões morais nos sermões/conversas com os fiéis? Como apareceu? 2) que valores morais podem ser observados? 3) como os líderes transmitem os valores morais? 4) é possível observar se os líderes estimulam a autonomia moral? E a heteronomia?

Na segunda parte, trabalhamos com as sete questões geradoras que buscaram obter a compreensão dos líderes sobre a concepção de moralidade e valores morais. Para tanto, perguntamos:

- 1) O que você entende por moral? Justifique.
- 2) Na sua opinião, moral e ética são sinônimos? Por quê?
- 3) Você pensa haver relação entre moralidade e religião? Se sim, quais? Por quê?
- 4) Para você, o que são valores morais?
- 5) Quais os valores morais que você prioriza enquanto líder religioso? Por quê?
- 6) Como você transmite a importância desses valores para os seus fiéis?
- 7) Na sua opinião, é possível uma pessoa ser moral sem seguir estes valores morais que você prioriza? Por quê?

4.3 Observações dos líderes religiosos

Como descrito anteriormente, na nossa proposta de pesquisa fizemos a observação das cerimônias religiosas com o intuito de observar como os líderes religiosos transmitem seus valores morais antes de fazermos as entrevistas. O intuito dessas observações foi justamente observar as diferenças/semelhanças dos seus argumentos nas cerimônias e nas entrevistas.

Para tanto, iremos usar a sigla “C” para descrevermos os padres da Igreja Católica e “B” para os budistas, e iremos numerar também os sujeitos que entrevistamos, por exemplo, C1, C2, B1 etc. seguindo a ordem de sujeitos que entrevistamos primeiramente.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Após a transcrição das observações e das entrevistas com os líderes religiosos participantes, iniciamos as possíveis classificações de grupos e categorias, com o intuito de organizar os dados e proceder à análise.

Desta forma, para cada um dos grupos, definimos as categorias de acordo com as respostas dos entrevistados. Definir um grupo e uma categoria significa encontrar núcleos comuns de sentido na exposição comunicativa do entrevistado, a fim de organizar o material para análise. A definição de grupos e categorias seria a localização das temáticas que emergem das entrevistas (SANDERS, 1982).

Na Tabela 1, descrevemos os grupos e categorias, o número de líderes religiosos que encontramos em cada categoria e as respectivas frequências encontradas em cada um dos grupos. Vale ressaltar que, entre parênteses, está indicada a questão relacionada a entrevista proposta.

Tabela 1 – Grupos e categorias analisadas

Grupos	Categorias	N	F
	1.1 – A moral entendida como regras e normas (questão 1)	4	50,0%
	1.2 – A moral vista como respeito e empatia (questão 1)	2	25,0%
	1.3 – A moral, a sua relatividade e relação com a construção religiosa e social (questão 1)	1	12,5%
01 - Conceção de moralidade, ética e valores morais	1.4 – A moral e a sua relação com a consciência (questão 1)	1	12,5%
	1.5 – Os valores morais ligados ao respeito, a dignidade e ao acolhimento (questão 2 e 3)	6	75,0%
	1.6 – Os valores morais atrelados aos princípios religiosos (questão 2 e 3)	1	12,5%
	1.7 – Os valores morais atrelados aos princípios morais aprendidos (questão 2 e 3)	1	12,5%
02 - Conceção de moralidade e sua relação com a religião	2.1 – A moral e a religião são inseparáveis (questão 4)	7	87,5%
	2.2 – A religião sendo prioritariamente mais importante que a moral (questão 4)	1	12,5%
03 – Transmissão dos valores morais no âmbito religioso	3.1 – Priorizar os princípios religiosos e a homilia (questão 5 e 6)	3	37,5%
	3.2 – O respeito, o diálogo e a dignidade enquanto prioridades do líder religioso (questão 5 e 6)	4	50,0%

	3.3 – Educação e a paz como prioridade de transmissão de valores (questão 5 e 6)	1	12,5%
04 – Os valores morais: exclusivos ou independentes da religião? Os valores morais para além da instituição religiosa	4.1 – Os valores morais dos líderes religiosos e da sua religião não são os únicos valores válidos (questão 7)	8	100%

Legenda: N = número de líderes religiosos; F = Frequência (em porcentagem).
 Fonte: Dados elaborados pelo autor a partir das entrevistas.

O modelo de grupos e categorias que estão descritas na tabela foram estruturadas a partir das questões respondidas pelos líderes religiosos. As respostas que observamos que pareceram semelhantes umas com as outras foram o nosso critério para padronizarmos os grupos e categorias.

A partir deste ponto, analisamos cada grupo e as respectivas categorias encontradas. Antes de mostrarmos a análise e a interpretação dos dados que foram colhidos nas observações e nas entrevistas, demonstraremos uma descrição da tabela apresentada abaixo.

Como observamos, dos oito participantes selecionados para a entrevista, dentre eles quatro líderes da Igreja Católica e quatro líderes do budismo, podemos destacar alguns pontos: quando perguntamos sobre a moral, 50% dos entrevistados associaram a moral com o dever, enquanto 25% disseram que a moral está mais ligada com o conceito de solidariedade, humanidade, respeito e compaixão com o outro ser humano. Já 12,5% disseram sobre a relatividade da moral e a sua mudança conforme os paradigmas sociais, e os últimos 12,5% falaram sobre a relação da moral com a consciência humana.

Quando foi perguntado para os líderes sobre ética e os valores morais, 75% disseram que os valores estão relacionados com a empatia, compaixão e solidariedade e 12,5% disseram que os valores morais estão ligados aos valores religiosos, se baseando no princípio religioso da obediência e credo em Cristo e nos valores pregados pela Igreja. Vale destacar que neste último ponto só os líderes religiosos católicos falaram que os valores morais estão ligados com os princípios religiosos, mais especificamente os valores cristãos. E, por último, 12,5% disse que os valores morais estão atrelados aos comportamentos que foram aprendidos.

Sobre a moral estar ligada com a religião, 87,5% disseram que sim, que a moral está diretamente conectada com a religiosidade. Já 12,5% disse que a religião, ou o princípio religioso baseado na pessoa de Cristo (de acordo com o princípio católico) é mais importante que a moral, que é anterior a moral.

Quanto aos valores morais que são transmitidos para os fiéis e que são priorizados pelos líderes, 37,5% disseram que a forma como esses valores são passados se dá pela homilia ou por referenciais religiosos, os outros 50% disseram que transmite e priorizam o respeito, a dignidade e o diálogo com os outros, enquanto 12,5% priorizou a paz e a educação.

Por último, quando perguntamos se é possível uma pessoa ser moral sem seguir estes valores morais que os líderes priorizam, todos eles, ou seja, 100% dos entrevistados disseram que sim, que é possível uma pessoa ser moral ou até ter mais valores morais, mesmo sendo de outra religião ou não tendo nenhuma religião.

Agora que apontamos algumas questões abordadas na tabela, no qual organizamos nossos grupos e categorias, iremos analisar cada entrevista realizada com os líderes religiosos, intercalando as questões abordadas pelos mesmos com as observações que realizamos.

Grupo 1 - Concepção de moralidade, ética e valores morais

Neste grupo iremos analisar o entendimento de moral, ética e valores morais, baseado nas questões um, dois e três que elaboramos na nossa entrevista.

Vale lembrar que nestas primeiras quatro categorias estamos analisando a primeira pergunta da nossa entrevista, que é a questão: “O que é a moral?”

Categoria 1 - A moral entendida como regras e normas

Entrevista com o líder C2

Nesta categoria, os líderes entrevistados, na maior parte de sua fala, apontaram que a moral está entrelaçada com as normas, as regras e os deveres morais.

Quando perguntamos para C2 o que seria a moral, o mesmo nos respondeu:

“A moral...eu posso falar que existe a moral em âmbito geral e a moral cristã. Para nós cristãos ela tem que ser vista dentro de uma perspectiva de iniciação da vida cristã. Ou seja, o que significa isso? A pessoa... ela é introduzida no mistério de Cristo, na vida de Cristo. E a vida de Cristo apresenta para nós um novo horizonte de pessoa diferente, uma pessoa integrada”.

De acordo com a nossa análise, partindo do pressuposto de La Taille (2009), por mais que existam muitas formas de se falar sobre a moral, para os estudiosos da área é comum definir

a moral como um conjunto de regras e normas cujo sentido é orientar os indivíduos nas suas condutas sociais e no que seria cabível para uma vivência mais harmoniosa nas relações humanas. Como descrito na visão de C2, a moral cristã auxilia no processo de integração das pessoas.

Se formos analisar de acordo com o que nos propomos a fazer, ou seja, analisar o caso dentro da perspectiva da psicologia moral, embasados principalmente em Puig (1996) e Kohlberg (1992), a moral de que se trata nessa colocação de C2 se apresenta como heterônoma aos olhos da teoria Piagetiana. Poderíamos também classificar como convencional, de acordo com a proposta teórica de Kohlberg, pois se trata de uma moral cujo seguimento são os princípios cristãos, ou seja, ela é pautada por um princípio de obediência aos valores cristãos colocados pela Igreja. Para relembrarmos os conceitos morais de acordo com a psicologia moral, iremos expor as ideias de heteronomia e autonomia.

Piaget (1932/1994) explica que a heteronomia se dá pela relação desigual da criança e do adulto: este impõe as regras e submete a criança a elas, e esta última aceita essa imposição porque, ao mesmo tempo que sente um amor pelo protetor, também tem um temor muito grande, um medo de desobedecer e ser castigado por isso, sendo que as sanções são as formas mais corriqueiras de impor e registrar na consciência do indivíduo as normas que lhe são impostas. São as relações entre semelhantes que permitem que o indivíduo supere a heteronomia e construa a autonomia. As regras, na fase autônoma, se dão pelas relações recíprocas entre os sujeitos, e essas regras passam a ser mais valorizadas e respeitadas pelo simples fato de não serem mais obrigações, e sim por serem constituídas com base nas interações iguais entre as pessoas. Nesse contexto, é interessante ressaltarmos que é nessa fase que as regras e normas são cumpridas e aceitas realmente, pois nessa etapa as regras fazem mais sentido e são reconhecidas como positivas para todos. Isso se dá também pelo sentimento afetivo entre o grupo que coopera entre si, e pelo temor de perder o respeito desse grupo.

Já para Kohlberg, a fase demarcada pelo período convencional demonstra que o sujeito nessa etapa da vida tende a ser o “bom moço”, que quer se colocar como cidadão exemplar de acordo com os princípios estabelecidos pela cultura, sem ter um senso crítico que propicia uma mudança significativa, tanto do juízo quanto da ação do sujeito perante a sociedade e as instituições que a representam. Partindo disto, podemos salientar que o princípio moral cristão pode ser um alicerce para as condutas e juízos da moral do sujeito. Por outro lado, até que ponto ela permite que o sujeito possa pensar, dentro desta mesma moral cristã, de uma forma diferente ou questionadora, ou melhor, pessoal e subjetiva? Nos parece que a colocação deste líder sugere

a apropriação dessa moral pelos fiéis de uma forma restrita aos princípios cristãos na qual não se pode pensar ou agir de uma forma distinta dessas “regras” estabelecidas.

Continuando com a fala de C2, o mesmo ainda nos diz:

“Essa moral visa que a pessoa se disponha a fazer o seguimento de Cristo. Essa moral cristã vai me fazer configurar no caminho de Jesus, não de forma cerceadora, mas enquanto um caminho pedagógico, que vai me educando, que vai me formando, vai me fazendo enxergar por onde devo seguir, porque isso sim, porque isso não. Quando nós pegamos a moral de São Paulo, o apóstolo, ele vai dizer assim: tudo me é permitido, mas nem tudo me convém”.

Observamos que C2 nos coloca que a moral cristã visa uma formação do indivíduo, no qual restringe o mesmo de certas condutas, já que ele faz parte da moral cristã. Essa visão institucionalizada da religião já foi apontada por Puig (1996). Esse mesmo autor nos diz que não é possível pensar numa personalidade moral (lembrando que, para o mesmo, falar de personalidade moral tem uma relação direta com a autonomia do indivíduo) se o sujeito estiver restrito a determinadas regras. Sendo assim, podemos salientar que a instituição religiosa é conhecida pela sua unilateralidade e resistência em se pensar mudanças nos valores morais, e isso acarreta nessa impossibilidade do sujeito se desvencilhar desses princípios ou ter muita dificuldade em pensar por si mesmo a moral e suas contradições.

Já para C3, a moral está mais de acordo com os princípios norteadores de uma sociedade. Nas palavras dele:

“Moral são as regras que se impõem, que se encontram durante a relação né? Da vivência da pessoa no âmbito social. São diretrizes né? Para que assim... são um parâmetro criado para as pessoas viverem em comum. Harmoniosamente em um ambiente. Seja na família, no trabalho...são questões de conduta. Aí temos vários cerne da moral. A moral familiar, a moral religiosa, e cada uma delas entra no seu princípio próprio”.

Podemos analisar essa descrição do C3 de acordo com o que La Taille (2009) salienta sobre a moral. Para este autor, por mais que existam muitas culturas divergentes e cada uma delas possui os seus valores morais, podemos encontrar uma semelhança: discorrer sobre a moral implica falar de um sentimento de dever e regras em uma comunidade. C4 também partilha deste posicionamento, entretanto, ele enfatiza a relatividade da moral:

“A moral, para mim, é um conjunto de normativas que se estabelecem então dentro de uma formação do comportamento e ela está atrelada. Acredito eu, na cultura de onde ela se estabelece. Então para mim seria difícil falar de uma “moral”. Acredito que enquanto conceito sim, que está presente nos diversos contextos culturais ou religiosos, porém cada contexto desse tem à sua maneira de apresentar esse conjunto de normas”.

De acordo com os pressupostos da psicologia moral descritos por La Taille (2006), por mais que autores da sociologia, como Durkheim, e da psicologia, como Freud, enfatizam a relatividade dos valores e condutas de cunho moral, a psicologia do desenvolvimento da moralidade destaca a universalidade da moralidade: mesmo que as sociedades demonstrem certa relatividade em relação a moral, elas tem uma base em comum (os deveres e regras de uma sociedade) e calcam para uma superação de etapas (nas quais podemos observar as mudanças no seio de uma sociedade, clamando para uma comunidade mais condizente com o que é justo para o grupo).

Desta forma, podemos salientar que existem maneiras distintas nas manifestações dos valores morais, variando de cultura para cultura. Porém, apesar das diferenças dos valores, a busca das sociedades é sempre o aprimoramento desses valores para abranger o maior número de pessoas, condizente com aquilo que Kohlberg (1992) enfatizou sobre estágios mais avançados da moralidade (pós – convencional), no qual a busca da humanidade, se tratando de avanço da moralidade, condiz sempre com a busca universal dos direitos humanos e da ação humana em prol do bem estar coletivo, garantindo a justiça e a compaixão para os sujeitos.

Finalizando essa questão, B1 nos diz que:

“Por moral? Eu entendo a moral como um conjunto de regras e normas de conduta. É o que eu entendo por moral”.

Comparando a entrevista com a observação que realizamos com os líderes, notamos que: C2, na primeira homilia que observamos, enfatizou muito o lado humano de Cristo e como ele era um ser exemplar para nos inspirarmos nos seus feitos. Dentre eles, virtudes como a compaixão, solidariedade e empatia, valores estes que estão de acordo com os princípios morais, são pregados por Cristo e devem ser disseminados pelos cristãos. Essa postura de C2 é bem condizente com o que ele disse na entrevista sobre a moral cristã e como ela é importante para quem segue o princípio da Igreja Católica.

Já na primeira observação de C3, ele se referiu as escolhas diárias: se queremos seguir uma vida baseada na verdade ou na mentira, temos a arbitrariedade de escolhermos qualquer desses caminhos. Poderemos nos iludir, mentir para nós mesmos, sermos guiados por um estilo de vida baseado em prazeres imediatos, principalmente os carnis e materiais, ou podemos escolher um caminho da verdade, da honestidade com os outros e com nós mesmos, da dignidade, da sinceridade e da compaixão. O caminho da mentira é contra os princípios manifestados por Deus, logo isso vai me levar a constantes sofrimentos; seria o caminho da verdade, baseado nos princípios que foram transmitidos por Jesus Cristo, que levariam os indivíduos a salvação, a vida plena e ao caminho da felicidade.

Sendo assim, observamos que a forma como ele transmitiu esse valor moral na missa foi diferente da forma como ele nos respondeu à questão analisada. Durante a realização da missa, nós observamos que ele estava mais guiado pela doutrina religiosa na celebração, enfatizando somente os princípios da Bíblia e de Jesus Cristo, enquanto na entrevista ele nos pareceu mais flexível para falar sobre a moral.

B1 explicou aos indivíduos a importância da oração do sutra e como isso pode mudar a vida das pessoas para melhor. Em seguida, B1 contou a história de Nirichen Daishonin, líder espiritual que, em 1272, se rebelou contra o autoritarismo presente na China e lutava para a libertação das práticas budistas e da proliferação da religião para as massas, pois todos tinham o direito de saber e conhecer a doutrina. Logo em seguida, B1 fez uma análise das questões autoritárias presentes na atualidade e nos disse que o budismo deve ser difundido para todas as pessoas que queiram conhecer e se aproximar dessa religiosidade. Ele também mencionou o encontro que teve entre líderes religiosos budistas com os católicos no Vaticano para discutirem sobre os armamentos nucleares e a reformulação do espírito humano. B1 se focou muito no discurso da compaixão e da busca da iluminação, enfatizando os pensamentos positivos, os elogios que devemos fazer aos outros e a nós mesmos diariamente, a empatia de querer o bem do próximo como de nós mesmos, dentre outros pontos. Diferente dos outros líderes que analisamos, B1 se demonstrou mais inflexível e inquieto na entrevista, e durante a cerimônia religiosa ele parecia mais flexível e à vontade para falar sobre suas crenças e transmitir isso para os fiéis.

Para concluirmos essa categoria, iremos fazer apontamentos gerais sobre as respostas desses líderes religiosos. Recapitulando o posicionamento destes, visualizamos a postura da moral relacionada com os deveres e regras que geram uma relação mais adequada entre os indivíduos, na qual uns falaram da relatividade da moral, ou seja, existem várias possíveis morais de acordo com cada cultura ou instituição, e da moral associada com a religião, assim como C2 enfatizou a moral cristã, a importância de seguir o caminho de Cristo e, a partir do momento que o sujeito entrou nesse credo, ele tem que abrir mão de determinadas condutas para seguir o princípio da crença.

Sabemos que a moral é um conceito abrangente e que é abordada por várias correntes filosóficas e científicas, mas a nossa percepção sobre esse fenômeno é condizente com a epistemologia da psicologia da moralidade adotada como alicerce para a análise deste trabalho. Lembrando que a psicologia da moralidade é uma área da Psicologia que busca estudar como as regras de convivência social são internalizadas de acordo com o desenvolvimento dos sujeitos, com vistas à construção da autonomia moral. Nesta perspectiva teórica, a moral é um

conceito ligado às relações sociais e a pergunta que a reflexiona é “Como devo agir?”. As respostas que colhemos sobre a moral, nesta categoria, condiz mais com uma obediência as regras e normas para um convívio social pleno do que um fundamento para a construção de uma autonomia moral, e mais do que isso, do que uma construção da personalidade moral proposta por Puig.

Se correlacionarmos a nossa análise com uma pesquisa recente de Machado e Burity (2014), tratando-se da importância dos líderes religiosos na sociedade, observamos que essas autoras ressaltaram o quanto o papel dos líderes religiosos são hierarquizados, tendem a ter forte influência na política local e se restringem mais aos ideais religiosos do que nas reflexões acerca das mudanças sociais vigentes. Por exemplo, é mais comum os líderes se importarem com os ideais tradicionalistas e conservadores da sua religião do que repensarem sobre os conflitos sociais como o racismo, xenofobia, preconceito, dentre outros. Se fizemos uma comparação da nossa análise com essa abordagem dessas autoras, notamos que tanto os líderes que elas entrevistaram (grande parte das igrejas evangélicas) como os líderes entrevistados nesta categoria demonstraram um forte apelo aos postulados religiosos institucionalizados.

Iremos agora analisar a Categoria 1.2, na qual a moral está mais relacionada com a empatia e respeito entre os indivíduos.

Categoria 1.2 - A moral vista como respeito e empatia

Nesta categoria colhemos mais respostas associadas com a empatia e o respeito, quando perguntamos sobre a moral para os sujeitos entrevistados. De acordo com C1:

“Moral para mim são princípios e atitudes. Princípios, eu diria, que sempre são traduzidos em valores muito...muito concretos né? Como o respeito, o carinho, afeto, ternura.. É... Dignidade humana, direitos humanos...para mim tudo isso faz parte desse conjunto de...de...de coisas que na filosofia nós chamamos de moral né? Então a moral consiste no modo de eu ser e no modo de eu agir”.

Diferente das respostas que obtivemos na primeira categoria, C1 enfatizou o afeto, a ternura e o respeito ao invés da normatização e o seguimento de regras. Apesar do mesmo ter falado de princípios e atitudes concretas, a sua resposta está mais voltada para o afeto. Isso nos remete ao pensamento de Gilligan (1993) sobre o cuidado e o afeto como variáveis fundamentais para a consolidação da moral e do seu desenvolvimento no humano.

De acordo com essa autora, a forma como devemos pensar sobre os dilemas morais deve ser mais abrangente do que a restrição a cognição e ao conceito de justiça proposto por Kohlberg em grande parte dos seus postulados teóricos. Falar de moralidade abarca também o afeto, o

cuidado, a compaixão e a solidariedade entre os indivíduos, e estes fundamentos se tornam imprescindíveis para o desenvolvimento moral mais harmonioso e cooperativo para os indivíduos. Essa nova reflexão sobre a psicologia do desenvolvimento moral influenciou e influencia até hoje os estudiosos da área, que abrangem também o papel da afetividade e do cuidado na sua relação com o desenvolvimento, do juízo e da ação moral dos sujeitos.

Para complementar o que estamos discutindo, o líder B2 faz uma relação entre moral e o impedimento de causar o sofrimento ao próximo. Nas palavras dele:

“Moralidade? É...com base no budismo, moral é toda ação que não causa sofrimento para as pessoas. Então moral é...uma conduta correta, sempre preocupado com o efeito que essa ação pode ter. Isso é moral”.

Essa colocação nos lembra a teoria moral de Kohlberg dos meados de 1980. A moral é pensada não somente pelo princípio da justiça, mas também do cuidado, simpatia e empatia por todos os seres humanos. Querer o bem-estar coletivo e uma relação social harmoniosa implica a busca de se compreender e se solidarizar com o outro, de evitar injustiças e ações que propiciem a violação da dignidade alheia. A moral, de acordo com essa perspectiva, não pode ser validada se ações violentas forem tomadas, mesmo que os fins ocasionem uma conclusão de um conflito e consolide numa paz social.

Nas observações, C1 enfatizou a busca do sentido que devemos dar a vida, e se formos guiados apenas pelo comodismo, teremos muitos problemas. Dar valor e sentido à vida é permitir ser guiado por Cristo. A homilia do padre seguiu um padrão mais comum do líder religioso: reproduzir os princípios do credo para os fiéis. Na entrevista, C1 se demonstrou não muito voltado para os credos da igreja, mas também para um pensamento mais filosófico e crítico quando foi lhe perguntado sobre a moral.

Já B2 começou o seu diálogo nos falando sobre a importância dos ensinamentos do mestre Ikeda⁴ visando a transformação dos valores humanos e o quanto é importante nos dedicarmos e propagarmos esses ensinamentos. Enalteceu a postura de muitos membros da juventude na propagação do budismo, e também se orgulhou diante de todos que estavam presentes sobre a aceitação de membros variados, independentes de sua classe social e de sua etnia. Explicou também sobre o crescimento da Soka Gakkai, e que essa organização se preocupa com a paz, a felicidade humana e o meio ambiente, sem procurar se enriquecer financeiramente ou divulgar pela mídia seus méritos e conquistas, pois ela não tem como propósito essa exposição midiática, e sim na propagação do contato humano, do

⁴ Daisaku Ikeda é o atual presidente da organização Soka Gakkai. Essa organização tem como objetivo a disseminação do budismo ao mundo e pregar a transformação dos valores humanos, sendo reconhecida como uma organização que luta pela paz mundial. Tem como fundadores dois educadores japoneses, Tsunesaburo Makigushi e seu discípulo Josei Toda, que, posteriormente, foi o mestre de Daisaku Ikeda.

acompanhamento de cada membro da Soka Gakkai em ajudar os outros e divulgando o budismo de modo pessoal.

Na nossa observação, B2 demonstrou ser bem condizente com a sua resposta na entrevista e na forma como ele propaga sua visão sobre os princípios do seu credo, demonstrando a importância da empatia e da solidariedade, tanto na forma como ele transmite esses valores para os seguidores do budismo quanto na maneira como ele nos respondeu sobre o que ele entendia por moral.

Para finalizarmos essa discussão sobre a categoria analisada, observamos que os líderes C1 e B2 salientaram a importância do respeito, do afeto e da conduta que evita propiciar o sofrimento ao próximo. Essa constatação retratada pelos líderes se aproxima das propostas apresentadas pelos estudiosos da psicologia moral que mencionamos no decorrer do trabalho, sendo que, para esses autores, não há possibilidade de pensarmos a moral, no seu sentido pleno, se não levarmos em consideração as relações humanas no seu âmbito afetivo e cognitivo. A moralidade implica justiça, cuidados, compaixão, respeito, tolerância, solidariedade, dentre tantos outros pontos que salientam a relação entre os sujeitos e a produção do bem-estar que propicie dignidade entre o coletivo humano. Como mencionamos anteriormente sobre as observações e como esses líderes nos responderam à pergunta em questão, C1 se demonstrou mais flexível durante a pergunta do que na homilia, enquanto B2 manteve uma postura bem condizente com a forma que ele transmite os valores na celebração em relação com a entrevista.

Se pegarmos a pesquisa de Moriz (2016) sobre liderança religiosa, podemos salientar alguns pontos comparativos com a análise desta categoria apresentada. Para esta autora, na pesquisa que ela abordou cerca de 20 líderes cristãos da renovação carismática e 20 líderes das igrejas neopentecostais, ela observou que cerca de 30%, aproximadamente, destes líderes se preocupavam com o cuidado comunitário, o respeito, com as relações sociais e a propagação da paz. Apesar da autora também ter constatado o quanto essas lideranças são obedientes as questões hierárquicas dos princípios religiosos, foi observado o quanto os líderes têm uma preocupação social com o bem-estar, com o afeto, com o amor e com as relações interpessoais. Desta forma, podemos notar aproximações dos postulados pesquisados por Moriz com a análise que fizemos nesta categoria.

Categoria 1.3 - A moral e a sua relatividade e relação com a construção religiosa e social

Para o líder religioso B3, a moral abrange muitas variáveis, complicações e um certo relativismo, assim como observamos em alguns entrevistados na primeira categoria. Entretanto, ele demonstra a importância de se pensar e dar novos significados aos paradigmas sociais. Nas palavras dele:

“Olha...na perspectiva da condução budista a moral, ela está, muita ligada, pelo menos, naquilo que a sociedade estabelece como norma, ou aquilo que é aceitável ou não dentro de uma sociedade. Tanto que, no que tange no âmbito formal na estrutura formal do budismo, existe um entendimento daquilo que a doutrina põe ou, entre aspas, impõe. Apesar de que isso, na maneira como se coloca hoje, dá muita margem para temas em debate hoje. Sobre ajustes sobre as desigualdades que conhecemos historicamente, que dentro do processo de revolução e das relações de poder a sociedade foi se sedimentando dentro da sua história”.

Ao observarmos esse entendimento de B3 sobre a moralidade budista e a sua relação com a construção histórica e social, constatamos que existe uma relação, dentro dos princípios budistas abordados por esse líder, que nos parece conservador, imposto pelos princípios ancestrais desta religião, mas por outro lado, as mudanças sociais e os temas emergentes vêm influenciando essa doutrina e abrindo possibilidades para novas reflexões éticas e morais dentro da própria religião. Dentro deste embate complexo e delicado, B3 ainda nos diz:

“A moralidade, dentro da perspectiva budista, seria você levar em conta aquilo que é justo e também ele fica preso a norma dominante, socialmente dizendo, que lhe impõe. Então dentro dessas circunstâncias como é que você media no seu raio de ação e dentro do que a sociedade lhe impõe, você exerce aquilo que é justo. Contraditoriamente, você tem que entender o ensinamento existe, o corpo doutrinário, que dizer, que o corpo doutrinário não está no cerne da montagem da sustentação doutrinária, pesado isso. Claro que dentro das sociedades, das estruturas budistas, existem desigualdades de gênero, misoginia, assim como outras relações de desigualdades. A religião faz parte da sociedade, e define muito a sociedade”.

Neste ponto, B3 apresenta as dificuldades e contradições do desenvolvimento, ou melhor, evolução dos paradigmas religiosos e da sua relação com a própria sociedade. Existem doutrinas que, segundo o que foi abordado pelo líder, andam em conjunto com as mudanças sociais e, paradoxalmente, sustentam ideais antigos e se revitalizam com o que a contemporaneidade apresenta. Este líder não deixou de apresentar as relações de poder e desigualdade regidos pela sociedade, levantando até um questionamento sobre as práticas religiosas.

B3 ainda complementa:

“Quanto maior a força, maior a responsabilidade. E isso a gente vê nessa coalisão de forças. Como lidar com esses temas emergentes. A mesma coisa acontece com os budistas. Nós temos nossos temas, aonde nós temos a nossa presença bem consolidada, e esses temas são bem análogos com coisas do ocidente também”.

Podemos analisar essa explicação colocada por B3 sobre a relação histórica, cultural e as relações de poder na sociedade e sua influência na dinâmica do budismo de acordo com o pensamento de Puig (1998). Para este último autor, as influências sociais, culturais e históricas tem um peso importante para compreendermos a dinâmica da moralidade e como ela se estabelece no âmbito de uma determinada cultura. Contudo, mesmo sobre a influência destes fenômenos, pensar a respeito da personalidade moral implica uma avaliação meticulosa e precisa sobre as contradições, os paradoxos e os conflitos morais, no intuito de promover novas possibilidades de se compreender a extensão da moralidade para fins benéficos na sociedade, solicitando reflexões e ações que norteiam os paradigmas vigentes e a consolidação da justiça e da dignidade para os indivíduos.

Tratando-se da observação, B3 enfatizou as mudanças nos ciclos da vida, sobre a importância de mudarmos e limparmos as sujeiras que ficam em nós, como os sentimentos impuros e prejudiciais. Desta forma, B3 enfatizou muito a busca do arrependimento e do perdão, não no sentido da pessoa se culpar e se martirizar diante dos acontecimentos, mas de buscar a reflexão e repensar sobre seus comportamentos, pensamentos e intenções consigo mesmo e com o próximo. Diante desses fatores, é comum que constantemente nos “sujaemos”, e é pela reflexão e busca da empatia que conseguimos nos limpar e começar um novo ciclo, menos carregados de sujeiras acumuladas e limpos para começarmos um novo ano.

Percebemos que é muito comum no discurso de B3, tanto na sua celebração quanto na resposta da pergunta sobre a moral, que a reflexão e as mudanças são muito presentes na sua fala, as alternâncias e a não-linearidade dos acontecimentos também. A relatividade como ele nos colocou sobre a moral sustenta essa observação por nós constatadas: pensar sobre os fenômenos sociais e as suas alternâncias de poder é refletir a respeito da forma como se apresenta a moral em cada sociedade.

Para encerrarmos a análise desta categoria, mencionaremos a nossa observação da postura de B3 sobre o budismo e a moral. Quando B3 abordou essas questões na entrevista, notamos sua preocupação com temas emergentes e dilemas morais atuais, no qual o mesmo se propôs a questionar as práticas do seu credo com o intuito de amplificar o entendimento sobre esses fenômenos complexos e apontar novas possibilidades de ações sobre esses pontos. Desta forma, pensar sobre personalidade moral, visando a autonomia moral do sujeito, implica essas reflexões acerca da moralidade presente no âmbito social, visando uma nova possibilidade de leitura e ação no mundo (PUIG,1998).

Para lembrarmos: de acordo com Puig (1998), a personalidade moral visa que o sujeito não reproduza o que foi atribuído pelo meio social, mas sugere que o sujeito construa algo com

o outro, critique as injustiças ocultas, as falsas ídoles morais e procure modificar e refletir firmemente na sua própria ação e juízo moral.

Para compararmos a entrevista com outra pesquisa nesse campo, no artigo de Mancilla (2010), com os líderes religiosos católicos do México, é possível constatar que alguns entrevistados tinham uma visão crítica sobre o posicionamento da própria religião em relação as mudanças sociais e com as resistências de adaptação do catolicismo a essas transformações. Temos, como exemplo, a reivindicação desses líderes pelo reconhecimento do estado mexicano de outras religiões consideradas minoritárias e a abertura do estado para a participação mais ativa das religiões nos setores públicos e políticos. Apesar das diferenças das pesquisas, é relevante mencionar que outros líderes também manifestam um posicionamento crítico frente as suas religiões, baseando-se nas transformações da sociedade.

Categoria 1.4 - A moral e a sua relação com a consciência

Nesta categoria iremos analisar a fala do líder B4, na qual o mesmo faz uma relação entre a moral e a consciência humana. Nas palavras dele:

“Moral... A moral significa a própria manifestação da nossa consciência, porque tudo que é moral vem através da mente, tudo que nós falamos e a forma como agimos tem uma causa. Pode ser uma causa positiva ou negativa...ela possui os dois polos. Vou dar um exemplo: a energia, ela fornece, a lâmpada, consegue iluminar a nossa sala, mas ela é composta por dois polos, negativos e positivos, e ela mexe com a nossa mente”.

Observamos aqui que a argumentação sobre a consciência, a mente e sua relação com a moral se aproxima, parcialmente, com o pensamento de Piaget, Kohlberg e Puig sobre a consciência humana, ou melhor, sobre a capacidade cognitiva do ser humano em transformar os valores morais. Como salientamos anteriormente na análise da primeira categoria, La Taille (2006) demonstrou como Piaget e Kohlberg enfatizam a racionalidade e como esta é fundamental para o desenvolvimento moral nos sujeitos. É pela nossa capacidade cognitiva que somos capazes de questionar, duvidar, criticar, cooperar e superar etapas até então impostas para calcarmos para uma outra forma de convivência moral.

De acordo com Puig (1998), por mais que existam interferências que nos sujeitam a determinados comportamentos, sejam eles de cunho biológicos, como os instintos, ou sociais, como os valores tradicionais que são transmitidos e culturalmente defendidos pela maioria dos indivíduos, ainda assim temos a aptidão de superarmos essas barreiras pela nossa capacidade cognitiva. É pela razão que somos capazes de refletirmos sobre as condições impostas e procurarmos novos entendimentos sobre os fenômenos que nos cercam.

Na observação de B4, ele nos diz a importância da recitação do sutra do lótus e como ele é capaz de guiar os indivíduos para a vitória. Ele também fala que todos somos dignos da vitória e para conquistá-la devemos saber harmonizar nossas ações com a nossa sabedoria. Percebemos que a resposta da entrevista de B4 é muito condizente com a forma como ele se apresentou na celebração. Na sua fala ele se demonstra bem fiel aos pressupostos budistas, na qual nos pareceu que ele não posicionou uma visão pessoal sobre a moral, e sim sobre os pressupostos budistas.

Finalizando essa questão, observando a fala de B4, entendemos que, para este líder religioso, a moral é sobre essa manifestação da cognição humana sobre os valores e como somos capazes de lidar com ela de várias formas (seja pelo polo positivo ou negativo) e em como somos capazes de transformar essa moral (iluminar o que está escuro). Por mais que ele tenha falado de uma forma figurada, de acordo com os preceitos budistas, nos parece muito compatível essa descrição do líder com as perspectivas teóricas de Puig sobre a razão e a sua capacidade de transformar a maneira como lidamos com os valores morais.

A pesquisa de Dos Santos (2014) demonstra como o pensamento dos líderes do budismo da Sokka Gakai estão voltados para a conscientização dos indivíduos em relação as relações humanas, visando a paz, solidariedade, compaixão e a revolução humana. Assim, percebemos que a entrevista que analisamos nessa categoria, apesar das aproximações com o pensamento dos autores que mencionamos da psicologia moral, se tratando da questão da consciência e sua relação com a moral, tem também uma relação muito forte com os princípios religiosos transmitidos pelos líderes budistas que estão acima hierarquicamente, e esses ideais tem que ser propagados para os seguidores dessa vertente budista.

A próxima categoria está relacionada com a questão sobre a ética e os valores morais para os líderes religiosos (questão 2: ética e moral são sinônimos? E; questão 3: o que são os valores morais?). Iremos analisar o discurso dos padres e budistas. Optamos por fazer somente uma categoria sobre a questão número dois e três pelo fato do material coletado da questão número dois ser um dado complementar da pergunta número três das nossas entrevistas.

Categoria 1.5 - Os valores morais ligados ao respeito, a dignidade e ao acolhimento

Em relação a questão sobre os valores morais, C1 nos destacou:

“Já citei alguns... Para mim os valores morais é...antes de tudo o maior valor moral é a pessoa... A pessoa, está acima de tudo. A pessoa é um valor de que eu não posso abrir mão... A pessoa é um valor em si mesmo, e por isso eu peço que tudo, tudo, em nível religioso, em nível mais amplo de uma sociedade organizada, todas as...digamos, todo modo de uma organização social organizada... de uma organização social como um todo deveria levar em

consideração esse valor mais essencial que é a pessoa humana, que merece respeito, que é um ser que eu acredito que não seja somente um monte de matéria ambulante, para não falar outras coisas (Risos) ”.

Analisando esse discurso de C1, ele nos remete aos últimos escritos de Kohlberg sobre o desenvolvimento moral. Como abordamos no presente trabalho, este autor modificou alguns postulados teóricos, complementando sua teoria ao acrescentar virtudes como a compaixão, a solidariedade, o amor, a empatia, dentre outras, como processos fundamentais para se alcançar uma moralidade plena, para além das convenções sociais e dos valores pré-estabelecidos. Diante disto, é fundamental pensar nas relações humanas e ver no outro um sentimento de irmandade, culminando assim numa relação que prioriza o bem-estar de todos os seres humanos para que possamos estabelecer uma conexão verdadeira com nós e com os outros.

Dentro desta prerrogativa, se torna fundamental a preocupação com o bem-estar e com o sentimento de justiça para todos, e não só para aqueles que me convém (como nos apontou a pesquisa de La Taille (2009) sobre os valores morais contemporâneos de alguns grupos de adolescentes). Falar sobre moralidade implica uma amplificação da forma como vemos as relações humanas e os nossos valores sociais cotidianos, reavaliando continuamente os nossos valores. Desta forma, esse discurso de C1 se aproxima muito do que foi postulado por Kohlberg e alguns pesquisadores contemporâneos da psicologia moral (YAÑES-CANAL, 2012; LA TAILLE, 2009; PUIG, 1998) sobre a importância das relações humanas e do próprio ser humano ser colocado como prioridade. O líder C1 ainda complementa:

“O ser humano é precioso. Mesmo quem não acredite que exista algo divino dentro do ser humano, o ser humano, por si, deveria ser o referencial maior de nós tratarmos. As organizações humanas, como a própria economia, a sociedade, meio ambiente, a política, deveriam colocar o ser humano como referência absoluta, a sociedade deveria ajudar a humanizar ainda mais o ser humano, colocando ele como referência absoluta”.

Neste trecho observamos a prioridade do líder em relação ao ser humano; este deve estar acima da política, da economia, da sociedade etc. Como enfatizamos na introdução deste trabalho, as relações econômicas, atualmente, estão sendo colocadas à frente das condições humanas, no qual o mercado, o prazer e o consumo se tornaram prioridades da vida social, enquanto as relações humanas, o afeto, assim como o sentimento de dever para com o outro estão sendo esquecidos ou ficando em um outro plano (LA TAILLE, 2009).

Conseqüentemente, vivenciamos muitas crises na nossa sociedade, desde a violência descontrolada até o adoecimento psíquico dos indivíduos, e pesquisadores se questionam sobre essas relações contemporâneas. Devido a isso, alguns estudiosos sugerem a fraternidade, a

solidariedade, a compaixão e o amor como maneiras de se combater esses paradigmas sociais, visando a construção de uma sociedade mais harmoniosa (BAUMAN, DONSKIS, 2014).

Essa resposta de C1 é semelhante com aquilo que priorizamos no nosso trabalho: falar sobre moralidade implica essa constante reflexão acerca das nossas relações humanas, nas quais o sujeito humano é colocado como prioridade, sempre visando a dignidade e a justiça para todos os indivíduos.

Complementando a análise, C1 nos diz que a ética e a moral não são sinônimos, mas que ambas são fundamentais e complementares para a sociedade se tornar cada vez mais harmoniosa. Nas palavras dele:

“Eu diria assim: a moral é a casa, e a ética são os moradores dessa casa. Claro que eu estou muito ligado à minha casa, e por isso estou muito ligado no meu modo de ser. Agora, meu modo de ser se traduz concretamente. Agora, os moradores da casa vão enfeitar a casa, vão dar destaque para um espaço, vão dar um outro destaque para outro espaço, um espaço vai servir para uma coisa, outro espaço para a outra coisa. Eu vejo então que a ética é um pouco a... o mecanismo que existe dentro de nós para fazer com que a nossa casa seja lugar habitável”.

Para C3, os valores morais também têm uma relação com a pessoa, com a construção do ser humano. Na sua resposta ele nos disse:

“Os valores morais também partem do princípio de estar focado em um âmbito nos valores morais de um lugar, de uma religião “x”, de um lugar...de uma cultura “x”. Agora assim, os valores estão relacionados mais a questão da pessoa, do ser. Assim, da construção do ser humano. Podemos dizer assim: são mais voltados para si. O que eu posso considerar como valor ao me relacionar com uma pessoa, um outro pode achar que aquilo não é um valor. Mas eu vejo que aquilo é um valor. Por exemplo: O respeito por aquilo que o outro é. Isso é um valor. Respeitar aquilo que é diferente, de um humano para o outro”.

Neste discurso observamos que existe alguma semelhança com o que foi apontado por C1 sobre o ser humano, em priorizar o outro como ele é, nas suas diferenças, em se ter respeito pelo próximo. Por outro lado, C3 nos coloca um outro ponto: em como a sociedade necessita construir e reconstruir valores para dar um norte na vida dos sujeitos.

Na observação que fizemos, este apontamento de C3 nos faz refletir nessa constante busca da reflexão e da inter-relação entre os sujeitos para nos tornarmos autônomos. Autonomia significa essa constante busca de melhoria das relações coletivas, a crítica aos postulados contraditórios vigentes e um convite a autoanálise constante, observando os juízos de valores e as ações correspondentes. A necessidade da construção de valores que foi abordada por C3 nos

faz pensar sobre essa busca incessante de nós humanos em uma relação mais harmoniosa. Por mais que estamos vivenciando épocas de crise de valores e valores em crise (LA TAILLE, 2009) e uma constante alienação a valores que priorizam a individualidade, o egocentrismo e o mercado (GEORGEN, 2009), somos capazes de reavaliar as contradições das nossas relações morais e calçar para uma nova maneira de estabelecer conexões com os outros e com nós mesmos, buscando a autonomia moral cogitada pelos autores que colocamos em pauta no trabalho.

Continuando a análise desta categoria, de acordo com B1 os valores morais têm relação com o respeito e a dignidade do outro. Em suas palavras:

“Então, os valores morais para mim são o respeito...respeitar a dignidade da vida, respeitar a si próprio, respeitar os outros...honestidade, sinceridade, fidelidade... são esses princípios que eu entendo que sejam morais”.

Na colocação dele observamos a semelhança entre o seu discurso e aquilo que discutimos anteriormente nesta mesma categoria. O respeito, a honestidade, a sinceridade também são virtudes nas quais Kohlberg, inspirado em outros pesquisadores da psicologia, implementou na sua teoria e passou a priorizar enquanto valores fundamentais para a construção de uma moral que visa o bem-estar social e a harmonia coletiva.

Ainda de acordo com este líder religioso, a moral tem uma relação com o um sentimento individual enquanto a ética seria a sua relação com o coletivo. A ética estaria relacionada com certas obrigações sociais que visam uma relação de respeito com o próximo. De acordo com o pensamento de B1:

“A ética norteia minhas condutas. As questões éticas, na sociedade, por exemplo, as questões de educação, de pedir por favor, falar obrigado, respeitar, e também tem as questões legais que a gente precisa respeitar, e muitas vezes essas não são questões morais, muitas vezes. Isso é mais ou menos o que eu penso a respeito da moral e da ética”.

Assim, essa perspectiva que B1 denominou como ética foi abordada por La Taille (2006) em termos de importância de estabelecermos relações de deveres para com o próximo, culminando para uma relação de cooperação entre os indivíduos e um sentimento de busca pela dignidade e justiça para todos.

Continuando a análise desta categoria, B2 nos coloca que o respeito e a não descriminalização são valores fundamentais. Segundo ele:

“Os valores morais? Poxa vida...o respeito, a...acho que...os valores morais tem uma abrangência muito grande, sabe? A forma como você olha para uma pessoa, a forma como você trata...não tratar as pessoas com discriminação...”.

Apesar do seu discurso ser parecido e até mesmo complementar comparado com as demais respostas dos líderes que analisamos nessa categoria, B2 enfatiza o budismo como ferramenta determinante para essa prática das virtudes. Como o mesmo B2 nos aponta:

“Então...eu tive a oportunidade, a boa sorte, de praticar o budismo, que eu considero uma universidade da vida. Se você me perguntar: qual o maior benefício que o budismo trouxe na sua vida? Eu afirmo categoricamente que o maior benefício que eu recebi na minha vida foi o quanto eu mudei meu coração. Hoje eu sou uma pessoa, assim, mais humana, sabe? Mais família, menos egoísta”.

Assim como apontamos nesse trabalho, as concepções acerca das virtudes humanas, como o respeito, por exemplo, são fundamentais para reavaliarmos as relações morais contemporâneas e visando cada vez mais harmonia na convivência social. Não podemos negar o papel da religiosidade em nortear os indivíduos em seus comportamentos de cunho moral, mas ainda fica o nosso questionamento: será que existe a necessidade de uma religião, ou de uma conversão religiosa, para os sujeitos serem morais? De acordo com B2, sim. Até mesmo nas observações que fizemos, B2 não deixou de salientar, nas celebrações religiosas em que ele liderou, a importância do budismo e o quanto essa religião e sua prática são fundamentais para trazer a chamada boa sorte. A boa sorte, de acordo com esse líder, seria uma espécie de benção divina que o praticante do budismo recebe, e essa benção traz todos os tipos de benefícios para a pessoa, seja na saúde, no trabalho, na prosperidade etc. Desta forma, B2 enfatiza bastante a prática como caminho de bem-estar para o sujeito.

A análise está de acordo com as críticas de Puig (1998) sobre a instituição religiosa e seu forte apreço pela manutenção de determinados credos e resistências a mudanças, no qual interfere diretamente sobre a autonomia do sujeito.

Finalizando com a resposta de B2, o mesmo nos disse que ética seria não causar sofrimento para o outro, e quando não estamos sendo éticos e morais, priorizando a competitividade, geramos o sofrimento. Nas suas palavras:

“Na sociedade existe uma competição que não prega nem a moral e nem a ética. E isso é o que cria o sofrimento para as pessoas. Então quando você coloca em prática o budismo, então eu acho que... todas as questões da vida é o lado humano, e quando você não coloca essas condições como prioridade, gera sofrimento”.

Aqui observamos mais uma vez a ênfase no humano. Porém, nos parece que esse líder enfatiza a prática do budismo como solução para superarmos a barreira do sofrimento e aprendermos a enxergar os seres humanos com mais prioridade.

Ainda analisando está categoria, temos a resposta de B3. Segundo este líder, por mais que tenham regras que regulamentam as relações entre os indivíduos, existe muitas contradições acerca dessas experiências. Nas suas falas ele diz:

“E entre as leis, você tem as leis monásticas, ou seja, o regulamento dessa republica. E tem muito não pode. Não pode isso, não pode aquilo, e por que que não pode? Porque alguém fez. E foi porque alguém fez algo e deu “ruim” (risos), deu “ruim” e deu nisso, então é melhor não deixar. As regulamentações disso estão dentro do acumulo de experiências que dizem que fazer aquilo não foi legal. No budismo, assim como no cristianismo, existem muitas contradições, é como pensar: será que aqueles monges que meditam estão numa boa? Não estão não (risos)”.

De acordo com a nossa observação, B3 foi um dos poucos líderes que entrevistamos que sempre mencionou as contradições das práticas religiosas e sociais diante dos valores morais, se permitindo o questionamento, tanto nas entrevistas quanto nas observações que fizemos, e nesta categoria não foi diferente. Como o mesmo nos disse, não é porque os monges praticam com rigorosidade certos preceitos dos credos budistas que eles estão imunes das contradições vigentes do próprio budismo e da sociedade. Diante esses fatores, se torna fundamental esse olhar crítico que viabiliza uma nova postura ética e moral diante os paradoxos da vida.

Para complementarmos, B3 ainda nos responde sobre os valores morais:

“A gente lida com a empatia e a compaixão para tratar de determinados temas, até os temas quentes, como suicídio, eutanásia, aborto, entendendo os protagonistas dos eventos. Todos temos que estar na mesma equação, como exemplo, se a sociedade é contra o aborto, no mínimo deveria dar condições para que ela viva sem discriminação e preconceito”.

Observamos mais uma vez como B3 coloca a sociedade como uma variável fundamental para compreendermos alguns preceitos morais. Embora B3 tenha discorrido sobre a compaixão e empatia como valores morais importantes, o mesmo falou em como devemos tratar temas emergentes complexos e observar se a sociedade dá suporte para essas questões, sem a sustentação de pré-conceitos. Diante disto, mais uma vez notamos o quanto B3 se dispõe a falar criticamente das relações morais que estabelecemos na sociedade contemporânea.

Para finalizar o que encontramos nessa categoria, iremos abordar a resposta de B4. De acordo com esse líder, os valores morais estão diretamente ligados a proporcionar o bem coletivo e fazer o bem para o outro. Entretanto, ele se apoia aos princípios do líder da instituição budista no qual ele faz parte. Como ele nos fala:

“Valores morais são fazer o bem para as pessoas. Segundo o mestre Ikeda, nós devemos prezar pela vida dos outros como se fosse a nossa própria vida. Seria uma espécie de empatia.

E através do diálogo...de cada situação...a gente aponta o lado positivo e negativo...tem as duas coisas que funcionam”.

Diferente de B3 e semelhante a B2, esse líder budista se inspira nos princípios budistas vigentes e nos parece que o mesmo os reproduz sem reavaliar os seus próprios preceitos e/ou refletir sobre outras possibilidades que não condizem com a prática da sua religião. Dentre as nossas observações, B4 ressaltou em demasia os princípios do mestre Ikeda e, diante este fato, observamos o quanto o discurso do mesmo está enraizado nesses postulados religiosos.

Fazendo uma retomada geral desta categoria, notamos a ênfase na compaixão, empatia, no valor humano e na solidariedade como valores prioritários para um convívio social mais equilibrado. Alguns líderes não ressaltaram os princípios da sua crença como peça fundamental para nortear esses valores, enquanto outros (principalmente B2 e B4) nos disseram que os fundamentos de suas religiões sustentam e auxiliam os indivíduos a propagarem esses valores e vivenciarem o mesmo.

A perspectiva de B4 sobre a figura do Mestre Ikeda pode ser comparada com a pesquisa que Junior (2011) fez sobre as lideranças neopentecostais no Brasil. De acordo com este autor, muitas lideranças religiosas têm se destacado nas mídias, na política e na sociedade muito mais do que outros líderes regionais, e isso difere dos ideais da reforma protestante: se antigamente era pregado que todos poderiam ter acesso ao divino sem uma intervenção de um líder, atualmente isso se inverteu. Vivenciamos, na contemporaneidade, lideranças religiosas ganhando muito espaço na sociedade, e sua influência nos setores sociais e nas organizações religiosas são imensas, tanto que este pesquisador observou o quanto esses líderes possuem um carisma que vai para além de uma dominação doutrinária, predominando as performances em excesso, apelando para uma questão emocional visando a legitimidade da autoridade. Se analisarmos o líder religioso budista Ikeda, apesar do mesmo não se apresentar em grandes mídias, ele sempre está presente nos discursos da Sokka Gakai e sua fala é aceita como a maior autoridade dentro do budismo, no qual a sua palavra é vista como divina, inquestionável e reveladora, não passível de críticas pelos fieis dessa religião.

Assim como dissemos anteriormente nesta mesma categoria, a religião, enquanto instituição, tem um papel consistente para transmitir determinados valores que possam ser importantes para os sujeitos. Por outro lado, como nos propomos a investigar a construção de uma personalidade moral que visa a autonomia do sujeito, nos questionamos sobre esses posicionamentos que visam muito a doutrina e uma certa obediência a esses costumes. Mesmo que esses líderes tenham apresentado muito respeito e apreço por outras ideias ou crenças (durante as entrevistas e observações), os mesmos demonstraram que o seu credo é um

facilitador como nenhum outro para o indivíduo se tornar melhor, se tratando de valores morais e qualidade de vida.

Categoria 1.6 - Os valores morais atrelados aos princípios religiosos

Nesta categoria iremos analisar o líder religioso (C2) que enfatizou a questão da religiosidade quando perguntamos sobre os valores morais. Na categoria anterior também tivemos líderes que atrelaram a religiosidade com os valores morais, mas não foram tão enfáticos quanto esse líder que iremos analisar.

Dando início na análise desta categoria, observamos que C2, desde o início da sua fala, destacou os princípios cristãos e quais os valores do catolicismo que são fundamentais para os indivíduos. Nas palavras dele:

“Aqueles que vão nortejar minha realização enquanto objetivo de vida cristã: Jesus veio e me pede vida plena e felicidade. Esses valores vão me colocar nesse caminho, vou cultivando esses valores, a minha pessoa, a minha personalidade vai se ampliando para novos horizontes, dentro desses valores, buscando a realização da própria pessoa, a felicidade. A felicidade não é temporal: ela é atemporal, transcendente, ou seja, ela tem uma escatologia que nós estudamos sobre o fim dos tempos. A gente estuda no “já” e no “ainda não”.

Desde o início da entrevista e das observações que fizemos, C2 ressaltou os princípios de Jesus Cristo e na busca de seguir esses conceitos para alcançarmos a plenitude, ou seja, uma felicidade imutável e infinita. Dentro da perspectiva que ele ressaltou, a felicidade do nosso cotidiano é fugidia e ocorre em pequenos acontecimentos, sendo que a verdadeira busca é a felicidade plena. A partir destes dados, e analisando de acordo com a teoria da psicologia moral de Kohlberg e Puig, essa ênfase nos pressupostos religiosos institucionais como princípios que norteiam os valores de um indivíduo e, mais do que isso, possibilita o indivíduo a crer num fundamento ainda maior (salvação, felicidade plena, atemporal) nos faz pensar no quanto esses postulados podem ser convencionais, dificultando uma reflexão acerca desses mesmos valores abordados pelo catolicismo.

Por outro lado, observamos também em como esse líder nos colocou a sacralidade. Segundo C2:

“Como a sacralidade está em cada um de nós, em cada pessoa, por exemplo: até quando eu olho para você (pesquisador), eu vejo uma sacralidade, mesmo se for agnóstico, ateu, cristão, espirita, budista, a minha fé vai me fazer olhar para você e ver que você tem uma sacralidade, isso significa o que? Que você tem uma semente de Deus, que Deus está dentro de você. Não é um panteísmo, ou seja, tudo é Deus, mas tudo fala de Deus. É diferente. E esses

valores então vão fazendo com que a gente vai buscando cultivar esses valores em busca da felicidade”.

Apesar de não parecer que essa resposta está ainda muito presa aos princípios religiosos adotados por C2, ele nos disse algo bem compatível com o que Kohlberg defendeu nos seus últimos postulados teóricos: o que o sentimento de pertencimento à algo maior que a religiosidade (não a religião em si, enquanto instituição) pode proporcionar aos indivíduos. De acordo com esse autor, a religiosidade pode proporcionar um sentimento maior, uma irmandade que nos faz se sentir mais conectados uns com os outros, denominado por esse mesmo pesquisador como a *simpatia vital*.

Continuando com Kohlberg, esse sentimento de pertencimento nos gera compaixão, solidariedade, amor, fraternidade, dentre outros valores que emergem graças a esse sentimento religioso. Desta forma, apesar de C2 focar muito seu discurso nas prerrogativas cristãs, o mesmo nos fala sobre a sacralidade que, independente da crença de cada um, somos frutos de um sentimento capaz de modificar nossa existência e buscarmos cada vez mais valores universais para o bem-estar de todos.

Finalizando com o discurso de C2, ele ainda nos fala sobre a importância do diálogo como um valor moral:

“Outro fator muito importante é o diálogo: se eu falo de família, se eu falo de trabalho, e se eu falo de relacionamento, tudo permeia diante do diálogo. O diálogo é um valor, e eu prezo pelo diálogo”.

O diálogo, de acordo com o pensamento de Puig (1998), é uma peça fundamental para a construção da autonomia e da personalidade moral. É através do diálogo que podemos superar discursos enraizados e presos numa premissa conservadora para alcançarmos um novo entendimento sobre os fenômenos, dentre eles os valores morais sociais e até como lidamos com os nossos próprios valores. A partir desta constante reavaliação dos discursos e dos diálogos é que podemos modificar nossas perspectivas e construir novas possibilidades de se pensar as nossas relações éticas e morais.

Essa postura de C2 é parecida com alguns discursos de líderes pentecostais entrevistados por Moriz (2016). De acordo com esta autora, muitos líderes propagam suas ideias se referindo exclusivamente a Jesus Cristo, seja em relação aos valores morais, seja em relação a outras questões sociais vigentes, como caridades, prosperidade, trabalho, dentro outros pontos.

Agora iremos analisar a última categoria deste grupo, na qual entrevistamos e analisamos o discurso do líder C4.

Categoria 1.7 – Os valores morais atrelados aos princípios morais aprendidos

Já para C4, os valores morais podem ser entendidos como:

“Bom...os valores morais estariam muito mais atrelados aos princípios que regem a moral...é... não sei muito como dissociar isso. Uma vez que eu entendo, a partir daquilo que foi me ensinado, do que eu aprendi. O que é um comportamento adequado, o que é certo, o que que é errado, eu desenvolvo então algumas formas de agir”.

A partir deste discurso abordado por C4, compreendemos que, para este líder, os valores morais não deixam de ser muito diferentes daquilo que este mesmo religioso nos definiu sobre a primeira questão da entrevista: a moral, tanto quanto os valores morais, são formas de agir no mundo compatíveis com o que o sujeito aprendeu como certo e errado. Até esse ponto analisado nos parece que esse discurso é só mais uma forma de se apresentar a heteronomia: a imposição de determinadas regras por um sujeito/cultura; a apreensão do outro sujeito sobre essas regras colocadas e a reprodução destes princípios (PIAGET, 1932/1994).

Entretanto, este líder complementa a sua fala:

“Esses são princípios que eu organizei que são os princípios morais. Isso faz parte do meu ser e eu ajo de acordo com eles. Ao mesmo tempo que eles são resultados de uma moral apreendida, eles também podem ser elementos de construção de uma nova moral, porque aquilo que eu absorvo, aquilo que eu entendo por moral eu exercito, e eu posso passar isso nas minhas ações e também nos meus ensinamentos”.

Neste ponto, ressaltamos que o discurso de C4 visa não só a apreensão da moral e dos valores morais, mas também a possibilidade de uma construção de uma nova moral. Se pegarmos esse discurso e dialogarmos com os pressupostos teóricos dos autores da psicologia moral que estudamos neste trabalho, notamos a compatibilidade destes discursos sobre a busca da autonomia moral. Assim como mencionamos anteriormente, a possibilidade de modificar, refletir e construir novas maneiras de se compreender a moralidade só ocorre quando os sujeitos se tornam autônomos, reflexivos, críticos e cooperativos uns com os outros. É isso que Piaget, Kohlberg, Puig e outros autores da psicologia moral almejam enquanto pesquisadores: a possibilidade de ampliar essa compreensão da moralidade e a transmissão desta crítica sobre os valores morais vigentes, ressaltando suas contradições e possibilidades de mudanças.

Assim, apesar do discurso de C4 nos transparecer, nas homilias e na entrevista, mais próximos com ideais heterônomos, essa parte final da sua fala, nesta questão abordada, sou muito compatível com as teorizações sobre a autonomia abordadas pela psicologia da moralidade que nós apresentamos.

Finalizando este grupo que analisamos, observamos as diferentes concepções sobre moral e valores morais nos discursos dos líderes, no qual notamos que a grande parte dos entrevistados fez relações com as suas respectivas religiões e relacionaram a moral com as

regras e os deveres. Nas considerações finais deste trabalho iremos entrar em mais detalhes sobre os assuntos analisados, apontando com mais ênfase as nossas observações e considerações sobre o material estudado.

Por agora, faremos a análise do grupo 2 e suas categorias.

Grupo 2 - Concepção de moralidade e sua relação com a religião

Neste grupo iremos analisar a concepção de moralidade e sua relação com a religião, baseado na quarta questão que elaboramos na nossa entrevista semiestruturada.

Lembrando que a pergunta que fizemos foi: “Você acredita que exista relação entre a moralidade e a religião?”. Obtivemos as seguintes respostas e categorias citadas logo abaixo.

Categoria 2.1 - A moral e a religião são inseparáveis

Começando a análise pelo líder C1, o mesmo nos respondeu à questão “Você acredita que exista relação entre a moralidade e a religião?” da seguinte forma:

“Elas se interligam, eu creio que, ao menos no conceito de religião como eu creio, não dá para separar uma coisa da outra não. Os princípios que eu creio, que eu tento vivenciar numa religião que eu creio, que eu vivo, eles também são frutos de uma moralidade. Como por exemplo, o respeito aos outros, aos diferentes, o respeito aos mais fracos, aos descartados...isso daí são atos morais, éticos, mas traduzem, antes de tudo, uma fé. Então eu vejo que a fé é um dado até que vem antes dessas questões, do modo de eu agir, e a fé está contida dentro de um conceito de ser, de um modo de ser”.

Como podemos observar, C1 nos diz que a moral e a religião são inseparáveis, e que os princípios religiosos estão interligados com a moral e com os valores morais, como o respeito, a tolerância, dentre outros pontos. De acordo com o que estamos pesquisando no nosso trabalho, alguns pesquisadores (ALMEIDA, 2004; VALENTIN NETO, 2008) se indagam sobre essa relação entre a religião e a moral, e até mesmo questionam se é necessário a religião/religiosidade para uma pessoa ser moral. Como demonstramos nas pesquisas apontadas neste trabalho, as religiões, dentre elas o budismo, cristianismo, islamismo, hinduísmo etc., tem um papel norteador e até mesmo tem princípios bem definidos sobre os comportamentos que são adequados para uma convivência mais harmoniosa entre os indivíduos. Porém, as religiões também podem ter um papel incoerente com a propagação de uma convivência pacificadora, principalmente em relação a tolerância com as diferentes religiões. Se formos pensar sobre a colocação de C1, o mesmo nos aponta os valores morais primordiais para uma convivência mais harmônica, nos dizendo sobre ter respeito com os diferentes.

Essa última colocação de C1 nos faz pensar sobre Silberman (2005). De acordo com este autor, o catolicismo vem se preocupando, atualmente, com questões voltadas com a igualdade de distribuição de renda e com os direitos da população, principalmente dos mais vulneráveis, e também com diálogos que promovam mais paz e tolerância com outros credos religiosos.

Por outro lado, pela nossa perspectiva sobre o desenvolvimento moral, nos indagamos se essa relação entre moral e religião são necessárias, e se o são, até que ponto a religião pode limitar ou não os indivíduos a pensar por si próprios sobre os valores morais e suas problemáticas na sociedade e nas relações uns com os outros. Pelo que coletamos nesta questão da entrevista feita para C1, não podemos ressaltar que a colocação deste líder foi heterônoma ou não. Iremos analisar outros líderes para então continuarmos essa análise sobre o desenvolvimento moral.

Segundo C2, a relação entre religião e moral pode ser entendida da seguinte maneira:

“São extremamente intrínsecas. É necessário...é necessário. Porque a religião te coloca uma moral, ela te dá parâmetros. São criações de normas que, dentro dessas normas você encontra uma moral, uma moral que vai além da norma. Uma moral que vai conduzir a descoberta de um outro ser, não é uma moral que conduz somente para a norma, para a obediência. É claro que existem muitas pessoas e, dentro de cada individualidade, a pessoa pode enxergar de forma diferente e fazer um caminho diferente. Mas a moral cristã não está para engessar, mas para a liberdade. Justamente para a liberdade. Então a moral dentro da igreja, da religião é necessária. Você tem...você se encontra com esse Deus da vida que te direciona para um norte, por exemplo. Aqui você tem uma moral de vida, uma moral que se fundamenta na importância da vida. ”.

Como podemos notar, C2 ressalta a necessidade da relação entre moral e religião. Entre alguns pontos colocados por este mesmo líder, ele fala sobre a moral para além da norma, da obediência, e também nos diz sobre a individualidade de cada pessoa e os caminhos diferentes que cada um pode traçar na sua existência. Até aqui estes levantamentos de C2 sobre a moralidade são coerentes com os postulados teóricos de Kohlberg e Puig sobre a moral. Para estes pesquisadores, a moral não está restrita somente a obediência de normas e regras, e sim sobre a possibilidade que os sujeitos tem para enxergar a moral com o intuito cooperativo e autônomo, assim como já ressaltamos anteriormente nesta pesquisa. Entretanto, na mesma fala, esse líder nos diz que a moral cristã é libertadora e visa a liberdade dos sujeitos. Não sabemos até que ponto essa liberdade citada pelo líder religioso tem relação com a possibilidade de autonomia do sujeito. Para nós, a liberdade estaria relacionada com o livre-arbítrio que os indivíduos teriam para abordar questões morais complexas e emergentes, até mesmo dos

princípios e credos religiosos, de uma forma crítica, reflexiva e construtiva, visando mudanças e possíveis reconstruções.

Se recorrermos anteriormente na nossa pesquisa, mencionamos as significativas mudanças ocorridas dentro dos princípios do catolicismo nesses últimos sessenta anos. Até mesmo assuntos complexos, como casamento entre pessoas do mesmo sexo, ciência e sua utilização de células tronco, discussões sobre aborto, dentre outros, estão sendo revistos e discutidos na Igreja Católica, possibilitando um outro olhar sobre esses paradigmas vigentes. Por outro lado, ainda há uma manutenção de princípios cristãos e resistências de muitas frentes católicas sobre muitos pontos, nos quais fica difícil avaliar até que ponto os indivíduos podem, de acordo com a instituição católica, pensarem por si mesmos sobre os dilemas morais vigentes. Desta forma, para nós, parece que as instituições católicas, direta e/ou indiretamente, guiam os sujeitos para a obediência dos pressupostos do catolicismo.

Sendo assim, notamos que esse discurso de C2 nos parece fundamentado dentro dos princípios institucionais do catolicismo, no qual esse mesmo líder nos diz sobre seguir a Deus, no qual entendemos esse Deus como a figura de Jesus Cristo, e dentro dessa possibilidade que somos norteados por princípios que nos guiam para uma vida plena.

Analisando agora a narrativa de C3, observamos que ela é ainda mais voltada para os princípios institucionais do que o que foi apontado pelo líder anteriormente analisado. Para C3, a relação entre moral e religião pode ser entendida da seguinte forma:

“Assim, na religião há o aspecto moral também. Se você for pegar, por exemplo, quando nos referimos ao pecado, estamos falando de comportamentos ruins. Tanto que, para fazer parte dessa doutrina, do cristianismo, tem que fazer parte também da moral. Tanto que, se não for assim, você pode pegar esses valores, pegar a doutrina, os conhecimentos e transformar ela conforme a sua necessidade. Você pode pegar um princípio e distorcer ele. Você pode pegar algumas verdades, valores, princípios e distorcer eles para uma satisfação própria. Então a religião tem que ter o âmbito moral, ela tem que existir. Senão a gente fica sem nada, sem segurança”.

Ao menos nesse discurso, C3 demonstrou o quanto a moral e sua relação com a religião está enraizada no credo religioso e, se não existir essa fidelidade nos princípios religiosos do catolicismo, a pessoa pode distorcer as normas consideradas “verdadeiras”, de acordo com a instituição, e modificá-las só para uma satisfação egoísta.

Desta forma, podemos notar que esse discurso nos parece voltado a obediência dos pressupostos religiosos e, caso o indivíduo não seguir esses valores determinados pelos

princípios cristãos, o mesmo só vai criar valores egocêntricos, buscando sua satisfação individualista, e com isso desvirtuar a essência dos ensinamentos do catolicismo.

Assim como postulamos anteriormente sobre analisar os discursos comparando-os com os pressupostos da psicologia do desenvolvimento da moralidade, essa resposta de C3 é incompatível com a construção da autonomia do sujeito, na qual para este mesmo líder, pensar por si mesmo é algo errôneo (possivelmente até pecaminoso) ao invés de proporcionar novas perspectivas e, com isso, auxiliar no processo de construção da autonomia do indivíduo e novas possibilidades de se entender os valores morais e suas possíveis contradições.

As observações que realizamos das homilias desse líder sustentam ainda mais a nossa interpretação desse discurso: ele se demonstrou muito voltado aos pressupostos tradicionais da igreja, transmitindo essas informações comparando-as com a realidade atual e ressaltando como a obediência no tradicionalismo é fundamental para promoção de uma sociedade melhor. Essa resposta, conjuntamente com a nossa interpretação das observações que fizemos, nos dão mais indícios de que a perspectiva deste líder é mais voltada para um posicionamento heterônomo e convencional da moralidade e dos valores morais, ainda mais na relação entre moral e religião.

Se tratando agora dos líderes budistas, analisaremos a resposta de B1. De acordo com este líder, a relação entre moral e religião pode ser entendida como:

“Eu penso que a religião... Ela é um princípio norteador da sua moral. Ao mesmo tempo que ela ajuda a formar a sua moral interna, ela também norteia os conjuntos de sentimentos morais que nós temos e com as coisas que nós fazemos ou deixamos de fazer”.

Nesta primeira parte, B1 nos diz sobre a importância que a religião pode ter para ser norteadora das condutas e juízos morais dos indivíduos, no qual ela mesma vai desenvolvendo seus pressupostos morais (internamente, como colocado pelo líder) e influenciando as condutas morais dos sujeitos no ambiente. Até este momento a fala de B1 não está diferente do que analisamos anteriormente, na qual os outros líderes apontaram essa relação entre a moral e a religião, sendo que está última se torna importante para moldar as condutas morais dos seres humanos. Continuando com a resposta de B1, ele ainda nos diz:

“No budismo, por exemplo, ele tem essa questão inclusiva, de aceitar as pessoas. Então para mim é muito fácil aceitar as pessoas independente da...da etnia, da questão social, de classes, ou... o que quer que seja. Para mim é tranquilo. É tranquilo porque...a gente vê a questão humana da pessoa. Então eu acho que é por isso”.

O que notamos nessa última parte nos faz pensar na seguinte indagação, de acordo com os postulados da psicologia moral: se no budismo o sujeito aprende a questão inclusiva e este líder acha fácil aceitar as pessoas por ser budista, ele mesmo aceitaria essas diferenças se o

mesmo não fosse budista? Esta fala nos parece muito compatível com a classificação de pessoas convencionais de acordo com o pensamento de Kohlberg (1992). Assim como o sujeito convencional segue os padrões colocados pela sociedade e guia-se por essas normativas, a instituição religiosa não deixa de ser diferente: sabemos como a religião é uma parte significativa dos princípios norteadores de uma sociedade, desde a antiguidade até na atualidade (SILBERMAN, 2005), assim como também postulamos que essas mesmas instituições podem influenciar seus seguidores a juízos e ações nas quais interferem na autonomia dos sujeitos, submetendo-os, direta ou indiretamente, a comportamentos heterônomos.

B1 nos pareceu, pela nossa interpretação do que o mesmo nos colocou, (a) sujeitado aos princípios budistas e, pelo que compreendemos, guiado dentro desses padrões, de forma não reflexiva, e sim correspondente somente pelo ideal budista. Nos parece que a ideia “se nos ideais budistas tal ideia ou comportamento é considerado bom, logo eu o faço e reproduzo” é bem compatibilizada com o que B1 nos transmitiu nas entrevistas. Se fizermos uma comparação com os outros líderes, a sua postura não se distingui em muitas coisas, ou melhor, só se distingui a religião: tanto o budismo quanto o catolicismo servem para nortear os indivíduos moralmente e, de acordo com o pensamento dos líderes até então analisados, não só norteiam como também são fundamentais para uma vida plena, e nos dá a impressão que, se não existir esses preceitos morais religiosos, dificilmente os indivíduos exerçam os valores e ações morais para o bem estar coletivo, restringindo seus comportamentos a atitudes mais egoístas.

O discurso de B2 não foge dessa lógica por nós trabalhada, de acordo com o mesmo:

“A religião...eu nunca pratiquei outra religião...pratico o budismo desde o ano de 1977, mas eu acredito que a religião...ela é uma forma de você buscar essa questão de evoluir como ser humano para que as suas ações sejam boas para a sociedade. Então é...contribuir positivamente para a sociedade, e eu acredito que isso deva ser trabalhado. Então...por isso que o budismo é fundamentado num tripé... fé, prática e estudo. Sem o estudo não pode haver o budismo”.

Como podemos observar, essa narrativa de B2 não se distancia daquilo que já estamos discutindo nesta categoria: a instituição religiosa colocada como fundamental para nortear os indivíduos. Este líder até ressaltou a questão da evolução humana, ou seja, a religião auxilia na evolução do ser humano, e, pelo que entendemos, se trata de uma evolução moral, na qual as atitudes dos indivíduos devem ser em prol da sociedade. Estamos de acordo com esse pensamento, em termos de uma “ evolução” da moralidade em busca do bem-estar dos indivíduos, assim como as teorias da psicologia moral nos ressaltam, mas nos indagamos sobre

essa necessidade, se assim podemos dizer, da instituição religiosa estar ligada diretamente com essa evolução do ser humano, se tratando de valores morais.

B3, assim como observamos em questões analisadas anteriormente, é o único líder desta categoria que apresenta um discurso diferente nessa questão entre religião e sua relação com a moral. De acordo com este líder:

“Não tenha dúvida. Mas também temos que levar em consideração dois lados: tem que levar em conta que não é se a igreja falou, o padre falou, o monge falou, é ponto final. Temos que levar em conta a contextualização histórica, as relações de forças, os pesos das forças atribuídas aos protagonistas desses eventos”.

Neste trecho da entrevista já observamos uma postura diferente de B3 comparada com os demais: não é porque a instituição religiosa disse, pelo que compreendemos de sua fala, que temos que levar isso como a última palavra, na qual não se pode ter um questionamento e/ou uma reflexão diante das circunstâncias. Complementando o diálogo, esse líder ainda nos fala da relação de forças e concepções históricas sobre essa relação entre religião e moral:

“Se é o monge...a última palavra é do monge, do padre, porque é ele que vai te mandar para o céu, ou para o outro lugar. Então você tem essas correlações de forças. Na história do budismo você tem esse choque. Pensa bem: você tem lá o monastério, e ele não consegue se manter, ele não é produtivo, para se manter ele depende da sociedade, é uma relação de troca. E você vai manter um cara que te diz que você não vai para o céu? (Risos). O monge tem que elaborar uma cosmologia da salvação que faça sentido, e esse processo nós temos dentro da história do budismo. Teve um momento que, quem se ilumina e vai para o nirvana, só poderia ser os disciplinados e os monásticos. E você? Que trabalha, que pega na inchada, que sustenta o monastério? Você não? Como é essa história? (Risos)”.

Essa demonstração de B3 sobre os paradoxos históricos na raiz do budismo nos convida a uma reflexão acirrada sobre os contextos históricos e a correlação de forças políticas e sociais que influenciavam (e ainda influenciam) a dinâmica das crenças e a construção dos princípios norteadores da religião, dentre eles os valores morais do credo budista.

Sendo assim, é notável o quanto este líder, na nossa perspectiva, nos convida constantemente para um diálogo aberto, sem receios ou resistências perante o sistema de regras monásticas e ritualísticas. Condizente a isso, notamos o quanto é difícil para os indivíduos, ainda mais pensando em líderes religiosos, abordarem temas considerados polêmicos dentro da religião. Seria esse o sentido no qual Kohlberg (1992), notoriamente, observou que são poucos os indivíduos que possuem um raciocínio moral para além do convencional, no qual são capazes de avaliarem constantemente a contradição dos valores impostos e dos seus próprios valores,

calcando para uma perspectiva mais abrangente da moral, sendo ela mais justa e mais acolhedora para todos. Quando pegamos a fala de B3 e notamos que ele lida de uma forma crítica (até mesmo sarcástica) sobre a salvação ser restrita a determinados indivíduos que seguem à risca as regras monásticas, enquanto os trabalhadores não, encontramos no discurso desse líder um posicionamento que nos convida a uma reflexão sobre os preceitos religiosos que ainda são sustentados até a atualidade e, para nós, uma reflexão dos princípios e valores morais dessa religião.

Para encerrarmos a análise dessa resposta de B3, ele ainda complementa, dizendo que temas complexos na sociedade, como suicídios, aborto e eutanásia, devem ser analisados com cautela e diálogo, e não com julgamentos sem sentido. Nas suas palavras:

“A gente lida com a empatia e a compaixão para tratar de determinados temas, até os temas quentes, como suicídio, eutanásia, aborto, entendendo os protagonistas dos eventos. Todos temos que estar na mesma equação, como exemplo, se a sociedade é contra o aborto, no mínimo deveria dar condições para que ela viva sem discriminação e preconceito. Então é uma moral desequilibrada nessa gangorra”.

Esse posicionamento de B3 sustenta ainda mais a nossa análise de que este líder é diferente dos outros que estamos analisando nesta categoria: o mesmo consegue dialogar e criticar a sua própria crença e visa a construção de valores cujo sentido abarque o bem-estar para as pessoas, até mesmo em casos complexos que, geralmente, a sociedade, até mesmo as instituições religiosas, condena ou cria uma atmosfera de preconceitos e intolerância.

Para encerrarmos a análise desta categoria, analisaremos agora o discurso de B4. Para este líder, a religião e a moral tem uma relação. De acordo com o mesmo:

“Tem...tem...a religião ela muda o paradigma do pensamento para a atenção. Então através da religião você consegue realmente consertar o nosso próprio erro para seguir o caminho da revolução humana. A religião seria um meio, um veículo para fazer um diálogo de ambas as partes. Esse diálogo serve para a gente compreender sobre a razão e a verdade, de quem fala e de quem escuta, pois, cada caso é um caso. Porque o ser humano...cada ser humano tem sua característica, e cada uma dessas características a gente tem que respeitar, respeitar a individualidade”.

Nos parece, interpretando esse dado, que sua fala mantém a característica heterônoma, pois a religião apresenta o papel fundamental que dá o Norte para o indivíduo ser moralmente aceito e até mesmo que evolua, se o mesmo seguir o caminho traçado pelo credo religioso. Apesar do líder B4 demonstrar respeito pela individualidade e características de cada ser

humano, o mesmo veicula a religião ao bem, ao caminho correto, ao que é certo: seria o veículo pelo qual os sujeitos concertam seus erros.

Correlacionando a análise dessa categoria com outra pesquisa que aborda a relação entre moral e religião, Cowan (2014) nos aponta como muitos líderes de religiões neopentecostais destacam a relação entre moralidade e religião, ressaltando a falta de valores morais religiosos na sociedade. Com isso, conseqüentemente, vivenciamos crises nas relações humanas. Este mesmo autor analisou como essas lideranças nas igrejas evangélicas têm disseminado esse discurso de crises morais para remodelar a política nacional conservadora e ter mais impacto na sociedade. Apesar das diferenças entre a pesquisa de Cowan e a análise desta categoria, é destacável o quanto os líderes religiosos de diferentes crenças destacam a relação entre moral e religião.

Finalizando com a análise desta categoria, faremos um apanhado geral da nossa interpretação das respostas dos líderes religiosos sobre a questão levantada. Como notamos, todos os líderes religiosos que entrevistamos disseram que existe uma relação entre a religião e a moral. Entretanto, observamos que todos eles, exceto B3, associou a moral a religião de uma forma heterônoma, ou seja, são os princípios construídos pela religião que guiam os indivíduos nos seus valores morais, e até mesmo para que os sujeitos evoluam para o caminho considerado correto, bom, justo e verdadeiro. Caso os indivíduos não sigam esses preceitos norteadores da religião, ele só calcará para a satisfação egoísta de suas vontades e desejos. Somente B3 foi capaz de fazer uma análise crítica nessa relação entre moral e religião, apontando as contradições e polemicas que envolvem a religião budista na sua construção histórica.

Desta forma, podemos encerrar esta categoria observando que os líderes religiosos entrevistados, salvo B3, estão discursando de uma forma que ressalta os princípios religiosos como fundamentais para a orientação moral dos sujeitos, nos dando a entender que seus posicionamentos se encaixam com os pressupostos heterônomos e convencionais de acordo com os pesquisadores que trabalhamos da psicologia moral.

Iremos agora analisar a categoria 2.2.

Categoria 2.2 - A religião sendo prioritariamente mais importante que a moral

A resposta que nós tivemos do líder religioso C4, na sua primeira parte, é muito próxima da análise da categoria anterior: a religião e a moral possuem uma relação. Nas palavras do líder:

“Eu acredito que a religião é extremamente vinculada com a moral. Talvez eu não pudesse falar com tanta propriedade das outras religiões porque fugiria muito do meu campo

de compreensão. A partir do cristianismo e do catolicismo, aonde eu estou mais presente, diria que nós temos uma relação muito próxima entre a religião e a moral. A religião...ela cria esses códigos de conduta, essas normativas de vida, identifica o que é certo, o que é errado, e ela transmite isso”.

Este mesmo líder, pela nossa observação, nos apontou a relação entre a moral e o catolicismo e como essa religião cria códigos de conduta, na compreensão do líder, fundamentais para a sociedade. Essas normas norteadoras do catolicismo visam, de acordo com o mesmo, identificar o que é certo, bom, justo, entre outros fatores. Entretanto, a continuação da resposta deste líder nos trouxe um dado diferente dos demais: ele priorizou a religião. Seguindo com a sua resposta:

“Essa é uma pergunta bem difícil, até porque que embora, assim, a religião e a moral caminhar muito próximas, muito íntimas, eu creio que a moral, ela não é... (pausa de 5 segundos) prioritária para a religião. Antes de uma conduta moral, para o cristianismo católico, de um código moral, a gente tem um princípio anterior que é uma pessoa, e essa pessoa é Jesus Cristo. Então antes de passarmos para nossos fiéis para seguir códigos de conduta, nos falamos para eles seguirem uma pessoa, Jesus Cristo. Essa pessoa é muito mais do que normas morais, do que princípios morais. Existe sentimento quando se trata de pessoas, e Jesus insiste muito enquanto regra geral e primeira, enquanto prioridade, o amor, que não é, em princípio, uma moral”.

Na nossa análise, essa contextualização deste líder sobre a religião católica ser primordial para a conduta do indivíduo, até mais importante do que a moral e os seus valores, nos provoca certas reflexões: dentro da nossa perspectiva, alicerçada pela psicologia moral, pensar sobre o desenvolvimento da moralidade implica muitos fatores, como aprendizado, relação de amor e temor com figuras paternas e representantes dessas mesmas, e a relação recíproca entre os sujeitos, visando a cooperação e a autonomia (PIAGET, 1932/1994).

Desta forma, esse sentimento, colocado pelo líder, pela figura de Jesus, seria aprendido? Poderia ser ensinado pelos cuidadores que, diante do temor e amor que a criança sente, acaba obedecendo os pais e internalizando essa figura religiosa? Diante da nossa fundamentação teórica, acreditamos que ambas questões podem ser respondidas de forma positiva. Esse sentimento de amor, abordado pelo líder, é visto por nós como um sentimento heterônomo: de acordo com a fala dele, Jesus seria mais importante do que a moral, e seguir essa figura cristã seria o norteador do amor, e este último seria prioritário para as relações humanas, pois os indivíduos tem sentimentos.

Ao nosso ver, o amor é abordado por Kohlberg nos seus últimos escritos, sustentando esse sentimento, assim como a religiosidade, simpatia vital e sabedoria, como fundamentais

para o desenvolvimento moral pleno. Entretanto, dentro de sua perspectiva teórica e de Puig, esse sentimento de amor não é representado por uma religião e/ou por uma figura religiosa, e sim por uma construção contínua de valores e condutas que, de forma relacional e cooperativa com outros sujeitos, vai se desenvolvendo outras possibilidades de interação social de condutas e valores. Ser sujeitado por um princípio único, para nós, seria paradoxal com os pressupostos do desenvolvimento moral. Mesmo que o líder tenha dito que o amor não é um valor considerado moral, e que seria esse sentimento prioritário, na nossa análise, esse sentimento, restrito apenas a uma figura religiosa, é de cunho heterônomo e, assim como os valores podem ser construídos e decodificados para uma construção que visa um alto grau moral, o amor também pode, pois é um valor moral que pode continuamente ser modificado.

Analisando esse grupo e as respectivas categorias, de forma geral e resumida podemos salientar o quanto os líderes religiosos disseram sobre a relação entre moral e a religião ressaltando os valores advindos da instituição religiosa. Tanto os líderes católicos quanto os budistas demonstraram a importância dos valores religiosos e o quanto esses são guias instrutivos para os indivíduos viverem em paz e harmonia. Colocando mais uma vez o nosso posicionamento, baseado na nossa proposta de estudos tendo como alicerce a psicologia moral, a religião, enquanto instituição, pode sim ter um papel conveniente para nortear os indivíduos em alguns padrões de comportamentos morais aceitáveis pela sociedade. Por outro lado, ao nosso ver, muitos valores das instituições religiosas são passíveis de críticas e reflexões, pois entram em paradoxo com muitos fenômenos sociais e culturais. Somente por uma via de autonomia que podemos repensar determinados valores situados na sociedade, advertindo até que ponto eles fazem sentido existencial para a maior parte das pessoas, e se eles beneficiam a maior parte da população. Para isto, torna-se fundamental a constante reflexão sobre os valores morais, visando a modificação e a releitura das vivências humanas no seu âmbito coletivo.

No próximo grupo iremos analisar a transmissão dos valores morais no âmbito religioso.

Grupo 3 – Transmissão dos valores morais no âmbito religioso

Neste grupo iremos descrever e analisar as respostas obtidas nas entrevistas sobre os valores morais que os líderes priorizam enquanto líder religioso e como eles transmitem esses valores para os seus fiéis/seguidores, baseados nas questões cinco e seis da nossa entrevista semiestruturada.

Segue abaixo as categorias e análises.

Categoria 3.1 - Priorizar os princípios religiosos e a homilia

Iniciando a análise desta primeira categoria do grupo três, C2 nos diz que o valor prioritário para ele, enquanto líder religioso, seria:

“Olha, o diálogo é um deles. Este é um dos principais valores morais. Até mesmo em sociedades antirreligiosas, que são...nem toda ela...as sociedades que nem toda ela é católica, cristã. Na sua diversidade, na sua pluralidade, de religião. O diálogo é capaz de estabelecer pontes, de criar pontes...é um dos valores morais que eu prezo bastante”.

Neste discurso, observamos que C2 prioriza o diálogo enquanto um valor fundamental para estabelecer vínculos entre os indivíduos, até mesmo para aqueles que não fazem parte da sua perspectiva religiosa. Nesse ponto, consideramos esse posicionamento de C2 notoriamente próximo dos postulados teóricos de Kohlberg (apud YAÑES-CANAL, 2012). Este pesquisador, nos seus últimos fundamentos teóricos, ressaltou a importância do diálogo como peça fundamental para a estruturação moral dos indivíduos. Se anteriormente ele refutava essas questões e até mesmo era criticado por Selman, Mead e Baldwin por faltar um diálogo mais comunitário na sua teoria, na década de 80 ele incorporou esses fundamentos, sendo eles, conjuntamente com o sentimento de justiça, cuidado, sabedoria, amor, dentre outros, fundamentais para a elaboração de um raciocínio e ação moral mais amplo, visando a busca de uma relação mais comprometida com o bem-estar coletivo. Ainda para este autor, assim como o próprio C2 destacou, o diálogo é capaz de romper barreiras: é só por esse processo que podemos construir e reconstruir valores antes incongruentes e paradoxais; o diálogo e a reflexão sobre o mesmo é que nos torna capazes de repensar nossa posição no mundo.

Para Puig (1998), a construção de uma personalidade moral se dá através de uma educação moral que não fique restrita ao aprendizado limitado e a obediência do sujeito: necessitamos dialogar constantemente, seja no âmbito social e até mesmo individualmente, para nos tornarmos autônomos e visarmos uma mudança significativa no pensamento humano e nas suas ações no mundo.

Sendo assim, o diálogo, como colocado por C2 e pelos autores que mencionamos anteriormente, é um valor moral fundamental para as relações coletivas, visando a superação de problemas e dilemas morais e a construção de novas possibilidades nas relações humanas. C2 também nos diz sobre a empatia, nas suas palavras:

“O valor de ajudar ao próximo, ajudar o outro, a prática do bem, o altruísmo, esse “ir ao encontro do outro”, a capacidade de me esvaziar, de sair do centro para olhar o outro”.

A empatia, de acordo com os pressupostos trabalhados por Kohlberg e como já mencionamos anteriormente, é um dos valores no qual este pesquisador incorporou na sua teoria moral e deu grande ênfase. Seria através da empatia e pelo sentimento de pertencimento que

podemos criar vínculos mais vindouros e construir uma moral mais abrangente, justa e amorosa na sociedade.

Já na questão relacionada a transmissão dos valores que os líderes priorizam para os seus fiéis, obtivemos a seguinte resposta de C2:

“Nós pegamos uma passagem da Bíblia, referente ao tempo de Jesus, em uma situação, e trazemos esse evangelho para as discussões atuais e iluminar a nossa vida. Então assim...na homilia é um dos momentos principais que nós temos um grande alcance. As reuniões de comunidade, as pastorais, esses movimentos, a visita é periódica”.

Apesar de observamos e concordarmos com os valores anteriormente mencionados por esse líder, como a empatia e o diálogo sendo peças importantes para a construção da moralidade, a forma como esse líder transmite os valores é passível de críticas. A prática da homilia nas igrejas católicas é um procedimento comum e faz parte do ritual sagrado desta crença, de acordo com Santana (2005). É também comum, nessa prática, o líder religioso situar alguma passagem da Bíblia e explicar os significados para os fiéis. Quanto a isso, notamos que seria difícil para um líder religioso fazer uma exposição de seus próprios credos e valores sem abarcar os preceitos religiosos dentro da igreja.

Desta forma, já era de se esperar que C2, pelo que ele nos demonstrou anteriormente nas respostas da entrevista e pelas observações, que o mesmo se manteria enraizado nos princípios católicos para a transmissão de valores. Apesar de concordarmos com a importância da transmissão de valores como a bondade, a justiça, solidariedade, amor, compaixão, dentre outros tantos que vemos no catolicismo, para a nossa perspectiva, guiada pelos preceitos científicos da pesquisa em psicologia moral, a relação entre esses valores e os mesmos serem guiados por princípios bíblicos podem ser complicadores e até mesmo influenciar os fiéis, ainda mais por esses ideais serem transmitidos por um líder religioso, a serem só obedientes daquilo que lhes são transmitidos. Assim como já dissemos anteriormente, valores como a bondade, justiça, amor, compaixão, são fundamentais para uma busca de harmonia moral entre os sujeitos em uma sociedade, mas os preceitos da psicologia moral que visam a construção de uma personalidade moral implicam numa busca incessante pela crítica das contradições e dilemas morais emergentes e a autorreflexão moral dos sujeitos, priorizando a autonomia (PUIG, 1998).

Já o líder religioso C3 demonstra, nessa sua resposta, a prioridade dele em relação aos valores morais dentro da doutrina religiosa. De acordo com o mesmo:

“Eu priorizo principalmente, dentro da minha doutrina. Que é o cristianismo, a partir dos valores do cristianismo. Eu foco muito no aspecto da relação com o outro. O que é essa relação? Aceitar o outro como ser humano, como pessoa. Os valores morais que eu tenho, no

cristianismo, me fazem ver aquela pessoa com amor, sem um julgamento, sem uma condenação”.

Aqui observamos, mais uma vez, a ligação entre os valores morais partindo, prioritariamente, dos valores religiosos da Igreja. O amor, enquanto um valor moral, é fundamental para a construção de uma personalidade moral que visa a busca de mudanças nas relações humanas para um bem-estar coletivo. Entretanto, questionamos fundamentos baseados, principalmente, na instituição religiosa, pois assim como colocado por Puig (1998), essas instituições podem ser basilares para os indivíduos permanecerem numa heteronomia moral.

Por outro lado, na mesma fala, este mesmo líder nos fala sobre a possibilidade da escolha, caso ela não esteja de acordo com os preceitos morais dentro da perspectiva deste líder:

“E se ela estiver fazendo alguma coisa que não é de acordo com a moral, com os valores. Você pode, através do seu testemunho, ajudar aquela pessoa, mas agora, a decisão de fazer isso tem que partir dela. Eu não posso exigir dela que ela faça o que eu quero. Mas a questão é mostrar, principalmente, o amor para o outro”.

Nessa questão levantada notamos que o líder até demonstra que as pessoas podem escolher aquilo que lhes convém, mas, por outro lado, ele ainda visa o seu testemunho como um “caminho a ser seguido”, dentro da moralidade, dando a entender que esse caminho, baseado nos pressupostos religiosos católicos, seria o melhor caminho para o indivíduo seguir.

Em relação a transmissão desses valores para os fieis, C3 nos respondeu:

“Onde eu tenho uma multidão mais ampla é nas missas. Então eu pego o conteúdo que está na liturgia, palavras, leituras. E ali eu tento fazer uma síntese e trazer para a vida real. Então eu me baseio no meu viver, no seu viver...isso daqui. Está expressando aquilo que eu acredito, segundo a doutrina, e... o que isso reflete na minha vida? O que esta passagem reflete na minha vida? Eu tento assim...neste âmbito aí, eu tento expor isso. Baseado sempre naquilo que te falei: baseado no ser humano. Sempre ele em primeiro lugar”.

Assim como o líder C2, este líder também se baseia na liturgia para expressar os valores morais. Ele se baseia em um texto bíblico e faz uma ligação da passagem do livro com os dias atuais. Essa articulação entre a doutrina e a realidade, pela nossa perspectiva, pode ser alienante, tornando assim a possibilidade de reflexão crítica mais difícil. Se retornarmos na discussão que La Taille (2009) nos disse sobre as crises de valores ou valores em crise, observamos que para este pesquisador brasileiro da psicologia moral, temos pelo menos dois grandes grupos em relação ao pensamento moral na contemporaneidade: os conservadores, que priorizam os valores estabelecidos na sociedade e acreditam que a crise nos valores se dá pelas mudanças, e aqueles que são mais progressistas, que visam as mudanças como algo positivo, e que os

problemas advindos dos valores são desencadeados por esse choque entre o valor antigo e o novo.

Para a psicologia moral, é desejável que dilemas morais e contradições entre os valores engessados na sociedade sejam pensados e até mesmo postos a críticas, visando uma ampliação de possibilidades de se pensar a moralidade e até mesmo observar se os valores são positivos para a sociedade e se abarca o maior número de pessoas. Somente ficar preso a valores conservadores, levantados por um pilar religioso, pode ser paradoxal com as mudanças naturais que toda sociedade sofre ao longo do tempo. Adaptar-se as mudanças e construir possibilidades de se pensar a moral, mantendo certos postulados tradicionais e amplificando sua perspectiva, é fundamental, ao nosso ver, para a construção da personalidade moral autônoma.

Por último nesta categoria temos o líder C4. Para este líder, o valor prioritário enquanto líder religioso é:

“Para mim, se pensarmos numa hierarquia de valores morais, eu colocaria primeiro a justiça, porque creio que, quando nós temos relações mais justas, na sociedade, isso gera um ambiente pacífico, um ambiente muito mais tolerante, respeitoso, e isso então cria uma harmonia”.

Neste ponto, a discussão dos valores morais da psicologia moral é condizente com a resposta de C4. Assim como mencionamos na fundamentação desse trabalho, sabemos que Kohlberg (1992) enfatizou a justiça como ponto fundamental na sua teoria moral. Para este mesmo autor, seria o princípio de justiça o maior norte moral para a sociedade e para os sujeitos calcarem para um nível moral mais sofisticado, justo e abrangente. Até mesmo nos seus últimos postulados teóricos, no qual Kohlberg complementou sua teoria, incorporando outros valores como a empatia, o cuidado, o amor, a religiosidade, como fundamentais para a construção de uma moral pós-convencional, este autor nunca deixou de apontar o conceito de justiça como um valor humano fundamental para o desenvolvimento moral.

Assim como apontado por Kohlberg, para C4 a justiça seria o ponto crucial para as pessoas se relacionarem de forma mais harmoniosa, pois numa sociedade mais justa a probabilidade de estabelecermos uma relação mais pacífica é maior.

Mesmo que esse líder tenha colocado o papel da justiça enquanto norteador moral primordial para os sujeitos, o mesmo disse que transmite esse valor e outros valores que ele acha importante, como a solidariedade, a partir da liturgia, sendo que esta última forma é a que mais atinge grandes públicos. Nas palavras dele:

“Nós temos algumas formas, tem as que atingem mais pessoas, e tem aquelas que não atingem tantas pessoas. Temos a parte litúrgica, onde o público, os fiéis, eles se congregam,

em grande quantidade, então acaba sendo uma grande oportunidade para transmitir esses valores”.

A partir da análise que obtivemos das respostas anteriores de C4, observamos que os aspectos religiosos são prioridade na sua relação entre a moral e a religião, e que os fundamentos bíblicos e os princípios morais cristãos são mais importantes que alguns valores morais. Como este mesmo líder nos respondeu na questão anterior, antes mesmo de pensarmos nos valores morais, para o cristão, Jesus Cristo vem antes disto, então seguir os fundamentos pregados por Jesus é muito mais importante do que os valores morais estabelecidos na sociedade. Neste ponto, apesar do líder ter mencionado a justiça como um valor prioritário, concordamos com a sua postura enquanto teóricos da psicologia moral. Por outro lado, este líder, assim como os líderes anteriores que entrevistamos nesta categoria, apontam a liturgia e/ou homilia como uma ferramenta de transmissão dos valores para os indivíduos que frequentam a igreja.

Finalizando a análise desta categoria, observamos o quanto os líderes entrevistados até então demonstraram que os fundamentos religiosos são prioritários na transmissão de valores morais para os sujeitos que frequentam a igreja. Isto porque todos estes líderes se baseiam nas passagens bíblicas e as relacionam com algum fato ou fenômeno da atualidade para dizer aos fiéis o que é o certo a se fazer e como Jesus o faria. Assim como sustentamos no corpo deste trabalho anteriormente, alguns fundamentos religiosos podem ser importantes, até mesmo alguns valores que a igreja prega e prioriza, porém, ressaltar as passagens cristãs como “verdades absolutas”, no qual os sujeitos devem se igualar e copiar os atributos do messias do catolicismo, ao nosso ver, não é desejável para a construção de uma autonomia moral.

Complementando a análise, não é diferente a postura dos líderes católicos que entrevistamos dos líderes religiosos evangélicos estudados por Mariz (2016). De acordo com essa autora, os líderes neopentecostais assumem um papel de representantes dos ensinamentos de Cristo e priorizam os evangelhos bíblicos nos seus discursos, ações e julgamentos. Com isso, observamos o quanto os líderes religiosos, mesmo de religiões distintas, podem ter ações e discursos muito restritos as vontades da instituição religiosa na qual os mesmos possuem vínculo.

Agora iremos para a próxima categoria, na qual observaremos e analisaremos as respostas dos líderes religiosos restantes.

Categoria 3.2 – O respeito, o diálogo e a dignidade enquanto prioridades do líder religioso

De acordo com a resposta dada por C1 a questão relacionada com os valores prioritários do líder religioso, o mesmo no respondeu:

“Olha...o respeito a cada pessoa. Para mim esse valor é fundamental. O respeito a cada um na sua individualidade, no seu modo de ser. Para mim o respeito é fundamental, tanto que, se perder o respeito, para mim, é perder tudo. Se diz respeito a alguém, se eu não levo em conta que esse ser humano... todos somos importantes, nós estamos em uma derrocada. Nós estamos numa guerra, como estamos vivendo hoje, como se o ser humano fosse um objeto, ou pior ainda, um ser descartável”.

Como analisamos nos discursos de C1 anteriormente e inter-relacionando com essa resposta, observamos que esse líder prioriza muito o respeito pelo outro, pela dignidade do outro ser humano, e se perdermos o respeito pelo nosso semelhante e não o observar como um indivíduo que tem os mesmos direitos, iremos nos perder e sucumbir a relações problemáticas, culminando em desrespeito, intolerância e violência.

Referente a essa questão, o respeito é um valor adotado por pesquisadores da área da psicologia moral (PUIG 1998; LA TAILLE, 1999,2006; KOHLBERG, 1992) como uma peça fundamental para o desenvolvimento moral que calca para a cooperação entre os indivíduos e, conseqüentemente, para uma autonomia moral. É pelo respeito que ocorrem relações cooperativas, nas quais os indivíduos se apoiam mutuamente para a construção, críticas e desconstrução de dilemas morais vigentes, visando uma relação mais justa e benéfica para todos.

Desta forma, complementando esse discurso com o que relacionamos com as teorias da psicologia moral, para nós o respeito é um valor fundamental para a construção de uma personalidade moral autônoma, reflexiva, capaz de estabelecer diálogos cooperativos, tolerante e consistente, visando à amplificação das possibilidades de articular discursos e pensar sobre os fenômenos morais contemporâneos.

Continuando com este líder, ele nos respondeu sobre como ele transmite esses valores morais da seguinte forma:

“Olha...eu...ao menos em nível do que eu chamo de trabalho pastoral, eu priorizo a acolhida da pessoa, mesmo as mais chatas (risos). É uma forma muito importante para criar vínculos de solidariedade e fraternidade, e acolher elas. É uma das formas a acolhida. Garantir espaço também para ouvir as pessoas, além de visita as famílias, também me coloco para a pessoa desabafar, buscar alguma pista, algum conforto. E também a condução geral da comunidade, da paróquia, chamamos de paróquia todo o funcionamento da comunidade envolvida com a igreja”.

Diferente dos outros líderes anteriormente analisados a respeito da nossa sexta questão da entrevista, C1 enfatizou a forma que ele acolhe as pessoas, estabelecendo vínculos solidários e fraternos com a comunidade que frequenta a igreja. Enquanto os líderes que entrevistamos na

categoria anterior destacavam a homilia como a maneira na qual eles transmitiam os valores para os fieis, C1 não mencionou a homilia, e disse que os atendimentos individuais, nos quais ele transmite alguma palavra de conforto, e visita as famílias, também são formas importantes de transmitir os valores para a comunidade.

Desta forma, ao analisarmos esse discurso, essa maneira de transmitir os valores que ele prioriza enquanto líder é menos sistemática em comparação com as homilias e sua intersecção com os valores atuais. Priorizar o encontro com os outros de forma acolhedora e solidária é um dos postulados morais que Kohlber e Puig defendem, se tratando de desenvolvimento moral que prioriza a justiça e a autonomia do sujeito. Apesar do líder C1 estar restrito aos princípios da instituição religiosa, percebemos que o mesmo se esforça mais em acolher, ser solidário e respeitar os sujeitos do que ensinar ou fazer discursos morais pautados na Bíblia.

Já para o líder budista B1, os valores morais que ele prioriza enquanto líder religioso também estão pautados no respeito pelos outros. Nas palavras dele:

“O que eu priorizo como líder religioso é... o respeito pelo outro juntamente com a aceitação do outro, acho que a gente precisa aceitar os outros. Eu não preciso ser igual a ele e nem fazer o que ele faz, mas preciso aceitar a condição dele, aceitar a existência dele em como ele é. É claro que a gente pensa que a pessoa poderia melhorar...melhorar aqui, melhorar ali, mas primeiro vem o respeito dessa aceitação para depois interagir com essa pessoa”.

Aqui observamos que este líder tem a preocupação com o acolhimento do outro ser humano, independente das diferenças e condições. De acordo com o que pesquisamos neste trabalho sobre o desenvolvimento de uma personalidade moral autônoma, a aceitação das diferenças e o respeito pelo próximo são pressupostos fundamentais para as relações se tornarem mais cooperativas e justas, visando a possibilidade de relações morais mais plenas. A educação moral tem como objetivo a conscientização dos sujeitos, a cooperação e o respeito nas relações humanas para a construção de vínculos mais consistentes e toleráveis entre os sujeitos que, conjuntamente, enfrentam os paradoxos sociais vigentes (LA TAILLE, 2009).

Continuando com este líder, ele enfatiza sua escolha pelo budismo e a função da religião em acolher as pessoas. Nas suas palavras:

“Acho muito importante isso porque a religião é um lugar que as pessoas precisam ser acolhidas, eu penso. Um ensino religioso que não acolhe as pessoas, acaba perdendo um pouco da sua função, e é por isso que eu me identifico com o budismo, porque ele acolhe as pessoas”.

Aqui nos parece que, mais uma vez, a associação entre religião e moral fica restrita aos parâmetros apontados pelos princípios religiosos, no qual os aspectos fundamentais determinados pela religião são os norteadores dos comportamentos individuais e coletivos dos sujeitos. Em outras palavras, a religião, neste contexto, é a estrutura base para os valores morais.

Se o princípio religioso prega o acolhimento, os sujeitos reproduzem os valores que foram determinados pela instituição religiosa. Apesar de ser um valor muito importante para a construção de uma personalidade moral que visa a autonomia, o acolhimento não pode ser determinado porque uma instituição prega esse princípio, mas porque é viável para a nossa condição existencial criarmos maneiras sustentáveis para uma relação harmoniosa, na qual possamos enfrentar os dilemas morais e suas contradições sem apego a valores institucionais, como a religiosa.

Assim como colocado por Puig (1998), as instituições têm um papel limitante e alienador sobre os indivíduos, sendo que estes últimos ficam reféns dos pensamentos e ideais estabelecidos pelo estado, pela política ou pela religião. Esses fundamentos institucionais devem ser superados por princípios autônomos de pensamentos críticos, capazes de dar novos moldes e criar modelos de pensamentos pautados no bem-estar do coletivo social.

Se tratando da transmissão de valores para os fiéis, B1 nos disse que:

“Como eu exponho? Olha, nós temos o hábito...por exemplo, nós não conseguimos entrar e sair de algum lugar sem cumprimentar todo mundo, as vezes abraçar as pessoas, sorrir...ouvir as pessoas...porque ao contrário do que as pessoas podem pensar, a gente procura muito ouvir. Ouvir as pessoas, saber o que elas estão passando, quais são os seus sofrimentos e tal. Então eu acredito que isso faça uma diferença”.

A possibilidade de ouvir e acolher as pessoas, dentro da perspectiva da psicologia moral na qual nós estamos pesquisando, é condizente e importante para as relações interpessoais. Saber ser tolerante, respeitar as pessoas e acolher aqueles que estão sofrendo ou precisando de acolhimento é desejável para a construção de um sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade e/ou sociedade. Esse sentimento de pertencimento ameniza os sofrimentos cotidianos dos indivíduos, fazendo com que eles se sintam parte de um grupo. Esses valores, pela nossa observação, são condizentes com o que compreendemos e desejamos para a construção de uma personalidade moral. Entretanto, assim como apontamos anteriormente, a transmissão desses valores numa sociedade deve estimular a reflexão crítica e autônoma para a criação de possibilidades amplas para atender as demandas morais da sociedade. Certamente, grupos ou indivíduos que ficam enraizados em princípios ditados por alguma instituição, permanecem cristalizados nos seus valores, ideais ou princípios, dificultando a reflexão e a amplificação na forma como podemos abordar fenômenos e contextos morais complexos.

De acordo com o líder budista B2, os valores que ele prioriza enquanto líder religioso são:

“Valores morais? Eu acho que...puxa vida...valores morais...acho que o respeito...o valor moral que eu tenho aprendido que é o mais importante é o que você está falando tem que

estar fundamentado em alguma coisa, tem que ter alguma fonte. Então é esse aí...esse é o ponto que nós praticantes do budismo, como líder de uma organização, é importante estar fundamentado no sutra do lótus. Por que? Porque o que você fala vai causar um impacto”.

Como podemos observar, este líder também priorizou o respeito enquanto um valor moral prioritário, mas, assim como já notamos em outras respostas, B2 enfatiza o papel da religião como fundamental para os indivíduos compadecerem de valores considerados bons para a sociedade e para o próprio sujeito. Como já discutimos anteriormente, essa visão dos valores morais restrita a princípios religiosos institucionalizados se torna cristalizada e limitada diante das inúmeras possibilidades de enxergarmos os valores, suas contradições, seu real impacto social, sua construção histórica, cultural, política, dentre tantos outros fatores complexos que podemos visualizar na discussão e reflexão sobre a moral e seus valores (PUIG, 1998).

Esse mesmo raciocínio pode ser observado quando este mesmo líder nos diz sobre a transmissão dos valores enquanto líder religioso:

“Olha, no budismo é o caminho interno...é o caminho interior. Então assim, a minha missão é atuar como discípulo do mestre...o nosso mestre é o doutor Ikeda...ele é um pacifista, poeta, filósofo, fotógrafo, embaixador da paz...então, nossa missão como o responsável de uma organização, é justamente agir como discípulo. O que é mais legal disso tudo é, na prática, todo o direcionamento do nosso mestre como um líder mundial, sendo concretizado com sobra, sabe”.

Observamos mais uma vez aqui o quanto B2 enfatiza a doutrina budista enquanto religião que dá sustentação para os valores morais. Os princípios e valores transmitidos por essa visão budista são inspirados no maior líder dessa vertente budista, o mestre Ikeda. Nesta questão, é notável como este líder Ikeda, para seus seguidores, é a representação máxima da autoridade budista na contemporaneidade, e tudo aquilo que ele fala é levado muito a sério pelos seus fiéis.

Por mais bem-intencionado que isso seja, e até mesmo é desejável que certas inspirações de bons costumes sejam transmitidas para as pessoas para buscarmos concretizar um ideal de bem-estar social, para a psicologia moral, todo esse discurso pode ser muito bem interpretado como heterônomo. A construção de uma personalidade moral está para além de agregarmos valores aprendidos coletivamente; a personalidade autônoma é sustentada pela possibilidade de autorreflexão e argumentação crítica até mesmo sobre os princípios mais representativos para a humanidade (PUIG,1998)

Questionar líderes religiosos e até mesmo as instituições religiosas nos seus fundamentos e pressupostos é uma tarefa complexa que exige coragem, e somente os indivíduos

moralmente autônomos conseguem se distanciar dos emaranhados da instituição religiosa. Por mais que isso seja doloroso, pois desconstruir princípios que já temos estabelecidos dentro de nós é uma tarefa árdua, a desconstrução e reconstrução de valores é que permite superarmos os paradigmas vigentes (PUIG, 1998).

Se tratando da perspectiva do líder B3 sobre os valores morais que este líder prioriza e a forma como ele transmite para os seus fiéis esses valores, obtemos a seguinte resposta:

“Aqui no nosso, Rodrigo, tem uma situação “hardcore”. Eu cuido de um asilo, um abrigo, não são de pessoas que tem família, pelo contrário. Tem um monte de gente que me ajuda para manter a instituição para garantir a dignidade na velhice até o seu último dia de vida. A partir dessa perspectiva, tem aquelas frases que a gente cresce escutando: como já diziam os sábios, diante de Buda somos todos iguais, todos dourados. Frente ao Buda, não existe mais o rico e mais o pobre, são todos iguais. Isso me dá muito orgulho, no meu sacerdócio tem gente que vem de Mercedes e outro que está pobre que sentam juntos, e aqui eles comem na mesma mesa. Isso é um exercício de grandeza. A condição humana é a mesma: você nasce, cresce, envelhece e morre”.

Nesta fala, observamos que o líder prioriza o sentido de igualdade entre os sujeitos, pois independente da sua condição social, estamos sujeitos as vicissitudes demarcadas pela nossa condição mortal. Dentre esta reflexão, Yánes-Canal (2012) nos introduz ao conceito de sabedoria como um dos pilares fundamentais para a construção da moralidade. Este autor nos diz que a sabedoria pode ser entendida como a capacidade de o sujeito lidar não somente com as certezas, mas incluir as incertezas, as angústias, as coisas derradeiras que ocorrem na nossa vida para nos ensinar e lembrar da nossa condição humana, mortal, e que precisa estabelecer vínculos para viver melhor. O sábio é aquele que vive muito bem com a ordem e a desordem, o bem e o mal, as respostas e as dúvidas sobre a existência e o seu sentido. Para tanto, essa condição de enxergarmos a semelhança uns nos outros é fundamental para nos ensinar a sabedoria.

Partindo deste ponto, Kohlberg incorporou na sua teoria a sabedoria como uma condição fundamental para nos tornarmos sujeitos cada vez mais desenvolvidos moralmente, enxergando os valores para além da convenção estabelecida e reforçada no meio social. B3, apesar de se centrar nos pressupostos budistas como fundamentos importantes para os indivíduos, menciona as contradições dos sujeitos que vivenciam aquilo no culto religioso e fora dele.

Concluindo esta categoria, podemos observar o quanto os entrevistados focaram os valores prioritários, enquanto líderes religiosos, pautados no respeito, na empatia e na igualdade. Como notamos e discutimos anteriormente, os líderes, até mesmo B3, se respaldaram nos princípios morais relacionados com a religião na qual cada um está inserido,

levantando em nós uma reflexão crítica, alicerçado nos pressupostos da psicologia moral, em relação a esta interseção entre moral e instituição religiosa.

Assim como salientamos na análise anterior, podemos notar que os líderes budistas, tanto quanto os líderes católicos que entrevistamos quanto os líderes evangélicos estudados por Moriz (2016), também se respaldam demasiadamente nos fundamentos institucionais do budismo para propagar os valores considerados primordiais para as relações humanas.

Agora iremos analisar a última categoria deste grupo.

Categoria 3.3 – Educação e a paz como prioridade na transmissão de valores

O líder B4, diferente das outras respostas que obtivemos anteriormente, nos apontou que o valor moral que ele prioriza enquanto líder religioso é a paz e a educação. Em suas palavras:

“Enquanto líder...eu visualizo muito a paz, educação. Porque esses pontos, da paz, educação, que faz parte do processo da revolução humana, e a mudança de uma única pessoa nesse processo de revolução humana pode mudar o destino de um País, desde que seja voltado para os direitos humanos, para a globalização, para a tecnologia moderna na atualidade, a ciência. E acompanhando esse ritmo, nós podemos fazer com que a nossa vida manifeste o verdadeiro espírito de levantar-se só, porque toda a mudança depende de você mesmo, porque quem tem que mudar é a pessoa”.

Nessa exposição de B4 podemos notar alguns pontos: o líder, além de mencionar a paz e a educação como valores morais prioritários, nos diz também sobre a revolução humana voltara para os direitos humanos. Essa colocação corresponde ao pensamento e teorização dos postulados de Kohlberg (1992) sobre o desenvolvimento moral na fase pós-convencional. Para este autor, a moralidade é um conceito universal pautado na justiça (posteriormente o autor complementa essa ideia), no qual os indivíduos tendem a agregar para si mesmo valores universais dos direitos de todos os seres humanos, superando normas limitadoras para enxergar além das convenções sociais. Uma moral pós-convencional está para aqueles que, no seu juízo e nas suas ações, compadecem de todos os seres humanos, nos seus direitos e deveres, buscando combater as injustiças e pregando a paz para todos, incluindo todos os seres humanos.

Apesar do líder apontar essa revolução humana, reconhecendo os direitos humanos e a importância dessa conscientização dos sujeitos, o mesmo nos responde da seguinte maneira a questão da transmissão de valores, dando ao nosso entendimento uma semelhança com as respostas da categoria anterior: a sujeição desse valor aos princípios estabelecidos por outro líder. Segue a resposta de B4:

“Fazendo o que eu estou fazendo agora. Vim de São Paulo, faz 4 dias que estou longe da minha família, e vim aqui voluntariamente para ver como está a Soka Gakai em Maringá e

no norte do Paraná. Então eu faço isso voluntariamente por 46 anos, e acredito que a transmissão desses valores que priorizam a revolução humana possa mudar a vida das pessoas, segundo os ensinamentos do mestre Ikeda e da Soka Gakai”.

Como podemos perceber na resposta, o líder nos aponta a sua voluntariedade para fazer a transmissão dos valores, mas de acordo com os ensinamentos que são abordados por um outro líder budista (no caso o mestre Ikeda) que, se formos fazer uma comparação, representaria o papa para a Igreja Católica. Pelo nosso parecer, apontando essa resposta em conjunto com as nossas observações, este líder religioso é muito preso aos princípios colocados pelo budismo da Soka Gakai e pelos pensamentos do líder Ikeda.

Em muitos momentos de sua exposição para os fiéis dessa religião, ele mencionava constantemente a Soka Gakai e o mestre Ikeda como representantes máximos da “verdadeira” revolução humana, pautados na recitação do sutra do lótus. Independente da crença, até mesmo se esta está voltada para a revolução humana para se buscar um bem coletivo maior, os ideais da psicologia moral apontados por Kohlberg, Piaget e Puig não se limitam a pensamentos e condições impositivas sobre a moralidade. Como já dissemos anteriormente, a personalidade moral visa a autonomia dos indivíduos, e só pela autonomia que podemos construir uma moral coletiva cooperativa, na qual todos podem contribuir e compartilhar nessa caminhada, e não somente uma figura que representa uma liderança pode falar sobre o bem maior, no qual os outros indivíduos se (a) sujeitam e reproduzem aquilo que lhe foi transmitido.

Desta forma, terminando esta análise, observamos que B4 é um líder que prioriza muito os ideais da instituição religiosa da qual ele faz parte e se demonstrou (em alguns momentos na observação e na entrevista) inflexível diante de algumas colocações dele para os membros da instituição religiosa, sempre se pautando nos princípios da Soka Gakai e do líder Ikeda.

Grupo 4 – Os valores morais: exclusivos ou independentes da religião? Os valores morais para além da instituição religiosa

Neste grupo e categoria única, iremos analisar a questão que mais corresponde a problemática colocada por nós na pesquisa. A pergunta correspondente a análise desse grupo e categoria é a última da nossa entrevista, na qual realizamos a seguinte questão: “Na opinião (do líder entrevistado), é possível uma pessoa ser moral sem seguir esses valores que o senhor prioriza?”

Segue abaixo as respostas de cada líder e as nossas considerações sobre cada ponto de vista obtido por esses religiosos. Após a análise deste grupo e categoria, iremos tecer nossas considerações finais acerca da análise que fizemos das entrevistas com os líderes religiosos.

Categoria 4.1 – Os valores morais dos líderes religiosos e da sua religião não são os únicos valores válidos

Começando a análise da nossa última categoria, C1 nos respondeu da seguinte maneira quando perguntamos a ele sobre a possibilidade de uma pessoa ser moral sem seguir os valores religiosos que ele prioriza:

“Com certeza...com certeza. Não existe só a moral cristã, existe uma moral da pessoa que vai além. Dos âmbitos cristão-católico, os budistas, por exemplo, têm uma moral de tirar o chapéu...os mulçumanos. Enfim... o ser humano que, na sinceridade, busca os valores chamados transcendentais, se ele não tem uma moral...não existe ser humano religioso. Por isso que eu vejo...eu trabalho com um grupo que chama diálogo inter-religioso. Nesse grupo reunimos mulçumanos, cristãos, budistas, judeus. É um grupo bem diversificado e se aprende muita coisa com eles. Ali vivemos uma moralidade, nos respeitamos, tem também as religiões africanas. Já falei desse grupo nas homilias, já fizemos encontros aqui na igreja. O detalhe é único: a concepção de Deus, o princípio primeiro, é o mesmo, independente das crenças de cada um”.

Como podemos observar, a concepção de moral para C1 vai para além das suas premissas religiosas, ou até mesmo que, para buscarmos uma transcendência, precisam existir valores morais por trás disso para o ser humano ser considerado religioso. Este mesmo líder ainda ressalta a reunião que ele mesmo promove com outros líderes religiosos, na qual eles se respeitam e dialogam sobre a concepção de Deus. Apesar de nos parecer uma colocação autônoma sobre a moralidade, C1 é um líder que, nas observações que fizemos da homilia, ressaltou muito o amor de Deus sobre todas as coisas, assim como ele nos disse na penúltima linha desta entrevista.

Na segunda celebração que acompanhamos de C1, ele tratou o tema: amar a Deus sobre todas as coisas. Segundo C1, o sentido de as pessoas terem uma vida boa vem diante o amor a Cristo: é a crença neste último que garante uma vida repleta de coisas boas. Este padre enfatizou muito na homilia a força da crença, tanto que no evangelho que ele leu antes de começar a homilia se tratava no amor a Deus sobre todas as coisas, e se quisermos ser um discípulo de Deus, devemos nos desapegar das coisas materiais e do nosso amor pelos amigos e pela família. Interessante ele ressaltar isso como exigências divinas e como regras a serem cumpridas se quisermos ter uma vida boa. C1 também ressaltou que os cristãos têm sua cruz, essa caracterizada por problemas, e que a crença em Deus faz com que essa cruz se torne menos conturbadora. C1 também comentou sobre os atuais problemas, como a grande violência urbana, mas que esses fatores não são exclusividade da contemporaneidade, já que a maldade

é algo de tempos bem remotos, e que o amor por Deus sobre todas as coisas é que guia o sujeito para uma vida repleta de harmonia, sem desviar seu caminho para o mal. C1 nos disse na homilia que muitos fatores, como a mídia, distorcem muito a transmissão de valores, focando demais em coisas maléficas, fazendo com que os sujeitos esqueçam as coisas boas da vida.

Diante essas celebrações podemos criar interpretações a respeito da entrevista e dessa homilia que acompanhamos desse padre: observamos que apareceram questões pautadas na moralidade, como regras a serem seguidas (amar a Deus e buscar em Deus o sentido da existência e de uma vida boa); a transmissão de valores para os fiéis foram, em algumas partes, de cunho moral, pois o padre falou sobre seguirmos a Deus para procurarmos sentido na vida, para sermos guiados pelo amor pelo próximo e por nós mesmos para termos uma vida harmoniosa e morrermos em paz, apontou também o primeiro mandamento nesta última homilia como um dos componentes (senão o mais) importantes para guiarmos a nossa vida, que é amar a Deus sobre todas as coisas, até amar mais a Deus do que nossos próprios familiares, dentre outros pontos.

Observando e interpretando o que C1 nos disse, parece-nos que as transmissões desses pontos morais são de cunho heterônomo, pois o sujeito tem que ser guiado pela sua fé em Deus e se tornar discípulo de Deus para seguir uma vida repleta de harmonia, escapar das tentações maléficas e lidar com os problemas de forma mais amena. Até mesmo a maldade, o caos e todas as questões voltadas para uma vida problemática derivam da falta de Deus na vida do sujeito (PIAGET, 1932/1994).

Sendo assim, ao analisarmos a sua postura enquanto líder e entrevistado, podemos observar o quanto C1 se mostrou maleável diante de algumas questões, até mesmo demonstrando como a empatia, o respeito pela dignidade humana e a preocupação com o bem-estar acima de tudo para os seres humanos são pautas fundamentais para vivermos numa sociedade harmoniosa. Entretanto, quando o mesmo se portou enquanto líder nas homilias, ele se fundamentou exclusivamente nos princípios guiados pela Bíblia e enfatizou o Deus cristão como fundamento maior a ser seguido. Diante disso e dialogando com o pensamento de Kohlberg (apud YÁÑEZ-CANAL, 2012) e Puig (1998), notamos que essa interdependência do líder religioso pelos princípios religiosos é apontada por esses pesquisadores como uma atitude heterônoma e convencional, na qual o indivíduo se sujeita aos pressupostos ditados por alguma instituição. Por mais que C1 tenha se demonstrado flexível diante de algumas questões levantadas, o mesmo não se posicionou de forma autônoma na sua liderança religiosa enquanto nós observávamos a homilia.

Diante disto não podemos afirmar que todas as homilias que este líder promove são de cunho heterônomo, mas constatamos que o mesmo coloca os princípios cristãos acima dos seus próprios conceitos, mesmo que ele admita que outras formas de valores morais e outras formas de religiões são válidas e aceitáveis, seus valores cristãos sobressaem a sua autonomia moral. Sendo assim, dentro da nossa análise, observamos que a maneira como este líder aborda a moralidade não condiz com aquilo que Puig (1998) denominou como a construção de uma personalidade moral. Assim como já dissemos no corpo deste trabalho, a personalidade moral visa a autonomia dos indivíduos, pautadas numa relação cooperativa e construtiva sobre os valores e normas empregados em uma sociedade. Para almejarmos a consolidação de uma personalidade moral de acordo com o pensamento deste autor, temos que educar e reeducar nossos valores de forma a avaliarmos e analisarmos constantemente nossos juízos morais, tanto a nossa autorreflexão crítica sobre nossos valores quanto as relações que estabelecemos uns com os outros, e observarmos nossas ações no mundo.

A forma institucionalizada de se construir princípios fundamentados em conceitos que dificilmente podem ser criticados e/ou modificados, e cujo sentido é atribuído a uma força inquestionável, como na religião, dificulta a autonomia dos sujeitos em relação aos valores morais.

Por mais que este líder tenha se demonstrado muito empático, culto e flexível diante dos pressupostos cristalizados do cristianismo, o mesmo não pode (talvez enquanto líder religioso) dizer ou se demonstrar de forma autônoma para seus fiéis.

Com o líder C2 não é diferente: apesar do mesmo demonstrar que uma pessoa pode ser moral sem acreditar no mesmo valor em que ele prioriza, notamos que a forma como ele se porta, enquanto líder, enfatiza o olhar cristão acima de tudo. Na sua resposta ele nos diz:

“Claro que sim...claro que sim. Porque são necessários, São necessários...a pessoa não precisa ser cristã para buscar a felicidade para nós, para buscar o bem comum, buscar a Deus. A pessoa, mesmo não sendo cristã, ela quer muito buscar pela felicidade...ela quer a felicidade. Ela pode ter sua família, educar seu filho, e mesmo que ela não acredite em Deus, mesmo que ela acredite que se morrer tudo acabe por aqui mesmo, ela buscar viver no presente bem, e viver bem é ter uma vida equilibrada. A igreja ainda nos diz assim: “a semente de Deus está espalhada de muitas maneiras...de muitas maneiras”.

Como podemos observar na resposta de C2 relativa a última pergunta da nossa entrevista, é visível que este líder reconheça outras formas de valores morais que não estejam atreladas ao pensamento católico cristão. Se nos prendermos somente ao que ele relatou nesta questão, poderíamos supor que esse padre aborda a moralidade e os valores morais de uma

forma ampla, não limitada aos seus próprios pressupostos morais e nem mesmo aos valores religiosos. Nesta perspectiva, a psicologia moral demonstrada por Kohlberg e Puig se apropriam de uma moral não restrita e limitada a valores ditados por uma determinada sociedade, e sim valorizam uma moral que propõe mudanças sociais, ressignificações na sua estrutura e possibilidades de ir além de uma moral que convém socialmente. Desta forma, visualizar uma moral que almeja um bem-estar maior, tanto no âmbito coletivo quanto individual, é compatível tanto nas teorias morais dos autores supracitados quanto a colocação de C2 nessa questão que abordamos.

Por outro lado, quando analisamos não somente essa resposta, mas conjuntamente avaliamos a sua colocação enquanto entrevistado com a sua postura enquanto líder que ministra as celebrações religiosas para os seus fiéis, notamos, nas nossas observações, que C2 enfatiza Deus de acordo com os princípios bíblicos e a figura de Jesus Cristo.

Nas homilias das missas nas quais fizemos as observações, C2 enfatizou o lado humano de Cristo. Para ele, não devemos somente visualizar a perfeição de Deus, pois isto está muito distante da nossa condição humana, e sim observamos o quanto podemos manifestar o lado bom da humanidade, ou seja, atitudes consideradas boas com os nossos semelhantes, mesmo os humanos sendo imperfeitos e cheios de defeitos. Sendo assim, nunca devemos esquecer da nossa condição humana, ou seja, das nossas limitações e imperfeições, e que podemos fazer coisas divinas a partir do momento que aceitamos Cristo nas nossas vidas.

Até esse ponto notamos a ênfase que o líder dá ao fato de aceitarmos Cristo como a forma na qual podemos nos purificar, ser bons e fazer coisas para além do mal se aceitarmos essa figura divina em nossas vidas. Levando em consideração esse posicionamento, é plausível a nossa compreensão de que um líder religioso católico ressalte a figura de Jesus e de Cristo nas celebrações religiosas, mas enquanto pesquisadores da psicologia dos valores morais, dentro de uma perspectiva científica, não podemos deixar de notar o quanto essa restrição a bondade humana estar atrelada diretamente a Cristo crie um certo paradoxo em relação ao valor moral levantado pelo próprio líder na sua resposta para a nossa questão.

Falar em moralidade implica a busca de sentido de uma vida na qual os indivíduos buscam normas para serem seguidas e uma vida de bem-estar e felicidade, mas isso não quer dizer que essa busca de valores benéficos para si mesmo e para uma sociedade precisa ser limitada a uma figura religiosa. Nessa observação podemos notar que o líder, em seu discurso, deixa claro que para sermos bons sujeitos e termo comportamentos que enfatizam esse lado justo do ser humano, temos que ser inspirados pelo divino, ou seja, sustentado por um ideal

religioso católico. Esse posicionamento, dentro da nossa proposta de pesquisa, evidencia um lado heterônomo da figura do padre, pelo menos enquanto líder religioso (PUIG, 1998).

Disto podemos observar certos paradoxos no discurso do padre, no qual na sua resposta ele nos diz sobre outras formas de moral desvinculadas da religião, enquanto como líder na sua homilia, demonstra que a solidariedade, a compaixão e outros valores morais estão atreladas a Deus e a figura por ele representado na terra, no caso Jesus Cristo.

Se tratando agora do líder C3, a resposta dele foi colocada da seguinte forma:

“Sem dúvida. Eu acho que o ser humano...ele é construído no âmbito...ele nasceu como uma pessoa ética, eu creio. Que cada sociedade, nos seus primórdios, tem seus princípios éticos. Nas tribos primitivas lá, tinham seus princípios. Independente se eu sou cristão, se eu sou budista, se eu sou islâmico, se eu sou espírita, sei lá... cada um tem os seus valores morais e é exatamente para saber viver numa relação. O ser humano é um ser da relação, entendeu? A religião vai auxiliando a pessoa a agregar valores”.

No posicionamento de C3 encontramos o mesmo paradoxo que analisamos em C2: apesar do padre ter apontado na entrevista que a moral pode ter variações e ser independente da crença religiosa, nas homilias C3 fez apontamentos bem diferentes sobre valores e escolhas.

Na homilia de C3, o foco foi na história das mulheres que seguiram o caminho de Jesus e dos soldados romanos logo após os 3 dias que culminaram na ressurreição de Cristo. As mulheres, segundo C3, seguiram as premissas propostas por Jesus, enquanto os soldados as repudiaram. Segundo o padre, essa história se refere as nossas escolhas diárias: se queremos seguir uma vida baseada na verdade ou na mentira. Temos a arbitrariedade de escolhermos qualquer desses caminhos. Poderemos nos iludir, mentir para nós mesmos, sermos guiados por um estilo de vida baseado em prazeres imediatos, principalmente os carnavais e materiais, ou podemos escolher um caminho da verdade, da honestidade com os outros e com nós mesmos, da dignidade, da sinceridade e da compaixão. O caminho da mentira é contra os princípios manifestados por Deus, logo isso vai me levar a constantes sofrimentos; seria o caminho da verdade, baseado nos princípios que foram transmitidos por Jesus Cristo, que levariam os indivíduos a salvação, a vida plena e ao caminho da felicidade.

Já na segunda homilia, C3 celebrou a homilia dizendo sobre a importância da crisma⁵ na adolescência (a cerimônia estava sendo baseada na crisma dos jovens). A crisma se torna um

⁵ A crisma, segundo a doutrina cristã, é um dos rituais mais importantes para o início de uma vida cristã. Assim como o batismo dá início aos ensinamentos cristãos e a eucaristia seria a fase no qual as crianças, pela catequese, vão aprendendo os dogmas e os rituais mais importantes do cristianismo, a crisma seria o último degrau para a iniciação de uma vida dedicada aos ensinamentos de Cristo.

dos fundamentos principais para seguirmos a vida com Cristo. Dessa forma, C3 nos falou sobre a responsabilidade dos adolescentes com Deus, o quanto eles devem seguir a vida baseado nos ensinamentos e no amor de Cristo por nós. C3 enfatizou muito os dias atuais, nos falando o quanto alguns jovens estão se distanciando da vida em Cristo e focando sua vida em coisas fúteis e mundanas. Tudo é muito chamativo, existem muitas coisas que nos desviam de uma vida plena com Cristo, e que esses jovens deveriam criar essa ligação com uma vida plena em Deus; uma vida com Deus parece ser mais difícil, mas é a partir dela que encontraremos a felicidade e a salvação.

Por essas colocações entendemos que a postura do padre, enquanto pessoa entrevistada por nós, é diferente quando o mesmo se encontra enquanto líder religioso. As respostas que obtivemos da pessoa C3, na sua individualidade, em alguns pontos correspondeu a sua crença na figura de Cristo. Entretanto, nessa última questão analisada, o líder se referiu a uma postura moral e ética independente da crença dos sujeitos. De acordo com o pensamento de Kohlberg e Puig no qual levantamos no trabalho, a moral independe das crenças institucionalizadas e, assim como apontado por C3, ela se encontra nas relações humanas: falar de moral é falar sobre as relações humanas. Até esse ponto a colocação do padre está bem compatível com as ideias desses autores da psicologia moral, mas, a forma como este líder transmite esses valores para os seus fiéis enaltece ainda mais nossa hipótese: de que esse líder pode ter um juízo moral, em partes, autônomo e, dentro da sua vocação, ou seja, nas suas ações morais enquanto líder religioso, o que mais se transmite são valores heterônomos baseados na crença e na obediência dos pressupostos cristãos.

C4 também é um líder religioso que não nos escapa desse mesmo raciocínio levantado por nós na análise dos líderes cristãos anteriores: nessa questão o padre se demonstrou bem maleável quanto a moral não estar atrelada nos seus princípios religiosos. De acordo com a resposta dele:

“Sim...creio absurdamente nisso. Acredito que uma religião e a totalidade dela sejam capazes de absorver a moralidade no seu sentido pleno. Até porque, eu começava dizendo, tem culturas diferentes, povos diferentes, que até muito antes da religião cristã, que tinham seus valores morais e seu código de conduta. Então eles têm valores morais fora da crença católica, tem as suas crenças e seus valores. Eles têm suas crenças e valores, e não tem como eu falar que eles não têm uma moralidade porque eles têm valores diferentes dos meus. Então eu acredito que existam pessoas morais fora desse contexto religioso cristão católico, porque dentro da sua cultura, ou dentro da sua tradição religiosa, eles possuem a sua própria conduta moral”.

Analisando essa resposta de C4, podemos observar que sua ideia é parecida com o que analisamos anteriormente nas respostas dos outros líderes: uma moralidade que independe das crenças religiosas, dos costumes, na qual os valores morais estão presentes em culturas diferentes, desde o princípio das organizações humanas, que são anteriores aos princípios do cristianismo. Nesse discurso do padre, a moralidade é intrínseca do ser humano e das suas relações, como se fosse algo originário e necessário para a nossa condição humana. Sendo assim, a moral faz parte da nossa espécie enquanto seres racionais, capazes de criar normas de conduta para uma convivência coletiva. O que vale ressaltar é que a moralidade e os valores morais, de acordo com a resposta do padre, independem do cristianismo.

De acordo com o pensamento de Kohlberg (1992) e Puig (1998), a nossa capacidade cognitiva faz com que possamos ser moralmente capazes de nos guiarmos por valores que não são enraizados por princípios deterministas, como a religião, e, por sermos racionais, podemos até mesmo superar condições impostas moralmente, como a postura social e condições da nossa própria natureza, seja pela nossa espécie enquanto seres instintivos.

Por outro lado, nas homilias realizadas por C4, o mesmo enfatizou o prazer que nós podemos sentir quando temos a espontânea e livre escolha para servirmos ou fazermos a vontade de Deus. O padre usou o exemplo de Maria, não de Jesus, que escolheu, livremente, ser fecundada pelo Espírito Santo e ser mãe do Messias. Essa escolha dela não foi por obrigação, e sim pela vontade própria dela. Ele usou esse discurso como referência para falar sobre o quanto somos livres para fazermos o que queremos, mas quando escolhemos servir a Deus a nossa vida se torna melhor e mais harmoniosa.

A ênfase do padre foi dada na relação divina do ser humano e que, graças a Jesus ter se tornado um humano, fomos abençoados com a divindade de Deus, e que todos os seres humanos possuem graças a Jesus. Deus se encarnou no corpo de Cristo, e isto fez com que ele se aproximasse da condição humana e divina ao mesmo tempo. Cristo se tornou o irmão da humanidade, e com isto trouxe a graça de Deus para todos os humanos. No batismo e posteriormente na crisma, nós somos abençoados pelo óleo ungido, que nos faz lembrar que possuímos o Espírito Santo, em outras palavras, a graça de Deus que nos torna seres divinos também. Desta forma, C4 nos lembrou da importância de vivermos uma vida baseada no amor de Deus, para manifestarmos constantemente no nosso dia a dia o seu amor, pois Deus é perfeito, é a bondade e a estética pura e divina.

Neste sentido observamos o quanto C4 se apresenta como um líder que enfatiza a postura heterônoma nas cerimônias religiosas: apesar dos indivíduos serem livres para fazer suas escolhas, servir a Deus (o Deus cristão no caso) é o melhor caminho para uma vida plena.

De acordo com a nossa análise, C4 também foi, como líder cristão, guiado mais pelos princípios religiosos de sua crença do que pela sua postura pessoal, se tratando das questões respondidas pelo líder. Apesar da última questão ter sido replicada de uma forma que nos pareceu mais livre dos pressupostos católicos, a postura deste líder nas cerimônias e até mesmo nas questões anteriores nos dá indícios de um posicionamento heterônomo deste padre em relação a moralidade e aos valores morais.

Se tratando agora dos líderes budistas, obtivemos a seguinte resposta de B1 quando lhe perguntamos a última questão da nossa entrevista:

“Pergunta difícil hein? (Risos)...pergunta difícil...olha, o que eu posso dizer seguindo os princípios que o nosso mestre Ikeda nos diz é...tem muitas pessoas que não são budistas...existem muitas pessoas que não tem religião e tem muito mais moral do que muitos religiosos. Então nós não podemos ser, vamos dizer assim...acho que seria muita arrogância da minha parte achar que não exista outras maneiras...outras formas da pessoa atingir uma moralidade, vamos dizer assim, adequadas sem buscar trilhar os mesmos caminhos que eu trilhei. Mas sim, é possível sim... e eu acho até, por incrível que pareça, que pessoas que não tem religião humana podem ser mais...mais até humanas do que muitos que se dizem religiosos”.

B1, de acordo com a nossa análise, demonstrou, assim como os outros líderes mencionados anteriormente, que a moral não precisa ter relação com a sua postura religiosa, ou seja, que os valores morais independem da crença religiosa, e até mesmo da formação intelectual do indivíduo, no qual pessoas que não tiveram acesso à educação escolar também podem ser morais ou até mesmo ter mais valores morais do que pessoas que têm conhecimento acadêmico. Dentro desta perspectiva, essa resposta de B1 não se difere dos líderes católicos que entrevistamos e analisamos, nos dando a impressão que B1 se demonstra flexível diante da moralidade humana e suas implicações, e até mesmo que a moral não depende de uma religião em específico, sendo que até uma pessoa atea pode ser moral.

Entretanto, iremos analisar este discurso de B1 em conjunto com a maneira que ele conduziu as cerimônias religiosas que visualizamos.

Nas cerimônias que observamos, ambas se iniciaram com a proclamação do sutra de lótus, baseado nos últimos oito anos dos ensinamentos de Buda, no qual todos os indivíduos presentes recitaram por, aproximadamente, 10 minutos. Posteriormente, B1 explicou aos indivíduos a importância da oração do sutra e como isso pode mudar a vida das pessoas para melhor. Em seguida, B1 contou a história de Nirichen Daishonin, líder espiritual que, em 1272, se rebelou contra o autoritarismo presente na China e lutava para a libertação das práticas

budistas e da proliferação da religião para as massas, pois todos tinham o direito de saber e conhecer a doutrina. Logo em seguida, B1 fez uma análise das questões autoritárias presentes na atualidade e nos disse que o budismo deve ser difundido para todas as pessoas que queiram conhecer e se aproximar dessa religiosidade. Ele também mencionou o encontro que teve entre líderes religiosos budistas com os católicos no vaticano para discutirem sobre os armamentos nucleares e a reformulação do espírito humano.

B1 se focou muito no discurso da compaixão e da busca da iluminação, enfatizando os pensamentos positivos, os elogios que devemos fazer aos outros e a nós mesmos diariamente, a empatia de querer o bem do próximo como de nós mesmos, dentre outros pontos. Importante ressaltar que B1 nos disse: “querer o bem do próximo sem querer o nosso próprio bem é hipocrisia, e querer o nosso bem e não o dos outros é egoísmo”. Então, segundo B1, para alcançarmos o bem-estar e a iluminação devemos viver bem com nós mesmos e sempre estar auxiliando o outro no seu crescimento.

B1 também focou na explicação entre a compreensão do espírito para a tradição budista. Segundo este mesmo líder, no budismo o espírito e o corpo não são separados um do outro, e todas as atitudes que temos em vida interfere diretamente no nosso espírito. Em outras palavras, o budismo não dá muita importância para a pós vida, e sim nas causas e consequências do que fazemos nesse plano material. Desta forma, devemos refletir muito sobre nossos atos e nos responsabilizarmos por cada atitude que tomamos, pois elas têm consequências tanto positivas quanto negativas. Dentre essas causas, B1 refletiu muito sobre a palavra, pois esta tem muita importância nas nossas escolhas cotidianas e na forma como moldamos o nosso caráter. Por isso devemos focar mais em pronunciar palavras positivas para os outros e para nós mesmos, buscando motivar e alegrar a vida alheia para semearmos bons frutos.

Diante deste posicionamento enquanto líder religioso e levando em consideração a resposta de B1 na nossa última questão, podemos assinalar alguns pontos: apesar de ser evidente a ligação dos valores que B1 enfatizou ser ligado com seus princípios religiosos, a preocupação com as nossas palavras, com o nosso discurso, com o presente e com a reflexão são condições morais que o próprio Kohlberg (1984) defendeu na sua teoria. A busca da reflexão, da compaixão, da empatia (assim como B1 mencionou na cerimônia) e da nossa responsabilidade diante das consequências dos nossos atos são fundamentos importantes para uma moralidade que vai para além do que é postulado nas convenções sociais. Dentre disto, podemos observar que essa ênfase no próprio indivíduo buscar trilhar sua salvação a partir da iluminação por bons atos difere do posicionamento dos líderes católicos que ressaltaram a busca de Cristo e/ou Deus para atingirmos a vida plena.

Apesar desta distinção, não podemos deixar de apontar que B1 foca muitos nos princípios religiosos do budismo e nas pontuações levantadas pelo mestre Ikeda, o maior representante do budismo da Soka Gakkai.

Desta forma, apesar de demonstrar uma certa flexibilidade e falar sobre a postura de cada indivíduo para se tornar moral (sem necessidade de um Deus), B1 também é um líder religioso que prega uma moral mais restrita aos pressupostos budistas do que uma moral que pode transcender desses parâmetros impostos pelas muralhas da religião institucionalizada (PUIG, 1998).

Já o líder B2 nos respondeu da seguinte maneira:

“Sim. Eu acredito que o budismo não coloca nenhum padrão, pelo contrário. Hoje mesmo assisti um vídeo que outros religiosos, 300 monges de outra organização religiosa, foram visitar uma exposição do nosso mestre. Por que? Porque a dignidade da vida é mais importante. E porque o budismo está fundamentado também na dignidade da vida. Então o objetivo principal...o ponto máximo do budismo é o ser humano. Então nós não temos nenhuma intenção de que todas as pessoas do mundo pratiquem o budismo, não é essa a questão. O objetivo do budismo é que todas as pessoas sejam felizes. O nosso mestre, ele cita em suas palavras, que ele é o primeiro defensor de que todas as religiões do mundo pudessem se unir”.

Se formos analisar o discurso de B2 e o seu posicionamento enquanto líder religioso, de todos os budistas que entrevistamos, ele nos parece ser o mais voltado para os princípios budistas e pelo ensinamento do mestre Ikeda. Em praticamente todas as questões ele mencionou esse mestre e os princípios budistas, não ressaltando sua própria visão sobre a moral, os valores morais e sua independência da religião. Por mais que a resposta de B2 nos demonstrou que ele acredita que os valores morais não dependem exclusivamente do budismo, esse mesmo líder ressaltou o budismo e a busca do mestre Ikeda em “unificar” as religiões buscando o mesmo propósito. Esse nosso posicionamento da análise de B2 pode ser ainda mais reforçado se levarmos em consideração as nossas observações das cerimônias religiosas deste líder.

Nas cerimônias que observamos, B2 começou o seu diálogo nos falando sobre a importância dos ensinamentos do mestre Ikeda visando a transformação dos valores humanos e o quanto é importante nos dedicarmos e propagarmos esses ensinamentos. Enalteceu a postura de muitos membros da juventude na propagação do budismo, e também se orgulhou diante de todos que estavam presentes sobre a aceitação de membros variados, independentemente de sua classe social e de sua etnia. Explicou também sobre o crescimento da Soka Gakkai, e que está organização se preocupa com a paz, a felicidade humana e o meio ambiente, sem procurar se enriquecer financeiramente ou divulgar pela mídia seus méritos e conquistas, pois ela não tem

como propósito essa exposição midiática, e sim a propagação do contato humano, do acompanhamento de cada membro da Soka Gakkai em ajudar os outros e divulgando o budismo de modo pessoal.

Este líder também enalteceu o encontro do Mestre Ikeda com vários outros líderes religiosos, até mesmo com escolas budistas tradicionais, conseguindo atrair esses últimos a uma visita da Soka Gakkai no Japão. Esse encontro tinha como pauta a discussão sobre o humanismo e o bem-estar social e ambiental do mundo, colocando como pauta o grande objetivo dessa organização: a busca pela paz mundial.

Esse feito foi de extrema importância para os membros da Soka Gakkai em nível mundial, pois acreditam que esses fatores ajudam na propagação do budismo e da prática. B2 ressaltou a importância da recitação dos principais sutras do budismo da organização e mencionou que, se ao menos uma pequena parcela começar a propagar essa busca de mudança em prol do humanismo, nós podemos alcançar grandes mudanças para o bem coletivo e a busca da felicidade.

Como podemos observar, o discurso de B2 enquanto líder religioso foi enaltecer a propagação do budismo e da palavra do mestre Ikeda. Sendo assim, apesar da intencionalidade positiva de procurar propagar a paz, o bem-estar, e outras virtudes positivas, não podemos deixar de enfatizar a postura heterônoma e/ou convencional deste líder em relação a sua postura enquanto budista.

De acordo com o pensamento de Kohlberg (1992), o indivíduo convencional, que de que maioria das pessoas são convencionais, é o tipo de sujeito que se pauta muito em questões de bem-estar social, como a educação, saúde, o respeito pela dignidade humana, ser solidário, ter compaixão, dentre outros pontos que são considerados positivos dentro de uma sociedade. Sendo assim, este indivíduo também se importa muito com a ordem imposta socialmente, na qual ele busca constantemente se comprometer com as regras, as leis e os deveres colocados pela sociedade e que o sujeito considera correto. Isto não deixa de ser diferente nas outras instituições que o sujeito escolhe seguir e acreditar, como a religiosa, na qual a pessoa busca ser ordenada pelos princípios estabelecidos pela instituição que ela segue.

Desta forma, pela nossa análise constatamos que B2 tem uma forte relação com os princípios do budismo e que, pela sua entrevista e pelas observações que fizemos, ele se demonstra muito fiel para cumprir com as prerrogativas colocadas por essa religião que ele prega e dissemina.

Diferente da postura dos outros líderes que entrevistamos, B3 se mostrou crítico com algumas posturas do budismo, mesmo sendo um monge, e até mesmo se posicionou

independente da sua crença religiosa. Nessa questão que está sendo analisada, ele nos respondeu da seguinte forma:

“Claro que sim. Porque a gente não é a...a única religião, todas as religiões fazem o seu esforço de fazer com que a existência humana tenha sentido, faça sentido dentro da sua essência e dentro dos seus temores. Certo? E dentro disso tem uma premissa...eu parto do princípio lá de trás de que a gente já é martelado, desde o começo, que você tem que respeitar e nunca fazer chacota de outras tradições. Fim de papo. É quase um dogma. Não impõe castigo nem nada, mas ó, quieto, sem fazer chacota com outra tradição, por quê? Porque não. Fim de papo (risos). É quase um dogma isso, sabe? Ninguém questiona, é isso mesmo, no budismo. Até na nossa tradição tem uma natureza protestante, e tem um momento no século XII, no Japão, teve as rupturas, equivalente a tradição cristã, teve seus “quebra-pau”. Teve todas as relações de poder. Mas esses caras não são budistas? Por que brigaram? Porque eles são humanos”.

Desde outras respostas que analisamos e até desta última, observamos que B3 foi o único líder que nos apontou sobre as lutas e relações de poder dentro das religiões, nos dizendo sobre as contradições, as relações de controle, e até mesmo dos atritos dentro da religião budista, no qual ressalta a humanidade, e não a divindade, dentro da instituição budista. Até mesmo para complementar a nossa análise, iremos relatar a nossa observação da cerimônia que acompanhamos de B3.

Durante o cerimonial redigido por B3, o mesmo realizou uma cerimônia no templo nos explicando sobre o fim do ciclo de um ano e o início de outro, ritual praticado pelos budistas quando o ano está chegando no fim. Esse mesmo monge recitou sobre a importância de buscarmos a reflexão sobre nossos atos durante todo o ano que se passou e buscar “limpar as sujeiras” que ficaram, ou seja, as más atitudes, pensamentos e intenções. Ele usou como analogia a limpeza da casa na cultura japonesa, na qual a tradição diz que é importante, no final de todo ano, fazer a limpeza da casa, jogar alguns objetos inutilizáveis fora e deixar a casa limpa para começar o novo ciclo.

Importante ressaltar que a postura do budismo que B3 prega não fala sobre a linearidade dos acontecimentos, e sim de ciclos que se alternam entre coisas boas e ruins, felicidades e tristezas, dentre outros pontos. É sobre essas alternâncias constantes na vida que devemos nos preparar e nos purificar para recomeçar.

Desta forma, B3 enfatizou muito a busca do arrependimento e do perdão, não no sentido da pessoa se culpar e se martirizar diante dos acontecimentos, mas buscar a reflexão e repensar sobre seus comportamentos, pensamentos e intenções consigo mesmo e com o próximo. Diante desses fatores, é comum que constantemente nos “sujamos”, e é pela reflexão e busca da

empatia que conseguimos nos limpar e começar um novo ciclo, menos carregados de sujeiras acumuladas e limpos para começarmos um novo ano.

Finalizando o seu discurso, B3 ressaltou a importância da humildade humana, para nunca esquecermos nossa condição mortal e limitada, pois ela nos traz sabedoria para não nos vermos nem melhores e nem piores do que as outras pessoas. Para enfatizar essa fala, o monge nos explicou as práticas culturais antigas do ritual do banho no Japão, no qual os indivíduos costumavam tomar banho juntos, despidos. O fato de todos ficarem nus representava a nossa fragilidade ao se expor e demonstrava nossa condição humana, sem máscaras para nos escondermos.

Pela nossa análise, percebemos tanto nas observações quanto na entrevista que B3 foi o único líder que demonstrou uma percepção da moral e sua relação com a religião de uma forma pessoal, crítica e reflexiva. Nessa última questão da entrevista, o monge não deixou de ressaltar os problemas nas relações humanas dentro da doutrina religiosa budista, na qual o mesmo viu as relações de poderes presentes, o contexto histórico, pontuou o lado “sombrio” de alguns monges e das práticas budistas, assim como mencionou a importância da mudança, do pensamento crítico e da busca compreensão clara dos preceitos religiosos do budismo.

Desta forma, se formos analisar a resposta de B3 sobre essa última questão abordada, observamos que ele posiciona o respeito a priori, em que todas as religiões deveriam ter um respeito mútuo e, ao mesmo tempo, mencionou o quanto as condições humanas são suscetíveis a contradição e a desobediência. Ao demonstrar essa humanidade, até mesmo nas pontuações que ele fez nas cerimônias, B3 tirou o ser humano desse lugar de divino e trouxe o humano para o lugar do atrito, dos paradoxos, dos erros, dos problemas, e isso dentro mesmo das práticas e da constituição das religiões, ressaltando o budismo.

Sendo assim, se formos analisar essa postura de B3 aos olhos de Kohlberg (1989) e Puig, (1998), acreditamos que B3 procura enxergar os fenômenos relacionados com a religião e com a moral para além das concessões convencionais, se apoiando ao raciocínio crítico e reflexivo para avaliar as relações humanas conjuntamente com a religião budista. Desta forma, pela sua expressão enquanto líder religioso, tanto nessa questão respondida quanto na observação das cerimônias, que B3 se portou para além daquilo que é colocado como rito e credo religioso. Mesmo sendo um monge, a reflexão para além da obediência em um credo esteve presente na fala deste líder, condizendo com a perspectiva moral pós-convencional de Kohlberg, na qual a prioridade pela reflexão, pelo bem-estar humano em sociedade, e pelo pensamento cognitivo que busca superar barreiras impostas pelos credos institucionais são prioridades de uma moral que supera a convenção social vigente. Relacionando isso com a

construção de uma personalidade moral, o senso crítico e reflexivo de B3 nos dá indícios de que esse líder procura superar obstáculos dos costumes religiosos para criar e/ou reinventar práticas e diálogos que rompem com os paradigmas da religião budista na atualidade.

Fazendo agora nossa última análise, o líder religioso budista B4 nos respondeu da seguinte maneira a nossa última questão da nossa entrevista:

“...a gente não consegue viver só, não é? Nós vivemos através de pessoas anônimas. Mesmo se tratando de negócios...nós não discriminamos nenhuma religião, nós respeitamos. Só que todas as religiões têm que compreender o que é ensino superior, médio e inferior. Tem que ter esse tipo de comparação, porque isso está de acordo com o conhecimento de cada um, em como a gente transmite, aprofunda e dialoga sobre o passado, o presente e o futuro”.

Dentre os líderes que entrevistamos da religião budista, B4 se demonstrou o mais propenso a se limitar no discurso voltado para a sua crença religiosa. Não só em questões anteriores ele demonstrou esse posicionamento centrado no budismo e nos seus credos, assim como a última questão por ele respondida se demonstrou confusa, em que ele nos disse que as religiões têm que ser respeitadas, e em como existe uma certa “hierarquia” do conhecimento, e que ele tem que saber discernir as pessoas de acordo com a sua formação e a sua capacidade de absorção dos conhecimentos transmitidos. Para auxiliar nossa compreensão sobre este líder, iremos descrever a nossa observação sobre as celebrações deste líder.

Na primeira celebração realizada por B4, ele nos falou sobre a importância do “maior tesouro do universo”, que seria a recitação da principal oração do sutra do lótus⁶. Ele se orgulhou do grande crescimento da conversão de muitas pessoas ao budismo e, principalmente, a aceitação dessas do objeto de devoção, conhecida como gohonzon.⁷

Vale ressaltar que nesse dia muitas pessoas foram receber seus objetos de devoção desse líder, e foi uma celebração voltada para os novos praticantes do budismo.

Após essa colocação, B4 nos falou da importância de celebrar a vitória, que todos nós somos dignos dessa vitória e da plena felicidade, segundo o budismo. Vencer e ser vitorioso significa nunca desistir dos nossos sonhos e das nossas metas, mesmo quando fracassamos, podemos nos levantar novamente e lutar. A verdadeira vitória vem da constante luta por ideais

⁶ O sutra do lótus é conhecido como o rei dos sutras, ou pode ser considerado também como o sutra que transmitia a verdadeira essência do conhecimento de Sakyamuni, o primeiro buda. Esses ensinamentos foram transmitidos nos últimos oito anos de vida de Sakyamuni, que considerava o sutra do lótus os verdadeiros ensinamentos, e que os sutras anteriores eram apenas provisórios.

⁷ É um pergaminho com caracteres chineses, escrito por um dos principais líderes do budismo mahayana, Niticheren Daishonin, considerado como o novo buda dos últimos tempos. Nesta inscrição, esse líder escreveu o principal ensinamento de sakyamuni sobre a lei mística e a cerimônia mais representativa do budismo de Nichiren: a cerimônia do ar. No centro desse pergaminho está escrito “nam-myoho-rengue-kyo, que significa o despertar pessoal para esta lei universal.

de propagação da felicidade plena, que se dá pela realização do daimoku ⁸e pela ação. Ou seja, não adianta recitar os sutras e ficar parado diante da vida, mas também não adianta agir sem sabedoria, sem energia o suficiente para conseguir ações plenas para a conquista de vitórias.

B4 também nos transmitiu a importância de seguirmos um caminho pleno, que nos tire dos sofrimentos e calúnias mundanas. Para reforçar essa fala, B4 nos lembra dos ensinamentos de Nichiren Daishonin, considerado o Buda dos últimos tempos, sobre as 14 calúnias, ou seja, os 14 caminhos que levam uma pessoa ou grupos de pessoas a se desviarem das virtudes e encontrarem o sofrimento: 1) a arrogância, no qual B4 apontou o quanto muitas pessoas, na atualidade, se acham melhores e mais inteligentes do que as outras; 2) a negligência, ou seja, a nossa falta de responsabilidade e cuidado com nós mesmos e com os outros; 3) o julgamento egoísta, no qual criamos pré-conceitos sobre ideias ou pessoas e as avaliamos exclusivamente sobre as nossas perspectivas; 4) o julgamento superficial, no qual muitas pessoas não analisam a complexidade dos fatos e fazem pré-julgamentos sem saber do que se trata realmente o fenômeno; 5) a avareza, pois não adianta nada nos apegarmos profundamente nas coisas e deixar elas se apossarem de nós; 6) recusar-se a compreender as coisas, parecido com o primeiro ponto, a arrogância, a falta de querer ouvir é movido a ânsia de querer impor a experiência do ego sobre os outros; 7) a descrença, pois a falta de fé também provoca a falta de fé em si mesmo, a falta de crença na nossa capacidade de mudança; 8) recusar-se a ouvir os outros, parecido com a recusa a compreensão e a arrogância, a recusa a ouvir nada mais é do que a manifestação egoísta do ego, 9) a dúvida errônea, pois constantes dúvidas gera muita insegurança e incertezas diante da vida, causando sofrimento; 10) calúnia; 11) desrespeito à aqueles que creem; 12) ódio à aqueles que creem; 13) desconfiança daqueles que creem e, por último; 14) a inveja daqueles que creem.

Segundo esse mesmo líder, é de principal importância nos atentarmos para esses 14 pontos para conseguirmos propagar o budismo, seguir os ensinamentos do mestre Ikeda e vivermos com a verdadeira felicidade.

Por essas observações e pela resposta que obtivemos deste líder, notamos que seu discurso se demonstra muito arraigado nos princípios do budismo, principalmente do mestre Ikeda. Sua preocupação está voltada fortemente para a conversão de pessoas e pela prática dos seguimentos e da tradição budista, no qual esse mesmo líder citou os caminhos que levam as pessoas a uma prática consistente do budismo, e que se elas se desviarem desse caminho, não conseguirão ser felizes e plenos de si mesmas.

⁸ Oração realizada diante do objeto de devoção, o gonhonzon. Mais precisamente é, em grande parte, a recitação do nam-myoho-rengue-kyo e do sutra do lótus.

Se formos analisar essa postura deste líder com o pensamento da teoria da psicologia moral de Kohlberg e Puig, é notável o quanto seu discurso, tanto na entrevista como no seu posicionamento enquanto líder, está bem enraizado nos preceitos do budismo e que assim, sua moralidade se demonstra bem restrita ao convencionalismo religioso e que a obediência de um “bom menino” é que transforma as pessoas em indivíduos felizes.

Encerrando com a análise deste líder, este mesmo não se demonstrou flexível e muitos menos se posicionou pessoalmente para responder as questões colocadas para ele, sempre se “protegendo” no discurso religioso propagado pelos princípios budistas.

Encerrando a análise desta categoria, correlacionando com os estudos sobre líderes religiosos pentecostais e neopentecostais (COWEN, 2014; MACHADO & BURITY, 2014; MORIZ, 2016), e também líderes da renovação católica carismática (JUNIOR, 2011), podemos notar semelhanças nos seguintes pontos: em primeiro lugar, em como os líderes, apesar dos discursos que visam as virtudes morais e o bem-estar coletivo, se restringem ao pensamento da instituição religiosa em que os mesmos fazem parte. Em segundo lugar, muitos desses líderes enfatizam o seu representante máximo (Jesus Cristo para os evangélicos e católicos, Buda ou Nichiren Daishonin para os budistas) como o guia primordial para se alcançar a felicidade plena, o verdadeiro amor, a salvação e/ou a iluminação. Por último, em como os líderes fazem questão de salientar o quanto as suas religiões guiam os indivíduos para o “verdadeiro” caminho, apesar de alguns líderes reconhecerem a legitimidade de outras religiões.

Nas considerações finais deste trabalho, abrangemos mais detalhadamente as nossas interpretações sobre os líderes religiosos entrevistados e as correlações com outras pesquisas sobre lideranças religiosas, pontuamos as considerações sobre a análise e descrevemos as nossas conclusões sobre a pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante a nossa apreciação dos discursos dos líderes religiosos pelas questões abordadas nesse ensaio, cujo foco foi conhecer e analisar a concepção de moralidade e valores morais de líderes religiosos e como eles transmitem esses valores, tanto nas entrevistas como pelas observações que fizemos dos cerimoniais religiosos, podemos destacar alguns pontos referentes as respostas dos líderes, a saber: os líderes religiosos que enfatizaram a religião como pressuposto fundamental para os valores humanos, os líderes que não se desvincularam dos princípios de sua religião, mas que reconheceram os valores e virtudes humanas não atrelados, necessariamente, a uma religião e aqueles que, mesmo vinculado a uma religião, reconheceram os problemas e os dilemas morais dentro da sociedade, adotando uma postura mais crítica e subjetiva. Por essa avaliação é possível percebermos os líderes com um segmento mais heterônimo e convencional, e os outros que, mesmo demonstrando uma tendência ao convencionalismo religioso, evidenciaram aquilo que Piaget denominou de autonomia crescente.

De acordo com Piaget (1932/1994), a autonomia crescente seria relativa a capacidade reflexiva que o indivíduo vai adquirindo com autonomia, mesmo ele ainda estando restrito em uma fase heterônoma. Se formos nos basear nesta concepção Piagetiana sobre os líderes analisados, observamos em alguns líderes esta tendência autônoma, mesmo estes ressaltando os princípios religiosos institucionalizados.

Kohlberg (1992) possui uma explicação teórica para esta “transição” entre o estágio convencional (restrito ao pensamento moral postulado pela sociedade) para o pós-convencional (pensamento reflexivo, subjetivo e autônomo que aborda questões para além dos postulados convencionais). De acordo com este autor, entre o quarto nível (estágio convencional) para o quinto nível (estágio pós-convencional), existe um nível intermediário, no qual a moralidade do indivíduo começa a se tornar mais pessoal e subjetiva, e o sujeito que se encontra nesse estágio busca reconhecer as diferenças entre as sociedades e sua validade moral. Assim, ele começa a ser mais relativista, procurando respeitar os outros pontos de vista, de outras normas sociais.

Desta forma, na tabela 2 iremos apontar os líderes que: demonstraram mais tendências heterônomas; líderes que seus discursos se aproximam de um nível maior de convencionalismo; e os líderes com uma autonomia crescente e/ou convencional que se aproxima do estágio pós-convencional. Segue abaixo a tabela que apresenta a conclusão sobre os resultados analisados.

Vale ressaltar que a tabela foi elaborada a partir da análise das respostas obtidas das entrevistas realizadas.

Tabela 2 – descrição conclusiva sobre a análise dos dados

Observações sobre a moralidade, de acordo com a psicologia moral abordada na pesquisa, dos Líderes religiosos analisados	N.B	N.C	Porcentagem
Líderes religiosos com posturas mais próximas da heteronomia (ênfase prioritariamente os ideais da instituição religiosa nas respostas da entrevista e nas cerimônias observadas)	2 (B2, B4)	1 (C3)	Líderes Budistas 25%
			Líderes Católicos 12,5%
			TOTAL 37,5%
Líderes religiosos com discursos religiosos convencionais, porém mais flexíveis (que são restritos aos postulados religiosos e frequentemente falaram dos princípios da religião, mas conseguiram se desvincular em algumas questões da pesquisa)	1 (B1)	2 (C2, C4)	Líderes Budistas 12,5%
			Líderes Católicos 25%
			TOTAL 37,5%
Líderes religiosos com uma autonomia crescente, (que abordaram a religião e os valores religiosos, mas foram capazes de analisar subjetivamente os dilemas morais e abordar de forma mais crítica a realidade)	1 (B3)	1 (C1)	Líderes Budistas 12,5%
			Líderes Católicos 12,5%
			TOTAL 25%

Legenda: N.B = número de líderes budistas; N.C = número de líderes católicos.

Fonte: Dados elaborados pelo autor a partir das entrevistas.

Como podemos observar na tabela 2, os líderes B2, C3 e B4 apresentaram mais respostas da entrevista realizada que enfatizaram os fundamentos e princípios religiosos de suas respectivas religiões, apresentando, assim, um discurso mais pautado na heteronomia, de acordo com os princípios do desenvolvimento moral.

Já os líderes B1, C2 e C4 demonstraram mais flexibilidade diante das questões abordadas no trabalho, no qual os mesmos falaram sobre seus princípios religiosos, mas também situaram os valores morais não atrelados a religião.

Por fim, temos o líder budista B3 e o líder católico C1 que, por mais que sejam líderes religiosos que responderam as questões da entrevista apontando os fundamentos das suas religiões, demonstraram uma postura crítica, reflexiva e subjetiva diante dos paradoxos e dilemas sociais na atualidade.

Assim, podemos recapitular as questões abordadas por Puig (1998) sobre as instituições, dentre elas a religiosa, para complementar a observação da análise na tabela. De acordo com este autor, e assim como foi discutido anteriormente nesta pesquisa, as instituições têm um papel predominantemente alienante sobre os indivíduos, e se tratando da moralidade, ela influencia demasiadamente os sujeitos a permanecerem presos aos valores convencionais estabelecidos. Ao pensarmos sobre a instituição religiosa, lembrando das discussões anteriormente abordadas neste trabalho, não há dúvidas sobre a sua influência no seio social e o quanto a mesma interfere diretamente nas relações humanas e seus valores. Se formos pensar sobre os líderes religiosos, essa influência se potencializa nos comportamentos dos sujeitos, nas suas crenças, nos seus princípios e na forma como eles lidam com as normas e regras sociais.

La Taille (2008) também salienta essa discussão entre moral e religião na sua obra *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Neste ensaio, o autor discorre sobre como cada líder religioso, seja ele budista, padre, rabino, aborda o conceito de moralidade dentro do sistema de sua religião. Desta forma, é evidente que todas as religiões possuem seus valores morais e a sua maneira de ver a moral. Como cada religião tem seu tipo de valores, ocorre divergências entre os credos, culminando em intolerância de várias formas em vários contextos que observamos ao longo da história. Mesmo assim, atualmente, existem muitas frentes religiosas que buscam harmonia e respeito com as outras religiões. Isso não quer dizer que a intolerância tenha acabado, mas é inegável que essas mudanças nos relacionamentos entre as religiões são significativas.

A grande questão abordada por La Taille (2008) nesta reflexão acerca da moral e da religião é: se toda religião tem sua moral e seus valores, é possível então que exista moral sem

a religião? Essa reflexão já foi apresentada neste trabalho, mas este autor traz pontuações bem pertinentes, como: pode existir alguma forma de moral sem destacar Deus como referência para valorar os princípios morais? E há moral sem se referir a Deus ou a figuras divinas?

Este mesmo autor nos responde a primeira pergunta fazendo uma análise filosófica e histórica, na qual o autor se refere a Kant, dizendo que este filósofo se baseou nos fundamentos racionais para explicar o imperativo categórico, ou seja, a evidência moral do sujeito humano está, primeiramente, na razão. A segunda questão é respondida pelo autor por um viés psicológico, explicando que, dentro da perspectiva da psicologia moral, a moralidade e os valores morais não dependem, essencialmente, de uma figura divina. É claro que para muitas pessoas o referencial religioso é fundamental para guiar suas ações e juízos morais, e dentro dessa perspectiva, Piaget (apud LA TAILLE, 2008) nos aponta que Deus representaria a autoridade máxima, na qual devemos obediência e amor, e por isso, a religião possui uma moralidade heterônoma.

Desta forma, as indagações do autor sobre a relação entre moral e religião ser interdependentes ainda é passível de muitas reflexões e estudos. Entretanto, nós temos evidências de que muitas pessoas são morais e possuem valores como o amor, a empatia, a compaixão, o respeito, dentre outros, sem terem uma crença religiosa. Assim, o autor nos responde à questão dizendo que é possível existir uma moral sem a religião (LA TAILLE, 2008).

Diante das reflexões feitas nestas discussões, apontaremos a pergunta inicial desta pesquisa com o intuito de responde-la: até que ponto a religião, na visão dos líderes religiosos entrevistados, tem ligação com a moral? E se tem, de qual moral que se trata? E como ela é transmitida pela instituição religiosa?

Da resposta que obtivemos das entrevistas semiestruturadas com os líderes religiosos e nas nossas observações, como mencionadas na nossa tabela, vemos que grande parte dos nossos entrevistados se demonstrou ligada aos referenciais religiosos de forma primordial, enquanto a minoria foi mais maleável. Mesmo assim, todos os líderes, de alguma forma, abordaram os valores adotados pelas suas respectivas religiões. A tabela auxiliou na explicação descritiva dos resultados que obtivemos e também foi um alicerce para a interpretação dos dados analisados, que será demonstrado logo abaixo.

Assim como já foi discutido nesta pesquisa, é inegável a relação existente entre a moral e os valores morais com a religião. Independente do credo entre os religiosos entrevistados, todas têm suas regras, seus valores e princípios que norteiam os seus seguidores.

Na análise dos dados observamos essa relação entre moral e religião, apontada nas respostas dos líderes religiosos.

A respeito de que moral que se trata, dentre os aportes da psicologia moral, se recorrermos a Piaget (apud LA TAILLE, 2008), Puig (1998) e Kohlberg (1992), a religião, enquanto instituição, seria mais uma disseminadora de valores heterônomos e convencionais, ligados a obediência dos indivíduos sobre os preceitos religiosos, do que uma instituição que prioriza a autonomia dos sujeitos na internalização dessas regras de forma subjetiva, reflexiva e crítica. Apesar de Kohlberg (apud YÁÑEZ-CANAL, 2012) ter se referido a religiosidade como um fenômeno importante para a constituição de uma moral para além do convencional, a religiosidade se diferencia da religião, enquanto instituição, pois a religiosidade pode ser individual, subjetiva, reflexiva e mutável, enquanto a forma institucionalizada da religião é coletiva, objetiva, muitas vezes inflexível e imutável, principalmente nos seus costumes e princípios.

Na análise dos discursos e das observações dos líderes religiosos entrevistados, notamos que grande parte das respostas e das oratórias transmitidas para os fiéis é de cunho heterônimo e convencional, isto porque grande parte dos líderes que foi entrevistada (seis líderes) demonstrou que a moralidade e os valores morais são fundamentais, que podem estar atrelados ou não à religião, mas que os valores e princípios religiosos são mais importantes para guiar, nortear, colocar regras e normas nos indivíduos, e seguir os postulados bíblicos ou os valores apontados por Jesus (no catolicismo); ou recitar o sutra e seguir os fundamentos do budismo da Soka Gakai (budismo), são pressupostos essenciais para os indivíduos conseguirem viver de forma plena, dando os indícios de que a obediência a esses princípios religiosos seria a forma correta de se viver. Mesmo que esses líderes reconheceram que os valores morais podem existir sem estarem ligados a uma religião, os mesmos enfatizaram demasiadamente que os valores religiosos são mais importantes.

Não nos surpreende que boa parte dos líderes religiosos enfatizariam seus credos e valores em conformidade com sua escolha religiosa, mas ainda assim tivemos algumas ressalvas: A minoria (2 líderes) apresentou uma postura reflexiva e crítica maior ao falar da religião e dos valores morais. Mesmo situando a religião em grande parte dos seus discursos, esses líderes fizeram indagações sobre os valores na atualidade, sobre os paradigmas e dilemas morais contemporâneos. O líder budista demonstrou ainda uma postura crítica da sua religião, apontando as contradições, numa contextualização histórica, sobre como no budismo as relações de poder estavam intrínsecas, desde seu envolvimento na política e na ascensão econômica das lideranças religiosas.

Desta forma, consideramos que esses líderes demonstraram, restritos à sua condição enquanto líder de uma instituição religiosa, propensos a uma autonomia crescente, ou seja, que por mais que estejam submetidos aos seus princípios religiosos, de acordo com o postulado das instituições religiosas, esses líderes demonstraram suas visões de mundo de forma crítica, apontando os paradoxos, as condições desiguais do mundo, as relações humanas, dentre outros pontos. Outros líderes também apontaram algumas coisas relacionadas as relações humanas, mas esses dois líderes fizeram isso sem se limitar tanto as questões de suas religiões.

Respondendo a última questão levantada pela nossa problemática nesta pesquisa, que é a forma como esses líderes transmitem esses valores para os seus fiéis, observamos que grande parte destes líderes transmitem de acordo com os princípios religiosos, e dificilmente colocaram, seja nas homilias como nas cerimônias budistas, um posicionamento subjetivo que fosse capaz de sobressair aos preceitos religiosos. Exceto o líder B3 e C1, que mesmo seguindo os costumes tradicionais das suas religiões, foram capazes de fazerem reflexões pessoais sobre os dilemas até então colocados nas cerimônias que observamos. Isto não quer dizer que esses líderes foram capazes de sobressair aos princípios de suas religiões, mas demonstraram uma flexibilidade maior, comparado aos outros líderes que entrevistamos nesta pesquisa.

Finalizando o nosso discurso, a religião tem o seu papel agregador na sociedade, seja em princípios norteadores, seja em pregações que visam o respeito, a solidariedade, a compaixão, dentre outras tantas virtudes que auxiliam as relações humanas a se tornarem mais harmoniosas. Por outro lado, a religião pode pregar intolerância do seu credo a outros credos e estabelecer relações negativas com a política e com a economia, visando mais responder as demandas que satisfazem os políticos do que o coletivo social. Não obstante, quando se trata da moral e dos seus valores, dentro da perspectiva da psicologia moral, dificilmente a religião teria um papel fundamental na formação de uma personalidade moral, isto porque a restrição do pensamento da instituição religiosa interfere diretamente no pensamento dos seus seguidores, limitando-os a determinados tipos de comportamentos, crenças, visões de mundo, pensamentos e valores morais.

Nas discussões levantadas teoricamente neste trabalho já observamos o quanto Puig, Piaget e La Taille demonstraram que a moral não depende de uma religião, e que a instituição religiosa pode ser um empecilho para a autonomia moral ao invés de ser um alicerce. Pelas entrevistas e observações que fizemos nesta pesquisa, podemos concluir que concordamos com as discussões trazidas por estes pensadores da psicologia moral, isto porque a religião pode sustentar cada vez mais uma heteronomia e um convencionalismo nos seus discursos. Se formos pontuar o que os líderes nos responderam, os mesmos demonstraram uma ligação forte com os

preceitos religiosos, e por mais que alguns demonstraram flexibilidade, ou até mesmo uma crítica subjetiva, a predominância do discurso religioso estava presente.

Pensar em personalidade moral requer autonomia, capacidade crítica constante e uma auto avaliação sobre os comportamentos, juízos e ações morais no mundo. A personalidade visa uma construção e reconstrução continua dos valores, pontuando as contradições e paradoxos presentes nos dilemas sociais e individuais. Para a personalidade moral se estabelecer é necessário discursos e produções de conhecimento flexíveis e cooperativas, e não narrativas que explicam uma cosmovisão de mundo limitando os indivíduos a um determinado tipo de pensamento, anulando a crítica e a subjetividade. Relações de obediência e poder não contribuem para a constituição de uma personalidade moral.

A personalidade moral visa relações recíprocas, de respeito mútuo, de trocas de conhecimento e de construção de valores que abarcam o maior número de pessoas. Para isso, a permanência de pensamentos cristalizados, que apontam uma unilateralidade discursiva que elimina ou não tolera o diferente, tem que abrir espaço para novas reflexões pautadas num bem-estar maior, que não se mantenha presa somente numa perspectiva de mundo, restringindo outras formas de se pensar e de coexistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. **Moralidade, ética e religião**. Saúde, Ética & Justiça, v.9, n.1-2, p.1-4, 2004.
- ALMEIDA, R. **A Igreja Universal e os seus demônios**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- AMATUZZI, M. M. M. Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. In: PAIVA, G.J. **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo: Loyola, p.25-51, 2001.
- BAUMAN, Z; DONSKIS, L. **Cegueira Moral**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.
- BLAINEY, G. **Uma Breve História do Cristianismo**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundamento, 2012.
- CAMURÇA, M.A. **O Brasil religioso que emerge do SENSO 2010: consolidações, tendências e perplexidades**. Religiões em movimento: o Senso de 2010. Rio de Janeiro, Petrópolis, 2013.
- CHALITA, G. **Vivendo a filosofia**. São Paulo: Atual, 2002.
- CHAUÍ, M. **Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- COWAN, B. A. "Nosso Terreno" crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 101-125, Abr. 2014.
- DALE, R. A promoção do mercado educacional e a polarização da educação. **Educação, Sociedade & Culturas**, v.2, n. 2, p. 109-139, 1996.
- DORST, B. C. J. **Jung: Espiritualidade e transcendência**. São Paulo: Editora Vozes, 2016.
- DOS SANTOS, M. L. **Mulher Soka em terras santas: a propagação do budismo em Aparecida do Norte e Juazeiro do Norte**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- ELKINS, D. N. **Além da religião**. São Paulo: Pensamento, 2005.
- ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FONSECA, E. G. **Vícios privados, benefícios públicos – a ética na riqueza das nações**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.
- FOWLER, J. W. **Estágios da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas. In: AUTOR, A.A. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. In ____ **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. Totem e Tabu e outros trabalhos. In___ **Obras completas**. Rio de Janeiro. Imago. 1972.

_____. O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos. In___ **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

GERHARDT, T. A construção e a utilização do diário de campo em pesquisas científicas. **International Journal of Qualitative Methods**. 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

GOERGEN, P. Educação moral hoje: Cenários, perspectivas e perplexidades. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 737-762, out. 2007.

GUIMARÃES, L; FALCÃO, M. Bancada evangélica diz que não vota 'nada' até esclarecer 'kit gay'. **Folha de São Paulo**, Brasília, 17 mai. 2011. Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/917220-bancada-evangelica-diz-que-nao-vota-nada-ate-esclarecer-kit-gay.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

GYATSO, T. **Dalai Lama**: Uma ética para o Novo Milênio. São Paulo: Sextante, 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2017**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 mar. 2018.

JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. Psicologia e religião. In: JUNG, C. G. **Obras completas de C. G. Jung**, v. 11. Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNIOR, M.C. Revisando o conceito de carisma: Líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação a performance. **Revista Todavia**, v.2, n.2, p.42-55, 2011.

KANT, I. **Fundamentos da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005.

KOHLBERG, L. Essays on moral development. In: KOHLBERG, L. **The psychology of moral development**: The nature of moral stages. v.1. San Francisco: Harper & Row, 1984.

KOHLBERG, L. **Psicología del desarrollo moral**. Sevilla: Editorial Desclée de Brouwer, 1992.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética**: Dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Formação ética**: Do tédio ao respeito ao respeito em si. São Paulo: Penso Editora, 2008.

_____. **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. Moral e Ética: Uma leitura psicológica. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. spe, p. 105-114, 2010. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2018.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, M. D. C; BURITY, J. A ascensão política de pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. **Revista de Ciências Sociais**, v. 57, n.3, p. 601-631, 2014.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, II., 2004, Bauru. **Anais...** São Paulo: SEPQ; Bauru: Universidade Sagrado Coração, 2004. p. 113-118.

MARQUES, J. F. The spiritual worker: An examination of the ripple effect that enhances quality of life in-and outside the work environment. **Journal of Management Development**, v.25, n.9, p. 884-895, 2006.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. **Diante do mistério: Psicologia e senso religioso**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, C. L. Ação social de pentecostais e da renovação carismática católica no Brasil: O discurso de seus líderes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31 n. 92, p. 23-31, 2016.

MILLIMAN, J.; CZAPLEWSKI, A. J.; FERGUSON, J. Workplace spirituality and employee work attitudes: An exploratory empirical assessment. **Journal of Organizational Change Management**, v.16, n.1, p. 426-447, 2003.

MONTERO, P. Secularização e espaço público: A invenção do pluralismo religioso no Brasil. **Revista do centro em rede de investigação em antropologia**, v. 13, n.1, p.7-16,2009.

MOREIRA-ALMEIDA, A. Espiritualidade e saúde: Passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.34, n.1, p. 10-18, 2007.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico da pesquisa**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBAUS, C. D. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: Qualidade de vida na universidade. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v.7, n.1, p. 83-88, 2006.

OLIVEIRA, F. C. O campo da sociologia das religiões: Secularização versus a revanche de Deus. **Revista internacional interdisciplinar Interthesis**, v.2, n.2, p. 16-30, 2005.

PAIVA, G. J. **Algumas relações entre psicologia e religião**. São Paulo: Psicologia-USP, 1989.

_____. **Entre necessidade e desejo: Diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: Oscilações conceituais de uma disciplina. In AMATUZZI M. M. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): Elaboração e validação de construto. **Psicologia em Estudo**, v.10, n.3, p. 507-516, 2005.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1996.

RICARDO, M. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ROBERT T. E.; YOUNG J. S; KELLY, V. A. Relationships between adult workers' spiritual well-being and job satisfaction: a preliminary study. **Counseling and Values**, v.50, n.3, p. 165-175, 2006.

RONDON, M.V. **A construção da competência moral e a influência da religião: contribuições para a bioética**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência na área de saúde pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

SANDERS, P. Phenomenology: A New Way of Viewing Organizational Research. **Academy of Management Review**, v. 7, n. 3, p. 353-360, 1982.

SANTANA, L. K.A. Religião e mercado: A mídia empresarial-religiosa, **Rever – Revista de Estudos de Religião**, n. 1, p. 54-67, 2005.

SILBERMAN, I. Religious violence, terrorism, and peace. Em R. F. Paloutzian & C. L. Park (Eds.), **Handbook of the psychology of religion and spirituality**. New York: The Guildford Press, 2005.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. New York: Alfred A. Knopf, 1971.

STRECK, V.S.; SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. **Imagens da família: dinâmica, conflito e terapia do processo familiar**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 28, p. 525-540, 2009.

TOLOMELLI, F. **A religião na obra e na vida de Erich Fromm**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

VALENTIM NETO, M.E. **Relação entre religiosidade e orientação moral de homens e mulheres**. 2008. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade de Lisboa, Lisboa.

VERGOTE, A. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In PAIVA, G.J. **Entre necessidade e desejo: Diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo, SP: Loyola, p.9-24, 2001.

YÁÑEZ-CANAL, J. **Experticia, sabiduría y desarrollo moral**. Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios. Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, 2012.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A – entrevistas com os líderes religiosos

Observação dos líderes cristãos

Observação C1

Ao observarmos a homilia do padre C1, visualizamos alguns pontos interessantes: a celebração foi realizada apontando a questão da perda de ente queridos diante da morte (a celebração se pautava no feriado do dia dos finados) no qual C1 se queixava sobre os valores da vida e lembrando que todos nós iremos morrer, e que isso é uma verdade universal.

Diante essa questão iminente da morte, C1 ressaltou o valor que devemos dar sentido à vida para morrermos em paz, felizes, e que justamente para termos uma vida boa, devemos nos guiar no amor por Deus e cuidar dos nossos semelhantes e de nós mesmos.

C1 ressaltou também a comercialização do feriado dos finados, já que muitas pessoas compram utensílios, como velas, flores, dentre outros, para oferecer aos mortos, coisa que C1 não concordou em fazer. Para o mesmo, devemos presentear as pessoas vivas, pois os mortos nem sequer tem consciência de coisas que compramos para eles. O valor está no que fazemos em vida para os outros. O mesmo também falou sobre os vários momentos que passamos na vida, e que existe comportamentos viáveis para cada circunstância: tem momentos para ser alegres, sérios, assim como para se entristecer, para ser felizes, dentre outros. C1 ressaltou a busca de sentido da vida, e que se ficarmos parados diante das coisas possivelmente iremos ter uma vida repleta de problemas. Devemos então procurar fazer alguma coisa por nós e pelos outros.

C1 deixou claro que a busca de uma vida boa se baseia em amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo, e que fazendo isso em vida, iremos morrer em paz.

Já a segunda celebração que acompanhamos se tratava em amar a Deus sobre todas as coisas. Segundo C1, o sentido de as pessoas terem uma vida boa vem diante o amor a Cristo: é a crença neste último que garante uma vida repleta de coisas boas. Este padre enfatizou muito na homilia a força da crença, tanto que no evangelho que ele leu antes de começar a homilia se tratava no amor a Deus sobre todas as coisas, e se quisermos ser um discípulo de Deus, devemos nos desapegar das coisas materiais e do nosso amor pelos amigos e pela família. Interessante ele ressaltar isso como exigências divinas e como regras a serem cumpridas se quisermos ter uma vida boa. C1 também ressaltou que os cristãos têm sua cruz, essa caracterizada por problemas, e que a crença em Deus faz com que essa cruz se torne menos conturbadora. C1 também comentou sobre os atuais problemas, como a grande violência urbana, mas que esses fatores não são exclusividade da contemporaneidade, já que a maldade é algo de tempos bem remotos, e que o amor por Deus sobre todas as coisas é que guia o sujeito para uma vida repleta de

harmonia, sem desviar seu caminho para o mal. C1 nos disse na homilia que muitos fatores, como a mídia, distorcem muito a transmissão de valores, focando demais em coisas maléficas, fazendo com que os sujeitos esqueçam as coisas boas da vida.

Diante essas celebrações podemos criar interpretações a respeito dessas duas homilias que acompanhamos desse padre: observamos que apareceram questões pautadas na moralidade, como regras a serem seguidas (amar a Deus e buscar em Deus o sentido da existência e de uma vida boa); a transmissão de valores para os fiéis foram, em algumas partes, de cunho moral, pois o padre falou sobre seguirmos a Deus para procurarmos sentido na vida, para sermos guiados pelo amor pelo próximo e por nós mesmos para termos uma vida harmoniosa e morrermos em paz, apontou também o primeiro mandamento nesta última homilia como um dos componentes (senão o mais) importantes para guiarmos a nossa vida, que é amar a Deus sobre todas as coisas, até amar mais a Deus do que nossos próprios familiares, dentre outros pontos.

Observando e interpretando o que C1 nos disse nessas duas homilias, parece-nos que as transmissões desses pontos morais são de cunho heterônomo, pois o sujeito tem que ser guiado pela sua fé em Deus e se tornar discípulo de Deus para seguir uma vida repleta de harmonia, escapar das tentações maléficas e lidar com os problemas de forma mais amena. Até mesmo a maldade, o caos e todas as questões voltadas para uma vida problemática derivam da falta de Deus na vida do sujeito.

Observação C2

Na homilia da missa no qual fizemos a observação, C2 enfatizou o lado humano de Cristo. Para ele, não devemos somente visualizar a perfeição de Deus, pois isto está muito distante da nossa condição humana, e sim observamos o quanto podemos manifestar o lado bom da humanidade, ou seja, atitudes consideradas boas com os nossos semelhantes, mesmo os humanos sendo imperfeitos e cheios de defeitos. C1 contou a história da mãe de Pedro, no qual Jesus fez uma visita, pois a mesma estava sofrendo muito. Com a presença de Cristo, todo altruísta e benevolente, a senhora atribuiu outro sentido na sua existência e foi buscar o altruísmo, a compaixão, a empatia e a fraternidade para aqueles que sofriam. Assim, C2 focou em atributos como a compaixão, a solidariedade, o altruísmo e a empatia como fundamentais para darmos significado para a nossa existência e o quanto essas qualidades estão próximas do nosso lado divino, ou seja, da nossa proximidade com Deus.

Outro ponto que C2 ressaltou foi o quanto nos dias atuais passamos por momentos infelizes, nos deprimimos, como se sentíssemos que nossas energias estivessem baixas ou quase extintas, e que isso nos leva ao sofrimento. Mas, para ele, nessas horas Deus se aproxima dos aflitos para dar energia e sentido na vida. Deus não está presente só nas pessoas alegres e felizes. Por mais que esse seja o propósito de Deus, ele está mais próximo daqueles que estão sofrendo. E para ajudar os aflitos e nos ajudarmos, nunca devemos nos esquecer de sermos bons, dar bons conselhos, abraçar uma pessoa, pois essas atitudes estão cheias de boas energias.

Sendo assim, nunca devemos esquecer da nossa condição humana, ou seja, das nossas limitações e imperfeições, e que podemos fazer coisas divinas a partir do momento que aceitamos Cristo nas nossas vidas.

Já na segunda observação, C2 ressaltou novamente a humanidade de Jesus, mas focou na ideia de que Cristo estava sempre agindo, seja nos seus ensinamentos, seja para fazer algo bom para os outros. Isso demonstra o quanto o messias cristão agia e dava continuidade nos seus prodígios cotidianos. C2 usou de exemplo esta fala para demonstrar alguns paradoxos presentes na atmosfera cristã: por um lado, existem pessoas crentes de que Deus só está presente nas igrejas, assim como dizia Salomão que, ao construir seu templo devido a uma revelação que foi lhe dado, o mesmo defendia a ideia de que só no templo estava a presença de Deus. Ao contrário disto, C2 disse na homilia que Deus não pode estar preso a um único ambiente, pois o mesmo não pode ser aprisionado. Se Deus é aprisionado pelos ideais humanos, os sujeitos também irão se aprisionar, por exemplo, em conceitos dogmáticos rasos, intolerâncias e preconceitos. Deus tem que ser livre, deve estar presente em todas as manifestações humanas, e não restrito ao ambiente da igreja. Somente assim podemos exercer, no nosso dia-a-dia, o propósito de busca de bem-estar para si e para os outros, sempre tendo como foco a compaixão, a solidariedade e a fraternidade.

Observação C3

Na primeira homilia do C3, o foco foi baseado na história das mulheres que seguiram o caminho de Jesus e dos soldados romanos logo após os 3 dias que culminaram na ressurreição de Cristo. As mulheres, segundo C3, seguiram as premissas propostas por Jesus, enquanto os soldados as repudiaram. Segundo o padre, esta história se refere as nossas escolhas diárias: se queremos seguir uma vida baseada na verdade ou na mentira. Temos a arbitrariedade de escolhermos qualquer desses caminhos. Poderemos nos iludir, mentir para nós mesmos, sermos guiados por um estilo de vida baseado em prazeres imediatos, principalmente os carnis e materiais, ou podemos escolher um caminho da verdade, da honestidade com os outros e com

nós mesmos, da dignidade, da sinceridade e da compaixão. O caminho da mentira é contra os princípios manifestados por Deus, logo isso vai me levar a constantes sofrimentos; seria o caminho da verdade, baseado nos princípios que foram transmitidos por Jesus Cristo, que levariam os indivíduos a salvação, a vida plena e ao caminho da felicidade.

Já na segunda homilia, C3 celebrou a homilia dizendo sobre a importância da crisma⁹ na adolescência (a cerimônia estava sendo baseada na crisma dos jovens). A crisma se torna um dos fundamentos principais para seguirmos a vida com Cristo. Dessa forma, C3 nos falou sobre a responsabilidade dos adolescentes com Deus, o quanto eles devem seguir a vida baseado nos ensinamentos e no amor de Cristo por nós. C3 enfatizou muito os dias atuais, nos falando o quanto alguns jovens estão se distanciando da vida em Cristo e focando sua vida em coisas fúteis e mundanas. Tudo é muito chamativo, e tem muitas coisas que nos desviam de uma vida plena com Cristo, e que esses jovens deveriam criar essa ligação com uma vida plena em Deus; uma vida com Deus parece ser mais difícil, mas é a partir dela que encontraremos a felicidade e a salvação.

Observação C4

Na primeira homilia realizada por C4, o mesmo enfatizou o prazer que nós podemos sentir quando temos a espontânea e livre escolha para servirmos ou fazermos a vontade de Deus. O padre usou o exemplo de Maria, não de Jesus, que escolheu, livremente, ser fecundada pelo Espírito Santo e ser mãe do Messias. Essa escolha dela não foi por obrigação, e sim pela vontade própria dela. Ele usou esse discurso como referência para falar sobre o quanto somos livres para fazermos o que queremos, mas quando escolhemos servir a Deus a nossa vida se torna melhor e mais harmoniosa. Deus não nos obriga a seguir o seu caminho e ele não quer que nos sintamos obrigados a fazer o que ele quer, mas se escolhemos o seu caminho e temos satisfação em ter escolhido o seu caminho, iremos nos sentir abençoados na nossa vida.

Na segunda homilia de C4, a ênfase do padre foi dada na relação divina do ser humano e que, graças a Jesus ter se tornado um humano, fomos abençoados com a divindade de Deus, e que todos os seres humanos possuem graças a Jesus. Deus se encarnou no corpo de cristo, e isto fez com que ele se aproximasse da condição humana e divina ao mesmo tempo. Cristo se tornou o irmão da humanidade, e com isto trouxe a graça de Deus para todos os humanos. No batismo e posteriormente na crisma, nós somos abençoados pelo óleo ungido, que nos faz

⁹ A crisma, segundo a doutrina cristã, é um dos rituais mais importantes para o início de uma vida cristã. Assim como o batismo dá início aos ensinamentos cristãos e a eucaristia seria a fase no qual as crianças, pela catequese, vão aprendendo os dogmas e os rituais mais importantes do cristianismo, a crisma seria o último degrau para a iniciação de uma vida dedicada aos ensinamentos de Cristo.

lembrar que nós possuímos o espírito santo, em outras palavras, a graça de Deus que nos torna seres divinos também. Desta forma, C4 nos lembrou da importância de vivermos uma vida baseada no amor de Deus, para manifestarmos constantemente no nosso dia a dia o seu amor, pois Deus é perfeito, é a bondade e a estética pura e divina. Nos esquecemos de viver a vida em Deus, e mais ainda de manifestarmos e falarmos sobre Deus. Os apóstolos mais fiéis foram mortos, perseguidos e humilhados por acreditarem em Deus, e deram suas vidas por ele. Nós não somos torturados, humilhados e perseguidos por isso, então por que não falamos cotidianamente sobre Deus? Essa foi a pergunta deixada por C4 no fim dessa homilia.

Importante ressaltar que antes de realizarmos a entrevista com o líder C4, o mesmo se preocupou com as perguntas que seriam feitas durante a entrevista, no qual o líder queria saber que tipo de perguntas seriam direcionadas a ele e se as mesmas tinham um sentido de causar um mal-estar institucional, já que o líder estava em dúvida se as perguntas eram para saber sobre sua postura pessoal ou se ela tinha relação com a instituição que ele representa. Depois que esclarecemos o objetivo do trabalho, ele optou por participar sem nenhum problema.

5.2 Observação dos líderes budistas

Observação do B1

A cerimônia se iniciou com a proclamação do sutra de lótus, baseado nos últimos oito anos dos ensinamentos de Buda, no qual todos os indivíduos presentes recitaram por, aproximadamente, 10 minutos. Posteriormente, B1 explicou aos indivíduos a importância da oração do sutra e como isso pode mudar a vida das pessoas para melhor. Em seguida, B1 contou a história de Nirichen Daishonin, líder espiritual que, em 1272, se rebelou contra o autoritarismo presente na china e lutava para a libertação das práticas budistas e da proliferação da religião para as massas, pois todos tinham o direito de saber e conhecer a doutrina. Logo em seguida, B1 fez uma análise das questões autoritárias presentes na atualidade e nos disse que o budismo deve ser difundido para todas as pessoas que queiram conhecer e se aproximar dessa religiosidade. Ele também mencionou o encontro que teve entre líderes religiosos budistas com os católicos no vaticano para discutirem sobre os armamentos nucleares e a reformulação do espírito humano.

B1 se focou muito no discurso da compaixão e da busca da iluminação, enfatizando os pensamentos positivos, os elogios que devemos fazer aos outros e a nós mesmos diariamente, a empatia de querer o bem do próximo como de nós mesmos, dentre outros pontos. Importante ressaltar que B1 nos disse: “ querer o bem do próximo sem querer o nosso próprio bem é

hipocrisia, e querer o nosso bem e não o dos outros é egoísmo”. Então, segundo B1, para alcançarmos o bem-estar e a iluminação devemos viver bem com nós mesmos e sempre estar auxiliando o outro no seu crescimento.

Finalizando o primeiro encontro com B1, o mesmo nos disse que o ser humano tem muito mais capacidades positivas do que negativas, só que o apego, a ilusão material e afetiva acaba afetando nas escolhas, e estas acabam sendo ruins e equivocadas, gerando muita desarmonia na vida. Dessa forma, devemos nos orientar pelos aspectos positivos da existência, pregando sempre o amor e a compaixão.

Já no segundo encontro que observamos, B1 se focou na explicação entre a compreensão do espírito para a tradição budista. Segundo este mesmo líder, no budismo o espírito e o corpo não são separados um do outro, e todas as atitudes que temos em vida interfere diretamente no nosso espírito. Em outras palavras, o budismo não dá muita importância para a pós vida, e sim nas causas e consequências do que fazemos nesse plano material. Desta forma, devemos refletir muito sobre nossos atos e nos responsabilizarmos por cada atitude que tomamos, pois elas têm consequências tanto positivas quanto negativas. Dentre essas causas, B1 refletiu muito sobre a palavra, pois esta tem muita importância nas nossas escolhas cotidianas e na forma como moldamos o nosso caráter. Por isso devemos focar mais em pronunciar palavras positivas para os outros e para nós mesmos, buscando motivar e alegrar a vida alheia para semearmos bons frutos. Após essa reflexão, B1 falou sobre o fim dos ciclos anuais (essa reunião foi realizada bem no fim do ano de 2017) e para refletirmos sobre nossos sonhos e buscarmos ações para que eles se tornem reais.

Observação B2

B2 começou o seu diálogo nos falando sobre a importância dos ensinamentos do mestre Ikeda¹⁰ visando a transformação dos valores humanos e o quanto é importante nos dedicarmos e propagarmos esses ensinamentos. Enalteceu a postura de muitos membros da juventude na propagação do budismo, e também se orgulhou diante de todos que estavam presentes sobre a aceitação de membros variados, independentes de sua classe social e de sua etnia. Explicou também sobre o crescimento da Soka Gakkai, e que esta organização se preocupa com a paz, a felicidade humana e o meio ambiente, sem procurar se enriquecer financeiramente ou divulgar pela mídia seus méritos e conquistas, pois ela não tem como propósito essa exposição midiática,

¹⁰ Daisaku Ikeda é o atual presidente da organização Soka Gakkai. Essa organização tem como objetivo a disseminação do budismo ao mundo e pregar a transformação dos valores humanos, sendo reconhecida como uma organização que luta pela paz mundial. Tem como fundadores dois educadores japoneses, Tsunesaburo Makigushi e seu discípulo Josei Toda, que, posteriormente, foi o mestre de Daisaku Ikeda.

e sim na propagação do contato humano, do acompanhamento de cada membro da Soka Gakkai em ajudar os outros e divulgando o budismo de modo pessoal.

No segundo encontro, esse líder enalteceu o encontro do Mestre Ikeda com vários outros líderes religiosos, até mesmo com escolas budistas tradicionais, conseguindo atrair esses últimos a uma visita da Soka Gakkai no Japão. Esse encontro tinha como pauta a discussão sobre o humanismo e o bem-estar social e ambiental do mundo, colocando como pauta o grande objetivo dessa organização: a busca pela paz mundial.

Esse feito foi de extrema importância para os membros da Soka Gakkai em nível mundial, pois acreditam que esses fatores ajudam na propagação do budismo e da prática. B2 ressaltou a importância da recitação dos principais sutras do budismo da organização e mencionou que, se ao menos uma pequena parcela começar a propagar essa busca de mudança em prol do humanismo, nós podemos alcançar grandes mudanças para o bem coletivo e a busca da felicidade.

Observação B3

B3 realizou uma cerimônia no templo nos explicando sobre o fim do ciclo de um ano e o início de outro, ritual praticado pelos budistas quando o ano está chegando no fim. Esse mesmo monge recitou sobre a importância de buscarmos a reflexão sobre nossos atos durante todo o ano que se passou e buscar “limpar as sujeiras” que ficaram, ou seja, as más atitudes, pensamentos e intenções. Ele usou como analogia a limpeza da casa na cultura japonesa, no qual a tradição diz que é importante, no final de todo ano, fazer a limpeza da casa, jogar alguns objetos inutilizáveis fora e deixar a casa limpa para começar o novo ciclo.

Importante ressaltar que a postura do budismo que B3 prega não fala sobre a linearidade dos acontecimentos, e sim de ciclos que se alternam, entre coisas boas e ruins, felicidades e tristezas, dentre outros pontos. É sobre essas alternâncias constantes na vida que devemos nos preparar e nos purificar para recomeçar.

Desta forma, B3 enfatizou muito a busca do arrependimento e do perdão, não no sentido da pessoa se culpar e se martirizar diante dos acontecimentos, mas buscar a reflexão e repensar sobre seus comportamentos, pensamentos e intenções consigo mesmo e com o próximo. Diante desses fatores, é comum que constantemente nos “sujamos”, e é pela reflexão e busca da empatia que conseguimos nos limpar e começar um novo ciclo, menos carregados de sujeiras acumuladas e limpos para começarmos um novo ano.

Finalizando o seu discurso, B3 ressaltou a importância da humildade humana, para nunca esquecermos nossa condição mortal e limitada, pois ela nos traz sabedoria para não nos vermos nem melhores e nem piores do que as outras pessoas. Para enfatizar essa fala, o monge

nos explicou as práticas culturais antigas do ritual do banho no Japão, no qual os indivíduos costumavam tomar banho juntos, despidos. O fato de todos ficarem nus representava a nossa fragilidade ao se expor e demonstrava nossa condição humana, sem máscaras para nos escondermos.

Observação B4

Na primeira celebração realizada por esse líder, ele nos falou sobre a importância do “maior tesouro do universo”, que seria a recitação da principal oração do sutra do lótus¹¹. Ele se orgulhou do grande crescimento da conversão de muitas pessoas ao budismo e, principalmente, a aceitação dessas do objeto de devoção, conhecida como gohonzon.¹²

Vale ressaltar que nesse dia muitas pessoas foram receber seus objetos de devoção desse líder, e foi uma celebração voltada para os novos praticantes do budismo.

Após essa colocação, B4 nos falou da importância de celebrar a vitória, que todos nós somos dignos dessa vitória e da plena felicidade, segundo o budismo. Vencer e ser vitorioso significa nunca desistir dos nossos sonhos e das nossas metas, mesmo quando fracassamos, podemos nos levantar novamente e lutar. A verdadeira vitória vem da constante luta por ideais de propagação da felicidade plena, que se dá pela realização do daimoku¹³ e pela ação, ou seja, não adianta recitar os sutras e ficar parado diante da vida, mas também não adianta agir sem sabedoria, sem energia o suficiente para conseguir ações plenas para a conquista de vitórias.

Já no segundo encontro, B4 nos transmitiu a importância de seguirmos um caminho pleno, que nos tire dos sofrimentos e calúnias mundanas. Para reforçar essa fala, B4 nos lembra dos ensinamentos de Nichiren Daishonin, considerado o Buda dos últimos tempos, sobre as 14 calúnias, ou seja, os 14 caminhos que levam uma pessoa ou grupos de pessoas a se desviarem das virtudes e encontrarem o sofrimento: 1) a arrogância, no qual B4 apontou o quanto muitas pessoas, na atualidade, se acham melhores e mais inteligentes do que as outras; 2) a negligência, ou seja, a nossa falta de responsabilidade e cuidado com nós mesmos e com os outros; 3) o julgamento egoísta, no qual criamos pré-conceitos sobre ideias ou pessoas e as avaliamos exclusivamente sobre as nossas perspectivas; 4) o julgamento superficial, no qual muitas

¹¹ O sutra do lótus é conhecido como o rei dos sutras, ou pode ser considerado também como o sutra que transmitia a verdadeira essência do conhecimento de Sakyamuni, o primeiro buda. Esses ensinamentos foram transmitidos nos últimos oito anos de vida de Sakyamuni, que considerava o sutra do lótus os verdadeiros ensinamentos, e que os sutras anteriores eram apenas provisórios.

¹² É um pergaminho com caracteres chineses, escrito por um dos principais líderes do budismo mahayana, Niticheren Daishonin, considerado como o novo buda dos últimos tempos. Nesta inscrição, esse líder escreveu o principal ensinamento de sakyamuni sobre a lei mística e a cerimônia mais representativa do budismo de Nichiren: a cerimônia do ar. No centro desse pergaminho está escrito “nam-myoho-rengue-kyo, que significa o despertar pessoal para esta lei universal.

¹³ Oração realizada diante do objeto de devoção, o gonhonzon. Mais precisamente é, em grande parte, a recitação do nam-myoho-rengue-kyo e do sutra do lótus.

peças não analisam a complexidade dos fatos e fazem pré-julgamentos sem saber do que se trata realmente o fenômeno; 5) a avareza, pois não adianta nada nos apegarmos profundamente nas coisas e deixar elas se apossarem de nós; 6) recusar-se a compreender as coisas, parecido com o primeiro ponto, a arrogância, a falta de querer ouvir é movido a ânsia de querer impor a experiência do ego sobre os outros; 7) a descrença, pois a falta de fé também provoca a falta de fé em si mesmo, a falta de crença na nossa capacidade de mudança; 8) recusar-se a ouvir os outros, parecido com a recusa a compreensão e a arrogância, a recusa a ouvir nada mais é do que a manifestação egoísta do ego, 9) a dúvida errônea, pois constantes dúvidas gera muita insegurança e incertezas diante da vida, causando sofrimento; 10) calúnia; 11) desrespeito à aqueles que creem; 12) ódio à aqueles que creem; 13) desconfiança daqueles que creem e, por último; 14) a inveja daqueles que creem.

Segundo esse mesmo líder, é de principal importância nos atentarmos para esses 14 pontos para conseguirmos propagar o budismo, seguir os ensinamentos do mestre Ikeda e vivermos com a verdadeira felicidade.

5.3 Entrevistas com os líderes cristãos

Entrevista com o líder C1

Pesquisador: o que o senhor entende por moral?

C1: *moral para mim são princípios e atitudes. Princípios, eu diria, que sempre são traduzidos em valores muito...muito concretos né? Como o respeito, o carinho, afeto, ternura...né? é.. Dignidade humana, direitos humanos...para mim tudo isso faz parte desse conjunto de...de...de coisas que na filosofia nós chamamos de moral né? Então a moral consiste no modo de eu ser e no modo de eu agir. No modo das pessoas serem e no modo das pessoas agirem. Consequentemente é o modo de fazer né? A operacionalidade dos princípios. É assim que eu acredito a moral.*

Pesquisador: Certo. E na sua opinião, moral e ética são sinônimos?

C1: *não, sinônimos não. Eu diria assim: a moral é a casa, e a ética são os moradores dessa casa. Claro que eu estou muito ligado à minha casa, e por isso estou muito ligado no meu modo de ser né? Agora, meu modo de ser se traduz concretamente. Agora, os moradores da casa vão enfeitar a casa, vão dar destaque para um espaço, vão dar um outro destaque para outro espaço, um espaço vai servir para uma coisa, outro espaço para a outra coisa. Eu vejo então que a ética é um pouco a...o mecanismo que existe dentro de nós para fazer com que a nossa casa, a terra, o planeta, o universo, sejam lugares habitáveis. E a ética também se traduz em atitudes que partem dos princípios morais.*

Pesquisador: Certo. Seria então a moral mais individual e a ética coletiva?

C1: *Eu acho que tanto a moral quanto a ética são bens pessoais e bem coletivos, bens individuais e coletivos. Porque creio que, tanto o indivíduo como a sociedade devem trabalhar em cima tanto de valores morais quanto de valores éticos. Tanto que, se eu valorizo a justiça eu irei lutar pelo que é justo, e vou transpor esse valor meu pessoal para a sociedade. É muito mais amplo né? Então eu socializarei aquele meu princípio, a minha visão de mundo e o modo de como eu gostaria que o mundo fosse.*

Pesquisador: Entendo. E o senhor acredita que exista relações entre a moralidade e a religião?

C1: *pois é...por moralidade eu entendo uma forma mais ampla de compreender a moral e a ética. Para mim moralidade é isso, no sentido de eu verbalizar e expressar esses princípios, e se há, digamos assim, uma crença, uma fé, uma espiritualidade, né? Do meu modo de ser, ela também é um produto de uma ética e de uma moral, né? Elas se reproduzem ou elas fazem uma somatória com um outro universo mais amplo da moralidade. Elas se interligam, eu creio que, ao menos no conceito de religião como eu creio, não dá para separar uma coisa da outra não. Os princípios que eu creio, que eu tento vivenciar numa religião que eu creio, que eu vivo, eles também são frutos de uma moralidade. Como por exemplo, o respeito aos outros, aos diferentes, o respeito aos mais fracos, aos descartados...isso daí são atos morais, éticos, mas traduzem, antes de tudo, uma fé. Então eu vejo que a fé é um dado até que vem antes dessas questões, do modo de eu agir, e a fé está contida dentro de um conceito de ser, de um modo de ser.*

Pesquisador: e para o senhor o que são esses valores morais?

C1: *Já citei alguns né? Para mim os valores morais é...antes de tudo o maior valor moral é a pessoa né? A pessoa, está acima de tudo. A pessoa é um valor de que eu não posso abrir mão né? A pessoa é um valor em si mesmo, e por isso eu peço que tudo, tudo, em nível religioso, em nível mais amplo de uma sociedade organizada, todas as...digamos, todo modo de uma organização social organizada... de uma organização social como um todo deveria levar em consideração esse valor mais essencial que é a pessoa humana, que merece respeito, que é um ser que eu acredito que não seja somente um monte de matéria ambulante, para não falar outras coisas né? (Risos). O ser humano é precioso né? Mesmo quem não acredite que exista algo divino dentro do ser humano, o ser humano, por si, deveria ser o referencial maior de nós tratarmos. As organizações humanas, como a própria economia, a sociedade, meio ambiente, a política, deveriam colocar o ser humano como referência absoluta, a sociedade deveria ajudar a humanizar ainda mais o ser humano, colocando ele como referência absoluta.*

Pesquisador: ótimo. E quais os valores morais que o senhor prioriza enquanto líder religioso?

C1: *olha...o respeito a cada pessoa. Para mim esse valor é fundamental. O respeito a cada um na sua individualidade, no seu modo de ser. Para mim o respeito é fundamental, tanto que, se perder o respeito, para mim, é perder tudo. Se diz respeito a alguém, se eu não levo em conta que esse ser humano... todos somos importantes, nós estamos em um derrocada né? Nós estamos numa guerra, como estamos vivendo hoje, como se o ser humano fosse um objeto, ou pior ainda, um ser descartável. O respeito, para mim, é um valor importante, a solidariedade, outro valor que é fundamental é..o amor, o amor verdadeiro, que exige de mim, uma saída de mim, que busca fazer com que o outro prevaleça. O outro para mim tem que ser um espelho, onde eu reflito, não só a minha imagem, mas o outro também me faz ser mais. Então, se eu amo, eu me abro também para o próximo, e esse próximo não precisa ser alguém que me explore, mas que me ajude a ser mais. Outra coisa importante também... que eu acho também, que é outro valor fundamental, é pensar que todos deveriam ter o essencial para sobreviver. Todos têm que ter o necessário. Então eu acredito que tem que existir uma redistribuição, ou melhor até, uma partilha dos bens essenciais para que o ser humano sobreviva. Eu chamo isso de justiça solidaria, para mim é um outro valor ético e moral fundamental para o bem comum e o bem coletivo.*

Pesquisador: Compreendi. Fazendo a penúltima pergunta agora, como o senhor aponta esses valores que o senhor prioriza para os seus fiéis?

C1: *Olha...eu...ao menos em nível do que eu chamo de trabalho pastoral, eu priorizo a acolhida da pessoa, mesmo as mais chatas (risos). É uma forma muito importante para criar vínculos de solidariedade e fraternidade, e acolher elas. É uma das formas a acolhida. Garantir espaço também para ouvir as pessoas, além de visita as famílias, também me coloco para a pessoa desabafar, buscar alguma pista, algum conforto. E também a condução geral da comunidade, da paróquia, chamamos de paróquia todo o funcionamento da comunidade envolvida com a igreja, eu gosto de imprimir uma linha que vai nesse aspecto de solidariedade entre aqueles que trabalham comigo, como equipe, pois sozinho não sou ninguém. Tudo é feito via conselhos, e nesses conselhos, uma das coisas que eu gosto muito de ver acontecer de todos se abrirem um com o outro, e além disso que façam um trabalho corretivo. Eu vejo que esse valor da coletividade, o valor social, bem entendido essa palavra social, é um aspecto moral importante, pois o trabalho coletivo ajuda a superar uma praga que tem no coração das pessoas, que seria o caso do individualismo, o egocentrismo. Então essa busca de sair de si, eu vejo como algo fundamental para trabalhar com a comunidade, e isso exige que eu saia de mim, saio das minhas áreas de conforto para criar um ambiente mais sociável, me abrir mais*

para o mundo, mais aberto, para o mundo que é muito mais que o nosso mundo religioso né? O mundo dos pobres, dos desempregados, dos desesperados, daqueles que vivem em situações de descartes e periferias existenciais.

Pesquisador: e o senhor trabalha com esses temas na homilia?

C1: quando...porque é assim, as homilias são feitas de esquemas que nós temos que são milenares né? E o primeiro é a bíblia né? Mas quando temos uma brecha para tratarmos esses temas eu faço questão de apontar esses valores.

Pesquisador: última questão agora: na sua opinião, é possível uma pessoa ser moral sem seguir esses valores que o senhor prioriza?

C1: com certeza...com certeza. Não existe só a moral cristã, existe uma moral da pessoa que vai além né? Dos âmbitos cristão-católico, os budistas, por exemplo, têm uma moral de tirar o chapéu...os mulçumanos. Enfim... o ser humano que, na sinceridade, busca os valores chamados transcendentais, se ele não tem uma moral...não existe ser humano religioso. Por isso que eu vejo...eu trabalho com um grupo que chama dialogo inter-religioso. Nesse grupo reunimos mulçumanos, cristãos, budistas, judeus. É um grupo bem diversificado e se aprende muita coisa com eles. Ali vivemos uma moralidade, nos respeitamos, tem também as religiões africanas. Já falei desse grupo nas homilias, já fizemos encontros aqui na igreja. O detalhe é único: a concepção de Deus, o principio primeiro, é o mesmo, independente das crenças de cada um.

Pesquisador: muito obrigado pela entrevista.

Entrevista com o líder C2

Pesquisador: Para o senhor, o que seria a moral?

C2: a moral...eu posso falar que existe a moral em âmbito geral e a moral cristã. Para nós cristãos ela tem que ser vista dentro de uma perspectiva de iniciação da vida cristã. Ou seja, o que significa isso? A pessoa... ela é introduzida no mistério de cristo, na vida de cristo né? E a vida de cristo apresenta para nós um novo horizonte de pessoa diferente, uma pessoa integrada, e essa moral, dentro da vida da pessoa, é um auxilio que vai ajudar justamente num caminho pedagógico de integração da pessoa. Então a moralidade vem aqui não como uma dimensão negativa, cerceadora, mas integradora na constituição da pessoa. Essa moral visa que a pessoa se disponha a fazer o seguimento de cristo. Essa moral cristã vai me fazer configurar no caminho de jesus, não de forma cerceadora, mas enquanto um caminho pedagógico, que vai me educando, que vai me formando, vai me fazendo enxergar por onde devo seguir, porque isso sim, porque isso não, né? Quando nós pegamos a moral de são Paulo, o apóstolo, ele vai dizer assim: tudo me é permitido, mas nem tudo me convém. Né? Entra justamente nesse processo de iniciação da vida cristã, porque tudo para a pessoa é permitido,

agora essa moral cristã vai dizer para a pessoa: opa, eu optei por esse caminho de cristo e agora nem tudo me é permitido.

Pesquisador: Compreendi. E para o senhor, moral e ética são sinônimos?

C2: eu não creio que elas são sinônimas né? Mas eu digo que elas são corpo e alma. Uma está para a outra. As duas vão juntas...né? Essa moral cristã me leva a uma ética no meu comportamento, por isso que elas caminham juntas né? Eu diria: o conteúdo e a prática. A moral o conteúdo, a ética seria a prática...seria um pouco nessa dinâmica, de vivencia.

Pesquisador: Certo. E para o senhor, o que são os valores morais?

C2: aqueles que vão nortear minha realização enquanto objetivo de vida cristã: jesus veio e me pede vida plena e felicidade. Esses valores vão me colocar nesse caminho, vou cultivando esses valores, a minha pessoa, a minha personalidade vai se ampliando para novos horizontes, dentro desses valores, buscando a realização da própria pessoa, a felicidade. A felicidade não é temporal: ela é atemporal, transcendente, ou seja, ela tem uma escatologia que nós estudamos sobre o fim dos tempos, né? A gente estuda no “já” e no “ainda não”. Então tem a felicidade que você já experimentou, no agora, mediante os valores, você já vai cultivando os sinais da felicidade, né? Quando eu faço o bem, quando eu me relaciono bem, quando eu estou com uma pessoa, né? Esses são sinais de felicidade, mas esta felicidade está além, para uma plenitude. A morte, para nós, não se encerra tudo, né? Pelo contrário: ela se amplia para uma plenitude sem fim agora. Não falamos mais de finitude, e sim de infinito. Então o “já” eu já experimento, mas eu experimento com lampejos, fracionado em pequenas vivências, agora, a felicidade, na sua plenitude, no todo, está quando estamos mergulhados em Deus, é ali que eu vou mergulhar. Como a sacralidade está em cada um de nós, em cada pessoa, por exemplo: até quando eu olho para você (pesquisador), eu vejo uma sacralidade, mesmo se for agnóstico, ateu, cristão, espirita, budista, a minha fé vai me fazer olhar para você e ver que você tem uma sacralidade, isso significa o que? Que você tem uma semente de Deus, que Deus está dentro de você. Não é um panteísmo, ou seja, tudo é Deus, mas tudo fala de Deus. É diferente, né? E esses valores então vão fazendo com que a gente vai buscando cultivar esses valores em busca da felicidade e faz também com que a gente, aqui na terra, vai seguindo esses valores que são norteadores que vão nos trazendo harmonia e integridade. Por exemplo: pode ser que você seja uma pessoa aqui, com a família outra pessoa e com a namorada outra. Tudo fica muito fragmentado, e os valores que norteiam a pessoa para uma busca mais integral da sua forma de ser e agir, busca integrar. Outro fator muito importante é o diálogo: se eu falo de família, se eu falo de trabalho, e se eu falo de relacionamento, tudo permeia diante do diálogo. O diálogo é um valor, e eu prezo pelo diálogo. O Papa Francisco tem falado muito da cultura do diálogo, onde você não vê a intolerância né? Hoje a gente vive em um ambiente

muito intolerante, com muito achismo. O cristão deve buscar o diálogo, até podendo dialogar com outras religiões para buscar um meio termo, uma integração, a harmonia. Seria o olhar para a pessoa e ver a sua própria divindade, a sua harmonia. Então é na vivencia desses valores que vamos nos tornando pessoas mais integradas.

Pesquisador: compreendi. E para o senhor existe relação entre a religião e a moral?

C2: é extremamente intrínseca. É necessário...é necessário né? Porque a religião te coloca uma moral, ela te dá parâmetros. Por exemplo: se você pega a tradição judaica, o judaísmo, você vai ter lá os dez mandamentos. Você vai ter no deuteronomio, números, e em outras passagens da bíblia, uma moral no sentido de organizar as pessoas que estão vivendo juntas. São criações de normas que, dentro dessas normas você encontra uma moral, uma moral que vai além da norma, né? Uma moral que vai conduzir a descoberta de um outro ser, não é uma moral que conduz somente para a norma, para a obediência. É claro que existem muitas pessoas e, dentro de cada individualidade, a pessoa pode enxergar de forma diferente e fazer um caminho diferente. Mas a moral cristã não está para engessar, mas para a liberdade, né? Justamente para a liberdade. Então a moral dentro da igreja, da religião é necessária. Você tem...você se encontra com esse Deus da vida que te direciona para um norte, por exemplo. Aqui você tem uma moral de vida, uma moral que se fundamenta na importância da vida, né? Na....dentro da teologia você vai estudar a moral da pessoa, a moral da vida, a moral da sociedade, você tem todo esse tipo de moral... de comportamento né? E ela vem no sentido de transmitir uma vivencia, né? Não dá para conceber uma coisa separada da outra, não dá. Porque a pessoa já acha em si esse caminho de busca de perfeição, de busca de integridade, de uma integração da totalidade. Quando eu digo: não matar, por exemplo, Deus me pede isso? Sim, mas é porque ele pede que eu não vou fazer? Não. Deus pede, sim, mas eu faço porque eu respeito a integridade da vida de outra pessoa, ela tem o direito de viver, ela tem o direito de gozar de todos os privilégios da vida. A outra pessoa também tem a sacralidade da vida, ela também é criada por Deus, ou seja, você vai passar do que pode ser o princípio do fazer pelo fazer para descobrir o ser, a moral te leva ao ser, por isso a liberdade né? Não é o fazer pelo fazer, mas é o fazer que me leva a contemplar o meu ser e o ser do outro.

Pesquisador: Muito bem. E quais são os valores morais que o senhor prioriza enquanto líder religioso:

C2: Olha, o diálogo é um deles. Este é um dos principais valores morais. O diálogo é um deles, em todos os sentidos, né? Até mesmo em sociedades antirreligiosas, que são...nem toda ela...as sociedades que nem toda ela é católica, cristã, né? Na sua diversidade, na sua pluralidade, de religião né? O diálogo é capaz de estabelecer pontes, de criar pontes...é um dos valores morais que eu prezo bastante. O valor de ajudar ao próximo, ajudar o outro, a

prática do bem, o altruísmo, esse “ir ao encontro do outro”, a capacidade de me esvaziar, de sair do centro para olhar o outro, que podemos chamar de a capacidade de se abaixar diante da outra pessoa, é se esvaziar de si para olhar o outro. Foi o que cristo fez na cruz né? Ele deixou a sua divindade de lado e se tornou homem, se esvaziou da sua divindade para mostrar o caminho do homem. Então é pouca gente que é capaz de se esvaziar diante da outra pessoa, né? Esvaziar não significa ser um saco vazio, significa a capacidade de ser humilde diante do outro. Isso é um valor para mim. A humildade é um outro valor, é a capacidade de dar vida a outra pessoa...a humildade dá a capacidade de fazer com que a outra pessoa cresça...ela não suga o outro, ela oferece ao outro. Então é um desses valores né? Outro valor que eu prezo muito, como cristão, que é um valor de Deus, é um valor que não é do ser humano, mas que a gente aprende a ter, é o perdão. O perdão é muito importante dentro do âmbito cristão. O perdão é a capacidade de enxergar no outro um ser falho, assim como eu também sou. O outro acaba sendo um espelho, né? Ao invés de eu me pautar no julgamento, na capacidade de julgar e condenar o outro, o perdão é a capacidade de eu me ouvir, de ouvir o outro, e perceber que em nós dois existe a capacidade de crescimento. O perdão é uma dessas capacidades também.

Pesquisador: Certo. E como o senhor transmite esses valores que prioriza para os seus fiéis?

C2: para nós da igreja cristã... Olha...aqui na paróquia vem muita gente diferente durante a semana né? Mas nos fins de semana a gente tem uma demanda muito grande. Para você ter uma noção, o nosso público chega, num aspecto geral, numa média de 3.000 pessoas. A nossa paróquia atende tudo isso, então é um alcance muito grande, né? Você tem um público de 3.000 pessoas e você tem um microfone para falar por 15 minutos, no caso esse momento é na homilia, no sermão do padre, em uma parte do evangelho. Nós pegamos uma passagem da bíblia, referente ao tempo de Jesus, em uma situação, e trazemos esse evangelho para as discussões atuais e iluminar a nossa vida. Então assim...na homilia é um dos momentos principais que nós temos um grande alcance. As reuniões de comunidade, as pastorais, esses movimentos, a visita é periódica, aonde a gente vai decidir uma ação primeiro antes de fazer o que a gente considera ruim para uma pessoa. Por exemplo, a gente tem um trabalho que estamos começando, que nós chamamos de pastoral do prédio, que a gente chama de pastoral do prédio, né? A gente entra no prédio, e nós não vemos aquele prédio como somente um cimento armado, ali também é um solo sagrado, naquele prédio. Nós estamos ali para tratar de pessoas, e aí você começa a colocar esses valores ali né? São pessoas que não estão fechadas no seu mundo, ele escolhe o prédio por questões de segurança, por comodidade, por conforto, por otimização, por tantos motivos né? Mas aí você vai colocando esses valores para elas. Na catequese, né? Na catequese tem os catequistas, e eles vão disseminando esses valores

para as crianças, tendo um alcance de mil crianças, por exemplo. Tem o atendimento que realizamos aqui também né? Muitas pessoas vêm aqui fragilizadas, em muitos casos revoltada. Tem a confissão também. A pessoa vem aqui para se confessar com Deus? Sim, mas tem também o padre, e o padre pode colocar uma opinião a respeito do que a pessoa fez, pode jogar uma luz. Chega uma pessoa aqui e fala: “ eu quero matar porque ele me traiu, mas eu vou no padre para confessar”. Esse sentimento não faz bem para a gente, não é um valor cristão, a vida é um valor principal. Então o padre joga uma luz para aquela pessoa, pois ela chega aqui num momento, muito forte muito delicado, a pessoa vem muito machucada. E a gente tem que ver isso em nós mesmos sempre, né? E depois de tudo né? Eu não posso, assim como dizem, a máxima de Jesus também: “faça o que eu falo e não faça o que eu faço” né? Mas, enquanto...além de tudo eu sou uma pessoa, sou um ser humano... Uma pessoa tocada por Deus...fui batizado então eu sou cristão como qualquer outro cristão que faz parte da comunidade para servir aos outros, pelo sacramento da ordem, mas enquanto pessoa o que vai me salvar não é o sacramento pela ordem, né? Deus me salva pelo batismo, e isso é a iniciação da vida cristã, para nos seguirmos o caminho de cristo. Então é pela nossa experiência né? Nossa vivencia que vamos transmitindo os valores.

Pesquisador: certo, certo. Última questão agora para nós encerrarmos, tudo bem? Na sua opinião, é possível uma pessoa ser moral sem seguir estes valores morais que você prioriza? Por quê?

C2: claro que sim...claro que sim. Porque são necessários, né? São necessários...a pessoa não precisa ser cristã para buscar a felicidade para nós, para buscar o bem comum, buscar a Deus. A pessoa, mesmo não sendo cristã, ela quer muito buscar pela felicidade...ela quer a felicidade. Ela pode ter sua família, educar seu filho, e mesmo que ela não acredite em Deus, mesmo que ela acredite que se morrer tudo acabe por aqui mesmo, ela buscar viver no presente bem, e viver bem é ter uma vida equilibrada. Eu não posso, por exemplo, dentro da moral, da ética, dos valores, pegar, encher a cara, pegar num volante e colocar a vida de pessoas em risco, por exemplo né? Aqui a pessoa mostra que tem uma moral, que tem uma ética, um valor pela vida. A igreja ainda nos diz assim: “ a semente de Deus está espalhada de muitas maneiras...de muitas maneiras... né? E a gente vê que, num lar desse as pessoas vivem mais valores do que numa família cristã, isso porque... ele entendeu a liberdade, ele entendeu o que é viver em comunidade, viver em sociedade, e para isso ele tem que, de fato, ele tem que corresponder...que ele é um sujeito de transformação. Ele é protagonista. Independente de religião, cada um de nós tem um impacto enorme na sociedade, no mundo. Tanto que, aquilo que você consome causa impacto na sociedade, no cosmos, no todo. Se você está em um

ambiente fumando, muitas pessoas vão inalar aquela fumaça, você começa a poluir o ambiente. A minha ética e minha moral fazem com que eu consuma uma cerveja ou guaraná e não descarte o líquido ou a garrafa em um córrego, pois sei que isso é prejudicial para a natureza. É um impacto que a gente causa, uma pessoa...uma pessoa. Madre Teresa de Calcutá diz assim: “posso ser apenas uma gota no oceano, mas se eu deixa-se de ser, o oceano não seria o mesmo”. Nesse universo todo, nós temos um impacto. Então aqui você coloca valores, ética e moral independente de crença. Até em comunidades alternativas que a gente costuma ver que tudo pode, lá existem valores, existe uma organização de valores, até para cuidar da natureza. A gente vê pessoas cuidando de um pé de hortelã, pois para ela esse pé tem um grande valor, pois faz parte da natureza que ele também faz parte. Nós temos que preparar o mundo para vivermos de forma pacífica.

Pesquisador: Muito obrigado pela entrevista.

Entrevista com o líder C3

Pesquisador: O que o senhor entende por moral?

C3: Moral são as regras que se impõem, que se encontram durante a relação né? Da vivência da pessoa no âmbito social. São diretrizes né? Para que assim... são um parâmetro criado para as pessoas viverem em comum, né? Harmoniosamente em um ambiente. Seja na família, no trabalho...são questões de conduta. Aí temos vários cernes da moral né? A moral familiar, a moral religiosa, e cada uma delas entra no seu princípio próprio.

Pesquisador: Certo. E para o senhor a moral e a ética são sinônimos?

C3: Elas são sinônimas, mas não são iguais, né? A mesma coisa...uma coisa pode ser ética, mas não é moral para você. Elas se parecem muito, mas cada uma tem as suas peculiaridades. Tem o mesmo núcleo, mas tem coisas diferentes.

Pesquisador: compreendi. E para o senhor, o que são os valores morais?

C3: Os valores morais também partem do princípio de estar focado em um âmbito nos valores morais de um lugar, de uma religião “x”, de um lugar...de uma cultura “x”. Agora assim, os valores estão relacionados mais a questão da pessoa, do ser, né? Assim, da construção do ser humano. Podemos dizer assim: são mais voltados para si. O que eu posso considerar como valor ao me relacionar com uma pessoa, um outro pode achar que aquilo não é um valor, né? Mas eu vejo que aquilo é um valor. Por exemplo: O respeito por aquilo que o outro é. Isso é um valor. Respeitar aquilo que é diferente, de um humano para o outro. Se você pegar esses valores em uma determinada cultura, em uma religião, foram valores construídos diante de uma necessidade social, de uma necessidade que surgiu. Então é pela necessidade que vão se construindo valores para nortear uma sociedade.

Pesquisador: Entendi. E o senhor acredita que exista uma relação entre a moral e a religião?

C3: *Assim, na religião á o aspecto moral também, né? Se você for pegar, por exemplo, quando nos referimos ao pecado, estamos falando de comportamentos ruins, né? Tanto que, para fazer parte dessa doutrina, do cristianismo, tem que fazer parte também da moral. Tanto que, se não for assim, você pode pegar esses valores, pegar a doutrina, os conhecimentos e transformar ela conforme a sua necessidade. Você pode pegar um princípio e distorcer ele. Você pode pegar algumas verdades, valores, princípios e distorcer eles para uma satisfação própria. Então a religião tem que ter o âmbito moral, ela tem que existir né? Senão a gente fica sem nada, sem segurança.*

Pesquisador: certo. E quais são os valores morais que o senhor prioriza enquanto líder religioso?

C3: *Eu priorizo principalmente, dentro da minha doutrina né? Que é o cristianismo, a partir dos valores do cristianismo né? Eu foco muito no aspecto da relação com o outro. O que é essa relação? Aceitar o outro como ser humano, como pessoa. O outro é diferente de mim, não pensam como eu, não age como eu, né? Mas os valores morais que eu tenho, no cristianismo, me fazem ver aquela pessoa com amor, sem um julgamento, sem uma condenação. E se ela estiver fazendo alguma coisa que não é de acordo com a moral, com os valores, né? Você pode, através do seu testemunho, ajudar aquela pessoa, mas agora, a decisão de fazer isso tem que partir dela. Eu não posso exigir dela que ela faça o que eu quero. Mas a questão é mostrar, principalmente, o amor para o outro. Se chegar alguém aqui, e de certa forma, visto pelos valores morais ela cometeu um “pecado”, entre aspas, porque parece que tudo é pecado, que é isso e aquilo, eu não posso ficar focando no pecado, no erro da pessoa, porque antes disso vem uma pessoa, tenho que olhar para a pessoa. Ele não é um pecado, ele é uma pessoa que cometeu um erro. O maior erro das pessoas é transformar as pessoas em um erro. Nós não somos um erro, nós somos pessoas que cometemos erros.*

Pesquisador: Entendi. E como o senhor transmite esses valores para os seus fiéis?

C3: *Olha, o maior contato que eu tenho com a grande multidão...é claro que tenho reuniões, outros contatos, mas onde eu tenho uma multidão mais ampla é nas missas. Então eu pego o conteúdo que está na liturgia, palavras, leituras, né? E ali eu tento fazer uma síntese e trazer para a vida real. Então eu me baseio no meu viver, no seu viver...isso daqui né? Está expressando aquilo que eu acredito, segundo a doutrina, e.... o que isso reflete na minha vida? O que esta passagem reflete na minha vida? Eu tento assim...neste âmbito aí, eu tento expor isso né? Baseado sempre naquilo que te falei: baseado no ser humano. Sempre ele em primeiro*

lugar. Esse é o maior contato. Tem também as pessoas que vem aqui falando de problemas né? Problemas familiar, problema com o esposo, com o filho, no trabalho, com os vizinhos. A gente acaba fazendo uma terapia (risos) aqui.

Pesquisador: certo. Agora farei a última questão, ok? Para o senhor, é possível uma pessoa ser moral sem seguir os valores que o senhor prioriza dentro da religião?

C3: Sem dúvida. Eu acho que o ser humano...ele é construído no âmbito...ele nasceu como uma pessoa ética, eu creio né? Que cada sociedade, nos seus primórdios, tem seus princípios éticos. Nas tribos primitivas lá, tinham seus princípios. Independente se eu sou cristão, se eu sou budista, se eu sou islâmico, se eu sou espírita, sei lá... cada um tem os seus valores morais e é exatamente para saber viver numa relação. O ser humano é um ser da relação, entendeu? Não existe...se você nasceu ser humano você já é um ser da relação, vai se relacionar com você mesmo, vai se relacionar com o outro, vai se relacionar num grupo, você vai se relacionar, não tem como. Só se a pessoa tiver algum distúrbio, mas aí entra no campo da patologia, senão não. A religião vai auxiliando a pessoa a agregar valores.

Pesquisador: Muito obrigado pela entrevista.

Entrevista com o líder C4

Pesquisador: O que o senhor entende por moral?

C4: a moral, para mim, é um conjunto de normativas que se estabelecem então dentro de uma formação do comportamento e ela está atrelada né? Acredito eu, na cultura de onde ela se estabelece né? Então para mim seria difícil falar de uma "moral". Acredito que enquanto conceito sim, que está presente nos diversos contextos culturais ou religiosos, porém cada contexto desse tem à sua maneira de apresentar esse conjunto de normas né? De princípios, de valores, que formam ou auxiliam as pessoas na sua formação. Então para mim moral seria isso.

Pesquisador: Certo. E moral e ética? São sinônimos no seu ponto de vista?

C4: aí tem as várias teorias né? (Risos), que anexam a moral e a ética. Até onde eu consigo compreender, elas possuem uma relação, uma forma... como no caso da moral né? Como esse conjunto de normativas, ou de princípios que formam comportamento e ela está relacionado com aquilo que chamamos de ética, ou seja, com a maneira de se comportar né? A forma como eu me expesso, a minha conduta perante a uma determinada situação ou as pessoas. Não vejo que elas se identifiquem, que a moral e a ética sejam a mesma coisa, mas elas estão relacionadas...eu vou ter um agir ético dentro de um padrão moral de uma compreensão dos meus valores, da minha forma de viver, dos meus princípios e da forma de

eu agir dentro do núcleo social no qual eu estou presente. Existe a relação, mas não é a mesma coisa.

Pesquisador: Certo, e para o senhor o que são os valores morais?

C4: Difícil, de imediato, fazer uma sistematização (risos). Bom...os valores morais estariam muito mais atrelados aos princípios que regem a moral...é...não sei muito como dissociar isso, né? É como se a gente quiser separar a farinha, do açúcar, o ovo de todo o bolo, né? (Risos) então, os valores morais são os conceitos, aquilo que eu consigo viver, praticar, da minha compreensão, do que é certo, do que é errado, a partir da moral que me foi passada. Não sei se estou conseguindo ser claro nisso. Uma vez que eu entendo, a partir daquilo que foi me ensinado, do que eu aprendi né? O que é um comportamento adequado, o que é certo, o que que é errado, eu desenvolvo então algumas formas de agir. Esses são princípios que eu organizei que são os princípios morais. Isso faz parte do meu ser e eu ajo de acordo com eles. Ao mesmo tempo que eles são resultados de uma moral apreendida, eles também podem ser elementos de construção de uma nova moral, porque aquilo que eu absorvo, aquilo que eu entendo por moral eu exercito, e eu posso passar isso nas minhas ações e também nos meus ensinamentos. Seja nas nossas relações sociais, seja na escola, seja na localidade no qual eu me encontro.

Pesquisador: Compreendi. E como o senhor compreende a relação entre a moral e a religião? Existe essa relação entre a moral e a religião?

C4: Eu acredito que a religião é extremamente vinculada com a moral. Talvez eu não pudesse falar com tanta propriedade das outras religiões porque fugiria muito do meu campo de compreensão. A partir do cristianismo e do catolicismo, aonde eu estou mais presente, diria que nós temos uma relação muito próxima entre a religião e a moral. A religião...ela cria esses códigos de conduta, essas normativas de vida, identifica o que é certo, o que é errado, e ela transmite isso. Então eu creio que, dentro do catolicismo, principalmente, a gente tem uma relação bastante estreita com a moral, e creio que essa moral não deva ser absoluta, ela atinge aqueles que estão dentro desse conjunto religioso, pelo menos dentro das religiões monoteístas, né? As religiões cristã, judaica e islâmica, que surgem de uma mesma raiz, esse conceito moral se faz muito presente. Bastante difícil pensar a religião sem a moral. Tanto que dentro né...da parte científica, acadêmica, da religião cristã, ou do judaísmo, islamismo, você vai ter lá a teologia moral, que é uma coisa que faz parte desse contexto porque essas religiões apresentam um código de conduta. Dentro dessa conduta que vamos caracterizar, na religião, a ética do indivíduo.

Pesquisador: Certo. E quais são os valores morais que o senhor prioriza enquanto líder religioso?

C4: *essa é uma pergunta bem difícil, até porque que embora, assim, a religião e a moral caminhar muito próximas, muito íntimas, eu creio que a moral, ela não é... (pausa de 5 segundos) prioritária para a religião. Antes de uma conduta moral, para o cristianismo católico, de um código moral, a gente tem um princípio anterior que é uma pessoa, e essa pessoa é Jesus Cristo. Então antes de passarmos para nossos fiéis para seguir códigos de conduta, nos falamos para eles seguirem uma pessoa, Jesus Cristo. Essa pessoa é muito mais do que normas morais, do que princípios morais. Existe sentimento quando se trata de pessoas, e Jesus insiste muito enquanto regra geral e primeira, enquanto prioridade, o amor, que não é, em princípio, uma moral, né? Então o amor é muito mais uma forma de relação entre as pessoas. Por isso que eu digo que a moral não é uma prioridade na religião, enquanto cristianismo. E aí, então, gostaria de fazer esse primeiro esclarecimento para daí pensar, partindo desse pressuposto, de que a moral não vem primeiro, mas faz parte de alguns princípios religiosos. Partindo desse ponto dá para a gente pensar em valores ou princípios morais que possam ser prioritários. Para mim, se pensarmos numa hierarquia de valores morais, eu colocaria primeiro a justiça, porque creio que, quando nós temos relações mais justas, na sociedade, isso gera um ambiente pacífico, um ambiente muito mais tolerante, respeitoso, e isso então cria uma harmonia. Depois da justiça, eu colocaria a solidariedade, porque, como nós sabemos, na prática falta muita justiça, e aonde falta a justiça a solidariedade vem suprir essa lacuna, pois mesmo que aja uma injustiça, as pessoas vão ser socorridas pelas pessoas solidárias.*

Pesquisador: E como o senhor transmite esses valores para os seus fiéis?

C4: *Nós temos algumas formas, tem as que atingem mais pessoas, e tem aquelas que não atingem tantas pessoas, mas tem um melhor impacto. As maneiras são: temos palestras, temos grupos, temos aulas, que demonstram esses valores. Temos a parte litúrgica, onde o público, os fiéis, eles se congregam, em grande quantidade, então acaba sendo uma grande oportunidade para transmitir esses valores. Tem os atendimentos individuais, onde nós acolhemos a pessoa, em primeiro lugar as suas demandas, mas também acabamos trazendo alguns valores que são importantes. Isso no ponto de vista do líder religioso, mas também temos os espaços, dentro do universo religioso, por exemplo, quando nós formamos os catequistas que transmitem esses valores para as crianças.*

Pesquisador: compreendi. Última questão agora, tudo bem? Para o senhor, é possível uma pessoa ser moral sem seguir esses princípios morais religiosos que o senhor acredita?

C4: *Sim...creio absurdamente nisso. Acredito que uma religião e a totalidade dela sejam capazes de absorver a moralidade no seu sentido pleno. Até porque, eu começava dizendo, tem culturas diferentes, povos diferentes, que até muito antes da religião cristã, que tinham seus valores morais e seu código de conduta. Então eles têm valores morais fora da crença católica, tem as suas crenças e seus valores. Eles têm suas crenças e valores, e não tem como eu falar que eles não têm uma moralidade porque eles têm valores diferentes dos meus. Então eu acredito que existam pessoas morais fora desse contexto religioso cristão católico, porque dentro da sua cultura, ou dentro da sua tradição religiosa, eles possuem a sua própria conduta moral. Eu creio também, para além disso, que experiências religiosas, tradições religiosas, e até mesmo experiências não religiosas possuem também princípios morais que são os mesmos princípios do catolicismo, e não é por isso que eles precisam ser chamados de cristãos católicos. Eles podem ser morais ou até mesmo muito mais morais do que um religioso católico.*

Pesquisador: compreendi. Muito obrigado pela entrevista.

5.4 Entrevista com os líderes religiosos budistas

Entrevista com o líder B1

Pesquisador: O que você entende por moral? Justifique.

B1: *Por moral? Eu entendo a moral como um conjunto de regras e normas de conduta. É o que eu entendo por moral.*

Pesquisador: e na sua opinião, moral e ética são sinônimos, por quê?

B1: *não. Na minha opinião uma complementa a outra, elas fazem parte...elas se sobrepõem em situações, mas elas não seriam a mesma coisa.*

Pesquisador: e o que seriam então? A moral e a ética?

B1: *a moral seria, na minha humilde opinião, o seu sentimento...são questões que te conduzem e tal... e a ética seria o seu relacionamento com o mundo exterior, com as outras pessoas. Moral seria mais individual e a ética mais coletiva. A ética norteia minhas condutas. As questões éticas, na sociedade, por exemplo, as questões de educação, de pedir por favor, falar obrigado, respeitar, e também tem as questões legais que a gente precisa respeitar, e muitas vezes essas não são questões morais, muitas vezes. Isso é mais ou menos o que eu penso a respeito da moral e da ética.*

Pesquisador: Certo. E você pensa haver relação entre moralidade e religião? Se sim, quais? Por quê?

B1: *eu penso que a religião.... Ela é um princípio norteador da sua moral. Ao mesmo tempo que ela ajuda a formar a sua moral interna, ela também norteia os conjuntos de*

sentimentos morais que nós temos e com as coisas que nós fazemos ou deixamos de fazer. No budismo, por exemplo, ele tem essa questão inclusiva, de aceitar as pessoas né? Então para mim é muito fácil aceitar as pessoas independente da...da etnia, da questão social, de classes, ou... o que quer que seja né? Para mim é tranquilo. É tranquilo porque...a gente vê a questão humana da pessoa. Então eu acho que é por isso.

Pesquisador: tranquilo. E para você, o que são valores morais?

B1: *então, os valores morais para mim são o respeito...respeitar a dignidade da vida, respeitar a si próprio, respeitar os outros...honestidade, sinceridade, fidelidade... são esses princípios que eu entendo que sejam morais.*

Pesquisador: E quais os valores morais que você prioriza enquanto líder religioso? Por quê?

B1: *o que eu priorizo como líder religioso é....o respeito pelo outro juntamente com a aceitação do outro, acho que a gente precisa aceitar os outros. Eu não preciso ser igual a ele e nem fazer o que ele faz, mas preciso aceitar a condição dele, aceitar a existência dele em como ele é. É claro que a gente pensa que a pessoa poderia melhorar...melhorar aqui, melhorar ali, mas primeiro vem o respeito dessa aceitação para depois interagir com essa pessoa. Acho muito importante isso porque a religião é um lugar que as pessoas precisam ser acolhidas, eu penso. Um ensino religioso que não acolhe as pessoas, acaba perdendo um pouco da sua função, e é por isso que eu me identifico com o budismo, porque ele acolhe as pessoas*

Pesquisador: Entendi. E como você transmite a importância desses valores para os seus fiéis?

B1: *Como eu exponho? Olha, nós temos o hábito...por exemplo, nós não conseguimos entrar e sair de algum lugar sem cumprimentar todo mundo, as vezes abraçar as pessoas, sorrir....ouvir as pessoas...porque ao contrário do que as pessoas podem pensar, a gente procura muito ouvir. Ouvir as pessoas, saber o que elas estão passando, quais são os seus sofrimentos e tal né? Então eu acredito que isso faça uma diferença né? O fato de você ser líder não quer dizer que você sempre precisa ficar emitindo, emitindo...emitindo conceitos, emitindo verdades, etc e tal. Por isso a gente precisa entender, e para isso a gente precisa ouvir as pessoas...e aprender com elas também. Isso é....o grande benéfico de ser líder é isso, sabe? Por exemplo, eu visito várias casas, desde a minha juventude eu faço parte dessa liderança...já fazem 34 anos. Na época de jovem eu era líder dos jovens, na época de jovens adultos eu era líder de jovens adultos e agora sou líder geral né? Mas sempre visitando as pessoas....e nesses acertos e erros, de todas as famílias que eu vejo, me enriqueceu...eu aprendi muito com os*

acertos e com os erros e eu trouxe isso para a minha vida também. Eu mais recebi do que dei, por incrível que pareça. Então a gente faz uma visita familiar e a pessoa vai falando sobre o filho...a gente vai vendo como o filho está...ai você fala: “ opa, isso aqui é interessante a gente colocar na minha família” ou “isso aqui eu não devo fazer jamais” né? Um exemplo assim...comparar filho um com o outro, para tentar motivar... “filho, seu irmão faz isso, porque você não faz também?” Então uma das grandes lições que eu tive aprendendo sobre jovens é que isso causava um grande sofrimento aos meus companheiros né? Então eu falei: “ o dia que eu tiver filho eu não vou fazer isso”. Então esse é um grande aprendizado. Então ser líder também é servir as pessoas e a gente aprender com ela. Se for ver, no final dessas três décadas, eu sou a somatória de mim e de muitas pessoas que puderam me ajudar. Isso é o que eu achei muito bacana.

Pesquisador: Compreendi, para finalizar as questões, na sua opinião, é possível uma pessoa ser moral sem seguir estes valores morais que você prioriza? Por quê?

B1: pergunta difícil hein? (Risos) ...pergunta difícil...olha, o que eu posso dizer seguindo os princípios que o nosso mestre Ikeda nos diz é....tem muitas pessoas que não são budistas...existem muitas pessoas que não tem religião e tem muito mais moral do que muitos religiosos. Então nós não podemos ser, vamos dizer assim...acho que seria muita arrogância da minha parte achar que não exista outras maneiras...outras formas da pessoa atingir uma moralidade, vamos dizer assim, adequadas sem buscar trilhar os mesmos caminhos que eu trilhei. Os caminhos que eu trilhei foram bons para mim, né? Mas existem muitas pessoas...inclusive o presidente Ikeda cita muito líderes religiosos não budistas que não beberam desta água e que contribuíram muito para...para a sociedade e tal né? Então eu acho que o mundo precisa de todo mundo né? Então respondendo objetivamente a sua pergunta, eu acho possível sim, eu acho perfeitamente possível, inclusive pessoas que não tem nenhuma religião também, que não tem nada, de repente ela tem alguma coisa para me ensinar que eu ainda não aprendi...que é uma vivencia né? Uma situação. E no final é tudo caráter também né? Nós não podemos rotular as pessoas. Só porque um é do islamismo, outro é do budismo, outro do catolicismo...no fundo no fundo, todos são seres humanos, e por mais que a pessoa pratique religiões, tenha acesso a princípios filosóficos, morais, éticos e tal, mas no fundo, no fundo, o mais importante é o caráter. Se a pessoa não tiver caráter, ela pode estar em qualquer lugar...aprender as melhores coisas, e ela ainda pode ser uma bandida, ou ao contrário, ela ainda pode usar tudo isso a favor dela de uma forma subvertida para poder conquistar a nossa confiança e nos instruir, né? Mas sim, é possível sim... e eu acho até, por incrível que pareça, que pessoas que não tem religião humana podem ser mais...mais até humanas do que muitos

que se dizem religiosos...eu acho que é mais possível até isso. Só que é claro, a base que eu...o que eu tento, assim, se é que é possível...eu até julgo as pessoas, infelizmente isso acontece, mas o que importa mesmo é o caráter. E isso não tem nada a ver com estudo também, porque minha avó vem do sítio e ela é analfabeta e então...é caráter mesmo, e a índole das pessoas, é o que ela fez com aquilo que ela recebe, e as vezes essas questões morais, por isso que eu diferencio moral de ética, uma boa parte vem da pessoa...ela tem aquilo sem, vamos dizer assim, sem ter tido um ensino formal para ter aquilo dentro dela né? Vejo isso pela minha avó assim, então eu vejo que é por esse caminho.

Entrevista com o líder B2

Pesquisador: na sua opinião, o que o senhor entende por moral?

B2: moralidade? É..com base no budismo, moral é toda ação que não causa sofrimento para as pessoas. Então moral é...uma conduta correta, sempre preocupado com o efeito que essa ação pode ter. Isso é moral.

Pesquisador: Certo. E na sua opinião, moral e ética são sinônimos?

B2: bom...acredito que sim...acredito que sim...não causar sofrimento. Na sociedade existe uma competição que não prega nem a moral e nem a ética. E isso é o que cria o sofrimento para as pessoas. Então quando você coloca em prática o budismo, então eu acho que... todas as questões da vida é o lado humano, e quando você não coloca essas condições como prioridade, gera sofrimento.

Pesquisador: entendi. E o senhor acredita que exista relações entre moralidade e religiosidade? Se sim, quais seriam essas relações?

B2: Sim, com certeza. A religião...eu nunca pratiquei outra religião...pratico o budismo desde o ano de 1977, mas eu acredito que a religião...ela é uma forma de você buscar essa questão de evoluir como ser humano para que as suas ações sejam boas para a sociedade. Então é...contribuir positivamente para a sociedade, e eu acredito que isso deva ser trabalhado né? Então...por isso que o budismo é fundamentado num tripé... fé, prática e estudo. Sem o estudo não pode haver o budismo.

Pesquisador: e para o senhor o que são os valores morais?

B2: os valores morais? Poxa vida...o respeito, a...acho que...os valores morais tem uma abrangência muito grande, sabe? A forma como você olha para uma pessoa, a forma como você trata...não tratar as pessoas com discriminação...então...eu tive a oportunidade, a boa sorte, de praticar o budismo, que eu considero uma universidade da vida. Se você me

perguntar: qual o maior benefício que o budismo trouxe na sua vida? Eu afirmo categoricamente que o maior benefício que eu recebi na minha vida foi o quanto eu mudei meu coração. Hoje eu sou uma pessoa, assim, mais humana, sabe? Mais família, menos egoísta. Então o budismo é um equilíbrio, mas com base em um fundamento, que é o sutra de lótus.

Pesquisador: Compreendi. E quais são os valores morais que o senhor prioriza enquanto líder religioso?

B2: valores morais? Eu acho que...puxa vida...valores morais...acho que o respeito...o valor moral que eu tenho aprendido que é o mais importante é o que você está falando tem que estar fundamentado em alguma coisa, tem que ter alguma fonte. Então é esse aí...esse é o ponto que nós praticantes do budismo, como líder de uma organização, de uma organização religiosa de leigos, sempre, em nossas palavras, é importante estar fundamentado no sutra do lótus. Por que? Porque o que você fala vai causar um impacto, né? Então assim, nós precisamos também de um diálogo aberto e sincero, e para isso também existe as visitas familiares, em que cada família...cada família é uma circunstância diferente e também nos ensina. Então eu acho que o ponto mais importante é fundamentar, sabe?

Pesquisador: Certo. E como o senhor transmite esses valores para os seus fiéis?

B2: Olha, no budismo é o caminho interno...é o caminho interior né? Então assim, a minha missão é atuar como discípulo do mestre...o nosso mestre é o doutor Ikeda...ele é um pacifista, poeta, filósofo, fotógrafo, embaixador da paz...então, nossa missão como o responsável de uma organização, é justamente agir como discípulo. Hoje para priorizar a minha prática né? É...acho que o meio mais correto é...seria...a minha própria família, sabe? Então...a minha esposa é praticante do budismo, tenho três filhos, tenho uma nora, um neto...então uma pessoa perguntou pra mim: é...o budismo é uma religião boa? Eu respondi: olha, eu pratico budismo já faz 40 anos, mas se você quiser ver se o budismo é bom vai lá em casa e veja a minha família, sabe? Acho que o núcleo de tudo é a família, né? Então eu tenho uma preocupação em me exteriorizar, a filosofia, simplesmente por palavras, mas sim de ações. Então, no dia a dia, no meu trabalho, né? Comprovar no trabalho, comprovar na família, comprovar na sociedade. Agora, eu nunca imaginei... nunca tive como objetivo ser o exemplo, nada disso. Sempre procurei ser discípulo do Ikeda Sensei, no jeito que eu sou...sou brasileiro, não sou oriental, mas...o que é mais legal disso tudo é, na prática, é que, o que é mais bacana e maravilhoso, é ver em todo esses 40 anos, todo o direcionamento do nosso mestre como um líder mundial, em um nível mundial, sendo concretizado com sobra, sabe? Então o reconhecimento da luta dele em prol de uma sociedade melhor, em prol de pessoas, para criar uma organização que tenha pessoas humanistas, com pessoas que se preocupam, no seu dia a dia, com outras pessoas, gerando empatia.

Pesquisador: compreendi. Agora, para finalizar, a última pergunta, ok? Na sua opinião, é possível uma pessoa ser moral sem seguir esses valores morais que o senhor prioriza?

B2: *Sim. Eu acredito que o budismo não coloca nenhum padrão, pelo contrário. Hoje mesmo assisti um vídeo que outros religiosos, 300 monges de outra organização religiosa, foram visitar uma exposição do nosso mestre. Por que? Porque a dignidade da vida é mais importante. E porque o budismo está fundamentado também na dignidade da vida. Então o objetivo principal...o ponto máximo do budismo é o ser humano. Então nós não temos nenhuma intenção de que todas as pessoas do mundo pratiquem o budismo, não é essa a questão. O objetivo do budismo é que todas as pessoas sejam felizes. O nosso mestre, ele cita em suas palavras, que ele é o primeiro defensor de que todas as religiões do mundo pudessem se unir, colocando a sua máxima...colocando seu ensino máximo para atender as dificuldades e o sofrimento da humanidade...não para unificar e criar um modelo...é isso.*

Pesquisador: muito bem. Obrigado pela entrevista.

Entrevista com o líder B3

Pesquisador: o que o senhor entende por moral?

B3: *olha...na perspectiva da condução budista né? A moral, ela está, muita ligada, pelo menos, naquilo que a sociedade estabelece como norma, ou aquilo que é aceitável ou não dentro de uma sociedade. Tanto que, no que tange no âmbito formal na estrutura formal do budismo, existe um entendimento daquilo que a doutrina põe ou, entre aspas, impõe, dentro daquilo que se julga como ético, daquilo que se acha correto, apesar de não ser norma, e tem o meio termo, que se negocia em função do que é razoável ou não. Apesar de que isso, na maneira como se coloca hoje, dá muita margem para hoje para temas em debate hoje né? Sobre ajustes sobre as desigualdades que conhecemos historicamente, que dentro do processo de revolução e das relações de poder a sociedade foi se sedimentando dentro da sua história. E por dentro disso, a moralidade, dentro da perspectiva budista, como ele lidaria com isso, seria você levar em conta aquilo que é justo e também ele fica preso a norma dominante, socialmente dizendo, que lhe impõe. A gente diz assim: é injusto, está certo, mas é assim. Então dentro dessas circunstâncias como é que você media no seu raio de ação e dentro do que a sociedade lhe impõe, você exerce aquilo que é justo. Contraditoriamente, você tem que entender o ensinamento existe, o corpo doutrinário, uma coisa é entender que as instituições evoluem, meio em paralelo, portanto, elas não se tocam, que dizer, que o corpo doutrinário não está no cerne da montagem da sustentação doutrinária, pesado isso né? Claro que dentro das sociedades, das estruturas budistas, existem desigualdades de gênero, misoginia, assim como outras relações de desigualdades. A religião faz parte da sociedade, e define muito a sociedade.*

Enquanto instituição religiosa, ela não pode se isentar dessa responsabilidade dessa força que ela tem. Quanto maior a força, maior a responsabilidade. E isso a gente vê nessa coalisão de forças né? Como lidar com esses temas emergentes. A mesma coisa acontece com os budistas. Nós temos nossos temas, aonde nós temos a nossa presença bem consolidada, e esses temas são bem análogos com coisas do ocidente também né? Por exemplo: nós temos isso e isso, e no ocidente também, e se eu mostrar minhas 'figurinhas', as coisas vão ser bem iguais. Seja no âmbito social, no próprio âmbito interno do budismo. Ao longo da história...o budismo não escapa do momento histórico, cultural, social, em tudo. E levar tudo isso com consistência, e na medida que você consegue levar em conta uma equação que caiba todos esses elementos, você consegue ter uma leitura mais consistente sobre a realidade que se apresenta. A partir do século XV, com o processo das grandes navegações, o encontro das civilizações, as colonizações, e tudo isso dá o encontro entre todos, bem-sucedidos ou não. Dentro do budismo, a gente leva muito em consideração a história da seda, a rota da seda. Esse tema aparece muito, e nada mais é do que comercio, negociação. Dentro desse encontro, ela exige entendimento, e nisso, nesse encontro de ideais, crenças e pensamentos, a convivência tem que ser boa para ter comercio, negócio. Para ter negócio tem que ter entendimento. E dentro do tema da moral, tem que levar em consideração todos esses fatores: histórico, social, cultural de cada país, relações de comercio. Por exemplo, na nossa historiografia, tem a leitura doutrinaria e os mitos, parábolas, sutras, contos. No que tange...quando você lida com essa literatura...o leitor tem que levar muito em consideração o contexto da época né? Tanto que, tem lendas passadas que, para você levar em consideração todas as questões budistas, você tem que falar dos mitos e da história que vivem em torno do próprio Buda...a história não vai para frente, ela vai para trás... todos as questões que levam. Tanto que, para você enaltecer as qualidades do Buda, eles criam todo um mito para trás, de lendas passadas, que na sequência da evolução de questões morais, falam de vidas passadas do Buda, lá de trás, tem vários elementos morais e éticos incutido, e no final você tem aquela frase: na realidade, aquele tal sujeito era o Buda. É a sequência de acumulo de méritos, que fizeram com que ele alcançasse esse estágio espiritual para se tornar um Buda, para merecer ser chamado de Buda.

Pesquisador: Já que o senhor falou sobre moral e ética em alguns pontos eu te faço a pergunta: elas são sinônimas? A moral e a ética, na sua opinião?

B3: *não...a gente sabe que...a sociedade, a família, tem que viver essa situação. Por exemplo, você tem a doutrina e as leis, não é? E entre as leis, você tem as leis monásticas, ou seja, o regulamento dessa republica. E tem muito não pode né? Não pode isso, não pode aquilo, e por que que não pode? Porque alguém fez. E foi porque alguém fez algo e deu "ruim" (risos), deu "ruim" e deu nisso, então é melhor não deixar. As regulamentações disso estão dentro do*

acumulo de experiências que dizem que fazer aquilo não foi legal. No budismo, assim como no cristianismo, existem muitas contradições, é como pensar: será que aqueles monges que meditam estão numa boa? Não estão não (risos).

Pesquisador: e a moral e a religião possuem relações? Se sim, quais seriam?

B3: não tenha dúvida. Mas também temos que levar em consideração dois lados: tem que levar em conta que não é se a igreja falou, o padre falou, o monge falou, é ponto final. Temos que levar em conta a contextualização histórica, as relações de forças, os pesos das forças atribuídas aos protagonistas desses eventos. Se é o monge...pega a situação de uma vida pequena, digamos assim...a última palavra é do monge, do padre, porque é ele que vai te mandar para o céu, ou para o outro lugar. Então você tem essas correlações de forças. Então você tem outra escala, histórica, social, e dentro disso, as relações de forças, por exemplo, você tem as questões escatológicas e doutrinárias. Na história do budismo você tem esse choque, e o monge tem que responder de uma maneira condizente ou convincente, porque o convívio está posto lá, ele convive nesse meio. Pensa bem: você tem lá o monastério, e ele não consegue se manter, ele não é produtivo, para se manter ele depende da sociedade, é uma relação de troca. E você vai manter um cara que te diz que você não vai para o céu? (Risos). O monge tem que elaborar uma cosmologia da salvação que faça sentido, e esse processo nós temos dentro da história do budismo. Teve um momento que, quem se ilumina e vai para o nirvana, só poderia ser os disciplinados e os monásticos. E você? Que trabalha, que pega na inchada, que sustenta o monastério? Você não? Como é essa história? (Risos). Você vai, eu fico? Como é essa história? Tem muitos elementos, até na astronomia, no hinduísmo... você tem todas as associações de conhecimentos para criar um mapa para onde você vai. A gente lida com a empatia e a compaixão para tratar de determinados temas, até os temas quentes, como suicídio, eutanásia, aborto, entendendo os protagonistas dos eventos. Todos temos que estar na mesma equação, como exemplo, se a sociedade é contra o aborto, no mínimo deveria dar condições para que ela viva sem discriminação e preconceito. O que ocorre é o contrário disto: essas crianças são marginalizadas, as sociedades mantem na pobreza e não garante os mecanismos de subsistência de desenvolvimento social e econômico de uma mão solteira, por exemplo. Condenam a mãe, mas não condenam aquele que pôs a semente. Então é uma moral desequilibrada nessa gangorra. Temos que colocar 50/50 de responsabilidade para cada um para começo de conversa.

Pesquisador: muito bom. E quais valores o senhor prioriza enquanto líder religioso? Como o senhor transmite esses valores?

B3: aqui no nosso, Rodrigo, tem uma situação "hardcore". Eu cuido de um asilo, um abrigo, não são de pessoas que tem família, pelo contrário. Tem um monte de gente que me

ajuda para manter a instituição para garantir a dignidade na velhice até o seu último dia de vida. A partir dessa perspectiva, tem aquelas frases que a gente cresce escutando: como já diziam os sábios, diante de Buda somos todos iguais, todos dourados. Frente ao Buda, não existe mais o rico e mais o pobre, são todos iguais. Isso me dá muito orgulho, no meu sacerdócio tem gente que vem de Mercedes e outro que está pobre que sentam juntos, e aqui eles comem na mesma mesa. Isso é um exercício de grandeza. Não sei o que o cara rico faz fora daqui, mas aqui dentro ele tem que seguir essas regras, e dentro dessa regra tem a alusão, pelo menos na cultura japonesa, temos o furo. No ocidente o povo acha que é spa, e não é assim não. Muita dá...do pudor oriental, pré-vitoriano com a chegada do ocidente, tem a água quente e todo mundo toma banho junto cara. No século XX separaram as mulheres dos homens, mas isso não tira uma perspectiva: quando você está nu, você é igual a todo mundo. As roupas dão a ilusão de que você é diferente, dá a ilusão de exclusividade. E não é exclusividade, é exclusão. No furo, quando você toma banho junto, nu, você está igual aos outros, entende? Está todo mundo junto (risos). A condição humana é a mesma: você nasce, cresce, envelhece e morre. Sua roupa de grife não vai te garantir uma imortalidade não. Sinto muito, mas a sua roupa não vai garantir uma mudança nessa regra. Essa lembrança é...é boa sim, de que um dia ela vai...mas isso não quer dizer que as sociedades lá pra lá sejam igualitárias. Apesar de tudo isso, elas seguem humanamente desiguais. Apesar de tudo isso, não se iluda...ok, tem uma situação de convivência, de respeito muito e tal, mas lá no cerne as pessoas são humanas né? Elas não aprendem (risos).

Pesquisador: compreendi. Última questão agora está bom? Na sua opinião, é possível uma pessoa ser moral sem seguir esses valores morais que o senhor prioriza?

B3: claro que sim. Porque a gente não é a...a única religião, todas as religiões fazem o seu esforço de fazer com que a existência humana tenha sentido, faça sentido dentro da sua essência e dentro dos seus temores né? Certo? E dentro disso tem uma premissa...eu parto do princípio lá de trás de que a gente já é martelado, desde o começo, que você tem que respeitar e nunca fazer chacota de outras tradições. Fim de papo. É quase um dogma. Não impõe castigo nem nada, mas ó, quieto, sem fazer chacota com outra tradição, por quê? Porque não. Fim de papo (risos). É quase um dogma isso, sabe? Ninguém questiona, é isso mesmo, no budismo. Até na nossa tradição tem uma natureza protestante, e tem um momento no século XII, no Japão, teve as rupturas, equivalente a tradição cristã, teve seus “quebra-pau”. Teve todas as relações de poder. Mas esses caras não são budistas? Por que brigaram? Porque eles são humanos. E dentro disto, desde o começo são colocados o respeito como fundamento básico, para começo de conversa. Isso quer dizer que as pessoas respeitam? Não, nem todos seguem, sinto dizer isso. Mas não é uma premissa? É. Mas seguem? Não (risos).

Pesquisador: muito obrigado pela disponibilidade.

Entrevista B4

Pesquisador: o que o senhor entende por moral?

B4: *moral né? A moral significa a própria manifestação da nossa consciência, porque tudo que é moral vem através da mente, tudo que nós falamos e a forma como agimos tem uma causa. Pode ser uma causa positiva ou negativa...ela possui os dois polos. Vou dar um exemplo: a energia, ela fornece, a lâmpada, consegue iluminar a nossa sala, mas ela é composta por dois polos, negativos e positivos, e ela mexe com a nossa mente né? Ela funciona com os dois polos, ela não funciona sozinha, e ela precisa de esses dois polos para iluminar a escuridão. A moralidade seria essa coisa boa, que vem para iluminar a escuridão né? O budismo visa o estado de iluminação.*

Pesquisador: compreendi o ponto de vista do senhor. Continuando com as questões: moral e ética são sinônimos?

B4: *não. Porque a ética está relacionada com a responsabilidade e com o comprometimento. Moral é uma coisa né? A ética é uma coisa assim...ela se mede através de cada personalidade de cada pessoa né? Não é verdade? Porque existem pessoas né...que...se medem...tem a própria responsabilidade e tem o valor através do ensinamento né? Mas seria assim...o mais importante é o caráter.*

Pesquisador: Certo. E para o senhor o que são os valores morais?

B4: *os valores morais são fazer o bem para as pessoas. Segundo o mestre Ikeda, nós devemos prezar pela vida dos outros como se fosse a nossa própria vida. Seria uma espécie de empatia. E através do diálogo...de cada situação...a gente aponta o lado positivo e negativo...tem as duas coisas que funcionam.*

Pesquisador: E para o senhor a religião e a moral tem uma relação?

B4: *tem...tem...a religião ela muda o paradigma do pensamento para a atenção. Então através da religião você consegue realmente consertar o nosso próprio erro para seguir o caminho da revolução humana. A religião seria um meio, um veículo para fazer um diálogo de ambas as partes. Esse diálogo serve para a gente compreender sobre a razão e a verdade, de quem fala e de quem escuta, pois, cada caso é um caso né? Porque o ser humano...cada ser humano tem sua característica, e cada uma dessas características a gente tem que respeitar, respeitar a individualidade.*

Pesquisador: e quais são os valores morais que o senhor prioriza enquanto líder religioso?

B4: *enquanto líder...eu visualizo muito a paz, educação e cultura. Porque esses pontos, da paz, educação e cultura, que faz parte do processo da revolução humana, e a mudança de uma única pessoa nesse processo de revolução humana pode mudar o destino de um País, desde que seja voltado para os direitos humanos, para a globalização, para a tecnologia moderna na atualidade, a ciência. E acompanhando esse ritmo, nós podemos fazer com que a nossa vida manifeste o verdadeiro espírito de levantar-se só, porque toda a mudança depende de você mesmo, porque quem tem que mudar é a pessoa.*

Pesquisador: E como o senhor aponta esses valores que o senhor prioriza para os seus seguidores:

B4: *fazendo o que eu estou fazendo agora né? Vim de São Paulo, faz 4 dias que estou longe da minha família, e vim aqui voluntariamente para ver como está a Soka Gakai em Maringá e no norte do Paraná. Então eu faço isso voluntariamente por 46 anos, e acredito que a transmissão desses valores que priorizam a revolução humana possa mudar a vida das pessoas, segundo os ensinamentos do mestre Ikeda e da Soka Gakai.*

Pesquisador: certo. Última questão agora, ok? E na opinião do senhor, é possível uma pessoa ser moral sem seguir esses valores morais que o senhor prioriza?

B4: *porque, na realidade, mesmo de outra religião...a gente não consegue viver só, não é? Nós vivemos através de pessoas anônimas né? Mesmo se tratando de negócios...nós não discriminamos nenhuma religião, nós respeitamos. Só que todas as religiões têm que compreender o que é ensino superior, médio e inferior né? Tem que ter esse tipo de comparação, porque isso está de acordo com o conhecimento de cada um, em como a gente transmite, aprofunda e dialoga sobre o passado, o presente e o futuro. Porque muitas vezes o ser humano vive no passado, e o passado não tem concerto né?*

Pesquisador: está ótimo. Muito obrigado pela entrevista.

Anexo B – apreciação do comitê de ética

The screenshot shows a web browser window with the URL `plataformabrasil.saude.gov.br/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgrupador.jsf`. The page title is "DETALHAR PROJETO DE PESQUISA".

Plataforma Brasil navigation bar includes: Público, Pesquisador, Alterar Meus Dados, and Cadastros.

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O PAPEL RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE MORAL
 Pesquisador Responsável: Rodrigo Cesar Costa
 Área Temática:
 Versão: 1
 CAAE: 90161218.3.0000.5401
 Submetido em: 18/05/2018
 Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/ Campus de Assis
 Situação da Versão do Projeto: Aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Comprovante de Recepção: PB_COMPR

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

- Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 1
 - Pendência Documental (PO) - Versão 1
 - Documentos do Projeto
 - Comprovante de Recepção - Submissã
 - Cronograma - Submissão 3
 - Declaração de Instituição e Infrastrutu
 - Folha de Rosto - Submissão 3
 - Informações Básicas do Projeto - Subm
 - Projeto Detalhado / Brochura Investigac
 - Recurso Anexado pelo Pesquisador - S

Table headers for documents: Tipo de Documento, Situação, Arquivo, P

Windows taskbar at the bottom shows icons for Internet Explorer, File Explorer, Print Spooler, Google Chrome, Microsoft Word, and another Google Chrome instance.